UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS (PPGER) CAMPUS SOSÍGENES COSTA

FRANCIMAURA COUTINHO MENDES

MÃOS NEGRAS QUE CONSTROEM E CONSTRUÍRAM EUNÁPOLIS: A EXPERIÊNCIA DO USO DE BIOGRAFIAS EM UM ENSINO DE HISTÓRIA DO 5º ANO ANTIRRACISTA E DECOLONIAL

PORTO SEGURO – BAHIA

2023

FRANCIMAURA COUTINHO MENDES

MÃOS NEGRAS QUE CONSTROEM E CONSTRUÍRAM EUNÁPOLIS: A EXPERIÊNCIA DO USO DE BIOGRAFIAS EM UM ENSINO DE HISTÓRIA DO 5º ANO ANTIRRACISTA E DECOLONIAL

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Linha de Pesquisa: Pós-colonialidade e Fundamentos da Educação nas Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profª. Drª Joceneide Cunha dos Santos

PORTO SEGURO – BAHIA

2023

Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

M538m Mendes, Francimaura Coutinho, 1970 -
Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: a experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5° ano antirracista e decolonial. / Francimaura Coutinho Mendes. – Porto Seguro, 2023.
203 f.

Orientadora: Profa. Dra. Joceneide Cunha dos Santos
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais. Campus Sosígenes Costa.

1. Biografia. 2. Ensino. 3. Memória. 4. Autoestima. 5. História. 6. Eunápolis, BA. I. Santos, Joceneide Cunha dos. II. Título.

CDD – 372.89

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883

FRANCIMAURA COUTINHO MENDES

MÃOS NEGRAS QUE CONSTROEM E CONSTRUÍRAM EUNÁPOLIS: A EXPERIÊNCIA DO USO DE BIOGRAFIAS EM UM ENSINO DE HISTÓRIA DO 5º ANO ANTIRRACISTA E DECOLONIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA PUBLICA DE MESTRADO

_____

Orientadora – Profª Drª. Joceneide Cunha dos Santos (UFSB/UNEB)

_____

Profª Drª. Célia Santana Silva (UNEB)

_____

Dr. Prof. Giovane de Jesus Silva (UNEB)

_____

Profª Drª Lidyane Maria Ferreira de Souza (UFSB)

PORTO SEGURO – BAHIA
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom de viver e pela oportunidade de consolidar mais esta realização, O Senhor que sempre esteve presente em meu viver me amparando nas dificuldades e me levantando dos tropeços, com a condição de amar e aprender, dispondo em minha vida pessoas que como um farol iluminaram as trilhas que segui nesta caminhada.

Agradeço a minha mãe *in memoriam* que ao longo de sua vida despertou em mim o desejo pelo conhecimento com carinho, amor e confiança.

Ao meu companheiro Sebastião Amaral, pela dedicação, cumplicidade e incentivo durante todo o tempo de estudo e pesquisa que me dediquei a fazer.

Ao meu amado e estimado filho Diego R. Mendes agradeço à confiança a amizade, o amor, a colaboração e o respeito em todas as circunstâncias em que precisei, sempre apoiando minhas escolhas e incentivando a seguir.

À minha querida e estimada orientadora Professora Drª Joceneide Cunha dos Santos, por ser um exemplo de professora e pesquisadora, pessoa admirável, dedicada e comprometida com a pesquisa cientifica, que me orientou com competência e sabedoria desde a graduação na Universidade do Estado da Bahia - Campus XVIII - Eunápolis-Ba.

Aos (as) meus/minhas estimados(as)professores (as) Célia Santana, Sandra Gama, Francisco Cancela, que sempre me incentivaram a ingressar no mestrado.

Aos (as) professores(as) do mestrado, pelo comprometimento com o conhecimento e a produção cientifica, que muito nos honrou com seus conhecimentos e saberes que foram imprescindíveis uma aprendizagem significativa para a vida e para nosso oficio.

Aos membros da banca examinadora, qualificação e defesa Drª Profª. Célia Santana, Dr. Prof. Giovane de Jesus Silva e a Drª. Profª. Lidyane Maria Ferreira de Souza, pelas importantes contribuições na construção e êxito deste trabalho.

A Universidade Federal do Sul da Bahia- UFSB e ao PPGER que oportunizou novos caminhos e me permitiu alcançar esta conquista, igualmente agradeço a todos os funcionários desta importante instituição pela atenção, disponibilidade e presteza no atendimento e apoio durante o mestrado.

Agradeço a Escola D. Avelar Brandão, a sua equipe e aos alunos que acolheram a proposta, colaborando em todas as etapas deste trabalho, contribuindo de forma positiva para

o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa que reflete sobre uma proposta de Ensino de História nos anos inicias no município de Eunápolis-Ba.

Agradeço imensamente aos senhores e senhoras entrevistados (as) moradores (as) do município que contribuíram com suas memórias nos permitindo refletir sobre um aprendizado significativo.

Por fim agradeço a todos os amigos, companheiros e colegas de mestrado que de modo direto ou indireto contribuíram pela realização deste projeto que é uma vitória na caminha pessoal e profissional.

A todos meu muito obrigada.

RESUMO

Essa dissertação trata do uso da biografia, para o Ensino de História, através da perspectiva decolonial e antirracista. Tem como principal objetivo articular o uso de biografias, para o Ensino de História no Ensino Fundamental anos iniciais, valorizando a identidade e a trajetória de pessoas pertencentes a grupos sociais, historicamente subalternizados. Neste sentido, propomos o uso da memória como fonte para a produção de biografias, para o Ensino de História, reconhecendo o protagonismo de homens e mulheres negros socialmente subalternizados. Consideramos que o Ensino de História é um espaço plural, que permite o trânsito dos diversos saberes e a problematização do silenciamento, da exclusão e do apagamento produzidos pela história eurocentrada. Para atender a esta proposta dialogamos com os estudos decoloniais em Bernadino-Costa (2016), Grosfoguel (2009) e Torres (2007/2019), pautado na educação antirracista apoiado em Gomes (2002-2017) e Silva (2007), discutindo os traumas causados pelo racismo com Kilomba (2009), Neuza Santos (1983) e Ramos (2011) e tratando do ensino de história, nos anos iniciais do ensino fundamental I, tendo como referência Freitas e Oliveira (2009). Como resultado desta proposta, produziu-se um *e-book* constituído de biografias produzidas a partir de entrevista de personagens negros da localidade, para ser utilizado nas aulas de História. A proposta do artefato é de um material paradidático dinâmico, que pode ser utilizado com turmas dos 4º e 5º anos, sendo um artefato que permite a inserção de novas (os) personagens na medida em que estas personagens se mostrem relevantes, trazendo informações para a compreensão de acontecimentos locais.

Palavras-chave: Biografia, Ensino, Memória, Autoestima, História, Eunápolis.

ABSTRACT

This dissertation deals with the use of biography for History Teaching, through the decolonial and antiracist perspective. Its main objective is to articulate the use of biographies for the Teaching of History in the Elementary School, valuing the identity and the trajectory of people belonging to social groups, historically subordinated. In this sense, we propose the use of memory as a source for the production of biographies for History Teaching, recognizing the protagonism of socially subalternized black men and women. We believe that History Teaching is a plural space that allows the transit of diverse knowledge and the problematization of silencing, exclusion, and erasure produced by Eurocentered history. To meet this proposal, we dialogued with decolonial studies in Bernadino-Costa (2016), Grosfoguel (2009) and Torres (2007/2019), based on anti-racist education supported by Gomes (2002-2017) and Silva (2007), discussing the traumas caused by racism with Kilomba Kilomba (2009), Neuza Santos (1983) and Ramos (2011) and dealing with the teaching of history in the initial years of elementary school I, having as reference Freitas and Oliveira (2009). As a result of this proposal, it is intended to produce an e-book consisting of biographies produced from interviews with black people from the area, to be used in history classes. The proposal of the artifact is that of a dynamic paradidactic material, which can be used with 4th and 5th grade classes, being an artifact that allows the insertion of new characters to the extent that these characters prove to be relevant, bringing information for the understanding of local events.

Keywords: Biography, Teaching, Memory, Self-Esteem, History, Eunápolis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11
CAPÍTULO I 24
1.1 ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA LOCALIDADE: Conhecendo a cidade, o bairro, a escola e os alunos 24
1.2 Eunápolis: Uma breve trajetória do "maior povoado do mundo" 27
1.3 Conhecendo um pouco mais do bairro Santa Lúcia 32
1.4 A escola D. Avelar Brandão Vilela 36
1.5 Os professores 42
1.6 A escola D. Avelar Brandão Vilela, o PPP e sua perspectiva para o Ensino das Relações Étnico-Raciais. 43
CAPÍTULO II 57
BIOGRAFIA E SUAS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA 57
2.1 Apresentação da proposta 57
2.2 A biografia no ensino de História 71
2.3 Biografados, o caminho até os personagens 74
2.4 Biografados sujeitos e perfis 75
2.5 Apresentação do produto final: E-book como artefato metodológico 81
2.6 Descrição do produto final 88
2.7 Apresentando a sequência didática 101
CAPÍTULO III 109
3. APLICAÇÃO DA PROPOSTA, ANÁLISE DO RESULTADO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA SALA DE AULA 109
REFERÊNCIAS 135
ANEXO 143

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alunos no pátio antes do início da aula 37
Figura 2: Fachada da Escola Dom Avelar em 2016 37
Figura 3: Pátio externo da escola 2016 38
Figura 4: Professora Marta Augusta Sossai com alunos da turma do Projeto Ayrton Senna 39
Figura 5: Aluna assistindo aula com seu filho 40
Figura 6: Filho da aluna dormindo enquanto a mãe assiste à aula 40
Figura 7: Eu e a professora Ione junto à comissão avaliadora da dimensão Relações Raciais 45
Figura 8: Comissão avaliadora da dimensão Relações Racial 45
Figura 9: Capa e folha de rosto do *e-book* 88
Figura 10: Sumário e-book 89
Figura 11: Início da 2ª parte do e-book – Aula 01 92
Figura 12: 2ª parte do e-book- Aula 02 93
Figura 13: 2ª parte do e-book – Aula 02 94
Figura 14: Biografia do Sr. Edivaldo Araujo dos Santos – Aula 02 94
Figura 15: 2ª parte do e-book– Aula 03 95
Figura 16: Biografia do Sr. Clemente Carlos Araujo - Aula 03 96
Figura 17: Biografia da Srª Cleuza Barbosa – Aula 03 96
Figura 18: Biografia da Sraª Jersonita de Souza – Aula 03 97
Figura 19: 2ª parte do e-book– Aula 04 98
Figura 20: 2ª parte do e-book - Aula 04 99
Figura 21: parte do e-book Biografia – Aula 05 99
Figura 22: 2ª parte do e-book – Aula 06 100
Figura 23: Atividade produzidas pelos alunos do 5º Ano A 123
Figura 24: Atividade produzidas pelos alunos do 5º Ano A 124
Figura 25: Mural com as produções dos alunos (as) 124
Figura 26: Sala da turma do 5º ano A organizada para a 6ª aula 126
Figura 27: Sala da turma do 5º ano A organizada para a 6ª aula 127
Figura 28: A diretora Ivonete Gonçalves, eu e a professora regente Ione Queiroz 127
Figura 29: Apresentação da proposta para o (as) convidados (as) 128
Figura 30: Diretora Ivonete Gonçalves falando aos (as) presentes 129
Figura 31: Professora regente Ione Queiroz falando aos (as) convidados (as) presentes 129
Figura 32: A professora regente Maria Selma, alguns pais dos alunos e do 5º ano A e eu 130
Figura 33: Finalizando a proposta com a Professora Ione Queiroz e a Coordenadora Luana Domiciniana 132

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: APLB Sindicato Eunápolis-BA- Assembléia geral com seus/as filiados/as em 06 de dezembro 109
Imagem 2: APLB Sindicato Eunápolis-BA- Assembléia geral com seus/as filiados/as em 06 de dezembro 109
Imagem 3: APLB Sindicato Eunápolis-BA- Assembléia geral com seus/as filiados/as em 06 de dezembro 110
Imagem 4**:** Assembléia deliberativa sobre conciliação entre APLB e o E. M. intermediada pelo TJBA. 111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Composição da turma do 5ª ano A com recorte cor e gênero-2022 47
Gráfico 2: : Local de origem das famílias dos alunos da turma do 5ª ano A-2022 50
Gráfico 3: Composição familiar dos alunos do 5º ano A-2022. 51
Gráfico 4: Figuras mais admirada pelos alunos do 5º ano A-2022 53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Autodescrição dos alunos da turma do 5ª ano A – 2022/ cabelos 48
Tabela 2: atividades que os alunos se consideram bons ao fazerem. Turma do 5ª ano A-2022..... 49
Tabela 3: Atividades praticadas pelos alunos nas horas livres- Turma do 5ª ano A-2022 ... 50
Tabela 4: Local de origem das famílias dos alunos da turma do 5ª ano A-2022..... 51
Tabela 5: Profissão das mães e pais de alunos da turma do 5ª ano A-2022..... 52
Tabela 6: Aula 01..... 102
Tabela 7: Aula 02..... 103
Tabela 8: Aula 04..... 104
Tabela 9: Aula 05..... 105
Tabela 10: Aula 06..... 106

INTRODUÇÃO

"Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade".

Grada Kilomba, 2009

Grada Kilomba em seus escritos, nos fala de traumas, mas também nos fala de superação, nos conclamando a falar e declarar a nossa história que por tanto tempo ficou silenciada. Assim aqui vamos tratar de falar de nossa história a partir de biografias de homens negros e mulheres negras, que muito tem a contribuir para pensar estratégias de ensino que combatam o racismo, e uma das possibilidades é a do ensino desenvolvido a partir do pensamento decolonial e antirracista que dá visibilidade as narrativas negras, e cria a possibilidade real do (a) aluno (a) se perceber enquanto sujeito na história, em um processo de identificação.

Este processo é transformador, pois coloca aquele que foi silenciado e excluído como protagonista, estabelecendo um diálogo em que, ele (ela) narra a história, fala de suas experiências com autoridade, trazendo seus conhecimentos, criando uma conexão que permite que outras pessoas negras assimilem estes conhecimentos e saberes, gerando uma identificação positiva de si e de seus antepassados, desenvolvendo a segurança interior e o autorreconhecimento por parte do (a) aluno (a) negro (a) e gerando empatia histórica por parte do (a) aluno (a) não negro (a).

"Tal processo leva a reparação e a abertura em relação à/ aos "outras/os" brancas/os uma vez que o sujeito negro está fora da ordem colonial [...] alcançando um estado de descolonização; [...] não se existe mais como a/o outra/o, mas como o eu". (KILOMBA, 2009, p. 238). Pensando estas possibilidades é que apresentamos este estudo que, é uma proposta de Ensino de História, utilizando a biografia como recurso didático no Ensino Fundamental, dialogando com o pensamento antirracista em uma perspectiva decolonial.

Desta forma, o objetivo deste trabalho, é articular o uso de biografias, para o ensino de história no Ensino Fundamental anos iniciais, valorizando a identidade e a trajetória de pessoas pertencentes a grupos sociais, historicamente subalternizados. De forma específica um dos objetivos a serem desenvolvidos é criar referências positivas para os (as) alunos (as) por meio de biografias, para que estes possam tomar conhecimento, do protagonismo de pessoas negras na história da cidade, percebendo estas pessoas como agentes da história e buscando aproximar o (a) aluno (a) da história do local em que ele (a) vive, e assim afirmar seus lugares de pertencimento.

O Ensino de História reside em um campo vasto, que pode ser explorado tanto para perpetuar ensinamentos colonialistas e excludentes, quanto para avançar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao escolhermos a segunda opção, caminhamos para fazer com que seja assegurado, que mais pessoas compreendam que todos são iguais perante a lei, desse modo o ensino pode ainda colaborar, para combater qualquer tipo de discriminação, seja pela raça, etnia, religião, gênero ou outro fator, que não seja correspondente, ou se diferencie da classe dominante. Nesta via, o Ensino de História oportuniza ainda o direito ao acesso a memória, por parte daqueles e daquelas que são excluídos (as) e tem o seu passado negado na formação da sociedade, pois, é um ensino que se desenvolve pautado na realidade do (a) aluno (a), dando visibilidade às memórias positivas de grupos sociais que foram historicamente subalternizados.

Analisando a atual conjuntura política e social, que estamos vivenciando e levando em consideração, que vem sendo vociferado que “as minorias devem se curvar as maiorias” somos levados a diversas incertezas, e em especial sobre a permanência dos avanços alcançados na educação com a Lei 10.369/2003, que regulamenta o ensino para as Relações Étnico Raciais nas escolas, principalmente porque grande parte dos (as) alunos (as) matriculados nas escolas públicas, são negros (as) e fazem parte do grupo de pessoas que representam as minorias, nestas condições torna-se sensível pensar a escola, os (as) alunos (as) e o ensino, sobretudo porque a escola é um espaço institucional de formação e de convivência social.

O interesse em realizar tal proposta de ensino, está relacionado com duas situações, a primeira reside na necessidade de dar continuidade ao trabalho de superação da exclusão escolar de estudantes dissidentes, que foi iniciado com a pesquisa que desenvolvemos na especialização. A segunda busca atender a lacuna existente de referências positivas para os (as) alunos (as) negros (as) que apesar de ser a maioria nas escolas públicas, não encontram

nos livros didáticos e nas narrativas históricas referências próximas a eles (as) que os (as) liguem a história e com as com as quais eles (as) possam se identificar.

Com referência a pesquisa anterior, durante a especialização estudamos o silêncio no espaço escolar acerca de gênero, sexualidades e racismo e o quanto essas questões, impactam para a evasão escolar por parte de estudantes diferentes ou fora das normas heteronormativas e da matriz cultural eurocêntrico-cristã, os estudos resultaram no Projeto de Intervenção *Mãos Dadas: Uma (com)vivência reflexiva sobre gênero, sexualidades e interseccionalidade nas práticas escolares frente aos desafios da diferença*, cujos resultados apontaram para a necessidade da promoção da equidade, da empatia frente às situações preconceituosas, bem como a utilização de atividades que levem os (as) estudantes aos questionamentos sobre questões de preconceito e violência, assim como, a necessidade de desenvolver o sentimento de compromisso com o bem estar social na escola.

Assim, como forma de promover a equidade e colaborar para a existência de ensino mais democrático e justo, esta proposta de ensino nasceu da ideia de trazer a biografia de homens e mulheres negras, pessoas comumente excluídas e subalternizadas na escala social, para se estudar a história da cidade, apresentando o protagonismo destes homens e mulheres e sua colaboração para a formação socioeconômica local, como forma de ação que intenciona combater o preconceito e o racismo.

Esta proposta dialoga com os Estudos Decoloniais, e utiliza o referencial teórico do Projeto Decolonial, à medida que os pensadores do Sul Global do grupo de estudos *Modernidad/Colonialidad* (M/C) trabalham com os sujeitos e sujeitas subalternizados, e nos incentiva a pensar as consequências da colonização e do racismo, nas nossas relações sociais, nas nossas subjetividades e na nossa presença no mundo, numa relação que se opõe aos princípios teóricos do sistema de dominação. Além do mais, os Estudos Decoloniais contribuem para formular conhecimentos a partir da perspectiva ou experiências dos sujeitos subalternos além de cooperar para a construção de uma Educação Antirracista, que é um outro referencial importante, no qual se aporta nossa proposta.

O pensamento antirracista, em muito contribui para romper a lógica eurocêntrica e coopera para a transformação do conhecimento e do saber buscando, combater o preconceito e a exclusão, tendo por finalidade também, contribuir para o fortalecimento da autoestima dos (as) estudantes negros (as) para que estes (as) possam enfrentar os percalços da vida em sociedade.

Para nós professores e profissionais da educação é importante lembrar, que se hoje estamos refletindo e trabalhando, para uma educação antirracista isso é resultado de uma caminhada de luta e resistência. Resistir tem sido a palavra de ordem, que vem regendo, a vida de homens e mulheres negros, desde o período de escravização. As artimanhas e estratégias de sobrevivência, utilizadas pelo povo negro, enquanto escravizados, pavimentaram o caminho de luta e de enfrentamento contra o racismo, que o povo negro segue trilhando, para desarticular esse sistema de opressão, que está presente na história da sociedade brasileira desde o início de sua formação. Esta tem sido uma caminhada repleta de lutas e conflitos, nos diversos campos, e a educação sempre foi considerado um espaço prioritário na luta, conforme nos lembra Nilma Lino Gomes,

> A literatura mostra que, desde meados do século XX a educação já era considerada espaço prioritário de ação e de reivindicação. Quanto mais à população negra liberta passava a figurar na história com o status político de cidadão (por mais abstrato que tal situação se configurasse no contexto da desigualdade racial construída pós-abolição), mais os negros se organizavam e reivindicavam escolas que incluíssem sua história e sua cultura. (GOMES, 2008, p. 99).

Nilma Lino Gomes (2017) como expoente da educação antirracista, traz à luz a importância da luta dos Movimentos Negros, e reconhece o papel de educador que ele ocupa, afirmando que "muito do que sabemos e do que tem sido desvelado sobre o papel da negra e do negro no Brasil, [...] passaram a receber o devido valor epistemológico e político devido à forte atuação do Movimento Negro" (2017, p.17).

Neste sentido, Nilma Lino Gomes (2012) afirma que, mais do que a efetivação política de uma das antigas reivindicações de organizações pós-abolicionistas para a educação, a conquista do Movimento Negro, a Lei nº 10.639/03, o parecer CNE/CP 03/2004 e a resolução CNE/CP 01/2004 e os desdobramentos deles advindos "[...] deverão ser considerados como mais um passo no processo de descolonização do currículo. Esse processo resulta na construção de projetos educativos emancipatórios [...]". (GOMES, 2012, p. 107).

Desse modo, a educação antirracista está ligada a Lei nº 10.639/03, tendo sustentáculo legal, para avançar na desconstrução, da educação colonizadora, abrindo assim, caminhos para romper com o sistema de educação que omite a participação dos (as) negros (as) na construção social e na formação da nação, tendo suporte ainda para preencher a lacuna

existente nas várias disciplinas ofertadas em sala de aula, que silenciou e ao mesmo tempo tentou apagar a história e cultura negra e negou por extensão, o direito de estudantes negros (as) de terem acessos ás suas histórias e de se verem representados na história e nos currículos escolares.

Do mesmo modo, podemos pensar o uso da biografia para a educação antirracistas, como um material paradidático que pode contribuir para o preenchimento desta lacuna a partir de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e utilizá-la para a existência de um diálogo "em que seres humanos distintos miram-se e procedem intercâmbios, sem sentimentos de superioridade ou de inferioridade" (SILVA, 2005, p.160), buscando superar a lógica eurocêntrica, utilizando a biografia dos subalternizados para que os (as) estudantes possam reconhecer o protagonismo do povo negro subalternizado, desmontando estereótipos e descobrindo "que pessoas espezinhadas, economicamente despossuídas, culturalmente desvalorizadas, mesmo vivendo situações de opressão, são capazes de reconstruir positivamente seu jeito de ser, viver, pensar, apoiados em valores próprios a seu pertencimento étnico-racial" (SILVA, 2007, p. 501)

Neste sentido, esta proposta de ensino de História dialoga com a educação antirracista voltada para estudantes do Ensino Fundamental, e em especial com "os alunos das séries iniciais, como uma das formas de visibilizar as diferentes práticas cotidianas, experiências e processos culturais, sem o estigma da desigualdade, colocando todos eles como parte do passado significativo, da tradição e do conhecimento universal" (SILVA, 2005, p. 21). Pois a biografias quando utilizada para uma educação antirracista possibilita que,

> A invisibilidade da diversidade dos papéis e funções exercidos pelos homens e mulheres negros, entre outros, nas ilustrações dos livros didáticos pode ser corrigida, solicitando-se à criança que descreva outras atividades exercidas pelas mulheres e homens negros que constituem sua família, que moram na sua rua, que frequentam seu local de encontros religiosos e de lazer, etc. Nessa oportunidade, convém fazer a criança identificar a importância das profissões estigmatizadas, mostrando a sua utilidade para a sociedade. (SILVA, 2005, p. 27).

O homem e a mulher negra nos foi apresentado na história sob o olhar do homem branco. Nos materiais didáticos, os (as) negros (as) surgem em situação cuja suas ocupações são consideradas subalternas ou menos importantes, com caracterizações negativas que os liga a pobreza e a marginalidade. Em outros meios que fazem comunicação o homens e a mulher negra quando não está ligado (a) a criminalidade, aparecem em funções como cozinheiros, babás, faxineiros, trabalhadores braçais ou ambulantes, em cenas e situações em

que suas funções são desconsiderada, ocultando que esses homens e mulheres e seu trabalho, tem importância independente de seus lugares sociais e mesmo em condições subalternizado eles são protagonistas de suas vidas e se fazem presentes no desenvolvimento da sociedade.

Apesar da escola não ser o primeiro, nem o único contato destes estudantes com núcleos sociais, é nela que se desenvolvem as relações e aprendizados que influenciam tomadas de decisões futuras, assim, os projetos educativos, planejados e executados neste espaço, podem influenciar as relações em outros núcleos de relevância na vida destes (as) estudantes.

Dessa forma, o pensamento antirracista divulgados nos estudos de Petronilha Beatriz Gonçalves Silva e Nilma Lino Gomes, colabora para a compreensão de que o "ato de falar sobre algum assunto ou tema na escola não é uma via de mão única" e de acordo com que diz Gomes (2012, p.105), a Lei 10369/03 propõe, uma mudança estrutural, que "abre caminhos para a construção de uma educação antirracista, [...] na medida em que, torna público e legitimo o "falar" pautado no diálogo intercultural, que se propõe a ser emancipatório no interior da escola e que considera a existência de um "outro", enquanto sujeito ativo e concreto, e se relaciona com nossa proposta, na medida em que temos o interesse de que as biografias sejam úteis para que as pessoas negras, assim como todos, tenham de forma justa, o reconhecimento de sua participação na história e possam partilhar seus conhecimentos e suas vivencia no sentido de construir um Ensino de História que contribua para formação de uma sociedade mais democrática.

Frente ao desafio de trabalhar com biografia na sala de aula, surge a discussão em torno da mediação pedagógica para o desenvolvimento da Consciência Histórica no Ensino de História e vemos a biografia como um material que atende as necessidades do Ensino de História que é de criar parâmetros, para que os alunos e alunas tenham como se orientar para construir uma identidade, criar referenciais, que sirva para "[...] pensar a diferença na forma da alteridade. Ou seja, "aprendo sobre mim mesmo na relação com o outro, mas, sobretudo, aprendo com o outro a experiência que nunca tive" (PEREIRA e SEFFNER, 2018, p.21), cooperando também para que os (as) estudantes não negros(as) envolva a capacidade de reconhecer a diferença e manter o respeito étnico com referência aos (as) colegas negros (as).

O conceito de Consciência Histórica, que trabalhamos nesta proposta, tem como referência os estudos de Paulo Freire, para quem a aprendizagem escolar, "é um processo de substituição dos comportamentos típicos de sociedades autoritárias por comportamentos típicos de sociedades democráticas". (Freire, 1959, p.62), pensamento que coaduna com os

objetivos de uma educação antirracista no qual esta proposta se insere, e com o intuito de um melhor aproveitamento dos ensinamentos contidos em suas obras, recorremos a teóricos que interpretam e colhem atitudes e procedimentos inspiradores para o Ensino de História.

Conforme nos diz Custódio (2020), embora Paulo Freire, ao tratar do neocolonialismo, não mobilize profundamente a categoria raça, sabe-se que este é um elemento político fundamental neste processo. Assim, concebendo a questão da dominação e da contradição opressor-oprimido sob o viés da educação, Freire argumenta que a desumanização para além de viabilidade ontológica, é uma realidade histórica que, junto da humanização, consiste em possibilidade dos sujeitos como seres inconclusos (CUSTODIO, 2020, p.38), e de acordo com Freire, constatar a preocupação da educação como processo de humanização,

> […] implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, sobretudo, a partir dessa dolorosa constatação que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua desumanização. Ambas na raiz de sua inconclusão os inscrevem num permanente movimento de busca. (FREIRE, 1978, p. 16)

Embora Paulo Freire não se refira à história ciência ou à história disciplina escolar, seus estudos contribuem para construção da aprendizagem histórica no ensino de História e encontramos nos estudos de Freitas e Oliveira (2020), o referencial teórico que foi imprescindível para utilizar os ensinamentos contidos nas obras de Paulo Freire para projetar uma proposta de ensino que promova um processo de mudança do comportamento do aluno dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sob fins de responsabilização, engajamento e protagonismo individual e social do (a) aluno (a).

Ao tomarmos como referência os ensinamentos de Itamar Freitas e Margarida Maria Dias de Oliveira (2009) sobre o ensino de história nos primeiros anos do Ensino Fundamental, vamos compreender que para os autores a palavra história pode ter dois sentidos, o primeiro pode ser entendido como vida, "vida no sentido social: pensar, agir e sentir. Temos consciência de que estamos vivos quando constatamos que pensamos, tomamos decisões e experimentamos sentimentos vários como a dor e o amor" (FREITAS E OLIVEIRA, 2009), outro sentido que os autores dão para a palavra história é conhecimento, conhecimento "sobre a própria vida, ou melhor, conhecimento sobre uma parte da nossa vida, pois sabemos da impossibilidade de registrar e rememorar tudo o que pensamos, agimos ou sentimos durante toda a vida" (FREITAS E OLIVEIRA, 2009). Como se torna impossível acessar todo o

passado, a História então, se encarrega de cuidar da parte que desperta o interesse, podendo ser então,

> A parte acessada a partir de testemunhos, como uma carta, uma fotografia, uma fita de vídeo produzidos e conservados por indivíduos ou coletividades. [...]. Ele pode ganhar a forma de um relato, produzido e reproduzido por um corpo de profissionais e partilhado por todas as pessoas dentro e fora da escola. Nesse segundo sentido, portanto, a palavra história pode ser entendida como um conhecimento sobre a nossa própria vida, configurado em narrativa histórica, concebido dentro de regras da história ciência ou da história disciplina escolar. (FREITAS E OLIVEIRA, 2009).

Analisando as orientações e dizeres de Itamar Freitas e Margarida Oliveira (2019), percebemos que as biografias podem contribuir com o ensino da disciplina de história, pois os personagens biografados são personalidades com as quais os (as) estudantes podem se identificar e aprender sobre a própria vida, pois os (as) biografados (as) são homens e mulheres que tanto na questão étnica quanto a atuação na área do trabalho se assemelham com suas vidas, a vida de seus pais e à de pessoas que são próximas a eles (as) ou que fazem parte da família e enquanto material paradidático pode ser compartilhado tanto dentro quanto fora da escola.

Nossa proposta de Ensino dialoga com os estudos de Itamar Freitas e Margarida Oliveira (2009), na medida em que nos propomos a utilizar a memória e as experiências de homens e mulheres negros (as) para a construção das biografias, afim de essa parte acessada se torne fonte de novos conhecimentos e saberes na disciplina de história, pautando a produção das biografias "pelos procedimentos de pesquisa e pelas formas narrativas próprias a essa disciplina que se propõe a explicar e/ou a compreender o passado" (SCHMIDT, 2012, p. 195) e "mantendo o respeito pelo personagem biografado no sentido de compreendê-lo em sua historicidade e não como uma celebridade a ser desnudada" (2009, p.25).

Os estudos e pesquisas de Benito Schmidt (2009, 2012), foram de extrema importância para a produção das biografias, e contribuiu para a organização do artefato metodológico, o *e-book,* que *foi* elaborado a partir das orientações de Juliani Menezes dos Reis e Helen Beatriz Frota Rozados (2016), cujo trabalho trouxeram importantes ensinamentos para a elaboração e aplicação do livro digital, ao nortear as considerações e os critérios que deveriam ser adotados para a produção do livro digital que poderá ser utilizado na sala de aula de qualquer outra escola pública, mas que foi produzido pensando em turmas do 5º ano da Escola D. Avelar Brandão Vilela.

Do mesmo modo, ao longo desta pesquisa dialogamos, com estudos e pesquisas de professores pesquisadores, cujas produções "olharam com empenho os modelos dominados ou emergentes por meio dos quais é possível aprender um novo tipo de relacionamento entre saberes" (GOMES, 2012.p.107) e suas experiências, nos ajudaram a pensar novos modos de trabalhar as diferenças existentes na escola e nas salas de aulas, nos trazendo compreensões e entendimentos necessários ao longo deste trabalho, assim suas experiências nos trouxeram novas perspectivas para o Ensino de História utilizando as biografias.

Nesse sentido, a proposta de Ensino de História Situada desenvolvida por Carla de Moura em sua dissertação de Mestrado *As Marias da Conceição Por um ensino de História situado, Decolonial e Interseccional* (2018), foi essencial para entrar em contato com uma experiência decolonial, para pensar o trabalho com memórias de pessoas negras subalternizadas. No mesmo sentido Ana Paula Lima, em sua dissertação *Saberes Insurgentes: O uso de Biografias e produção intelectual negra no Ensino de História do Brasil Republicano como proposta de educação decolonial, transgressora e libertária* (2021) em que a autora trabalha com a trajetória de pessoas negras no Ensino de História a partir biografia de personagens públicos nacionais foi essencial para o nosso trabalho porque nos apresentou uma perspectiva do trabalho com sequência didática usando biografias, e ao ser posto em diálogo com o trabalho de Carla de Moura, acabou por nos ajudar a desenhar a nossa ação em torno da utilização da biografia dos personagens locais em sala de aula.

A escola D. Avelar Brandão Vilela, é nosso local de trabalho, e por isso sentimos segurança para solicitar o espaço para a aplicação da proposta, uma vez que a comunidade escolar tem conhecimento de que temos nossos estudos voltados para o Ensino das Relações Étnico-Raciais e de sua importância no sentido de cooperar para a efetivação da Lei 10369/2003.

A proximidade facilitou a apresentação, e a chegada da proposta à escola. O diálogo teve início em uma conversa com a direção da escola, para este primeiro momento preparamos um roteiro da conversa, a fim de organizar a sequência dos assuntos.

Solicitamos da direção o espaço e uma turma para aplicar a proposta, e apresentamos um cronograma inicial com planejamento sobre o tempo e as etapas planejadas para desenvolvimento da proposta de ensino. Nessa ocasião, solicitamos acesso aos documentos de matrícula dos (as) alunos (as) e do administrativo da escola para a coleta de dados.

Dialogamos ainda, sobre a lei 10369/2003, sua importância no combate ao racismo e a necessidade de pensarmos e agirmos para torná-la efetiva, falamos ainda, sobre como a

proposta de ensino a partir do uso de biografias, poderia contribuir para que a escola e os (as) estudantes obtivessem avanço na ação antirracista. A diretora acolheu a proposta e atendeu as solicitações, abrindo espaço para fosse dado os passos seguintes.

O segundo momento do diálogo se deu em um encontro com a coordenação, ocasião em que explicamos que o projeto é uma proposta de Ensino de História, voltada para turmas do 5º Ano, e analisamos em qual das duas turmas do 5º Ano, seria aplicado à proposta, aproveitei o momento para solicitar, uma cópia do documento norteador da escola, o PPP, que me foi entregue pela coordenadora.

Aqui quero lembrar que no momento em que ocorreu este encontro, estávamos em um período da pandemia da Covid-19, período em que as escolas públicas, retomavam as aulas de forma presencial[1] a retomada estava seguindo o modo híbrido, e ficou determinado, que as turmas seriam divididas em dois grupos, e a frequência seria alternada semanalmente, além das mudanças de acesso, a merenda seria entregue aos (as) alunos (as) na sala de aula, e haveria a redução do horário em 20 minutos, por não haver intervalo para os (as) alunos (as) saírem para o pátio durante o recreio.

O retorno incluía seguir as orientações do (POP) Procedimento Operacional Padrão, que exigia o uso de máscara, higienização das mãos com álcool em gel, a suspensão do contato físico entre os (as) alunos (as) e o afastamento mínimo entre as carteiras de 1,50m.

Após definirmos a turma, marcamos um encontro com a coordenadora e a professora do 5º ano A, neste diálogo, com a coordenadora e professora de História do 5º Ano, dialogamos sobre tópicos da proposta, e de como ela seria inserida na disciplina.

A proposta foi bem recebida pela professora, que se propôs a me enviar o plano de curso e me auxiliar com as informações necessárias. Neste encontro também informamos que o início da aplicação da proposta se daria com uma sondagem da turma, e que a sondagem funcionaria como o primeiro contato, a fim de perfilar a turma e suas áreas de interesse.

[1] Decreto Nº 10.331, De 03 De Novembro De 2021 - Dispõe sobre a retomada das aulas de forma presencial na rede pública municipal de ensino diante do contexto da pandemia causada pelo Covid-19 e dá outras providências. DECRETA Art. 1. Fica estabelecida a retomada das aulas de forma presencial, seguindo o modelo híbrido já detalhado no Plano de Retomada, a partir do dia 08 de Novembro de 2021 Parágrafo único. A partir de 03 de novembro de 2021, deverão os docentes retomar as unidades escolares, em horário regular para fins de acolhimento, planejamento coletivo do reinício presencial e continuidade das atividades letivas que lhe são conferidas.

Informamos ainda, que a sondagem teria o formato de questionário e levaria o nome de atividade completar, a professora concordou, e deu a sugestão de que a sondagem fosse enviada junto com a atividade de casa, o que concordamos.

Neste período, já estávamos no final do ano letivo de 2021, a escola já organizava as atividades finais da IV unidade, e devido ao pouco tempo restante, somadas as incertezas causadas pela pandemia do Covid-19, concordamos que o início da aplicação da proposta ocorreria no próximo ano letivo.

Retomamos então, nosso diálogo no início do ano letivo de 2022. Apesar de algumas das restrições, continuarem impostas por causa da pandemia, e o início do ano letivo ter se dado com base no Decreto Nº 10.331[2], a proposta entrou na sala de aula com a aplicação da sondagem e então assim tivemos nosso primeiro contato com a turma do 5º ano A e iniciamos nossa pesquisa.

No desenvolvimento desta proposta, procuramos nos aproximar do universo dos (as) alunos (as), e tomar conhecimento de sua realidade social, observando a percepção que os (as) alunos (as) têm de si, de sua família e suas perspectivas de futuro. Procuramos estabelecer um diálogo, a fim de contextualizar o ensino e notar o resultado obtido com a proposta. Assim sendo, o desenvolvimento desta proposta de ensino de História, para alunos (as) do 5º Ano, do Ensino Fundamental Anos Iniciais, se desenvolveu de forma contextualizada, que considera a realidade e as demandas dos (as) alunos (as).

O procedimento adotado para esse fim dialoga com o método da pesquisa-ação, proposto por TRIPP (2005), que nos ensina que o método é "uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência o aprendizado do aluno" (TRIPP, 2005, p. 445). A adoção desta metodologia nos possibilitou, nas várias etapas da pesquisa, coletar informações, promover a ação e avaliar os avanços obtidos.

A primeira etapa teve início com a sondagem, na qual tomamos conhecimento e obtivemos informações que nos permitiram elaborar o perfil da turma. Esse primeiro passo foi essencial para a idealização, de um plano, cujas atividades foram elaboradas, para que os (as)

[2]Decreto Nº 10.331, De 03 De Novembro De 2021 - Dispõe sobre a retomada das aulas de forma presencial na rede pública municipal de ensino diante do contexto da pandemia causada pelo Covid-19 e dá outras providências. DECRETA Art. 1. Fica estabelecida a retomada das aulas de forma presencial, seguindo o modelo híbrido já detalhado no Plano de Retomada.

alunos (as) se percebam pertencentes e sintam-se representados na história da localidade, podendo assim, entender a história da cidade, com a participação e o protagonismo de personagens, cuja situação é semelhante à de pessoas que são próximas a eles (as) ou que fazem parte da família.

Deste ponto, portanto, informo que esta é uma pesquisa que se organizará em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado de **Ensino de história a partir da localidade: conhecendo a cidade, o bairro, a escola e os alunos**, neste capítulo apresentamos a história da cidade de Eunápolis, de seu início como ponto de parada de tropeiros e romeiros até os dias atuais, considerando as fases de seu desenvolvimento e a presença da população negra na narrativa histórica da localidade. Em seguida tratamos da apresentação do bairro Santa Lúcia e sua formação, iniciando com chegada dos primeiros moradores que vieram com o "ciclo da madeira" até sua atual configuração. Também apresentamos a escola D. Avelar Brandão Vilela, sua fundação, suas dificuldades iniciais. Neste primeiro capítulo, ainda elaboramos uma apresentação do perfil dos professores da escola D. Avelar Brandão Vilela, seguindo para uma breve análise do PPP da escola e sua perspectiva para o ensino das relações étnico-raciais, e por fim no último tópico tratamos do perfil dos (as) alunos (as) da turma do 5º Ano analisando os dados obtidos através do o questionário que foi aplicado na turma na primeira etapa desta proposta de ensino.

O segundo capítulo intitulado **Biografia e suas possibilidades para o Ensino de História** trará a apresentação da proposta iniciando com os parâmetros legais da Lei 10369/2003, o parecer do PCN para o Ensino de História, a partir daí, dialogamos com autores que analisam o trauma do racismo no cotidiano e seu impacto nas subjetividades, com esta discussão avançamos no diálogo com autores que pensam o Projeto Decolonial e a Educação Antirracista pensando, a biografia como um recurso para o Ensino de História, dialogando com autores que discutem Ensino de História para a educação nos anos iniciais.

Em um segundo momento, analisamos as modificações pelas quais passou as produções das biografias e seu uso na sala de aula nos dias atuais a partir das contribuições de Benito Schmidt (1999-2012). No tópico seguinte tratamos da apresentação do produto final, o *e-book* como artefato metodológico e sua aplicação no Ensino de História, seguindo para a chegada da proposta na escola com a apresentação da proposta em um diálogo com a direção da escola, coordenação e professora regente, apresentamos ainda a metodologia utilizada na produção das quatro biografias, os personagens biografados, a sequência didática da proposta de ensino.

Por fim, no terceiro capítulo apresentamos o resultado com a análise sobre o desenvolvimento e envolvimento do (a) aluno (a) com a proposta observando o desempenho da proposta na sala de aula.

CAPÍTULO I

"O indivíduo torna-se consciente de si mesmo no processo de tornar-se consciente dos outros".

Ivana Markova, 1990

1.1 ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA LOCALIDADE: Conhecendo a cidade, o bairro, a escola e os alunos

O ensino de história é mais do que simplesmente transmitir conteúdos, é uma relação de ensino aprendizagem importante para o desenvolvimento do cidadão, e deve contribuir para a formação da identidade e a tomada de decisões futuras. O ensino de história deve buscar estar interligado ao mundo e a sociedade em que vivemos, buscando caminhos diversos para repensar a história ensinada.

O ensino de história contribui ainda, para que a partir do conhecimento do passado tomemos conhecimento de nós mesmo, de nossas origens, dos caminhos que nos trouxeram até aqui e de como ao longo do tempo as construções sociais influenciaram e hoje interferem nas vivências e no cotidiano.

Por um longo tempo, o ensino de história privilegiou a visão de mundo, do vencedor, do homem branco, europeu, colonizador e contribuiu para universalizar os seus valores, sua cultura e seus conhecimentos, anulando ou invalidando cultura de outros povos. A história colaborou para o apagamento da mulher e do homem negro, negando sua contribuição na formação sócio econômica do país e sua presença positiva no cotidiano.

A figura do homem e da mulher negra quando presentes nas narrativas apareceram de forma objetificada, jocosa, subalternizada, sendo retratados como inferiores. Com o emergir da História Social, surgiu uma nova perspectiva que permite a inserção de outros povos e outros grupos como agentes da formação cultural em uma abordagem a partir da "história vista de baixo que pode desempenhar um papel importante neste processo, recordando-nos que nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais" (BURKER, 1992, p. 38) e estas implicações podem ser vistas na obra de Eugene D.

Genovese (1998), *A terra prometida: o mundo que os escravos criaram* que trata sobre a história dos escravizados negros nos Estados Unidos, no período pré-Guerra Civil. De acordo com os dizeres de Peter Burker,

> Para Genovese, os seres humanos que formavam sua temática, embora sem dúvidas socialmente inferiores, foram capazes de construir um mundo para si: por isso, eram atores históricos, criaram história, muito mais do que foram apenas um "problema" que contribuiu para envolver políticos e soldados brancos em uma guerra civil, e que os políticos brancos iam finalmente "resolver". (BURKER, 1992, p. 38)

A nova perspectiva da história tem contribuído para a ressignificação da história, em que os povos negros, que antes marginalizados, emergem como atuantes no cotidiano nas pesquisas históricas, e tem cooperado para formação de um novo saber nas universidades que vem se expandindo e produzindo conhecimentos, que fomentam novos saberes e novas práticas nas escolas.

Entretanto se faz necessárias ações e práticas para que os professores demarquem esses espaços, fazendo com que esses conhecimentos cheguem às salas de aula e se transformem em ensino, alcançando um dos principais objetivos do ensino de história nos anos iniciais, que é reconhecer, comparar, relacionar semelhanças, diferenças, transformações, relações sociais, culturais e econômicas e modos de vida (FREITAS e OLIVEIRA, 2009). E podemos aprender a buscar esses caminhos, pois como já disse Itamar Freitas e Margarida Oliveira, essa possibilidade surge na medida em que,

> "Com a profissionalização do ofício, [...], a ideia de dom ou de vocação inata perdeu prestígio e o mestre, hoje, sente-se livre para aprender a usar e abusar de todos os meios, atividades, técnicas, linguagens, enfim, todos os recursos didáticos que possibilitem o cumprimento dos objetivos do ensino de história". (FREITAS e OLIVEIRA, 2009, p. 30-35),

Com o intuito de contribuir, para que os objetivos gerais do ensino de história nos anos iniciais se concretizem, é que pensamos esta proposta de ensino de história, que busca reconhecer e comparar as relações sociais, culturais, econômicas e modos de vida a partir da inserção e ressignificação da presença e da contribuição positiva do homem e da mulher negra, na construção da sociedade brasileira.

Esta proposta procura evidenciar e apresentar personalidades negras de nossa localidade que contribuíram para a formação da cidade de Eunápolis, de modo que essas histórias de vida sirvam de inspiração e colabore para elevar à autoestima de alunas e alunos

negros (as) da turma do 5º Ano da Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela, cooperando assim para a formação e elevação da autoestima destes (as) jovens, tendo ainda por objetivo comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais e apresentar a história da cidade sob um novo enfoque, optando pela história dos sujeitos subalternizados.

Para tal propósito é fundamental conhecer o âmbito local, observando o contexto social em que a escola e os (as) alunos (as) da turma do 5º Ano estão inseridos, buscando também compreender a realidade destes (as) alunos (as).

Para este fim, buscaremos primeiramente a partir de tópicos apresentar como se desenvolveu a cidade de Eunápolis, o surgimento do bairro Santa Lúcia, local em que se encontra localizada a escola, e sua povoação com a chegada dos primeiros moradores. Apresentaremos ainda a Escola D. Avelar Brandão Vilela dentro deste contexto e por fim a turma do 5º ano A, para quem esta proposta tem sido pensada.

A história da cidade de Eunápolis por muito tempo foi narrada por folhetins ou oralmente. Os relatos variavam de acordo com a visão de quem contava ou ainda conta a memória. Os jornais e revistas cumpriam essa função, a partir dos jornalistas que escreviam como memorialistas, que também contribuíram para que esta história fosse contada com inserção ou retirada de alguns elementos, a partir do interesse de quem a publicava, e por muito tempo estas foram às únicas escritas históricas que registrava os acontecimentos.

Com a chegada da Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Eunápolis) no ano 2000, a cidade ganhou à possibilidade de ter sua história narrada a partir de pesquisas acadêmicas que primaram em traçar narrativas através de uma visão analítica da economia, da religião, do racismo e da sociedade (LIMA, 2021), esses trabalhos de pesquisa serão a base que iremos utilizar para traçar uma breve trajetória da formação da cidade de Eunápolis, no entanto, ressalto que para fins de demonstração e análise, utilizaremos durante este capítulo algumas publicações de jornais e revistas como fonte e no decorrer do texto algumas memórias de moradores locais serão utilizadas para uma melhor compreensão da realidade local.

1.2 Eunápolis: Uma breve trajetória do “maior povoado do mundo”

Estudos e trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelos pesquisadores no curso de graduação e Licenciatura em História da UNEB – Eunápolis e nos Cursos de Mestrado da UFSB- Sosígenes Costa – Porto Seguro, têm contribuído para ampliar o conhecimento sobre ensino de história e o desenvolvimento socioeconômico deste município, que vem se formando e se transformando ao longo dos anos. Neste contexto é válido citar, por exemplo, o trabalho do professor e pesquisador André Heloy Ávila (2010) cuja pesquisa contribui para traça o primeiro perfil dos/as egressos/as da UNEB campus XVIII, analisando os aspectos sociodemográficos de Eunápolis e efeitos da formação superior no município.

De acordo com os estudos de Ávila, Eunápolis teve seu início como acampamento de passagem e firmou-se como entreposto comercial e madeireiro, por volta de 1950, tomando proporções demográficas no compasso que culminou com a pavimentação asfáltica da principal estrada federal entre o sul e o nordeste do país (BR 101). (ÁVILA, 2010, p. 54).

Localizada na atual Costa do Descobrimento e distante 648 km de Salvador a localidade em que se encontra Eunápolis, já servia de ponto de parada para tropeiros que vendiam suas mercadorias nas localidades vizinhas e também como ponto de descanso para os romeiros e devotos que se destinavam a visitar e pagar promessa no Santuário Nossa Senhora D'Ajuda, informativos locais dão conta de que

> Como várias cidades do Nordeste, ela também nasceu do local de descanso de romeiros que vinham de Minas Gerais e do agreste baiano em busca de reverenciar a Nossa Senhora d'Ajuda e, também, buscar a cura na fonte milagrosa. (BLOGDAROSEMARIE, 2021)

Antes da emancipação política que se deu através de um plebiscito realizado em 1988 o então povoado pertencia aos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, respectivamente, 20% do povoado fazia parte do primeiro município e 80% do segundo município.

As pesquisas dão conta de que a povoação local teve início "com a chegada dos primeiros posseiros na região no ano de 1936 oriundos do estado de Minas Gerais" (LIMA, 2015, p.41) e foi ganhando ênfase com a vinda dos garimpeiros, nome pelo qual eram conhecidos os trabalhadores que abriam estradas com picareta e enxadas, "os relatos de memorialistas sobre os primórdios do núcleo urbano do povoado datam da década de 1940, com a chegada de posseiros e trabalhadores que deram início ao processo da demarcação dos rumos por onde passaria a BR 101 e a BR 367" (CUNHA, 2020, p. 02)

.O antigo povoado já foi conhecido por Quilômetro 64, em razão da distância entre o ramal da construção e Porto Seguro, que somava 64 km, também já foi denominado de "Ibiapina e Nova Floresta" (LIMA, 2015). O nome Eunápolis dada ao então povoado veio a se oficializar em 1950, este nome surgiu como uma "homenagem ao Engenheiro Eunápio Peltier de Queiroz então engenheiro do DERBA, (Departamento de infraestrutura de transporte da Bahia), o Dr. Eunápio Peltier de Queiroz que [...] comprou 100 hectares de terra com verba doada pelo Estado e distribuiu ao povo". (CUNHA, 2010, p.56).

A área que era ocupada a princípio pelos trabalhadores viria a se tornar a região central do atual município, Ana Paula Lima Cunha (2010, p. 56) em sua pesquisa lembra que "a primeira Rua de Eunápolis foi a Rua Porto Seguro, hoje Avenida Porto Seguro, depois vieram a Rua do Peixe (atual Paulino Mendes), a Rua da Colônia que cruza com Rua Dr. Gravatá",

> Agora o traçado de Eunápolis, não foi a Bahia Construtora e não foi Dr. Gusmão quem deu esse traçado de Eunápolis nós devemos muito a um senhor **escuro**, alto com a **cara de mendigo**. Chamava-se Joaquim Alves Pereira, ele era um **criolão que era garimpeiro**, ele veio com o pessoal do DERBA, e se ligou ao pessoal da área técnica do DERBA, além dele ser um **peão** e como ele era muito **extrovertido**, **gostava de conversar, caçador, mentiroso**, ele então se entrosou com o pessoal da área técnica, com os geólogos, os arquitetos, os agrimensores daqui. Então **ele pediu**..., ele tinha uma **pequena noção** de Belo Horizonte na época que passou por Belo Horizonte, ele pediu aquele centro de Belo Horizonte, **ele idealizou** para que fosse feito aqui e realmente o nosso centro aqui que abrange estas duas ruas que acabei de mencionar, mais a Floriano Peixoto, mais a 7 de Setembro, a 2 de Julho e as transversais. Então você pode ter uma ideia e eu já perguntei a uma pessoa que conhece bem Belo Horizonte, por que eu conheço, mais muito pouco, passei lá duas noites e não posso afirmar que se realmente ela tem uma aparência, mas eu perguntando a algumas pessoas, elas me disseram que tem uma pequena aparência ali com o centro de Belo Horizonte. (Depoimento de Antonio Contelli, realizado no dia 15/12/2009 concedido a Ana Paula Lima Cunha). (CUNHA 2010, p. 56. grifos nosso)

Pelo relato do entrevistado Antonio Contelli, o então povoado já se planejava com ares de cidade, que se destinava ao crescimento e ao progresso continuo, parecendo cumprir as "palavras proféticas do padre Emiliano Gomes Pereira" que posteriormente seriam

> "Divulgadas nas páginas de um livreto publicado em 1984, pela prefeitura de Santa Cruz Cabrália em parceria com a revista A VOZ DOS MUNICÍPIOS, o discurso do padre Emiliano é utilizado na revista como se selasse o futuro do povoado, destinado a ser um centro de grandezas no qual a força religiosa e política conduziriam o seu crescimento pelos caminhos do progresso. (CUNHA, 2020, p. 291)

Como se pode observar, as expectativas de prosperidade com referência ao desenvolvimento do município foram sendo atendidas ao longo do tempo, entretanto estes avanços não se deram no campo das relações, e notadamente, o racismo está presente na história do município.

Ao analisarmos o depoimento do Sr. Antonio Contelli, grifamos algumas palavras presentes em sua narração. No relato o entrevistado narra como Eunápolis foi se desenhando, como surgiu no início suas ruas e a primeira praça. É importante observar que ao falar do "traçado de Eunápolis" o entrevistado inicia seu depoimento descrevendo o Joaquim Alves Pereira, o criador do traçado das primeiras ruas do povoado, como "um senhor **escuro**, alto com a **cara de mendigo**".

O entrevistado segue se referindo ao Sr. Joaquim como um "**criolão** que era garimpeiro". A narrativa prossegue apresentando o idealizador do traçado como uma pessoa que "além dele ser um **peão** [...] ele era muito extrovertido, **gostava de conversar**, caçador, **mentiroso**",

Percebemos na narrativa, que a contribuição positiva desse homem negro, o Joaquim Alves Pereira, somente vai aparecer na fala do entrevistado, depois dele ter sido descrito e qualificado, de modo que ficassem nítido suas características físicas e ficasse estabelecido quem ele era e qual sua ocupação na cidade, para daí então dizer qual era a sua participação nessa história.

Depois de situado, Joaquim, o homem negro aparece como aquele que **pediu** aquele que tinha uma **pequena noção**. Como descreve o narrador "ele **pediu** aquele centro de Belo Horizonte, ele **idealizou** para que fosse feito aqui, e realmente o nosso centro aqui que abrange estas duas ruas que acabei de mencionar, mais a Floriano Peixoto, mais a 7 de setembro, a 2 de julho e as transversais".

O trecho destacado da entrevista retrata bem como a figura do negro aparece na história de Eunápolis, mesmo este homem negro tendo colaborado de forma positiva na formação da cidade, com a ideia de um traçado de ruas que utilizamos até os dias de hoje, a sua figura é apresentada com adjetivos que o desqualifica, a sua condição de subalternizado na comunidade é destacada e sua capacidade denomina de noção é classificada como pequena pelo narrador.

Seguindo adiante, vamos perceber que outros personagens do município não serão descritos com a mesma minúcia de detalhes como o que foi feito com a figura do Sr. Joaquim

Alves Pereira, pois se tratam de homens brancos, como os pombalenses e o caso dos capixabas, que em sua grande parte, são pessoas brancas, comparáveis aos descendentes de europeus, alemães e italianos, cujas características físicas atendem ao padrão normativo eurocêntrico. A história é um espaço de poder e ao sustentar determinada narrativa segue um padrão, sobre isso a pesquisadora Carla de Moura nos diz que,

> A questão é que a História não está fora deste âmbito do poder, ou seja, é um discurso científico e legitimado oriundo do paradigma eurocêntrico e hegemônico. Esse paradigma se sustenta por sistemas de oposições binárias hierarquizadas e da invenção de um centro, de uma norma que ocupa o polo valorizado (homem, cis, branco, europeu, heterossexual) que produz discursos através dos quais exclui e inferioriza, marcando na diferença o polo recalcado. (MOURA, 2018, p. 26)

De acordo com as pesquisas de Ana Paula Lima Cunha (2010, p. 66) na década de 1960, "o povoado recebe a primeira leva de pombalenses que começaram a desenvolver o setor de armazéns com a venda de "secos e molhados" que foi predominantemente dominado por comerciantes originários de Ribeira do Pombal, Sertão da Bahia".

Nas décadas de 70 e 80 o povoado passou por grandes transformações e mudanças desencadeadas pela movimentação econômica gerada a partir da extração de árvores da mata nativa, em especial o jacarandá.

Este movimento ficou conhecido como a "era de ouro do ciclo da madeira, com a ajuda dos capixabas, o pólo madeireiro pôde ser instalado" (CUNHA, 2010, p 68), este "ciclo" acabou por atrair um grande contingente de pessoas oriundas várias regiões do país, tendo maior proeminência às provenientes do estado do Espírito Santo e de Minas Gerais que acabaram por fixar moradia no povoado em função dos empregos que surgiram com a abertura de serrarias, oficinas mecânicas e lojas de autopeças, ramos de comércios inaugurados para atender as demandas geradas pelo ciclo madeireiro.

Sobre este período e citando os primeiros comerciantes de Eunápolis, um site local nos informa que,

> Em pouco tempo, [...] O sucesso de Dantas motivou a vinda de outros comerciantes da sua terra, Ribeira do Pombal: [...] Todos se estabelecendo no ramo de "atacado", uma próspera atividade comercial que passou a ser por eles monopolizada. Assim, Eunápolis começou a se tornar o principal centro fornecedor da microrregião. Posição que consolidou no início dos anos 70, com a construção da BR 101, e a chegada dos capixabas. (NOSSACARA.COM, 2011)

Outro veículo de notícias nos informa que neste período de tempo:

> Os capixabas foram maioria entre os fomentadores desse ciclo, que promoveu uma verdadeira transformação na economia local e regional: propiciou o povoamento da região, com a criação de núcleos habitacionais, gerou milhares de empregos diretos e indiretos, atraiu novos empreendimentos, empreendedores, investimentos e milhares de novos moradores. Abriu ainda as cidades litorâneas ao turismo, fortalecendo-as economicamente e desenvolvendo-as, especialmente Porto Seguro, viabilizando a transformação do denominado "sítio do descobrimento" num importante destino turístico nacional. (O SOLO, 2017)

O desenvolvimento do comércio e a comunidade que se formava, contribuíram para que o então povoado de Eunápolis ficasse conhecido como o "maior povoado do mundo", "essas narrativas circularam principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, em diversos veículos de comunicação, [...]: local, regional, estadual e nacional, que acabaram por construir imagens como a do maior povoado do mundo" (CUNHA, 2020, p. 290). O desenvolvimento econômico do então povoado de Eunápolis promoveu "a explosão demográfica sem precedentes do período que conta a partir da década de 1980 e trouxe um aumento significativo não apenas da população, mas também da zona urbana da cidade, reconfigurando assim o mapa urbano do povoado" (LIMA, 2015, p.47).

Neste interstício de tempo, devido à necessidade, a carestia e falta de terrenos na área central da cidade, algumas fazendas próximas foram sendo loteadas para que dessem lugar a bairros que atendessem a necessidade de moradia, e neste contexto surgiram os bairros e as comunidades.

Cunha (2010) registra que as invasões deram origem aos bairros "Gusmão, que foi o primeiro bairro eunapolitano, seguido do Bairro do Pequi que fica do outro lado da pista, neste período ainda passa a existir o Bairro do Juca Rosa originário da antiga fazenda de nome Recreio que foi loteada por seu proprietário, e também o bairro Santa Lúcia em que está localizada a escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela.

Na década de 90, Eunápolis assim como outras cidades do Extremo Sul baiano, entra em um novo ciclo com a implantação do seguimento de celulose que inicia a compra de terras para a cultura do eucalipto,

> A implantação do seguimento de celulose na região provocou a concentração fundiária no campo, diminuição no número de empregados no campo (permanentes e temporários) e do trabalho familiar, que resultou em um processo intenso de êxodo rural e uma reorganização socioeconômica. Como consequência teve-se o aumento da população urbana, que implicou na busca de empregos e novas oportunidades nas cidades, ocasionando um crescimento desordenado das áreas urbanas, provocando novas paisagens locais. (ALMEIDA, Thiara Messias de et al., 2008, p. 14)

Eunápolis seguiu se mantendo como uma das cidades mais ativas da região, seu índice populacional vem demonstrando crescimento, de acordo com dados do IBGE no ano de 2010 a cidade tinha uma população de 100.196 pessoas e avançou para a quantidade estimada em 115.360 pessoas no ano de 2021[3]

1.3 Conhecendo um pouco mais do bairro Santa Lúcia

O bairro Santa Lúcia tem sua origem em uma área de uma antiga fazenda, que se transformou em um empreendimento imobiliário em meados da década de 1970, este período coincide com o crescimento demográfico do então povoado de Eunápolis. O bairro é localizado em uma área relativamente perto do centro quando comparada à distância dos bairros mais antigos como o Juca Rosa e Rosa Neto. O loteamento foi um empreendimento pensado para ser um bairro residencial e teve seus lotes comercializados pela imobiliária Santa Cruz. O nome Santa Cruz também seria o nome oficial do então loteamento e futuro bairro. Entretanto o nome escolhido possivelmente não agradou aos moradores do então povoado, e tão pouco do bairro que passou a denominá-lo de Santa Lúcia, oficialmente este nome veio a ser reconhecido pela Lei nº 787 de 17 de outubro de 2011 que,

> "FORMALIZA A DENOMINAÇÃO DO BAIRRO SANTA LÚCIA, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS."
> A CÂMARA MUNICIPAL DE EUNÁPOLIS, Estado da Bahia, no uso de suas atribuições, faz saber que aprova e o Prefeito Municipal, SANCIONA a seguinte Lei:
> Art. 1o. Fica denominado formalmente o "BAIRRO SANTA LÚCIA", no Município de Eunápolis.
> Art. 2º. – Revogadas as disposições em contrário, esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS, 2011, P. 2, ANO II)

Na época da oficialização do nome do bairro, uma reportagem do jornal O Sollo da conta de que,

> Para os moradores do bairro, esta foi uma importante sanção, já que o nome popularmente reconhecido não era o mesmo nos comprovantes de residência. "Todas as vezes que precisávamos realizar cadastro era um constrangimento, além das entregas, que ninguém sabia onde era o Loteamento Santa Cruz" , disse L. R. moradora do bairro. (O SOLLO, 2011)

Dado ao fato de que não temos registros, estudos e nem informações disponíveis o suficiente que nos permitisse repensar a história da formação do bairro, e sendo esta uma

[3] Dados extraídos de https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/eunapolis/pesquisa/23/25888?detalhes=true. Acesso em: 14/01/2022.

parte importante que ajuda a justificar a motivação da produção do Produto Final/Artefato, busquei em minha memória lembranças que ajudasse a reconstruir esse passado, mas mantendo o entendimento de

> [...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (Bosi, 2012. p.55)

Na minha infância entre os anos de 1980 e 1981, em meio ao alvoroço imobiliário que tomou conta da cidade, me mudei com minha família para este bairro, na época minha mãe comprou um lote e construiu uma casa para a qual nos mudamos este também foi um período que conheci e passei a conviver com outras pessoas, inclusive no CPE, a escola em que eu estudava. De um ano para o outro vi minha sala de aula cheia de colegas que vieram do Espírito Santo, alguns desses colegas também moravam nesse bairro e na convivência para fazer os deveres de casa acabávamos frequentando as casas uns dos outros.

Em uma dessas visitas me recordo que a família estava recebendo parentes e amigos e conversavam com muita animação, nessa conversa uma das pessoas disse de modo entusiasmado “este bairro vai ser um pedaço do Espírito Santo aqui, um lugar das famílias capixabas” mais tarde eu iria entender que a ideia ali discutida era a da formação de um bairro com o estilo de uma colônia capixaba. Esta frase ficou guardada e me marcou muito, apesar de não ter sido dita diretamente para mim, acho que esta frase me impactou como que me dissessem que eu não pertencia aquele lugar afinal eu sou uma baiana, eunapolitana, filha de uma mineira do vale do Jequitinhonha e conviver com os capixabas e com seus costumes era uma novidade para mim.

Nessa fase eu estava em um processo de me reconhecer e reconhecer o outro, e a partir da convivência, percebia a existência de diferenças que eu não compreendia antes. Esse processo de reconhecimento e estranheza estava acontecendo ao mesmo tempo na escola e naquele bairro. Hoje pensando sobre tais sentimentos presente nesse percurso pelo qual passei, ainda sem ter o conhecimento sobre o que ocorria ao meu redor, me faz refletir a partir do que postula Nilma Lino Gomes (2002, p.172) ao dizer ser “importante lembrar que a identidade construída pelo negro se dá não só por oposição ao branco [...]. As diferenças implicam processos de aproximação e distanciamento”. E mais, que

> Nesse jogo complexo, vamos aprendendo, aos poucos, que as diferenças são imprescindíveis na construção da nossa identidade. Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros nos vários espaços — institucionais ou não — nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos. Nesse percurso, o negro e a negra deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura e a sua história. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, das diversas maneiras como estas são tratadas. (GOMES. 2002, p. 172

A conversa que ouvi naquela casa ficou guardada em minha memória, e sempre quando passava por aquele bairro as palavras vinham em minha lembrança. Quando fui trabalhar na escola D. Avelar Brandão Vilela, este bairro voltou a fazer parte de minha vida, e a lembrança daquela conversa foi retornando à medida que eu convivia com as pessoas na escola e na comunidade do bairro, o que me fez relembrar e questionar, o quanto daquele desejo da formação de uma comunidade capixaba que foi expresso naquela conversa, tinha avançado além dos portões daquela casa e se concretizado.

Buscando uma resposta para estas indagações, procurei por informações que me levasse a alguma conclusão, e entendi que o meio para isso seria uma pesquisa que permitisse um diálogo com alguns moradores mais antigos do bairro, este diálogo seria em formato de entrevista dirigida com a finalidade de colher elementos, que contribuíssem para se chegar a uma conclusão sobre o como ficou o perfil deste bairro. Ressalto que a princípio, as entrevistas seriam somente utilizadas para a construção das biografias de mulheres e homens negros, que participaram e contribuíram para a formação social e econômica da cidade de Eunápolis, entretanto, percebemos ao longo da pesquisa que devido à falta de documentação escrita e registros sobre o bairro, conforme mencionamos anteriormente nesse capítulo, que deveríamos expandir o rol de entrevistados, uma vez que a entrevista seria um método que poderia contribuir para a construção da trajetória do bairro.

Em entrevista, D. Marta Scoton relatou que veio da cidade de Linhares no Espírito Santo para Eunápolis junto com seu esposo, que era administrador/ gerente de uma serraria que acabara de ser aberta por uns conterrâneos e que

> Quando veio morar aqui em Eunápolis, primeiro se instalaram na própria área da serraria, que era em um local que ficava bem depois de onde hoje é o bairro Itapuã, pois era comum as serrarias terem um terreno grande e em uma parte deste terreno os donos das serrarias faziam umas casas de madeira que era para a moradia dos trabalhadores. A maioria dos trabalhadores e até os donos da serraria moravam ali em uma casa maior, mas na primeira oportunidade que eu e o João tivemos de ter uma casa em terreno próprio nos mudamos, o Santa Lúcia foi uma oportunidade,

> uma benção quando abriram o loteamento vimos uma oportunidade de morar em um bairro de verdade e fazer nossa casa, quando compramos o terreno aqui outras famílias que também vieram de outras cidades do Espírito Santo também compraram, no começo era mais capixaba que morava aqui. (Depoimento de Marta Scoton, realizado no dia 15/01/2022 concedido a Francimaura Coutinho Mendes).

Em entrevistas que foram concedidas por outros moradores mais antigos, percebemos havia um entendimento entre alguns dos moradores mais antigos, de que o bairro Santa Lúcia, nasceu como um bairro residencial, e que a ideia desse local vir a ser "um lugar das famílias capixabas" ou uma "colônia de famílias capixabas" surgiu com os primeiros moradores que ali fixaram moradas, o que nos leva a pensar que provavelmente ao chegarem a uma localidade para produzir e ocupar a partir do desmatamento de terras eles se viram em uma situação semelhante à situação experimentada pelos seus antepassados que chegaram aqui como imigrantes e se tornaram colonos.

De acordo com a professora, antropóloga e pesquisadora da imigração alemã no sul do Brasil Giralda Seyferth (1993, p.38), "No seu significado mais geral, a categoria colono é usada como sinônimo de agricultor de origem européia, e sua gênese remonta ao processo histórico de colonização [...]" e ainda "A categoria colono foi construída, historicamente, como uma identidade coletiva com múltiplas dimensões sociais e étnicas" (Seyferth, 1993, p.60), a ideia de local ou colônia de famílias capixabas pode ter sido pensada justamente no momento em que viram seus conterrâneos comprando lotes, fazendo suas residências e que estes vinham de vários municípios do estado do Espírito Santo trazendo um pouco da tradição de cidades como São Gabriel da Palha, Colatina, Linhares, São Mateus, de Pedro Canário e tantas outras, e que estes que chegavam tinham o mesmo objetivo, que era trabalhar nas serrarias ou no comércio que se abria em torno deste setor que com a prosperidade trazida pelo ramo madeireiro se instalaram na cidade com a ideia de ficar por aqui.

Atualmente o bairro é habitado por eunapolitanos e por pessoas que vieram de diversas partes do país, apesar da sonhada colônia não ter se formado, a maioria dos moradores permanece sendo de capixabas ou descendentes destes que foram os primeiros moradores, chegando a ter famílias inteiras morando em uma só quadra a exemplo das famílias Bonella e Scaramussa.

Pensado inicialmente para ser um bairro residencial, ao longo do tempo foi se formando no bairro uma malha comercial e de serviços que hoje conta com farmácias,

supermercados, posto de combustível, academia de ginástica, lanchonete, pequenos restaurantes, posto médico e a delegacia que foi ali alocada.

Apesar de o bairro ter uma parte de sua área com pouca infraestrutura, a maioria de suas ruas são calçadas ou asfaltadas e possuem iluminação pública, tendo ainda um atendimento na área educacional com creches, algumas poucas escolas particulares e escola pública a exemplo da Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela.

1.4 A escola D. Avelar Brandão Vilela

A Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilela é um dos 49 estabelecimentos de ensino fundamental da rede municipal de Eunápolis, foi fundada em 1980, ocasião em que Eunápolis ainda era um povoado pertencente aos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, tendo sua fundação oficializada posteriormente através do Decreto nº 285/93 e da Autorização nº 393/94-D. O 15 e 16/94, seu nome é uma homenagem ao Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela[4] (1912-198

Figura 1: Alunos no pátio antes do início da aula



Fonte: Arquivo pessoal de Marta Augusta Sossai /SD

[4] Dom Avelar Brandão Vilela assumiu o cargo de Arcebispo Primaz do Brasil, posto este dado ao chefe do arcebispado da capital baiana, devido à fundação da primeira Igreja Católica do país ter sido em terras soteropolitanas. Em 1972, eleito pelo Papa Paulo VI, Dom Avelar chega ao cargo de Cardeal, um dos mais altos postos da hierarquia católica. SANTOS, Sônia M. dos. O Bispo de Todos os Tempos: uma biografia de Dom Avelar Brandão Vilela, 2017.

Figura 2: Fachada da escola D. Avelar em 2016



Fonte: Arquivo da escola D. Avelar Brandão Vilela. – 2016

Figura 3: Pátio externo da escola 2016



Fonte: Arquivo da escola D. Avelar Brandão Vilela. s.d

A escola D. Avelar Brandão Vilela, nasceu da necessidade da população em ter um estabelecimento de ensino que atendesse aos alunos do bairro que se deslocavam até o centro para terem acesso à chamada de educação primária, em entrevista a professora Marta Augusta Sossai uma das professoras que participa da história desta escola desde sua fundação e que permanece no quadro pedagógico até os dias de hoje nos conta que:

> No início a estrutura física da escola era formada por quatro salas de aula, uma secretaria e uma sala pequena que funcionava como cozinha, e era tudo o que tinha na área, o bairro não era asfaltado não tinha água encanada e esgoto, a escola funcionava em dois turnos matutinos e vespertinos, depois passou a funcionar a EJA no noturno que foi fechada posteriormente por determinação da Secretaria de Educação do município, e existia somente uma pessoa para cozinhar e fazer a limpeza da escola e eram as professoras que ajudavam a preparar a merenda, quando ocorria alguma falta desta funcionária éramos nós as professoras que fazíamos a merenda para os alunos. Nos dois primeiros anos a escola funcionou somente com quatro professores e não possuía um quadro administrativo, depois é que foi enviada uma pessoa que atuava como diretora na organização, mas não era nomeada diretora e era chamada de professora responsável. (Depoimento de Marta Sossai, realizado no dia 21/03/2022 concedido a Francimaura Coutinho Mendes).

As dificuldades iniciais segundo conta a professora, não se atinham a diminuta estrutura ou a escassez de funcionários para a manutenção da escola, como Eunápolis ainda era um povoado, o salário dos professores era pago pelo município de Santa Cruz Cabrália a quem pertencia à área em que a escola estava instalada e o salário correspondia de acordo com o relato da professora “a uma pequena fração do salário mínimo”. A situação do valor salarial só melhorou após a emancipação de Eunápolis, quando a prefeitura passou a remunerar os professores com um salário mínimo inteiro, além disso, a merenda escolar também foi um desafio que teve de ser enfrentada, a professora relata em entrevista que “a merenda dos alunos por muitas das vezes foi custeada pelos professores que compravam ou traziam de casa temperos, verduras, óleo e outros itens. Alguns alunos cujos pais tinham uma melhor condição ajudavam a custear a alimentação com compra de macarrão, arroz e outros suprimentos para ajudar no preparo da merenda.”

> A escola atendia no início somente a alunos que moravam no bairro e depois começaram a chegar alunos que moravam no bairro Itapuã porque lá não tinha escola, e começaram a aparecer alguns alunos do bairro Gusmão, do Centauro por causa da distância entre estes bairros e outras escolas que ficavam no centro e foi assim que a escola foi crescendo, quando foram abrindo novos bairros como à renovação o público foi crescendo e hoje se percebe que o alunado tem se concentrado entre o bairro Santa Lúcia, Itapuã e Parque da Renovação. (Depoimento de Marta Sossai, realizado no dia 21/03/2022 concedido a Francimaura Coutinho Mendes).

Figura 4: Professora Marta Augusta Sossai com alunos da turma do Projeto Ayrton Senna



Fonte:Arquivo pessoal de Marta Augusta Sossai /SD

Ao longo de sua história a escola seguindo orientações da Secretaria Municipal de Educação passou por algumas variações quanto aos níveis de ensino ofertado, entre os anos de 1980 a 2004 a escola atendeu a alunos da 1ª até a 4ª série, entre os anos de 2005 e 2011 voltou seu atendimento ao público estudantil do Ensino Fundamental II da 5ª e 6ª série tendo ainda ofertado neste período o ensino na modalidade EJA da 1ª a 8ª série no turno noturno.

A partir do ano de 2012 até os dias atuais a escola D. Avelar Brandão Vilela tem se dedicando em atender alunos da Educação Infantil que corresponde aos anos do Pré I e Pré II que recebe aos alunos de quatro e cinco anos de idade e ao Ensino Fundamental I Anos Iniciais do 1º ao 5º que atende alunos de seis a 12 anos, a maior parte dos alunos hoje matriculados tem alguma ligação ou vínculo com ex- alunos da escola e costumam serem filhos, sobrinhos ou neto de ex- alunos que lembram as mudanças pelas quais a escola passou.

Figura 5: Aluna assistindo aula com seu filho



Fonte:Arquivo pessoal de Marta Augusta Sossai /SD

Figura 6: Filho da aluna dormindo enquanto a mãe assiste à aula



Fonte: Arquivo pessoal de Marta Augusta Sossai /SD

Localizada na Rua São Bartolomeu, 870, bairro Santa Lucia, a escola D. Avelar Brandão Vilela está estabelecida em um bairro situado na região Noroeste da cidade de Eunápolis, região da qual fazem parte outros bairros bem populosos que se encontram em fase de crescimento como o Parque da Renovação e bairro Itapoã que se interligam por uma grande via, que dá acesso a rua principal do Santa Lúcia em que se encontra fixada a escola.

Devido sua localização esta instituição de ensino atende a estudantes moradores destes bairros considerados periféricos com perfil socioeconômico de famílias pobres que habitam em moradia popular integrada às políticas de habitação do projeto ‘Minha Casa, Minha Vida’ ou residem em casa de construções independentes com pouca infraestrutura, sobre periferia Milton Santos esclarece que,

> Em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância física entre um pólo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade. Esta depende essencialmente da existência de vias de transporte e da possibilidade efetiva de sua utilização pelos indivíduos, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais. "Mas a incapacidade de acesso a bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo e também, afirma, a uma situação periférica" (SANTOS, Milton, 1979, p. 229)

Os bairros circunvizinhos podem ser avaliados ainda como periféricos se analisarmos como ocorreu à ocupação das áreas na cidade de Eunápolis a partir da rodovia BR 101, lembrando o modelo de ocupação estudada por Milton Santos (1994) no livro *Urbanização brasileira,* em que o autor explica que as "rodovias provocaram um crescimento disperso das cidades, que ajudou a criar uma escassez mercantil de terras e, por conseguinte gerou especulação e "déficits" de residências e periferização" e devido sua localização a escola D. Avelar Brandão Vilela tem se mostrado como um espaço educacional que atende as necessidades dos membros da comunidade local e circunvizinha.

De acordo com dados da secretaria da escola a Instituição conta hoje com o registro de 380 alunos no Censo Escolar de 2022 matriculados nos turnos matutinos e vespertinos sendo que destes alunos matriculados 181 são do sexo feminino e 199 do sexo masculino esses dados foram declarados por seus pais e/ou responsáveis no ato da matricula com sendo 54 brancos, 15 pretos, um indígena, um amarelo, 289 pardos, somando se ainda 20 alunos matriculados cuja cor não foi declarada.

A escola D. Avelar Brandão Vilela atualmente está ambientada em um prédio próprio cuja estrutura física é composta de 10 salas de aula, uma sala dos professores com banheiro, uma coordenação, uma sala para direção, uma secretaria com banheiro, uma sala de acolhimento, um sala multifuncional, uma sala de leitura, três banheiros masculinos, três banheiros femininos, duas dependência sanitária com acessibilidade, uma cozinha, uma despensa, um pátio interno, uma quadra de esportes coberta, um pátio na área externa.

O quadro de funcionários atualmente é composto por 20 professores, uma diretora, uma coordenadora pedagógica, uma secretária, seis auxiliares administrativos, uma monitora, três vigias, duas cozinheiras e oito auxiliares de limpeza.

1.5 Os professores

A fim de conhecer um pouco do funcionamento da escola D. Avelar Brandão Vilela, busquei informações sobre a equipe de professores. Para esse fim solicitei a administração da escola, acesso ao arquivo do sistema. O acesso ao arquivo possibilitou a coleta de informações que permitiram traçar um breve perfil da equipe de professores dessa unidade de ensino,

O levantamento feito nos permite dizer que a equipe de professores da escola D. Avelar Brandão Vilela é uma equipe majoritariamente feminina composta atualmente por 19 professoras, e um professor, com faixa etária entre 42 e 73 anos. Nesse quadro, quatro professoras se declararam negras e os demais se declararam pardos ou brancos. Dos 20 professores, 18 são concursados e dois são contratados através de processo seletivo, que pode se estender por até dois anos, entretanto no município os contratos vêm sendo encerrados no final de cada ano letivo e promovido um novo a cada início de ano. Quanto à formação, todos os professores são graduados em pedagogia, com pós-graduação em áreas afins voltadas para o Ensino Infantil e Educação Fundamental I.

Quanto à moradia, nove dos professores residem no bairro Santa Lúcia que é o mesmo bairro em que está localizada a escola, seis dos professores residem no bairro Centauro, quatro no bairro Antares, um no bairro Gusmão, estes bairros ficam em áreas adjacentes ao bairro em que se situa a escola. Sobre a naturalidade 12 dos docentes são naturais do estado da Bahia, quatro são naturais de Minas Gerais, um do estado de Sergipe e três são naturais do Espírito Santo.

O levantamento nos permite dizer ainda que a equipe é formada por professores experientes que atuam na educação pública há mais de duas décadas, sendo que dois deles estão a mais de trinta atuando nessa mesma instituição.

1.6 A escola D. Avelar Brandão Vilela, o PPP e sua perspectiva para o Ensino das Relações Étnico-Raciais.

A educação tem um papel fundamental na formação e no desenvolvimento pleno da vida, ela é um processo essencial para a formação das identidades dos (as)

estudantes, cujo seus futuros estão implicados na realização satisfatória destas experiências na escola, com seus professores e com processos de singularidades, apesar de a escola não ser o único lugar em que ocorre à educação devemos nos lembrar que a escola pode ser considerada, "como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las". (GOMES, 2002, p.76)

Uma escola que prima por uma educação de qualidade busca pela igualdade, respeito à diversidade e pela inclusão, sendo que a educação é uma construção que depende dos três níveis do governo (municipal, estadual e federal), ela não se concretiza sem a participação da comunidade escolar que tem um papel fundamental na melhoria da educação no país, é a comunidade escolar que ajuda a construir a partir das discussões das práticas individuais e coletivas o Projeto Político Pedagógico que é um instrumento legal recomendado pela legislação educacional para mudança necessária da escola, mudança estas que atenda a pluralidade cultural, considerando a comunidade em que a escola está inserida e buscando estratégias para combater as desigualdades, o racismo e preconceito, ajudando assim a construir relações que fortaleçam os sujeitos para atuarem na sociedade. Em seu PPP (2018-2022) a escola D. Avelar Brandão Vilela defende,

> Um ensino de qualidade com uma prática educativa adequada às necessidades social, políticas, econômicas e culturais condizentes com a realidade. Considerando os interesses, as motivações dos alunos, a fim de garantir as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos. (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, 2018-2022, p. 10)

A instituição evidencia estar atenta para a realidade dos alunos e as motivações que os movem, observando que a educação é essencial para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, a instituição tem em seu entender que

> Para que a escola seja um projeto de intenções inovadoras, investigativa tornando-se autônoma com seu referencial teórico-metodológico que permita a construção de identidades e exercendo seu direito à diferença, a singularidade, a transferência, a solidariedade e a participação são necessárias que todos os sujeitos estejam envolvidos com o processo educativo da escola, realizando a revisão das metas pretendidas apontadas na avaliação institucional a cada quatro anos e anualmente no período da jornada pedagógica. (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, 2018-2022, p. 12)

Pois afirma ter como missão prestar "um trabalho de qualidade [...] a toda a comunidade escolar, [...] a fim de que os educandos tenham subsídios para enfrentarem as

diversidades da vida e prossigam crescendo como cidadãos ativos e agentes transformador da sociedade na qual está inserida" (PPP, 2018, p. 17)

A escola defende um currículo que contemple a "vida sócio-política cultural da sociedade e suas transformações [...] um currículo que revele compromissos com os sujeitos, com a história e com os movimentos culturais, e seja visto como instrumento mediador da relação escola/cultura e sociedade" (PPP, 2018, p. 71).

Percebemos nos objetivos e metas, que a escola é sensível às questões relacionadas às singularidades, a construção de identidades, ao direito à diferença, a solidariedade e a participação de todos, adotando discernimentos necessários para a construção de uma escola democrática e inclusiva, pois na sua concepção de inclusão "a escola comum se caracteriza como inclusiva quando reconhece e transcende as diferenças de características de seu alunado e quando luta contra práticas discriminatórias segregacionistas e contra processos sociais excludentes, garantindo a todos o direito de aprender a aprender" (PPP, p.59).

Entretanto analisando o PPP da escola com a observação em particular sobre o tema das "Relações Étnico-Raciais" a sua objetivação se mostra acanhada, pois ao fazer alusão a temas sensíveis como singularidade, exclusão, identidade, direito à diferença, e participação da comunidade é que se tem uma leve percepção de que se buscam estes pontos para dar conta do assunto, para Gomes:

> O ato de falar sobre algum assunto ou tema na escola não é uma via de mão única. Ele implica respostas do "outro", interpretações diferentes e confrontos de ideias. A introdução da Lei nº 10.639/03 – não como mais disciplinas e novos conteúdos, mas como uma mudança cultural e política no campo curricular e epistemológico – poderão romper com o silêncio e desvelar esse e outros rituais pedagógicos a favor da discriminação racial. (GOMES, 2012, p.105).

Conforme instituído, a Avaliação dos Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola ocorre anualmente, esta avaliação é feita por uma equipe formada pela comunidade escolar da qual participo como relatora e que inclui estudantes, familiares, profissionais de educação e integrantes de organizações comunitárias. Esta avaliação é definida como "um instrumento que permite à comunidade escolar avaliar suas práticas, ao tempo em que descobre novos caminhos para construção de uma educação com a marca da igualdade racial" (IQE, MEC, 2013). Este ano a equipe avaliadora se reuniu no dia 07 de abril de 2022 para a realização dos trabalhos.

Figura 7: Eu e a professora Ione junto à comissão avaliadora da dimensão Relações Raciais



Fonte: Acervo pessoal. Data: 07/04/2022

Figura 8: Comissão avaliadora da dimensão Relações Racial



Fonte: Acervo pessoal. Data: 07/04/2022

Os Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais[5] na escola são compostas por sete dimensões voltadas para a avaliação de: 1) Relacionamentos e atitudes, (2) Currículo e prática pedagógica, (3) Recursos e materiais didáticos (4) Acompanhamento, permanência e sucesso dos/das estudantes na escola, (5) A atuação das/dos profissionais de educação, (6) Gestão democrática, (7) Para além da escola – a dimensão estimula a escola a refletir que o avanço na garantia do direito humano.

Vale ressaltar que os Indicadores da Qualidade na educação é um material elaborado, para ajudar a construir um retrato, um diagnóstico, sobre como andam os esforços para a

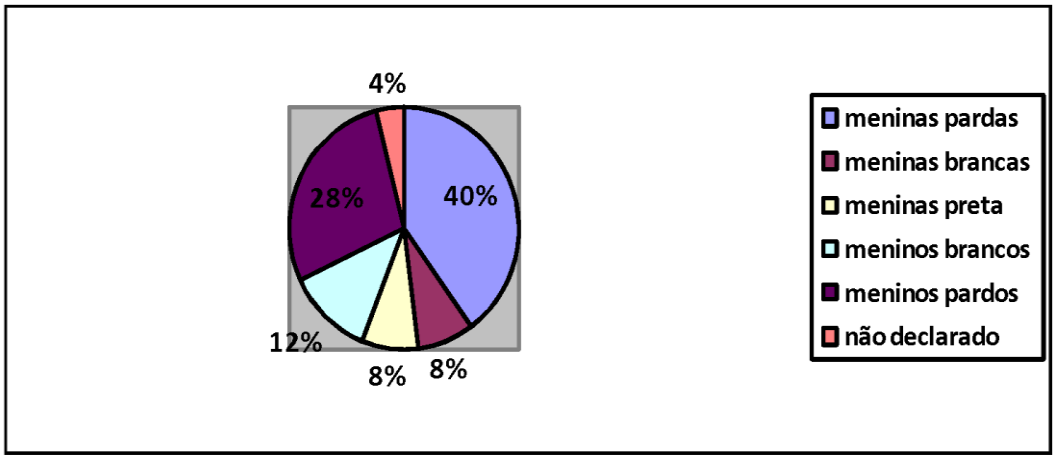
[5] Para mais consulta buscar por: Indicadores da Qualidade na Educação: Relações Raciais na Escola / Ação Educativa, Unicef, SEPPIR, MEC (Denise Carreira e Ana Lúcia Silva Souza) – São Paulo: Ação Educativa, 2013, 1ª edição. ISBN: 978-85-86382-26-0 104 p.

implementação da Lei n. 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e para a superação do racismo nas escolas, os resultados dessa avaliação servirão para nortear as mudanças e revisões necessárias a serem incluídas no PPP que é atualizado a cada quadriênio. A revisão do atual PPP está prevista para ser realizada no segundo semestre deste ano de 2022.

1.7 A turma do 5º ano A matutino da escola D. Avelar Brandão Vilela. Sondagem

A turma do 5º ano A do Brandão Vilela de acordo com os dados colhidos do sistema de matrícula da secretaria da escola é formada por 25 alunos, com idade entre 9 e 12 anos, fazendo um recorte de gênero da turma temos 14 meninas e 11 meninos o que corresponde a 56% e 46% da turma respectivamente. Quando ampliamos fazemos um recorte de raça ou cor de acordo com os critérios do IBGE[6] e um recorte de gênero, as informações contidas no sistema de matrícula apontam que temos uma turma composta por 8% de meninas brancas, 8% de meninas pretas e 40% de meninas pardas seguido de 12% de meninos brancos e 28% de meninos pardos, o gráfico que segue nos dá uma percepção de como a turma é composta.

Gráfico 1: Composição da turma do 5ª ano A com recorte cor e gênero-2022



Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

Os dados levantados nos trás a informação de que 76% da turma do 5º Ano A fazem parte do grupo de pessoas negras que seria a soma dos alunos e alunas declarados pretos (as) e pardos (as).

[6] O IBGE pesquisa a cor ou raça da população brasileira com base na autodeclaração. Ou seja, as pessoas são perguntadas sobre sua cor de acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela.

Como forma de conhecer um pouco mais essa turma e ir além dos números, preparamos uma sondagem no formato de questionário que demos o nome de "atividade complementar" [7], esta atividade foi entregue aos (as) alunos (as) juntamente com o bloco de atividades semanais, nesta atividade primeiramente pedimos a eles que se descrevessem e que respondessem às seguintes questões: 1º) Qual a sua melhor qualidade? 2º) Você se acha bom em que atividade: jogar bola, pintar, cantar, dançar, desenhar, correr ou em ajudar em casa? 3º) O que você gosta de fazer nas horas vagas? 4º) A sua família é da cidade de Eunápolis ou vieram de outro lugar? Caso tenham vindo de outro lugar, vieram de onde? 5º) Por que sua família escolheu morar aqui? 6º) Quem mora em sua casa com você? 7º) Qual a profissão de seus pais? 8º) Fale o nome de uma pessoa que você admira muito e por quê? 9º) Responda o que você se imagina fazendo no futuro quando crescer.

De modo geral os 25 alunos (as) da turma reagiram satisfatoriamente à atividade, tivemos alguns alunos (as) que deixaram algumas questões da atividade sem respostas, o que apesar de não desejado já era esperado, devido à atividade ter algumas questões que buscam informações sobre a vida pessoal e familiar do (a) aluno (a), entretanto a atividade nos deu acesso a informações que nos permitiu delinear um pouco mais o perfil da turma.

Como mencionado anteriormente antes da primeira questão pedi aos (as) alunos (as) que se descrevessem de forma livre, nesta escrita a maioria dos (as) alunos (as) falaram a partir de sua ideia própria de beleza, mencionando peso, altura, cor e tipo dos cabelos, ao fazer a análise destas descrições percebi que os (as) alunos (as) não mencionaram cor ou raça. Nesta primeira parte da atividade tivemos 13 alunos (as) que responderam e 12 alunos (as) que responderam esta questão.

Tabela 1: Autodescrição dos alunos da turma do 5ª ano A – 2022/ cabelos

Autodescrição dos alunos do 5º ano A- Cabelos					
Cabelo cacheado	Cabelo ondulado	Cabelo preto	Cabelo loiro	Cabelo ruivo	Não mencionou
07	**01**	**03**	**01**	**01**	**12**

Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

[7] As perguntas do questionário de sondagem, aqui chamado de atividade complementar foram feitas pensando nos alunos do 5º ano, que são crianças que estão com idade entre 09 e 12 anos e por isso utilizei um linguajar mais aproximado do utilizado por eles nesta faixa etária.

Como vemos cerca de 50% da turma mencionaram o cabelo, falando de cor e textura, entendemos que o cabelo é uma expressão do corpo, e ajuda a compor a identidade. O modo como os (as) alunos (as) se referem ao cabelo pode estar ligado ao modo que a família lida com os padrões estéticos no cotidiano, e que em alguns casos, conforme argumenta Nilma Lino Gomes (2002, p.46) "o cuidado da mãe, a maneira como a criança é vista no meio familiar, que lhe possibilitam a construção de uma autorrepresentação positiva sobre o ser negro/a e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo".

Também nos interessamos em saber o que os alunos e alunas faziam ou praticavam, cujo resultado eles (as) mesmos consideravam excelente e de tamanho valor que pudesse ser considerado por eles como uma qualidade. Ao serem indagados (as0 sobre qual a sua melhor qualidade, vinte e um alunos (as) responderam que são bons em ajudar aos outros, sendo que uma aluna respondeu que a sinceridade é sua melhor qualidade, duas alunas disseram que sua melhor qualidade é gravar Tik-Tok e um se omitiu, não respondendo.

Sobre as atividades em que eles (as) se acham bons ao praticar, a maioria dos (as) alunos (as) mencionou mais de uma, sendo mais citadas pelos alunos e alunas, jogar bola, dançar, cantar e pintar, ajudar em casa e empinar pipa.

Neste quadro as informações dos(as) alunos(as) , nos indicam que os meninos e meninas compartilham o gosto por brincadeiras e atividades lúdicas, que desenvolvem o lado físico e artístico, entretanto dois pontos nos chamam a atenção, o primeiro é que, o ajudar em casa que pode ser lido como trabalho doméstico, ainda é um fazer feminino, outro ponto, é que esta atividade foi inserida, pelas meninas, em um grupo de atividades em que elas se consideram boas.

Tabela 2: atividades que os alunos se consideram bons ao fazerem. Turma do 5ª ano A-2022

Atividades	Jogar bola	Dançar, cantar, pintar	Ajudar em casa	Empinar pipa	Não respondeu
Alunas	06	07	05	-	-
Alunos	04	03	01	01	-

Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

A ideia de que as meninas são mais aptas para ajudar em casa nas atividades domésticas contribui para naturalizar normas sociais que delimitam espaços para homens e mulheres, Heleieth Saffioti (1987, p.8) em "*O poder do macho*" argumenta que "a identidade

social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, [...]" a autora aponta ainda que "A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem". Mesmo com as conquistas e avanços das mulheres ao longo do tempo, percebemos que em muitos espaços domésticos os afazeres permanecem sendo ensinados e os locais de atuação sendo delimitados desde a mais tenra idade, com a ênfase de o que o bom desenvolvimento vem a ser uma virtude, uma qualidade.

De certo que o ajudar como parte colaborativa contribui para a boa vivência da própria família, o que se questiona é o fazer doméstico ser posto como obrigatório e de responsabilidade exclusiva para as meninas.

A questão seguinte tratou de informações sobre o tempo livre dos (as) alunos (as), neste quesito, os (as) alunos demonstraram ter maior predileção pelo celular e a televisão, estes dois aparelhos foram citados por dez dos (as) alunos (as) os demais alunos e alunas citaram que em suas horas de lazer gostam de jogar bola ou simplesmente não fazer nada ou ainda comer e deitar.

Tabela 3: Atividades praticadas pelos alunos nas horas livres- Turma do 5ª ano A-2022

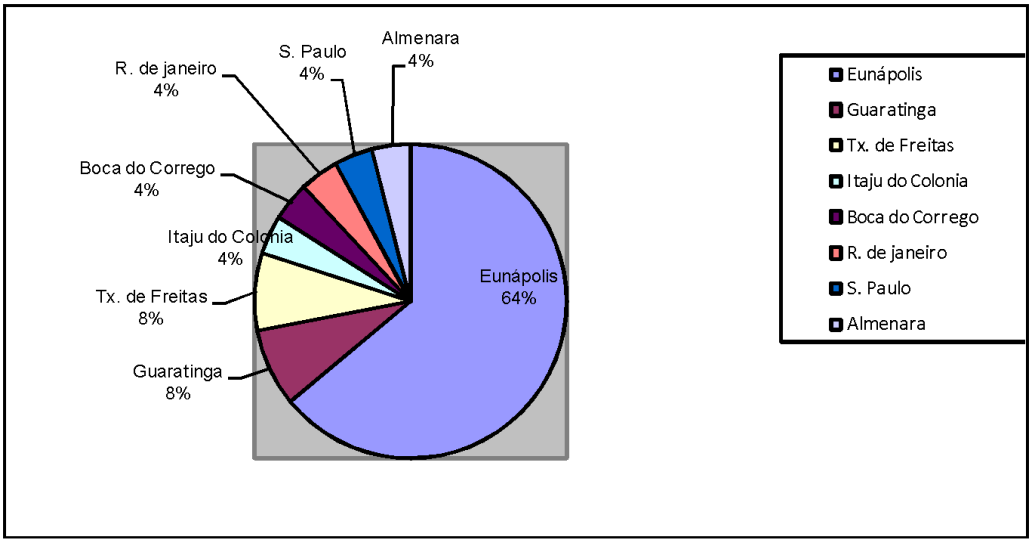
Passa tempo	Celular	Televisão	Jogar bola	Fazer nada	Comer/deitar	Não respondeu
Alunas	08	02	-	02	-	01
Alunos	02	04	02	02	01	01

Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

Podemos observar que o aparelho celular faz parte do cotidiano dos (as) alunos (as), o manuseio constante indica que existe certa facilidade deles (as) em lidar com as plataformas digitais consumindo e produzindo conteúdo, deixando aberta a possibilidade de se utilizar esta habilidade no mundo digital para o aprendizado.

Os familiares dos (as) alunos (as) do 5º ano A, são em sua maior parte originários daqui de Eunápolis, mas temos alunos e alunas cujos pais vieram de cidades vizinha, tais como Guaratinga, Teixeira de Freitas, Itaju da Colônia e Boca do Córrego povoado pertencente ao município de Belmonte, temos ainda na turma alunos (as) cuja mãe e ou o pai são de localidades diferentes nesta situação aparecem pessoas que vieram de Camacan, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo

Gráfico 2: : Local de origem das famílias dos alunos da turma do 5ª ano A-2022



Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

Dos dezesseis alunos (as) cujas famílias são de Eunápolis, disseram que suas famílias permanecem aqui por diversos motivos, dentre eles o de que gostam da cidade por ser um bom lugar ou que nunca saíram por não ter escolha, outros fatores que contribuem para a permanência são o trabalho e o cuidado com familiares. Os (as) alunos (as) cujas famílias vieram de outros lugares apontaram o trabalho como motivação para residirem na cidade, aparecendo ainda o cuidado com os familiares e a escolha dos pais por gostarem da cidade.

Tabela 4: Local de origem das famílias dos alunos da turma do 5ª ano A-2022

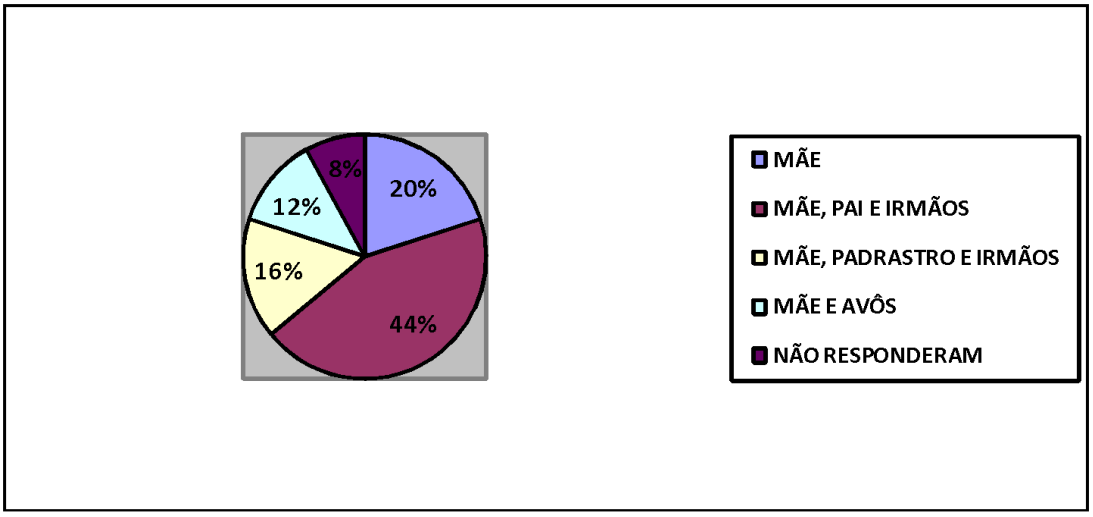
Família originária de Eunápolis						
Motivos	Gostam da cidade	Nunca saíram Falta escolha	Casa própria	Trabalho	Família/ Avôs	Não respondeu
Alunos	04	03	01	02	01	05
Família originária de outras regiões e estados						
Motivos	Gostam da cidade	Nunca saíram	Casa própria	Trabalho	Família /Avôs	Não respondeu
Alunos	03	-	-	04	02	-

Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

A composição familiar dos (as) alunos (as) do 5º ano A, é predominantemente formada por pai, mãe e os irmãos, sendo que dos (as) alunos um citou o cachorro e outro aluno citou o hamster como parte da família. Nos relatos dos (as) alunos (as) aparecem ainda formações familiares nas quais eles moram somente com a mãe, moram com padrasto a mãe

e irmão, e ainda alunos que moram com a mãe e os avós. Aqui dois alunos não responderam a esta questão.

Gráfico 3: Composição familiar dos alunos do 5º ano A-2022.



Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

A atividade apresentou diversas áreas do trabalho, em que os pais e mães dos (as) alunos e alunas atuam quanto à profissão das mães temos vendedora, boleira, dona de casa, auxiliar de serviços, babá, recepcionista, auxiliar de cozinha, manicure designer, doméstica, diarista, pedagoga e mães desempregadas. Entre os pais as profissões relacionadas foram pedreiro, técnico de informática, açougueiro, gráfico/ serígrafista, eletricista, pintor, motorista, empresário, agrimensor florestal e engenheiro agrimensor. Nesta questão quatro alunos (as) da turma não informaram a profissão dos pais, para um melhor entendimento dispomos na tabela abaixo como se concentra os pais e mães dos (as) alunos nestas profissões.

Tabela 5: Profissão das mães e pais de alunos da turma do 5ª ano A-2022.

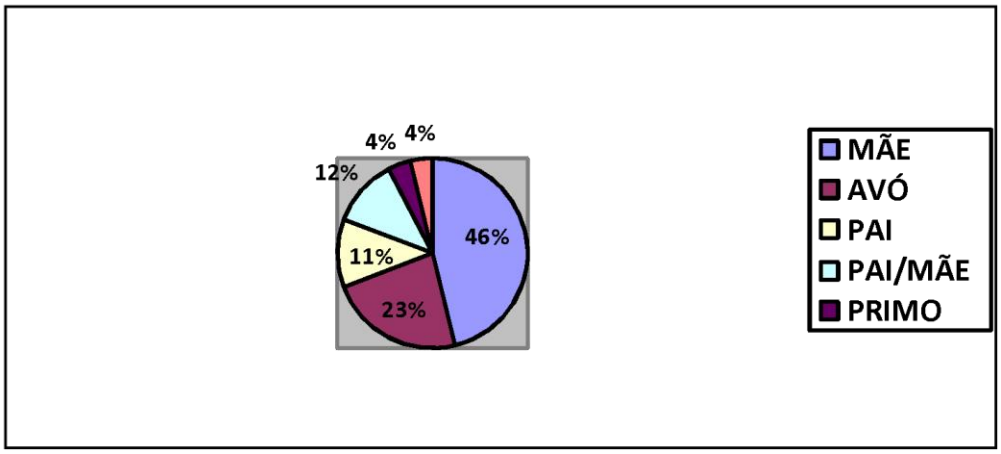
Profissão das mães dos (as) alunos (as)									
Vendedora	Boleira	Dona de casa	Aux. Serviços	Babá	Aux. Cozinha	Recepcionista	Manicure	Doméstica Diarista	Pedagoga
03	01	02	03	01	01	01	01	02	01
Profissão dos pais dos (as) alunos (as)									
Pedreiro	Técnico Informat	Açougueiro	Serígrafista/ Gráfico	Eletricista	Pintor	Motorista	Autônomo	Engenheiro Agrimensor	
04	01	01	02	02	01	01	01	02	

Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

Quando consultados sobre qual a pessoa que eles (as) mais admiram, os (as) alunos (as) responderam em sua grande maioria ser a mãe a figura mais admirável, quando perguntados por que, responderam dentre outras coisas que as mães são trabalhadoras, guerreiras e cuida dele (a) e dos (as) irmãos (ãs), ressaltando ainda sentir muito orgulho dessas figuras. A avó é a segunda pessoa mais lembrada pelos (as) alunos (as) que foram notadas pelo amor e cuidado delas para com eles (as).

A figura do pai como a pessoa mais admirável aparece como a terceira opção entre os (as) alunos (as), aparecendo em seguida à admiração dupla pelo pai e mãe, entre a escolha dos (as) alunos (as) surgiu ainda à figura dos primos que é apontado por parte dos (as) alunos (as), ainda houve o caso de um aluno que disse não ter ninguém a quem admirar. Dispostas as informações em gráfico formado a partir das indicações dos (as) alunos (as) à proporção se daria conforme apresentamos no quadro seguinte.

Gráfico 4: Figuras mais admirada pelos alunos do 5º ano A-2022



Fonte: Atividade de sondagem da turma do 5º Ano E. M. Dom Avelar Brandão Vilela

Quanto ao que se imaginam fazendo ou o que pretendem ser quando crescerem algumas alunas se veem atuando em mais de uma área fazendo uma combinação entre modelo e pastora, estilista e modelo tendo ainda uma aluna que se idealiza sendo cantora e capoeirista, no mais as alunas se imaginam atuando com médicas, veterinárias, dentistas, advogadas pintoras, policial, delegada, repórter e jogadora de futebol. A aluna A. J. G. G de 10 anos (2022) disse “Quero ser jogadora de futebol, ter minha independência e ajudar minha família”.

Os meninos disseram se imaginar no futuro em várias profissões e assim como as meninas foi demonstrado à intenção de uma combinação de ocupações que eles pretendem ter, o que é comum a crianças na faixa etária dos alunos do 5º ano, assim teve alguns que se idealizam sendo ao mesmo tempo advogado e veterinário, piloto de corrida e engenheiro, jogador de futebol e juiz, no mais as ocupações intentada por eles foram engenheiro, jogador de futebol, piloto de corrida escritor, a filantropia ou atuação na área da assistência social deu a entender ser uma opção quando o aluno A. S mencionou querer ajudar aos pobres.

Entre os alunos da turma, o aluno I. A. R. de O. de 10 anos (2022) respondeu que "Vai trabalhar na adolescência para a mãe não precisar pagar aluguel, ter um trabalho de engenheiro, ter a casa antes de namorar e dar para meus pais dinheiro para os remédios e os funcionários. (I. A. R. DE O. em resposta a uma questão da atividade complementar)

A sondagem realizada a partir da atividade complementar nos trouxe informações que nos ajudaram a desenhar o perfil da turma, e nos permitiu perceber que a turma do 5º Ano A é formado alunos (as) que quando não perguntados (as) diretamente ainda não incluem em sua auto- identificação a cor da pele, que ao falar dos cabelos preferem falar da cor se referem a eles como cacheados ou ondulados, este silencio nos leva a refletir sobre o que Nilma Lino Gomes nos diz "o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, que tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2002, p.39)

A turma é formada por alunos (as) que vêem no ato de ajudar aos outros uma qualidade e que a habilidade em usar mídias como o Tik-Tok, também é vista por alguns (mas) deles (as) como boa qualidade, o exercício identificou ainda que uma das atividades preferida por eles e elas é o futebol, sendo que nesta turma a quantidade de meninas que gostam do esporte é superior aos dos meninos.

Dançar, cantar e pintar são atividades que fazem parte de suas vidas, mesmo que o celular e a televisão se apresentem como alternativa para as horas vagas, percebe-se ainda que a tarefa de ajudar em casa continua sendo executada na maioria das vezes por meninas.

A turma é majoritariamente formada por filhos (as) de pais que são naturais deste município e que permanecem na cidade por gostarem da cidade e acharem a cidade um bom lugar para se morar, apesar de alguns (mas) alegarem que seus pais permanecem aqui pelo trabalho, é também o trabalho, a questão familiar e o cuidado com os avós que fez com que os pais originários de outras cidades vizinhas ou de outros estados como Minas Gerais, São

Paulo e Rio de Janeiro viessem a fixar morada no município, 44% dos alunos e alunas da turma têm famílias que seguem o modelo familiar de composição com pai, mãe e irmão, 20% dos alunos e alunas têm a família centrada e chefiada pela das mães, os avós são figuras central em 12% das famílias se fazendo presentes também como responsáveis por estes lares, a presença do padrasto está em 16% das famílias dos alunos e alunas da turma.

Os pais e mães dos (as) alunos (as) atuam em sua maioria na prestação de serviços e trabalham como babás, diaristas, manicure, pedreiros, eletricista, pintor, ou na área do atendimento, vendas e no trabalho formal como recepcionista, vendedoras, pedagoga, motorista, técnico de informática, gráfico, serígrafista, açougueiro e engenheiro agrimensor tendo também pais que atuam como empresário ou como autônomo.

As mães são as personalidades mais admiradas pelos filhos e filhas sendo adjetivadas por eles (as) como trabalhadoras, guerreiras e batalhadoras, em menor número aparecem os pais e os avôs como pessoas admiráveis e são notados por eles (as) como pessoas trabalhadoras, carinhosas e esforçadas. Não podemos aqui afirmar, pois isto carece de uma análise mais profunda, entretanto percebemos indícios de que à pandemia fez com que os pais e mães permanecessem por um maior tempo em casa e esta circunstância pode ter colaborado para que não houvesse menção do nome de pessoas de fora da família, como artistas ou esportistas relacionadas como pessoas a serem admiradas.

Quanto às pretensões futuras dos alunos e aluna a maioria deles demonstrou não querer seguir a carreira dos pais, alguns dos (as) alunos (as) demonstraram interesse na área do esporte, uma área em que para se obter um bom resultado é necessário que haja dedicação de tempo, esforço e concentração metas que seriam alcançadas se eles (as) tiverem acesso estável a uma boa alimentação, saúde e moradia, o que não deixa de ser itens necessários a todos. Os demais sendo a grande maioria apontaram o desejo de atuar em áreas profissionais que dependem de estudo e permanência na escola. Sendo esta uma turma composta por 76% de alunos (as) que fazem parte do grupo de pessoas negras, pensamos enquanto educadores em uma proposta de ensino que vise trazer para estes alunos (as) a história de personalidades locais, mulheres e homens negros que se fizeram ou se fazem presentes e atuantes na formação da cidade, com o objetivo de que a história destas personalidades coopere para aumentar a autoestima destes (as) alunos e alunas e que estas figuras sirvam de inspiração para que alunos e alunas possam construir suas trajetórias de vida cientes de que é possível ir além.

Na extensão deste capítulo apresentamos a presença do racismo no município de Eunápolis a partir de sua história, o exemplo apresentado serve como modelo para refletirmos sobre como tem sido apresentada a figura do homem negro em nosso município.

As minúcias da descrição para identificar o Joaquim Alves Pereira possuem indícios de uma pretensa desqualificação do sujeito negro, dando mostras de como a figura do negro está registrado em nossa história, outro ponto que ficou destacado foi à ocupação que este homem tinha e de como esta profissão foi utilizada para situá-lo no contexto social da época.

A posição que o homem ocupa na escala sócio econômica, por vezes é o que determina o grau de importância de sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social de uma determinada localidade ou região, geralmente os lugares de maior reconhecimento são reservados na história para os homens brancos. Deixando assim de valorizar as ocupações e serviços daqueles que se ocupam de funções que são consideradas subalternas.

Joaquim, o homem negro na história de Eunápolis, só apareceu devido ao fato de não ter como ocultar a sua contribuição no processo de desenvolvimento urbano da cidade. Assim como Joaquim, temos muitos outros homens e mulheres negros que mesmo protagonizando e atuando em seu tempo, são silenciados e excluídos, e são eles/as que precisam falar, são eles/as que precisaram escutar, para então falar sobre nós.

É chegado o momento em que “Torna-se imprescindível afirmar que, durante anos, a sociedade brasileira e a escola distorceram e ocultaram a real participação do negro na produção histórica, econômica e cultural do Brasil, e, sobretudo, questionar os motivos de tal distorção e de tal ocultamento” (GOMES, 2002, p. 43), desse modo, é preciso desconstruir esse princípio do ensino de história baseado no sistema eurocêntrico, que se faz a partir dos “grandes homens” e dos” grandes feitos”, pensando e planejando ações, que cooperem para, descolonizar o ser e o saber, e partindo deste posicionamento proposto por Nilma Lino Gomes, é que pensamos a produção do Artefato/Produto final que será apresentado no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

BIOGRAFIA E SUAS POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

2.1 Apresentação da proposta

A presente proposta de ensino propõe valorizar as ações dos diversos homens e mulheres, seus saberes e histórias respeitando o direito de todos (as) os (as) estudantes, independentemente de sua raça, etnia, credo, classe social, gênero ou orientação, defendendo o direito dos (as) estudantes de terem conhecimento de sua história e da história de sua localidade, a partir de elementos e saberes que os (as) conecte e busque "ressignificar e construir representações positivas sobre o (a) negro (a), sua história, sua cultura, sua corporeidade e sua estética". (GOMES, 2003, p.81).

Esta proposta tem como base os parâmetros legais, que enfatizam a necessidade da construção de práticas educativas, que combatam o racismo nas escolas brasileiras, buscando contribuir para a efetivação da Lei Nº 10.639/2003, que estabelece o Ensino das Relações Étnico-Raciais e se ampara igualmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que embora seja criticado por "caminhar em direção ao processo produtivo capitalista" (CHADDAD, 2015 p.23), ou por ter sido um "documento elaborado, sem consultar, nem chamar para o debate os executores da reforma, que são os professores que atuam no ensino fundamental e médio" (OLIVEIRA, 2003, p. 139), ainda assim consideramos que o PCN é um documento que traz pontos positivos, no sentido de promover novas possibilidades para o ensino de História, quando assegura, que o sujeito histórico pode ser entendido, como sendo os agentes de ação social, sendo eles indivíduos, grupos ou classes sociais", tornando assim, "trabalhadores, patrões, escravos, reis, camponeses, políticos, prisioneiros, crianças, mulheres, religiosos, velhos, partidos políticos, e outros, significativos para estudos históricos". (BRASIL, 1997, p. 28).

Esta proposta se ampara ainda nas orientações da BNCC (2018) para o ensino fundamental, que embora tenha recebido criticas mesmo antes de sua finalização, e nesse sentido a CNTE se manifestou contra a BNCC, criticando a formulação da Base por conter uma "tendência privatista da educação básica pública no Brasil e o

empobrecimento do currículo das escolas presente na Base Nacional Comum Curricular", denunciando que o documento que se construía, "não se tratava de uma Base, mas apenas de um conjunto de objetivos da aprendizagem", apontando que "a redação do documento foi feita sem a participação social e há a necessidade de ser discutida a partir da escola, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e não de dentro do MEC" (CNTE, 2017) [1]. Mesmo após sua elaboração a BNCC seguiu recebendo criticas, em documento a ANPED (2018) [2] denuncia a BNCC por "não levar em conta o direito à diferença; ter a falácia da diversidade sob a forma de uniformização, o controle do trabalho do professor" e ainda [...] se por contra o direito constitucional dos estudantes e da sociedade à educação e à formação cidadã, além de apresentar problemas de intencionalidade e execução" (ANPED, 2018) [3].

Entretanto, apesar dos pontos negativos apontados pelas instituições, a BNCC ainda é um documento para ser observado por se mostrar favorável "a inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente", tais como a "história da África e das culturas afro-brasileira e indígena", com a intenção de que os estudantes tenham a "possibilidade compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar" (BNCC 2018, p. 399).

Desse modo, as orientações contidas no PCN (1997), na Lei 10369/2003 e na BNCC (2018) são respaldos legais que colaboram para o processo de convencimento dos professores na aceitação desta proposta de ensino.

Essa proposta tem por objetivo, utilizar a memória como fonte para a produção de biografias para o ensino de história, valorizando a identidade e a trajetória de pessoas pertencentes, a grupos sociais historicamente subalternizados, percebendo essas pessoas como agentes da história e buscando aproximar o (a) aluno (a) da história do local em que ele(a) vive.

---

[1] Disponível em: https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/70923-debate-sobre-a-bncc-reune-filiadas-da-cnte-em-recife

[2] Disponível em: https://www.anped.org.br/news/em-audiencia-no-cne-anped-e-abdc-aprofundam-critica-ao-documento-da-bncc#:~:text=Dentre%20os%20pontos%20elencados%20pelo,controle%20do%20trabalho%20do%20professor. Acesso em: 25 jan. 2023.

[3] Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/anped_abdc_contrabncc-emago2018final.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

Trazendo a história da cidade a partir de biografia de pessoas comuns, temos o objetivo de que os (as) alunos (as), também se percebam como participantes da história, a partir do protagonismo de seus antepassados, visto que a biografia pode auxiliar na compreensão de que pessoas comuns, assim como eles (as) e seus familiares também fazem história, e atuam no tempo e no local em que vivem. Nesse sentido a biografia de pessoas comuns coopera como referência positiva, para elevar a autoestima dos (as) alunos (as) negros (as), oportunizando a estes (as) alunos (as) negros (as) o direto de conhecer suas origens, sua ancestralidade, cultivando o sentimento de valorização e fortalecendo a formação da identidade do (a) aluno (a) enquanto cidadão (ã).

Nós que trabalhamos no espaço escolar, quase que diariamente, percebemos situações constrangedoras em que os alunos e alunas negros (as) são submetidos(as). Ao dialogar com estes (as) alunos (as) é perceptível em suas falas, o quanto estes (as) meninos e meninas se sentem desvalorizados (as), e nutrem sentimentos de inferioridade a respeito de si, e em outros casos, também sobre suas famílias.

Estudos e pesquisas tais como as desenvolvidos por Lorena Francisco de Souza e Priscila Áquila Satiro Silva (2019) [4] e Denise Gimenez Ramos[5] (2011) que tratam da dificuldade de construir uma identidade negra positiva, trazem indicativos de que lidar com esse sentimento diariamente, faz com que estes jovens desenvolvam uma baixa autoestima, que acaba por se refletir no rendimento escolar e no seu progresso futuro.

Este é um problema que se dá, não somente por conta da classe social, mas sim, porque o racismo "atribui inferioridade a uma raça [...] baseado em relações de poder, legitimadas pela cultura dominante" (CAVALLEIRO 2010, p. 22), e com base em características fenotípicas operando através do preconceito racial, "que são concepções e juízos prévios, geralmente negativos, balizados por estereótipos que faz com que

[4] SOUZA, Lorena F. de. ; SILVA Priscila A. S. Espaço escolar, autoestima e corporeidade negra: reflexões a partir do espaço Vila Esperança e da escola pluricultural Odé Kayodê na cidade de Goiás-GO. Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1473801653_ARQUIVO_alunasnegrasescola.pdf. Acessado em: 10 fev. 2023. Estudo desenvolvido com o objetivo demonstrar como a escola, enquanto espaço de socialização, pode colaborar para a efetivação de práticas discriminatórias ao invés de combatê-las, analisando que ao apresentar expressões discriminatórias, se reforça estereótipos sobre a população negra e mostra que há uma dificuldade em construir uma identidade negra positivada, em identificar as falhas apresentadas no cotidiano escolar que fazem com que o corpo negro seja inferiorizado.

[5]RAMOS, Denise Gimenez. Formação da Identidade e Sentimentos de Autoestima: Um estudo comparativo entre jovens brancos e negros. 2011.

Disponível em: https://www5.pucsp.br/jung/download/formacao_autoestima.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022. Pesquisa desenvolvida com o objetivo de observar os sentimentos de autoestima e de identidade em estudantes negros e brancos no nível fundamental II e médio

crianças e jovens negros, sejam vistos e se sintam como inferiores". (CAVALLEIRO 2010, p. 22) estabelecendo uma relação ou desenvolvendo sentimentos de subalternidade.

Denise Gimenez Ramos[6] (2011) na pesquisa *Formação da Identidade e sentimentos de autoestima: Um estudo comparativo entre jovens brancos e negros,* traz importantes contribuições para nossa proposta, auxiliando na compreensão, de como os (as) estudantes negros (as) se sentem em comparação aos colegas brancos, ao evidenciar e analisar a nítida diferença existente entre os afro e europeu – descendentes, quanto aos sentimentos sobre sua origem, ancestralidade e autoestima. E neste sentido nossa proposta pode contribuir estes (as) jovens negros (as) a tomar conhecimento de sua origem e de sua ancestralidade, por meio das biografias de pessoas negras que serviriam de referências positivas para estes (as) jovens alunos (as).

Baseada em dados, Denise Gimenez Ramos (2011), demonstra a partir do ponto de vista psicológico, que os (as) jovens descendentes de europeus, revelaram orgulho e sentimento de pertencimento, enquanto que os (as) afros descendentes, na sua grande maioria, revelaram desconhecer sua origem e apresentaram baixa autoestima, sentimentos de desvalorização de si mesmo e de sua família, indicando que, o sentimento de inferioridade, se sobressai quando os (as) jovens negros (as) se comparam aos (as) colegas brancos (as). O estudo conforme nos diz a autora confirma a hipótese de que existe um complexo cultural, advindo provavelmente do trauma que atravessa gerações.

Lembrando que Ramos desenvolveu o estudo em uma escola pública, espaço em que tanto alunos (as) brancos (as) quanto alunos (as) negros, se assemelham na condição econômica, o preconceito apareceu marcando visivelmente a vida dos (as) alunos (as) negros (as), confirmando que esse sentimento independe da classe social e aparece quando os (as) jovens negros (as) se comparam aos (as) colegas brancos (as), e que o (a) aluno (a) negro (a) associa a pele negra com sentimentos de inferioridade, corroborando a hipótese da existência de um complexo cultural, advindo provavelmente do trauma intergeracional da escravidão, e que este fato pode se refletir

6 RAMOS, Denise Gimenez. Formação da Identidade e Sentimentos de Autoestima: Um estudo comparativo entre jovens brancos e negros. 2011.

na vida presente e futura destes (as) jovens que por princípio já se sentem prejudicados (as) (RAMOS, 2011. p. 1-50) [7].

Assim, o estudo evidencia que apesar das diversas transformações e mudanças no campo das relações, a sociedade ainda mantém visões e valores que foram estabelecidos pelo colonizador europeu. E sob essa lente, a cor da pele é mais do que a aparência externa do indivíduo, "a cor da pele identifica os descendentes dos povos que foram escravizados como uma marca visível, sendo associada a sujeitos e sujeitas inferiores" (RAMOS, 2011. p. 51)

A partir de uma análise psicológica, no livro *Pele branca máscaras negras,* Fanon (2008, p.28), corrobora com essa discussão ao afirmar que "em todo povo colonizado há complexo de inferioridade [...] seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade".

Do mesmo modo Neusa Santos (1998) em sua obra *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social,* em uma analise psicológica diagnostica que "a violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir".

Grada Kilomba (2009), igualmente utiliza da abordagem psicológica para analisar as singularidades do colonizado e o racismo cotidiano a que são expostos os sujeitos negros. Em seu o livro *Memórias de Plantação, Episódios de racismo cotidiano,* Kilomba discute a forma traumática como o racismo separa de modo violento o indivíduo negro de qualquer identidade que ele possa vir a ter, ressaltando que,

> O trauma das pessoas negras provém não apenas dos eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbárie do mundo branco que é a irracionalidade do racismo, que nos coloca sempre como a/o outra/o, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum. (KILOMBA, 2019, p. 40).

Fanon, Neusa Santos, Grada Kilomba e Denise Ramos, em suas obras falam da importância do trabalho de conscientização desta ferida para levar os (as) jovens negros (as) a "entender esse processo traumático e colocá-los numa posição que faz jus a sua

[7] . RAMOS, Denise Gimenez. Formação da Identidade e Sentimentos de Autoestima: Um estudo comparativo entre jovens brancos e negros. 2011.

real capacidade". (RAMOS, 2011, p.50). Sugerindo como condição de cura, a construção de "Um novo Ideal de Ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a História. Um Ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da História" (SANTOS, 1998, p. 53), o que nas palavras de Kilomba,

> Apenas imagens positivas, e eu quero dizer imagens positivas, e não idealizadas da negritude, criadas pelo próprio povo negro, na literatura e na cultura visual, podem desmantelar essa alienação. Quando pudermos, em suma, nos identificar positivamente com e entre nós mesmos e desenvolver uma autoimagem positiva. (KILOMBA, 2019, p. 114)

Os estudos de Denise Gimenez Ramos, Frantz Fanon, Neusa Santos e Grada Kilomba indicam ser necessário um processo de descolonização da mente e do ser, para que as pessoas negras rejeitem a condição de subalternizadas, vençam o racismo cotidiano e ocupe espaços iguais na sociedade. No entendimento de Kilomba:

> Descolonização refere-se ao desfazer do colonialismo. Politicamente, o termo descreve a conquista da autonomia por parte daquela/es que foram colonizadas/os, portanto, envolve a realização da independência e da autonomia. A ideia de descolonização pode ser facilmente aplicada no contexto de racismo, porque o racismo cotidiano estabelece uma dinâmica semelhante ao próprio colonialismo: uma pessoa é olhada, lhe é dirigida a palavra, ela é agredida, ferida e finalmente encarcerada em fantasias brancas do que ela deveria ser. Para traduzir esses cinco momentos em linguagem colonialista militarista: a pessoa é descoberta, invadida, atacada, subjugada e ocupada. Ser "olhada" torna se análogo a ser "descoberta" etc. [...] De fato, gosto da metáfora do racismo cotidiano como um ato de colonização, porque o colonialismo jaz exatamente na extensão da soberania de uma nação sobre um território além de suas fronteiras – e é essa também a experiência do racismo cotidiano. (KILOMBA, 2019, p.224)

Grada Kilomba (2019) discute e analisa o racismo cotidiano e sua realidade traumática em uma obra centrada em sujeitos, utilizando a abordagem da narrativa biográfica, por considerar que a perspectiva biográfica permite, não apenas aprender sobre as experiências atuais de racismo dos entrevistados, mas também, por ser uma perspectiva, que possibilita a reconstrução da experiência negra dentro do racismo. Kilomba afirma que, focar no sujeito não é uma forma privilegiada de pesquisa, mas um conceito necessário, pois, a "experiência do racismo não é um acontecimento momentâneo ou pontual é uma experiência contínua que atravessa a biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de pressão racial, escravização e colonização". (KILOMBA, 2019, p. 85-86)

A perspectiva adotada por Grada Kilomba (2019) fortalece nossa intenção nesta proposta de usar a memória para a produção de biografia de sujeitos subalternizados para demonstrar seu protagonismo, na formação cultural e socioeconômica da cidade, para que seus relatos de vidas e experiências vividas possam colaborar para o conhecimento do passado e para o fortalecimento desses (as) jovens estudantes, no processo de superação do sentimento de inferioridade gerado pelo racismo e pela experiência do racismo, porque esta experiência está no cotidiano e "não é um "ataque único" ou um "evento discreto", mas sim uma "constelação de experiências de vida", [...] um "padrão contínuo de abuso" que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém" (KILOMBA, 2019, p. 80).

Tratar de preconceito e racismo é lidar com temas sensíveis, que estão diretamente ligados ao período de escravidão que não pode ser esquecido, nesse sentido "o dever de memória está relacionado, então, ao inextricável comprometimento entre o ensino de História e a justiça e [...] tem o compromisso de buscar estratégias para realizar os objetivos de uma educação para os direitos humanos" (PEREIRA E PAIM, 2018, p.1248).

Assim através da memória, buscamos a aproximação e compreensão, por parte dos (as) alunos (as) sobre o passado, traçando um caminho para a produção de um ensino com a intencionalidade de que estes (as) alunos (as) tenham plenos direito à memória e a cidadania, oportunizando a estes (as) jovens problematizar e enfrentar questões contemporâneas, se colocando de forma crítica e consciente com base em princípios éticos e democráticos, desse modo, essa proposta se justifica por ser direcionada, a estudantes do ensino fundamental, precisamente aos (as) estudantes do 5º ano da escola pública municipal D. Avelar Brandão Vilela, localizada no município de Eunápolis, na Costa do Descobrimento, cuja maioria dos (as) alunos (as) matriculados nessa escola, da rede pública de ensino é declarada preta ou parda conforme categorização do IBGE e cuja maioria de pais e mães desses (as) alunos(as) ocupam funções que são historicamente subalternizadas.

Se tornando relevante também, para a comunidade, porque "[...] sentimentos e percepções de superioridade, inferioridade, relações de imposição e de submissões não se constroem nem única, muito primeiramente na escola. [...] relações étnico-raciais fazem parte da vida das pessoas, tanto na vida direta quanto pela experiência de outros [...]" (PETRONILHA. 2011. p. 22-23) e neste ciclo a educação é a via para a

construção de uma sociedade com sentimentos antirracistas, mais igualitária e justa a partir de práticas embasadas na ética, no respeito e na autonomia do educando, pois, a educação tem o poder de transformar sujeitos e ajudá-los a melhorar sua vida e vida da comunidade em que ele vive.

Visto que a subalternização do povo negro, não foi uma escolha, mas sim uma condição a que ele foi submetido, a partir da colonização, da escravidão e do racismo, que buscou desumanizar o negro e impor o poder de dominação, e que mesmo com a desagregação do sistema social escravocrata, "A espoliação social [...] se mantém, com [...] novos elementos que lhe permitam justificar-se. E todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social." (SANTOS, 1982, p.20), a construção do estereótipo do negro como preguiçoso e negligente, tende a justificar a sua inferioridade frente aos grupos dominantes, na intenção de naturalizar a condição do negro como subalterno[8], surgindo daí, a precisão de historicizar as experiências de vidas de homens e mulheres negros, que foram postos na subalternidade não por opção, mas por um sistema colonial, cujas tecnologias de dominação, continuam operando até os dias de hoje na sociedade.

A este respeito, Gayatri Chakravorty Spivak (2010, p.47), esclarece que a "subalternidade surge como resultado da ação violenta da colonização, e é o mais claro exemplo disponível da violência epistêmica de um projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como, Outro", e ainda, que esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária subjetividade (SPIVAK, 2010).

A ação violenta do colonizador impactou, de modo contundente nossas subjetividades e a construção da nossa própria imagem, surtindo efeitos negativos que nos afetam psicologicamente, alguns autores como Neusa Santos (1998) Franz Fanon (2008), Grada Kilomba (2009), Denise Gimenez Ramos (2011) em seus estudos e pesquisas, falam dos corpos racializados e analisam os danos psicológicos, causados por esta relação de domínio e exploração colonial, como ela afeta a construção de nossa

[8] LINO Tayane R., *O lócus enunciativo do sujeito subalterno: Fala e emudecimento. UFMG, 2015.* Tayane Rogeria Lino, explica que para Gayatri Spivak (2004) o uso do termo subalterno não é apenas um sinônimo para oprimidos ou para os "outros". Os subalternos são sujeitos e grupos sem autonomia, submetido a outro grupo social, não possuindo posição própria legítima e se afastando de uma posição hegemônica, "os que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente". Assim o subalterno é aquele que tem a fala impedida de reconhecimento e consequentemente escuta. (2015, p.74

imagem de forma positiva e interfere no nosso cotidiano, indicando ser necessário um processo de descolonização do pensamento, para romper com este complexo de inferioridade. Nessa perspectiva os Estudos Decoloniais se mostram importantes para a compreensão das relações estabelecidas no mundo moderno "que inventou e, ao mesmo tempo, subalternizou populações indígenas, povos africanos, muçulmanos e judeus". (BERNADINO-COSTA e GROSFOGUEL, 2016, p.18) criando hierarquias. Ademais os Estudos Decoloniais são importantes porque traz para o centro das discussões a raça e o racismo e questiona estas relações de poder, indicando e demonstrando a relação entre as estruturas de poder e o impacto nas subjetividades, pois na incursão colonial,

> Nuevas identidades fueron creadas en El contexto de la colonización europea en las Américas: europeo, blanco, indio, negro y mestizo, [...] Algunas identidades denotan superioridad sobre otras. Y tal grado de superioridad se ca en relación con los grados de humanidad atribuidos a las identidades. En términos generales, entre más clara sea la piel de uno, más cerca se estará de representar el ideal de una humanidad completa. (MALDONADO TORRES, 2007, p. 132).

O discurso colonial destituiu o corpo colonizado de vontade e de subjetividade e criou uma hierarquia com base no tom de pele, que destinava o colonizado e em especial a mulher e o homem negro a um lugar social de inferioridade, destituído de voz.

Assim com base nos estudos decoloniais podemos utilizar a biografia e através delas as falas, experiências e saberes dos subalternizados para operar na desconstrução da subalternidade, em um projeto que é defendido Bernadino-Costa e Ramón Grosfoguel (2016, p.18), como um pensamento de fronteira que dialoga com a modernidade, porém a partir da perspectiva subalterna. Em outras palavras, o pensamento de fronteira é a resposta epistêmica dos subalternos ao projeto eurocêntrico da modernidade, em que as fronteiras, não são somente espaços para se reinventar diferenças, mas sim *lócus* onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos. (BERNADINO-COSTA e GROSFOGUEL, 2016, p. 18-19)

Do mesmo modo podemos pensar a utilização da biografia, a partir de Maldonado Torres (2019), um dos expoentes das teorias pós-coloniais, que desenvolveu o conceito da colonialidade do ser, na intencionalidade de explicar a "questão sobre os efeitos da colonialidade na experiência vivida, e não apenas na mente de sujeitos

subalternos" (ALCÂNTARA e et al, 2017, p.7), considerando a colonização, seus impactos e como ela influencia na linguagem e na construção da subjetividade. Torres (2019) oferece uma grande contribuição para o pensamento decolonial ao sugerir o rompimento com a colonialidade expressa do poder, do saber, e do ser a partir do "giro decolonial" que "está no nível da atitude". Desse modo a biografia ajudaria neste giro porque se comportaria como uma atitude que associa a "teoria e prática alicerçada nas trajetórias, sensibilidades e memórias de antepassado" (NOGUEIRA, 2020, p.43).

Maldonado Torres (2019) nos leva a entender que o "giro decolonial" propõe romper com o poder do colonizador sobre os sujeitos que foram subalternizados e através de ações, descaracterizar o poder do colonizador como superior, colaborando para que o subalternizado retome seu próprio saber, para criticamente analisar os efeitos das ações do colonizador e romper com sua estrutura. Dessa forma, as biografias podem contribuir para que os estudantes acessem saberes dos subalternizados, aprendam com os saberes e com as experiências de vida, possam se ver na história e consigam analisar criticamente as relações de poder existentes no local.

Nesta perspectiva, é fundamental entender as diversas opressões que atingem, ainda hoje, os sujeitos subalternizados, assim como, a compreensão do lugar em que estas pessoas estão posicionadas na sociedade, para pensar a ação a partir do Ensino de História.

> O fato de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir do lugar epistêmico subalterno. Justamente, o êxito do sistema-mundo moderno/colonial reside em levar os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial a pensarem epistemicamente como aqueles que se encontram em posições dominantes. [...] Em outras palavras, o que é decisivo para se pensar a partir da perspectiva subalterna é o compromisso ético-político em elaborar um conhecimento contra-hegemônico. (BERNADINO-COSTA e GROSFOGUEL, 2016, p. 18-19)

Os Estudos Decoloniais se compõem de contribuições, que nos ajudam a compreender o discurso colonial, que via os corpos colonizados como "Corpos destituídos de alma, em que o homem colonizado foi reduzido a mão de obra, enquanto a mulher colonizada tornou-se objeto de uma economia de prazer e do desejo. Mediante a razão colonial, o corpo do sujeito colonizado foi fixado em certas identidades" (BERNADINO-COSTA e GROSFOGUEL, 2016, p. 18-19) que nos estigmatiza socialmente, interferindo nas relações entre homens e mulheres e entre mulheres

brancas e mulheres negras, nesse sentido se faz importante um diálogo com as teóricas decoloniais de gênero, porque,

> a perspectiva decolonial é acentuada por feministas decoloniais que argumentam sobre a íntima relação entre sistema colonial e de gênero, considerando diversidade da subordinação de mulheres brancas, indígenas e negras, quebrando-se com o princípio de um feminismo eurocêntrico, de uma mulher universal, identificando múltiplas subordinações como a de gênero e de raça/etnicidade, focalizando mulheres negras e indígenas. Também é em escritos de feministas decoloniais que se têm elaborações de como a organização patriarcal, via a heterossexualidade compulsória, colaboraria com a colonialidade do poder por forças coloniais como a Igreja e o Estado imperial, e como tais forças continuariam a colonizar corpos e mentes hoje (CASTOR, 2020, p. 47)

Maria Lugones (2014), uma das expoentes do feminismo decolonial, defende que "descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada, visando uma transformação vivida do social", nesse sentido, nossa proposta dialoga com pensamento desenvolvido por Lugones, na medida em que as biografias também é um processo de escuta das vozes de mulheres negras, em que estas mulheres são vistas atuando no mercado de trabalho, provendo seu sustento e sendo protagonistas de suas vidas, colaborando com suas histórias de vida para o fortalecimento da autoestima de outras mulheres negras.

Desse modo essa é uma proposta de ensino de História que busca sair da perspectiva tradicional moderno/colonial dialogando com a decolonialidade na perspectiva de um diálogo com a modernidade, porém a partir das perspectivas subalternas, defendida pelos expoentes Bernadino-Costa, Ramon Grosfoguel (2016) e Maldonado Torres (2019), se embasando no pensamento de uma educação antirracista valorizando histórias e trajetórias de vida de personagens, que fazem parte de grupos sociais que comumente são invisibilizados, no material didático e nos currículos de história. Ainda nesta mesma linha de considerações, trato aqui de esboçar um caminho para romper com uma prática de ensino, que por muito tempo esteve sob égide da ação opressora eurocêntrica que, exclui o diálogo com o aluno e sua realidade, e estabeleceu no ensino uma relação em que "em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem" (FREIRE, 2005, p. 34). Dialogando com Freire podemos dizer que são retirados dos (as) alunos (as) o direito de conhecer a sua história

e dos seus antepassados, da sua região. Dessa forma essa proposta trabalha para romper com este modelo de ensino que tem se embasado em uma concepção "bancária" de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2005, p. 34).

Como parte dessa estratégia de Ensino de História, apresento a biografia como uma possibilidade de despertar o interesse do aluno ao relacionar o que é ensinado com sua realidade e seu cotidiano, dando ao aluno a condição de analisar, comparar situações e desenvolver a "consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele." (FREIRE, 2005, p. 34).

A construção da consciência crítica envolve teorias e práticas cujo objetivo, é subsidiar indivíduos, grupos e movimentos socialmente marginalizados, para o conhecimento das causas e para a superação do estado de marginalização, sob tal prática os autores e pesquisadores Maria Margarida Dias de Oliveira e Itamar Freitas (2016, p. 471-480) discorrem ao analisar a relação entre o Ensino de História e a consciência crítica, explorando a obra de Paulo Freire e de Jörn Rüsen, fazendo uma comparação entre o que Freire denominava como consciência crítica e Rüsen denomina como consciência histórica genética. Suas análises indicam que a consciência crítica seria a conscientização, um processo que vai além da área educacional, e envolvem ações de empoderamento de indivíduos e grupos segregados, os autores identificam que os trabalhos de Paulo Freire (1936-1974), inspiraram pesquisadores de vários países que se empenharam em formular teorias e práticas[9] para a construção da consciência crítica, às estruturando em várias etapas, dentre as quais se encontram a "reflexão crítica e ação crítica", a "motivação crítica", o "conhecer questões de justiça e igualdade social" e por fim a "habilidade de ler criticamente as condições sociais".

Ademais, os autores pontuam que a consciência crítica é a meta de projetos que são sustentados por quatro grandes procedimentos, que são atribuídos ao indivíduo ou ao grupo moderador que dele se encarrega, dentre os procedimento identificados, se encontra a recomendação de "fomentar a criação de identidade coletiva e o caminho

[9] No trabalho *Ensino de História e Formação da Consciência Crítica*, Margarida Oliveira e Itamar Feitas apresentam as teorias e práticas desenvolvidas pelos pesquisadores mundiais e detalham as etapas e os procedimentos para a formação da Consciência Crítica apontada por eles. Para saber mais veja: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. FREITAS, Itamar. Ensino de História e Formação da Consciência Crítica. In: Ana Heloisa Molina; Carlos Augusto Lima Ferreira. (Org.). **Entre Textos e Contextos**: caminhos do Ensino de História. Curitiba: CVR, 2016. P. 471-480.

indicado, inclui, por exemplo, a leitura e a produção de histórias de vida, a denúncia de estereótipos negativos, simbolização de ideais de vida, empregando fotografias, filmes etc., e a expressão de crenças e opiniões" (OLIVEIRA e FREITAS, 2016, p. 471-480).

Paulo Freire (2005) defendia como objetivo da educação, a conscientização dos estudantes de sua condição de oprimido, para que pudessem agir em favor de sua libertação, e postula que para a superação desse modelo educacional, se estabeleça uma ação dialógica com o aluno, que serve de libertação, dessa forma o ensino se dá por meio da atuação em que "o professor vai juntamente ao aluno construindo o conhecimento sem estabelecer para com ele um papel repressor, na intenção de formar um sujeito crítico, processo conhecido por síntese cultural, uma das maiores contribuições para os estudos decoloniais" (RAPOSO, ALMEIDA E SANTOS, 2020, p. 12).

Desse modo a partir dessa proposição percebemos a proposta de Freire (2005), se adéqua aos "ideais decoloniais no sentido de a síntese cultural de Freire comporta-se como a expressão do giro decolonial (MALDONADO-TORRES, 2019), na medida em que é uma atitude para romper com a colonialidade na expressão de poder, de saber e de ser". (RAPOSO, ALMEIDA E SANTOS, 2020), se movimentando no sentido contrário ao sistema dominante, o que propicia pensar que o "ensino de história aliado às concepções antirracistas e decoloniais viabiliza uma maior aproximação com a realidade dos estudantes, bem como uma transformação do conhecimento, do saber,". (ARAÚJO, PERUSSATTO E STAUDT, 2019, p. 09), pois o ensino de história,

> Viabiliza a aquisição sistemática da "experiência humana", ou seja, informa sobre as questões e os modos encontrados pelos diferentes sujeitos para resolver os grandes problemas a cada época (conhecer/reconhecer situações de desafios e respostas) "[...]. Isso equivale a dizer que os educandos são induzidos a perceber que a história não é feita apenas "pelos exércitos e governos". Todo "o povo" faz história – todos são protagonistas e a mudança é possível. (FREITAS E OLIVEIRA 2016, p. 471-480).

Essa tem sido uma abordagem que tem se feito presente nos trabalhos e pesquisas que se voltam para o campo do Ensino de História, as produções de professores/pesquisadores, tem colaborado para que o Ensino de História caminhe em sintonia com uma sociedade contemporânea, pensando principalmente as demandas das

"Maiorias Minorizadas" [10] (SANTOS, 2020), e contribuindo para que esses grupos tenham o direito de se ver representados em um ensino mais plural. Em vários desses trabalhos, os (as) pesquisadores (as) vêm ampliando o leque de recursos metodológicos para construir um ensino de história decolonial e antirracista que dê conta dos objetivos do Ensino de história.

Entre os métodos que vêm sendo utilizados por professores/ pesquisadores estão a Biografia e a Memória e estes trabalhos trazem importantes contribuições e servem de inspiração, na medida em que buscam trazer para a sala de aula, pesquisas e métodos desenvolvidos nas academias, em um retorno que envolve novos olhares e novos objetivos, e considerando que esta proposta se enquadra nesta abordagem de ensino e tem como perspectiva a valorização de pessoas comuns por meio do ensino de história é que apresentamos esta proposta para a escola D. Avelar Brandão Vilela.

2.2 Apresentação da proposta: Um diálogo com a direção da escola, coordenação e professora regente.

Conforme informamos anteriormente, a escola D. Avelar Brandão Vilela é o espaço em que atuamos profissionalmente, e por isso sentimos segurança para solicitar o espaço para a aplicação da proposta, uma vez que a comunidade escolar tem conhecimento do nosso compromisso com os estudos do Ensino das Relações Étnico-Raciais.

Após os passos citados na introdução, que envolveram negociação com a equipe diretiva da escola, passamos a aplicar o projeto. O primeiro passo foi a sondagem que foi realizada através de questionários. Ela nos trouxe informações importantes, que ajudaram a desenhar o perfil da turma e fazer uma análise sobre a realidade dos (as) alunos (as), de suas famílias, e nos aproximou, proporcionando chegar um pouco mais perto da realidade de vida desses (as) alunos (as), percebendo seus planos e áreas de

[10] Conceito teórico, desenvolvido pelo cientista social, professor e comunicador Richard Santos que compreende Maioria Minorizada como o grupo social majoritariamente formado por pretos e pardos (negros) conforme categorização do IBGE que, conquanto conformem a maioria demográfica da população brasileira, é minoria em termos de acesso a direitos, serviços públicos, representações políticas, e, que racializados como seres inferiores , sofrem apagamento identitário, são desindentificados (as), tornando-se, portanto "minorias" no acesso a cidadania, e "maiorias" em todo o processo de espoliação econômica, social e cultural.

interesses. As informações colhidas nortearam a sequência didática e a seleção dos biografados que são as personagens centrais do *e-book*.

Ao aceitar a proposta, foi aceito também a possibilidade de um ensino que não está preso aos conteúdos e nos apresenta o perfil de uma escola que pensa o currículo como flexível, o que coaduna com o que a instituição propõe em seu PPP, quando diz se importar com a realidade do aluno e primar por um futuro, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e atuantes, trazendo como justificativa "considerar os interesses as motivações dos alunos, e a fim de garantir as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos" (PPP, 2018-2022, p. 11).

A escola não é o único espaço responsável por constituir a cidadania, mas ela se torna um lugar importante, por ser um espaço institucional no qual se realiza um projeto educacional podendo viabilizar "que as ações pedagógicas dos educadores se tornem educacionais na medida em que as impregna das finalidades políticas da cidadania que interessam aos educandos" (SEVERINO, 1992, p.13).

A realidade do Brasil é que a maior parte dos estudantes para ter acesso aos estudos depende da escola pública, o que torna esta instituição responsável pelo ensino de boa parte da população que compõe a sociedade em que a existência real e marcada pelos aspectos econômicos, e a escola por seu lugar de mediadora deve ser pensada para preparar "os educandos para o trabalho, para a vida social e para a cultura da consciência sem degradá-los, sem submetê-los a opressão social e sem aliená-los" (SEVERINO, 1992, p.12)

Para Antonio J. Severino (2012) devido à potencialidade, o conceito de cidadania tem sido banalizado e vem sendo utilizado para mascarar tudo o que é de seu contrário, diante deste uso displicente e banalizado o autor se propõe a resgatar o conceito de cidadania, reatribuindo-lhe toda sua densidade, explicando que

> Cidadania deve ser entendida como uma condição de existência, uma qualidade da vida real, um modo do existir histórico concreto das pessoas singulares, não fechadas em si mesmas, mas totalmente integradas na rede do convívio social. Nada mais distante da condição de cidadania do que o individualismo egocêntrico e egoísta. (SEVERINO, 2012, P.60-61)

Assim a apresentação e o objetivo dessa proposta foram marcados também, por reflexões sobre como podemos contribuir, para que o (a) aluno (a) se torne um (a) cidadão (ã) consciente de seus direitos e como agir diante da negligência do Estado, frente às necessidades básicas, que nega a cidadania principalmente a pessoas

pertencentes a grupos menos favorecidos, considerando também, que fazemos parte deste grupo de pessoas, que compartilham deste desamparo social, devido à inexistência de instituições que nos ampare em relação à saúde, lazer, saneamento básico, empregos dignos, segurança. Outro ensinamento que ficou deste diálogo, é que a luta conta o racismo, não é a luta de um só, precisamos de aliados e este movimento tem que ser feito em grupo, um auxiliando o outro no combate a desigualdade, para então sermos mais fortes na luta antirracista.

As possibilidades que hoje temos para o ensino de historia são resultado de diversas discussões e análises, que vem ocorrendo ao longo do tempo sobre seu ensino e o conteúdo a ser ensinado. O Ensino de História e a História enquanto disciplina passou por mudanças e adequações até chegar ao modo como o conhecemos atualmente, estes processo por muitas das vezes coincidiram com momentos políticos relevantes no nosso país.

Os resultados das discussões, reflexões e reivindicações feitas ao longo dos anos resultam em importantes resoluções, que foram estruturantes para o avanço no ensino, pois proporcionaram novas abordagens e a inserção de outros conteúdos no ensino de História, dentre estes avanços podemos mencionar a aplicação na sala de aula de temas de pesquisas desenvolvidas nas universidades como é o caso das biografias.

2.2 A biografia no ensino de História

Apesar do longo tempo que ficou afastada da narrativa histórica, temos hoje um "retorno da biografia ao campo do conhecimento histórico" (SCHMIDT, 1999, p.192). O retorno do gênero biográfico se relaciona com a crise do paradigma estruturalista que emergiu na década de 1960 e 1970, momento no qual a universidade se estabeleceu como *lócus* da produção historiográfica e elegeu a biografia como uma forma legítima de se pensar e escrever histórias. Sob a influência da segunda geração dos *Annales* e do marxismo, a interpretação da história se tornou mais inovadora, voltando os olhares para movimentos de média e longa duração, para as estruturas sociais e econômicas e para os atores coletivos. Essa nova interpretação proporcionou a revalorização das singularidades no campo das ciências humanas, que retomou a biografia com uma nova roupagem, a transformado em um gênero mais reflexivo. Essa foi uma tendência internacional que surgiu com a nova história francesa, o novo marxismo britânico e a

micro-história italiana e inspirou de forma criativa o surgimento de obras nacionais, cujos trabalhos se fez mais notório em meados de 1980, quando diversos historiadores brasileiros voltaram a investir nas produções biográficas para lidar com problemas de pesquisa bastante diversos. (SCHMIDT in CARDOSO; VAINFAS, 2012) [11]

O retorno da biografia se deu a partir de novos aportes teóricos metodológicos, que proporcionaram espaço a novos sujeitos, deixando a supervalorização dos "grandes personagens" ou "sujeitos excepcionais" na história brasileira e passando a repensar fatos consagrados de nossa história, a partir das trajetórias individuais e a articulação do sujeito em um contexto específico, em que os personagens biografados também fossem as pessoas comuns.

Parte da valorização da biografia foi impulsionada em especial pelos jornalistas, que com suas releituras da história produziram obras que alcançaram sucesso e se popularizaram, mas independente da origem de sua produção, quer seja histórico, político ou jornalístico, o êxito da biografia é inegável.

No campo da história, a biografia é abordada a partir de um problema de pesquisa e segue referências e normas próprias, que são ligadas a este campo de estudo restaurando o sujeito na historiografia. Refiro-me aqui ao novo modelo de biografia que sob o viés da História-Problema permite a compreensão de estratégias individuais e amplia a competência interpretativa da realidade.

O emergir da biografia nos meios acadêmicos, tem incentivado a volta da biografia para a sala de aula, com propostas ligadas ao ensino de história, estas produções estão trazendo para o centro, aqueles que sempre estiveram à margem, utilizando a biografia para compreender as estratégias individuais de pessoas comuns se pautando pelos "procedimentos de pesquisa e pelas formas narrativas, próprias a essa disciplina que se propõe a explicar e/ou a compreender o passado" (SCHMIDT in CARDOSO; VAINFAS, 2012) [12].

A biografia tem se tornado um método possível para construir uma proposta de ensino com inspiração decolonial, antirracista, na medida em que o conteúdo das

[11] SCHMIDT, Benito Bisso. "História e Biografia". In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, (org.). Novos domínios da História. Rio de Janeiro. ELSEVIER, 2012, p. 202-203

[12] SCHMIDT, Benito Bisso. "História e Biografia". In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, (org.). Novos Domínios da História. Rio de Janeiro. ELSEVIER, 2012, p.195

biografias “organiza o saber para construir um novo a partir de um olhar no passado. Não em qualquer passado, mas naquele que se perpetua no presente, que é atual, sendo, entretanto, encoberto pelas narrativas do norte global, mas que informa a cultura e a história verdadeira do povo oprimido. (RAPOSO, ALMEIDA E SANTOS 2020, p. 12).

Entretanto, é preciso que haja um diálogo entre a proposta e a estrutura prática e metodológica, presentes nas escolas públicas. Para atender a estas demandas temos como apoio competências e habilidades da BNCC.

A BNCC ressalta que “todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos” (BNCC, 2018, p. 395). Para o Ensino Fundamental - Anos Iniciais 1º ao 5º ano, a BNCC afirma que as habilidades trabalham com diferentes graus de complexidade, entretanto o objetivo primordial para os Anos Iniciais é “o reconhecimento do “Eu”, do “Outro” e do “Nós”. Com a ampliação de escala e de percepção, mas o que se busca, de início, é o conhecimento de si, das referências imediatas do círculo pessoal, da noção de comunidade e da vida em sociedade”. (BNCC, 2018, 403).

Considerando que esta proposta é pensada para alunos (as) do 5º Ano A, e que estes alunos (as) têm em sua família e em seu ciclo pessoal de relacionamento, pessoas cujas ocupações ainda são vista como subalternas na sociedade, e tendo em vista que, utilizamos método biográfico para a valorização das estratégias e das histórias de pessoas, cujas ocupações historicamente foram subalternizadas na história, identificamos que esta proposta de ensino enquadra-se desta forma em duas competências específicas da BNCC, que recomenda:

> 1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
>
> 2. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018, p. 402)

.

Do mesmo modo em diálogo com a BNCC, e observando os objetivos específicos para o ensino de história identificamos que a proposta de ensino se adéqua às habilidades (EF05HI07) e (EF05HI09) para serem desenvolvidas com alunos (as) do 5º ano, sendo que estas propõem:

- (EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. (BRASIL, 2018, p. 415)

- (EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais. (Ibidem)

Desse modo, com base nos parâmetros legais, observando os objetivos do ensino de história, buscamos atender as necessidades de aprendizagens dos (as) alunos (as), desenvolvendo um produto final com o objetivo de contribuir com a ampliação do conhecimento dos (as) alunos (as) a partir da valorização e reconhecimento da participação de pessoas comuns na formação social e econômica na história da localidade, buscando colaborar para uma melhor vivencia social e para seu desenvolvimento futuro a partir do estudo de história utilizando pequenas biografias.

2.3 Biografados, o caminho até os personagens

A construção do produto final se deu tendo como foco a aplicabilidade da biografia na sala de aula junto a alunos (as) do ensino fundamental anos iniciais, o amadurecimento da idéia fez surgir ao longo do processo questões que nos direcionaram a refletir sobre como articular o uso da biografia com a identificação do (a) aluno (a) com o que fosse ensinado.

Como forma de compreender melhor como poderia se dar esta articulação buscamos conhecer mais de perto a realidade da turma do 5º ano A, para isso tivemos no primeiro contato com a turma a aplicação de um exercício de sondagem, esta atividade foi de extrema importância para o direcionamento da proposta. Com o resultado da sondagem conseguimos traçar o perfil da turma, avaliar melhor o conhecimento que eles (as) tinham sobre a história da cidade, além de tomarmos conhecimento sobre suas áreas de interesse, seus sentimentos com referência a si próprios e sobre aqueles (as) que os (as) rodeiam. As informações colhidas nos possibilitaram identificar naquele momento o sentimento que os (as) alunos (as) nutriam por seus pais e parentes mais próximos.

As informações obtidas com o exercício de sondagem contribuíram para impulsionar a pesquisa com biografias, pois sinalizou a existência de um espaço que poderia ser ocupado e aproveitado para despertar o interesse dos (as) alunos (as) em estudar a história do município a partir das trajetórias de vida de pessoas que tinham funções e ofícios que se assemelhavam com a de seus pais ou de pessoas próximas a elas, pessoas com as quais os (as) alunos (as) pudessem se identificar.

Após as analises dos dados da sondagem, definimos que as pequenas biografias produzidas para o ensino de história da cidade seriam biografias de mulheres e homens negros que tivessem profissões semelhantes ou que atuassem nas mesmas áreas dos pais dos (as) alunos (as). O passo seguinte foi à seleção de quem entrevistar, esta seleção se deu a partir da atuação do entrevistado (a) na comunidade e do significado de sua experiência com o racismo, buscamos por selecionar "aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos" (ALBERTI, 2005).

2.4 Biografados sujeitos e perfis

Ao todo oito pessoas foram entrevistadas, cinco delas tiveram suas entrevistas selecionadas, três pertencentes ao grupo de homens negros e duas pertencentes ao grupo de mulheres negras. A seleção dos entrevistados foi guiada pelos objetivos da pesquisa considerando disponibilizar o mesmo espaço para homens e mulheres dentro da proposta de ensino e a ocupação profissional dos entrevistados, que apesar serem funções importantes que contribuem para o desenvolvimento social e econômico, são profissões socialmente subalternizadas, o que se assemelha com a condição profissional dos pais dos (as) alunos (as) que foi evidenciada no exercício de sondagem.

Para encontrar os biografados buscamos referências com pessoas de nossas relações profissionais e com pessoas de nosso convívio pessoal, buscamos também resgatar na memória personagens que atendessem aos critérios estabelecidos para a pesquisa.

A produção das biografias se deu com base na pesquisa empírica, realizada a partir de entrevistas semiestruturadas norteadas pelas histórias de vida dos (as)

entrevistados (as), o que nos permitiu ter a perspectiva biográfica do (a) entrevistado (as). Entendemos que a entrevista com narrativa biográfica, não diretiva permite que os (as) entrevistados (as) definam sua realidade subjetiva e a experiência com o racismo em suas vidas, dando ao (a) entrevistado (a) a chance de falar livremente sobre suas experiências com o racismo e fazer associações livres entre tais experiências e outras questões importantes em sua vida conforme disserta, Grada Kilomba (2019).

No processo de seleção foram escolhidas para a produção das biografias escritas as entrevistas de Edivaldo Araujo dos Santos o motorista de 57 anos, Clemente Carlos Araújo o pedreiro e mestre de obras de 79 anos, Cleuza Barbosa Braga a cozinheira de 73 anos e Jersonita de Souza Vilas Boas a professora de 85 anos. A entrevista de Carlos Alberto Silva, caminhoneiro, 65 anos foi uma entrevista filmada, com o material foi produzido o vídeo *Eunápolis povoado de histórias*, a narrativa feita pelo entrevistado colabora para a introdução do assunto em sala de aula. A escolha destas cinco personalidades se deu por elas contribuírem com muitas informações sobre suas vivências ocorridas em momentos importantes para a cidade e por seus relatos terem vivências de racismo.

Os outros três personagens apesar de contribuírem com informações importantes sobre momentos da história da cidade, seus relatos não davam acesso às singularidades de suas vivências, o silêncio sobre determinados assuntos por parte dos entrevistados poderia abrir outra possibilidade para pesquisa, mas nos desviaria do objetivo da proposta de ensino.

Por conta da pandemia que foi decretada em 11 de março de 2020, medidas de distanciamento e isolamento social, foram recomendadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde) e adotadas no estado da Bahia e em outros estados da federação, com a intenção de retardar e tentar conter a propagação do vírus da COVID 19, as medidas também foram adotadas como forma de evitar a superlotação dos serviços de saúde e diminuir o número de óbitos.

O advento da COVID 19 e as medidas de distanciamento social adotadas durante este período fizeram com que as entrevistas fossem adiadas para acontecerem em um momento mais propício, o que veio a acontecer em meados do ano de 2022, quando foi possível a aproximação e o contato com os entrevistados. Todas as

entrevistas foram muito produtivas e realizadas em ambiente escolhido pelos (as) entrevistados (as) para que eles (as) se sentissem à vontade e seguros para fazer suas narrativas. Cada entrevista teve a duração média de duas horas, todos (as) os (as) entrevistados (as) permitiram que o seu nome e suas fotos fossem utilizados na pesquisa sem impor restrições.

A primeira entrevista foi realizada com a professora Jersonita de Souza Vilas Boas, chegamos até a professora Jersonita por intermédio de uma amiga em comum que viabilizou nosso primeiro contato, as conversas iniciais com Jersonita se deu por meio do aplicativo de mensagem *WhatsApp* quando marcamos horário, data e local para nosso encontro. A entrevista fluiu de forma tranquila e espontânea. Jersonita de Souza Vilas Boas, 85 anos, é evangélica, tem seis filhos vivos e um que veio a óbito, é viúva e atualmente é professora aposentada, mas atuou na rede municipal e estadual de ensino no estado da Bahia por muito tempo, mulher negra, evangélica é formada em pedagogia para 1ª a 4ª série e em Teologia, a entrevista ocorreu em sua residência localizada na área central da cidade de Eunápolis-Ba. Mulheres como a professora Jersonita conseguiram romper com o determinismo promovido pelo racismo e pelo preconceito e

> [...] ao se tornarem professoras, "sairam do seu lugar", isto é, do lugar predestinado por um pensamento racista e pelas condições sócio-econômicas da maioria da população negra brasileira – o lugar da doméstica, da lavadeira, da passadeira, daquela que realiza serviços gerais –, para ocuparem uma posição que, por mais questionada que seja, ainda é vista como possuidora de status social e está relacionada a um importante instrumento: o saber formal.(GOMES, 1996, p.77-78)

A Professora Jersonita, conseguiu se realizar na profissão escolhida, rompendo com determinismos sociais, mas seus relatos também trazem informações das diversas batalhas que teve de enfrentar ao longo de sua vida profissional por conta do preconceito racial, mas por fim ela ressalta que o seu empenho e determinação valeram à pena.

A segunda entrevistada foi D. Morena, nome pelo qual também é conhecida Dona Cleuza Barbosa Braga de 73 anos, divorciada, cozinheira, não alfabetizada, sem declarar religião específica, professa sua fé em Deus para seguir seu caminho, Cleuza é uma mulher negra, espontânea e alegre, chegamos até D. Cleuza depois de uma conversa com uma amiga, sobre a intenção da pesquisa em biografar pessoas negras que tivessem ocupações comuns a maioria dos trabalhadores, quando ela se lembrou de D. Cleuza nos informando o endereço. Em posse do endereço nos dirigimos para encontrá-la, entretanto não a localizamos, pois, D. Cleuza havia se mudado, buscamos então

junto aos vizinhos informações que nos levassem até ela, através desta busca descobrimos que D. Cleuza havia se mudado para o bairro Sapucaeira, seguimos para encontrá-la, chegando ao novo endereço nosso primeiro contato foi comercial, pois resolvemos almoçar em seu restaurante, assim estabelecemos nosso primeiro contato, neste interstício de tempo apresentei a ela a intenção de entrevistá-la, imediatamente ela se mostrou disponível em colaborar, mas dizendo que não compreendia muito como sua história de vida poderia contribuir com a pesquisa, mas que estava a disposição. Nossa conversa inicial inclui explicar para D. Cleusa a importância de sua participação na história de nossa cidade e que sua história de vida seria um material de grande valia para auxiliar jovens alunos (as) negros (as) a seguirem com suas vidas.

D. Cleuza nos revelou primeiramente que o motivo de sua mudança de endereço foi o desaparecimento de seu filho mais novo, pois a casa em que morava anteriormente trazia muitas lembranças tristes, situações semelhantes a que D. Cleuza vivenciou com o desaparecimento de seu filho, muita das vezes têm relação direta com a onda crescente de violência na cidade de Eunápolis[13], casos que tem se multiplicado cujo alvo principal tem sido jovens negros e periféricos, a intensidade com que estes episódios vêm se repetindo demonstram a expansão do genocídio que a população negra tem sido vitima no Brasil[14]. De acordo com a Agencia Brasil a crescente expansão do genocídio de jovens negros pode ser comprovado a partir dos dados do Atlas da violência de 2020, divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), de acordo com a Agencia Brasil (2020) os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5%, ao mesmo tempo, que entre 2008 e 2018, período avaliado, a taxa entre não negros (brancos, amarelos e indígenas) fez o caminho inverso, apresentando queda de 12,9%

> Feito com base no Sistema de Informação sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, o relatório evidencia ainda que, para cada pessoa não negra assassinada em 2018, 2,7 negros foram mortos, estes últimos representando 75,7% das vítimas. Enquanto a taxa de homicídio a cada 100 mil habitantes foi de 13,9 casos entre não negros, a atingida entre negros chegou a 37,8. (AGENCIA BRASIL, 2020)

[13] Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/eunapolis-e-a-cidade-baiana-com-maior-taxa-de-homicidios/ Acesso em: 20/02/2023.

[14] Disponível em: https://livredetrabalhoinfantil.org.br/genocidio-da-juventude-negra/ Acesso em: 20/02/2023

· Em seus relatos durante a entrevista, D. Cleuza, também nos falou dos episódios de racismos vivido por seus filhos na escola, momentos em que ela teve de se posicionar e tomar atitudes para defender os direitos das suas crianças, entretanto ela diz que ela mesma não se via como vitima do racismo, o que realmente lhe incomodava era a questão de ser discriminada por ser gorda, pois o modo como se referiam a ela lhe causava incomodo e lhe entristecia. D. Cleuza diz que a questão de ser vista como gorda lhe afetava mais diretamente do que o racismo, possivelmente D. Cleuza não percebe que o tratamento dado a uma mulher branca, que estivesse na mesma condição que ela, provavelmente seria diferente, e

> [...] quando complexificamos percebemos que os atravessamentos estéticos, referente aos tamanhos e formatos dos corpos, serão interseccionalizados por raça, classe, gênero, faixa etária, sexualidade, deficiência, território, irão gerar experiências de opressão distintas neste grupo que poderia parecer "homogêneo". (PILGER 2021)

O tamanho do corpo, a questão racial são marcadores sociais atravessam a vida de D. Creuza e "cabe a partir disso questionar determinados valores impostos ao corpo que, [...], têm se amparado em violências, [...] e podemos ver notadamente que são as relações de poder que engendram algumas características nos corpos, colocando-as com mais valor do que outras". (ALMEIDA 2019) permeando as relações e afetando mais diretamente as mulheres. A gordofobia também é uma violência que deve ser combatida, principalmente porque ela afeta inclusive a vida de crianças e jovens em idade escolar e é um tema que merece toda a atenção, mas que se trabalhado aqui mudaria os rumos e objetivos principais desta pesquisa.

D. Cleuza se casou com 14 anos e foi mãe muito cedo, para ajudar no sustento dos filhos ela começou a trabalhar lavando roupa de ganho até conseguir um emprego em um refeitório, tendo como próximo passo conseguir montar um ponto para a venda de café, vindo muitos anos mais tarde conquistar seu espaço com um aconchegante restaurante de comida caseira, que tocou junto com seus filhos, hoje aposentada D. Cleuza continua trabalhando, servindo refeições em um espaço em sua casa no bairro Sapucaeira, local em que foi realizada a entrevista.

A produção e a venda de comida sempre tiveram uma centralidade na vida das mulheres negras, essa atividade praticada por essas mulheres, remonta ao tempo em que mulheres escravizadas lutavam por sua liberdade através da alforria e buscavam nos "padrões africanos de comportamento econômico [...] acumular dinheiro graças às

muitas oportunidades para comprar e vender [...] doces e coisas variadas" (KARASCH, 2002, p. 454), com uma exaustiva rotina de trabalho em que "[...] compravam o alimento nos mercados e nas feiras para depois prepará-lo na cozinha senhorial e, em seguida, retornavam às ruas para vender comida pronta e outros produtos." (REIS, 2019, p. 19)

Nos dias atuais, majoritariamente as mulheres negras, são as que continuam recorrendo a este trabalho para sustentar a si e os seus filhos, trabalhando em restaurantes ou em casa, as mulheres negras, pretas e pardas, seguem no preparo de alimentos e na labuta da cozinha, como é o caso de D. Cleuza, que depois de trabalhar por um tempo como cozinheira em um refeitório, resolveu seguir sua vida trabalhando por conta própria a fim de conquistar sua independência.

Nosso terceiro entrevistado é Clemente Carlos Araújo, 79 anos, casado, é pedreiro e mestre de obras, pai de três filhos adotivos, ele estudou até o ensino fundamental. Dois de seus filhos seguiram seus passos e segue trabalhando em construções, a terceira filha que é a caçula dos três se graduou e segue o caminho da enfermagem trabalhando em hospital. A profissão do Sr. Clemente corresponde a um ofício que vem sendo executado por homens negros desde o período anterior a abolição, João José Reis (2019, p. 40), no livro *Ganhadores: A greve negra de 1857 na Bahia* ao tratar dos ofícios dos escravizados informa que no censo de 1849 da freguesia de Santana "muitos tinham ofícios, eram sapateiros, alfaiates, pedreiros, padeiros, calafates, barbeiros, carpinteiros".

O Sr. Clemente ou seu Quelê como é carinhosamente chamado pelos que o conhecem, já era conhecido de nossa família desde os anos 1990, seu nome nos veio à memória assim que iniciamos a pesquisa, nosso contato com ele para a entrevista, ocorreu em uma visita que fizemos a ele, na ocasião falei sobre a intenção de entrevistá-lo, o que ele aceitou prontamente, a entrevista aconteceu em sua casa localizada no bairro Itapuã em Eunápolis Bahia.

Edivaldo Araujo dos Santos 57 anos foi nosso quarto entrevistado, motorista, casado pai de dois filhos biológico e padrasto de outros dois, possui o ensino médio e trabalhou por muito tempo como motorista de linhas intermunicipais, assim que teve oportunidade mudou para o transporte urbano para ficar mais perto da família vindo

mais tarde a trabalhar no transporte escolar onde atua até os dias de hoje, muito conhecido dos (as) alunos (as) e dos(as) monitores(as) das escolas, o contato com o Sr. Edivaldo se deu por intermédio de uma colega de trabalho que é monitora de pátio em nossa escola, que falou com ele sobre nossa pesquisa e o interesse em entrevistá-lo, nosso primeiro contato com o Sr. Edivaldo ocorreu por meio do aplicativo de conversa *WhatsApp*, receptivo a nossa proposta, tivemos que remarcar a entrevista por duas vezes por causa de mudanças que ocorreram nos horários de entrada e saída dos (as) alunos (as). A entrevista aconteceu dias depois na escola D. Avelar Brandão Vilela em Eunápolis Bahia.

O quinto entrevistado foi o Sr. Carlos Alberto Silva, caminhoneiro, 65 anos, solteiro pai de quatro filhos, Carlos Alberto, devido a sua altura é conhecido pelo apelido de Longado, mudou-se para o povoado de Eunápolis ainda muito jovem para trabalhar em serrarias existentes no então povoado, chegamos até Carlos Alberto Silva por meio de amigos que conheciam sua história no transporte de madeira e de mamão, produtos que por muito tempo dominou a economia de Eunápolis. A ideia de transformar a entrevista deste personagem em vídeo surgiu da riqueza de detalhes contidos em sua narrativa, ao falar de momentos importantes do desenvolvimento e da percepção de seu sentimento de participação e pertencimento na história da cidade.

Com as entrevistas em mão, o próximo passo foi seguir para a transcrição e na sequência abraçar a produção das pequenas biografias, a escolha das palavras foi um processo solitário, que por muitas das vezes nos deixou em dúvidas sobre quais palavras usar, nos fazendo avançar e recuar por muitas vezes, pois cada trajetória de vida dos (as) biografados (as) continha elementos significativos e singularidades que mereciam estarem presentes em suas biografias, mas tivemos que tomar decisões que atendessem o objetivo de que as biografias das personalidades entrevistadas fossem adequadas para serem parte da proposta de ensino, compondo a sequência didática pensada para alunos (as) do 5º ano do ensino fundamental anos iniciais, assim alguns acontecimentos foi narrado de forma mais singela e a linguagem utilizada procurou contemplar o nível de entendimento da turma para que eles (as) pudessem ter um melhor aproveitamento.

2.5 Apresentação do produto final: E-book como artefato metodológico

O produto final ou artefato metodológico pensado para esta proposta de ensino corresponde a um *e-book* em formato digital[15]. O *e-book* é um material que pode ser acessado por dispositivos móveis, por meio de aplicativos de mensagens e/ou e-mail. Apesar de sua ampla utilização, a definição sobre o *e-book* ainda não é conclusiva. De acordo com os estudos de Almeida, P.S., et. Al.

> Ainda não existe uma definição única e clara sobre os e-books, uma vez que os termos produtos digitais, mídia digital, online, interativa e conteúdo digital, dentre outros, são utilizados como sinônimos e sem distinção clara. A literatura tradicional do marketing tende a tratar os produtos de informação digital como uma classe distinta, como uma melhoria dos produtos intelectuais físicos ou impressos, ou como utilidades adicionais desses. (ALMEIDA, P.S. ET. AL. 2015, p.05)

Juliani Menezes dos Reis e Helen Beatriz Frota Rozados (2016), ao desenvolverem uma pesquisa sobre a história do *e-book*, a partir de uma revisão da literatura sobre o tema, igualmente concluíram que "não existe um consenso sobre a definição do livro eletrônico, embora a maioria entenda que e-book é um livro em formato digital". De acordo com as pesquisadoras, "a complexidade da definição dá-se, em parte, pela ausência de normalização sobre o tema." (REIS; ROZADOS, 2016, p. 02).

As pesquisadoras concordam que os diversos significados para o *e-book* se complementam e estes podem ser ampliados. E contribuindo para esta ampliação Reis e Rozados (2016) acrescenta as definições já existentes a sua própria definição de que o *e-book* é um:

> Livro eletrônico, digital ou virtual, é um livro que existe exclusivamente em formato digital, não periódico, que necessita de um aparelho leitor e de um software para decodificação que viabilize sua leitura. Pode conter texto, imagem, áudio e vídeo, permite a inclusão de comentários pelo leitor, bem como o controle e ajuste de nuances de brilho, cor e tamanho da fonte. (REIS; ROZADOS, 2016, p. 02)

Ainda que sem uma definição única, o *e-book* sendo considerado livro eletrônico ou digital, de certo ele tem sido um recurso potencialmente usado, para expandir os acessos aos mais diversos tipos de leituras. Com um potencial de grande alcance, este

[15] Em formato PDF, esta extensão de arquivo é suportada pelo aplicativo Acrobat Reader ou Leitor de PDF do Google (instalado de fábrica em aparelhos com sistema Android)

recurso tem sido aproveitado para disseminar informações, ensino, saberes e culturas e "podem ser utilizados nas escolas e nas universidades, no ensino e na aprendizagem à distância, na educação de crianças, adolescentes e adultos" (REIS; ROZADOS, 2016, p. 02).

O contexto atual tem mostrado que a tecnologia e os meios digitais estão presentes no cotidiano das pessoas e principalmente dos jovens que a utilizam de modo corriqueiro, tanto para obter informações como para se divertirem, acessando ou produzindo conteúdos.

Os recursos tecnológicos e as mídias digitais fazem parte da vida e são acessados por grande parte dos (as) alunos (as). Esta realidade pôde ser constatada durante o andamento desta pesquisa, na etapa em que fizemos o exercício de sondagem com a turma do 5º ano A da Escola D. Avelar Brandão Vilela.

Por meio da atividade de sondagem, foi possível verificar que os meios digitais são utilizados por grande parte dos (as) alunos (as) da turma. Nesta atividade, dez dos (as) alunos (as) declararam que utilizam o celular em suas horas vagas, e outros dois disseram considerar ser uma qualidade saber utilizar aplicativos de redes sociais.

A percepção do uso constante e a desenvoltura dos (as) alunos (as), em lidar com aparelho celular e as tecnologias, norteou a escolha pela produção do *e-book*, cujo arquivo depois de baixado, seu conteúdo pode ser acessado em outras ocasiões mesmo sem dados móveis de internet. Visto que a tecnologia atrai, e pode tornar o ensino mais agradável aos estudantes, além do que, ela vem se tornando parte do meio em que estes (as) alunos e alunas estão inseridos (as). A decisão se deu ainda, por acreditar que este é um campo que vem sendo explorado em vários projetos, e pode ser aproveitado em um Ensino de História que busque outros recursos com o propósito de "ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira" (BRASIL, 2013, p. 483).

O e-*book* ou livro digital foi pensado como um recurso paradidático, relacionado com o tema a ser trabalhado na sala de aula. Embora "o termo paradidático tenha surgido no final da década de 1970, a noção deste recurso já estava presente desde a década de 1930" (CAMPELLO e SILVA, 2018, p. 13).

De acordo com Menezes e Santos (2002), os livros paradidáticos tiveram sua relevância em ascensão a partir da década de 90, com a Lei de Diretrizes e Bases da

Educação (LDB), que estabeleceu os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e orientou seu uso para a abordagem de temas transversais relacionados ao desenvolvimento da cidadania. Bernadete Santos Campello e Eduardo Valadares da Silva (2002) destacam que:

> Legislações específicas, como a Lei 9.795/1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999) e a Lei 11.645/2008 que instituiu a inclusão da temática História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (BRASIL, 2008) no currículo escolar, também alimentaram a demanda aos paradidáticos, levando à produção mais volumosa de materiais sobre os assuntos cobertos pelas referidas legislações. (CAMPELLO E SILVA, 2018, p.70)

Na mais recente publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), o termo paradidático não é mencionado explicitamente, entretanto, não existe no documento nenhum impedimento no que se refere à produção ou uso de tal recurso. Ademais, os paradidáticos "trazem possibilidades de inserção do estudante, no ambiente de leitura e interpretação de textos e, ao mesmo tempo, de contextualizações que ampliam o entendimento". (CAMPELLO E SILVA, 2018, p.76).

Considerando o alcance do livro digital juntamente com as possibilidades do material paradidático para a ampliação do conhecimento dos (as) alunos (as), pensamos a utilização desses dois instrumentos para o ensino de história, em especial a história do município de Eunápolis, Bahia, que quase nunca é ensinada nas salas de aula ou discutida como um assunto de interesse dos (as) estudantes, assim essa é uma temática que aparece esporadicamente no ano letivo, quando se lembra a data da emancipação política da cidade.

O passado recente do município quando abordado, é com uma narrativa construída a partir da visão dos políticos, dos grandes comerciantes e proprietários da cidade, tendo como pano de fundo, períodos considerados importantes, como a época em que Eunápolis foi considerado o maior povoado do mundo, o período de desenvolvimento no ciclo de ouro da madeira com os capixabas, a pujança do comércio local a partir dos pombalenses com os primeiros armazéns de secos e molhados e a emancipação municipal destacando a atuação de políticos.

A divulgação da história da cidade tem ficado a cargo de memorialista, pois muitas das produções acadêmicas que tratam da história da cidade, ainda não romperam os muros acadêmicos para chegarem até a população e às escolas. Desse modo, na versão propagada é comum ser ressaltado o protagonismo destes grandes homens, e as

narrativas que antes eram somente divulgadas em folhetins e revistas, de circulação no município e arredores, hoje são encontradas facilmente em sites e jornais eletrônicos, disponíveis na internet. Sofrendo algumas poucas modificações, a depender do veículo de informação, a narrativa segue a lógica colonial, mantendo a linearidade e a hegemonia que induz a pensar a cidade com o olhar voltado para estes homens cujas características nos remetem ao perfil do branco, masculino, colonizador.

O fazer decolonial é que nos inspirou a romper com esta lógica eurocêntrica, para produzir o e-book, aqui chamado de produto final, que compreende a coletânea de pequenas biografias de homens e mulheres, personagens da cidade de Eunápolis, pertencentes a grupos socioeconômicos invisibilizados na maior parte da história constante nos livros didáticos e no currículo de história, se pautando nos ensinamentos de Itamar Freitas (2009, p.30-35), de que utilizando as biografias no ensino fundamental "podemos apresentar aos alunos diferentes modos de vida [...]. Essa estratégia permite a valorização da criança como personagem histórico, estimula a produção das histórias de vida dos alunos e o emprego simplificado de operações historiográficas."

Os (as) biografados (as) foram selecionados a partir das informações colhidas junto aos (as) alunos (as) da turma do 5º ano A, a partir da aplicação do exercício de sondagem, que possibilitou colher informações que nos ajudaram a esboçar o perfil da turma.

Dentre as informações e dados coletados com o exercício de sondagem que foram analisados no capítulo I desta pesquisa, conseguimos identificar as ocupações dos pais dos (as) alunos (as), ponto que nos serviu como norteador para a seleção dos biografados, pois a partir da ocupação, função ou profissão dos pais vimos a possibilidade dos (as) alunos (as) se identificarem na história, se perceberem como agentes da história ao relacionar pontos em comum entre os (as) biografados (as), seus pais e ou pessoas próximas de seu convívio, assim, a ocupação foi o elo entre a realidade de vida dos (as) alunos (as) e a proposta de ensino, com a finalidade de que as experiências de vida dos personagens possam contribuir também, para o avanço do conhecimento e das discussões sobre o desenvolvimento sócio econômico da cidade, cuja história, tem sido contada a partir de um prisma único.

Assim, nesse universo de personalidades, escolhemos cinco personagens para serem biografados a partir da identificação de pessoas que teriam laços e envolvimentos

com o desenvolvimento da cidade, como o Sr. Carlos Alberto Silva, caminhoneiro, 65 anos, cuja entrevista originou um vídeo cujo link está no *e-book*, D. Cleuza Barbosa Braga cozinheira, cujo trabalho serviu a muitos dos que se valiam dos restaurantes, para fazer sua alimentação na época do ciclo da madeira, trazemos também a biografia do Sr. Clemente Souza conhecido como 'seu Quele' um pedreiro e mestre de obras que deixou sua assinatura em diversas obras e construções na cidade, assim como a história de Dona Jersonita de Souza Vilas Boas uma professora do ensino fundamental da rede pública de ensino que muito contribui para a alfabetização no município, e ainda a biografia do Sr. Edivaldo Araújo dos Santos, motorista de escolar que antes se dedicava a trabalhar no transporte coletivo municipal, fazendo o trajeto urbano, conduzindo as pessoas entre os bairros no período em que os meios de transporte ainda eram muito escassos e que o comércio se concentrava exclusivamente na região central da cidade. Trazendo estas biografias para o ambiente de ensino, nos colocamos em um movimento contra hegemônico e criamos "uma relação das novas gerações com suas histórias, sobretudo, daqueles que tiveram seus passados invisibilizados pela própria escola e pela aula de História". (PEREIRA e PAIM, 2018, p.1249).

Freitas (2016, p.471-480) nos diz que "Todo "o povo" faz história – todos são protagonistas". Iniciamos esta proposta de ensino com o exercício de sondagem, em um momento pandêmico, a situação causada por este grave estado emergencial nos fez viver nos extremos, trabalhando no administrativo da escola, nos vimos diante de mães e pais de alunos (as) que naquele estado de emergência, ficaram desamparados e não receberam apoio, nem sustentação imediata do governo federal.

Em um turbilhão de acontecimentos, que apontavam um destino incerto, o comércio fechava suas portas ou atendia de modo restrito, presenciamos aí muitos pais e mães de alunos (as) esvaziando seus recursos ou perdendo sua renda por completo, mas em meio a este desalento econômico e de saúde causados pela pandemia, estes homens e mulheres mostraram-se dispostos a lutar pela sobrevivência e cuidar de suas famílias.

Na atividade de sondagem foi possível perceber sentimentos de gratidão dos (as) alunos (as) por suas mães, pais e avós, naquele momento em que em o distanciamento era uma das poucas formas de se proteger, os pais em um movimento contrário e necessário foram para luta arriscando suas vidas com o objetivo de manter a família e garantir o sustento dos filhos.

Assim, presenciar o modo como estes homens e mulheres assumiram o protagonismo de suas vidas, reforçou ainda mais o desejo de voltar o olhar para as experiências de vida de homens e mulheres que se tornam irmanados a partir da luta pela vida e de suas ocupações historicamente subalternizadas. Conhecer a biografia, observar as estratégias, as práticas e o meio de luta e ação de antepassados ou antigos moradores da região, em meio ao desenvolvimento econômico e social da cidade é valorizar essas experiências, é ouvir os silenciados para que eles (as) possam incentivar outros a seguirem suas lutas conscientes de que são capazes de ocuparem lugares na sociedade em um movimento que contribui para o projeto decolonial.

É nesse modo que o uso do método biográfico, tem se voltado para a produção do produto final, e se justifica pelo fato de que esta é uma proposta, que tem a biografia e a memória como potência, para um ensino história crítico e que reflete sobre contexto do sujeito, sua experiência e suas estratégias para sobreviver em um determinado tempo e espaço e de como as tensões e negociações deste período "podem contribuir para fazer alianças com um futuro diferente". (RAMOS, 2018, p.6) que permita a valorização do sujeito independente do lugar que ele ocupe, buscando "tratar essas experiências não como superiores ou inferiores, [...] e refletir sobre elas a partir do espaço que vivenciamos". (OLIVEIRA, 2020, p. 159).

Mas ressalto que esta é uma proposta que pode igualmente ser aplicado em outras turmas do 5º ano de outras escolas da rede municipal de ensino por este ser um perfil comum das turmas de outras escolas públicas, tanto do município de Eunápolis como de outros municípios como Porto Seguro que conta com 2.609[16] alunos matriculados no 5º ano do ensino fundamental anos iniciais, ou em Itabela que registra 559[17] matriculados nessas turmas do ensino fundamental do 5º ano. A presença majoritária de alunos (as) pretos (as) e pardos (as) matriculados (as) na rede de ensino público nesses municípios foi apontada por Epaminondas L.de S.B.de Castro (2020, p.82) na dissertação *Fora da lei: uma incursão sobre a lei 10.639/03 em três experiências de gestão pública na Costa do Descobrimento,* neste trabalho o

[16] Censo escolar ano de 2021, dados do Q EDU

Disponível em https://novo.qedu.org.br/municipio/2925303-porto-seguro/censo-escolar. Acesso em: jul. 2022.

[17] Censo escolar ano de 2021, dados do Q EDU

Disponível em: https://qedu.org.br/municipio/2914653-itabela Acesso em: 10 jul. 2022.

pesquisador traz dados que revelam que na cidade de Porto Seguro dos (as) alunos (as) vindos do fundamental I e matriculados no ensino fundamental II 60% são declarados pardos e 28% é declarada negra esta maioria também foi notada no município de Itabela cujos números revelam que dos (as) alunos (as) na mesma situação 57,14% se declaram pardos e 16,67% pretos.

A produção deste artefato pensado para o ensino tem a compreensão, de que "toda história é um recorte espaço-temporal realizada pelos profissionais de história, sejam nas suas pesquisas, sejam nas salas de aulas, [...], nos vídeos propagados na rede mundial de computadores, [...], entre outras formas de divulgação do conhecimento histórico". (OLIVEIRA, 2020, p. 160).

O *e-book* foi pensado a princípio como um artefato dinâmico que permita a inserção de novas biografias, na medida em que surjam figuras, cujas trajetórias de vida possam contribuir para a reflexão sobre o passado, e que o estudo de suas experiências de vida contribua para pensar as tensões vivenciadas e negociações que essas pessoas precisaram realizar, com a finalidade de ampliação do conhecimento sobre o desenrolar dos acontecimentos locais e que sirvam para os (as) alunos (as) (as) pensar ações futuras.

2.6 Descrição do produto final

O produto final produzido é um *e-book*, com 31 páginas, e pode ser acessado e ter seu arquivo baixado em PDF pelo link:
https://drive.google.com/file/d/1BhNNi7uwi473IvZFL_mBXnIY3hP-Zeb1/view?usp=share_link
Primeiramente o *e-book* traz em sua capa figuras de casinhas modestas e coloridas em alusão à simplicidade inicial das moradias do antigo povoado e aos primeiros moradores que ali se estabeleceram dando origem à cidade de Eunápolis. A parte interna traz na página inicial informações que permitem a identificação do trabalho, nesta pagina inicial, consta o nome da pesquisa, a identificação da UFSB, instituição na qual foi desenvolvida a proposta de ensino dentro do Programa de mestrado do PPGER, consta ainda nesta página a identificação da autora e da cidade de origem em que foi desenvolvida a pesquisa[18].

[18] Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial; Universidade federal do Sul da Bahia-Programa de Pós-Graduação em Relações Etnico-Raciais (PPGER) Campus Sosígenes Costa. Francimaura Coutinho Mendes; Porto Seguro, 2023.

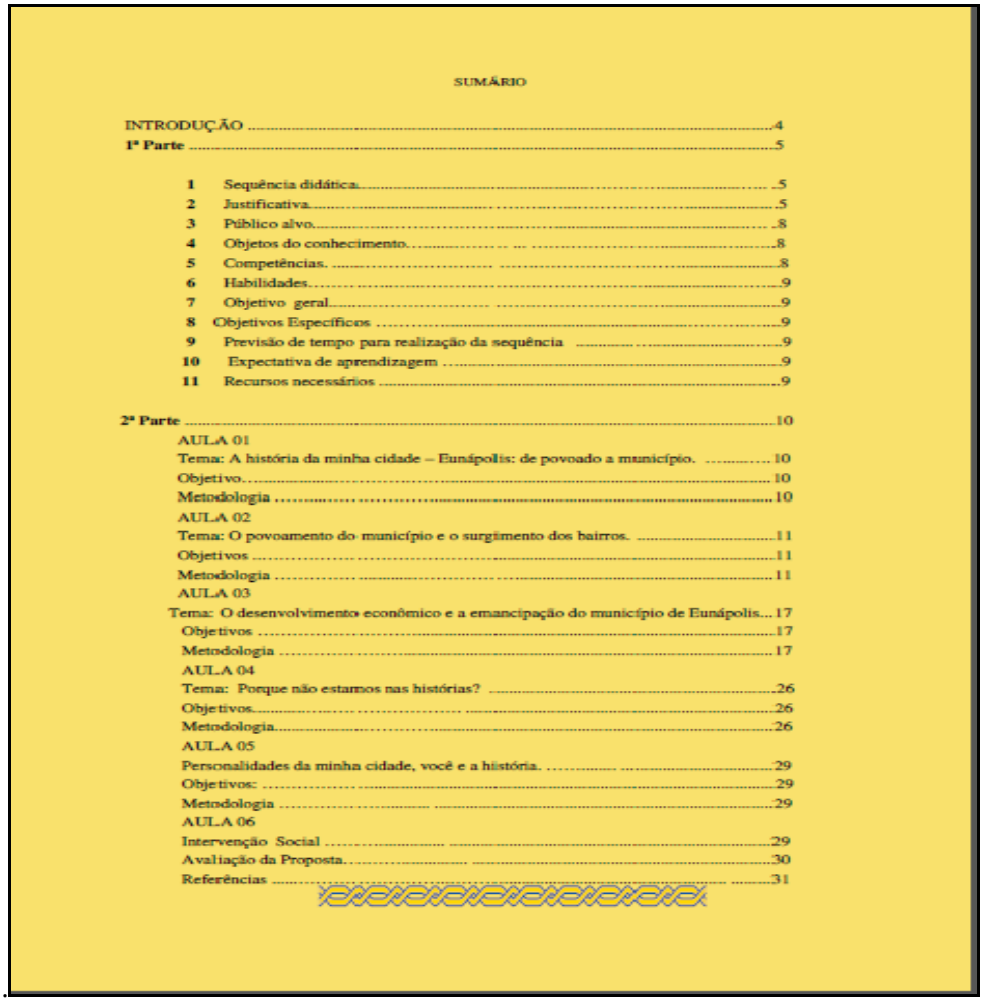
Figura 1: Capa e folha de rosto do *e-book*



Fonte: *e-book* Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Na página seguinte consta a introdução, seguida do sumário que apresenta a estrutura do livro digital que está organizado em duas partes, cada parte do *e-book* tem seu conteúdo disposto em tópicos. Qualquer um dos tópicos escolhido pelo leitor do *e-book* pode ser acessado, através da ferramenta barra de pesquisa, para este acesso, o leitor pode digitar uma palavra constante no enunciado ou o número da página onde se encontra o tema desejado. No aparelho celular a ferramenta barra de pesquisa é identificado pelo ícone de uma lupa e nos aparelhos de notebook a ferramenta de busca pode ser acionada também através das teclas Ctrl + f. O leitor pode controlar e movimentar livremente as páginas do livro digital em vários sentidos e igualmente ajustar o tamanho da fonte, possibilidades que atendem a requisitos mínimos para um *e-book* conforme orientado por Reis e Rozados (2016, p. 2).

Figura 2: Sumário e-book



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 4
1ª Parte 5

1 Sequência didática 5
2 Justificativa 5
3 Público alvo 8
4 Objetos do conhecimento 8
5 Competências 8
6 Habilidades 9
7 Objetivo geral 9
8 Objetivos Específicos 9
9 Previsão de tempo para realização da sequência 9
10 Expectativa de aprendizagem 9
11 Recursos necessários 9

2ª Parte 10
AULA 01
Tema: A história da minha cidade – Eunápolis: de povoado a município. 10
Objetivo 10
Metodologia 10
AULA 02
Tema: O povoamento do município e o surgimento dos bairros. 11
Objetivos 11
Metodologia 11
AULA 03
Tema: O desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis 17
Objetivos 17
Metodologia 17
AULA 04
Tema: Porque não estamos nas histórias? 26
Objetivos 26
Metodologia 26
AULA 05
Personalidades da minha cidade, você e a história. 29
Objetivos: 29
Metodologia 29
AULA 06
Intervenção Social 29
Avaliação da Proposta 30
Referências 31

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023

Construído em duas partes, o *e-book*, tem inicialmente uma primeira parte dedicada a apresentar o produto, trazendo assuntos voltados para o professor, pois tratam da justificativa do produto, da definição do que é uma sequência didática, informações sobre o público alvo para o qual a proposta foi pensada, objetos do conhecimento, as competências e habilidades, os objetivos gerais e específicos da proposta. A primeira parte trata ainda da estimativa de tempo para realização da sequência, da expectativa de aprendizagem e dos recursos necessários. Acreditamos que esta abordagem inicial é essencial para subsidiar o professor para que ele possa ter um bom entendimento sobre o produto e consiga obter resultado satisfatório com o material em sala de aula. Vejamos a seguir sobre o que versa cada tema apresentado na primeira parte do *e-book*.

No tópico Sequência didática, que está localizada na página 05, é feita a apresentação da sequência didática para o professor/leitor, destacando que a sequência é um produto elaborado para as aulas do componente curricular de história e que é pensado para as turmas do 5º Ano do Ensino Fundamental anos iniciais da rede municipal de ensino do município de Eunápolis-Ba. Além disso, neste ponto se aborda a intenção da proposta em envolver o aluno na história local, se percebendo como sujeitos históricos em um processo de identificação que contribua para uma educação antirracista, articulando sobre a estratégia do uso de pequenas biografias de pessoas comuns, mulheres e homens negros de nossa cidade, para a construção de uma educação antirracista, esta abordagem considera os estudos desenvolvidos por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2005) que defende que em uma educação antirracista "seres humanos distintos miram-se e procedem intercâmbios, sem sentimentos de superioridade ou de inferioridade" (SILVA, 2005, p.160).

O segundo tópico da primeira parte do produto traz a justificativa, que trata da relevância da proposta e sua contribuição para um Ensino de História mais participativo, democrático e significativo, demonstrando o embasamento da proposta nos parâmetros legais e em orientações que destacam a necessidade da construção de práticas educativas, que combatam o racismo e a discriminação nas escolas. Pensando em um melhor aproveitamento do professor (a)/leitor (a) e na interação do (a) aluno (a) com a proposta de ensino, disponibilizamos ainda neste tópico o link https://drive.google.com/file/d/15gqtjOmQZ1PUTvpBtS6vU-3qd11lNlpi/view?usp=share_link que dá acesso a uma versão do e-book para os (as) alunos (as), nesta versão contém as pequenas biografias, os textos e as atividades produzidas para as aulas que fazem parte da sequencia didática. A versão do e-book do aluno em formato PDF pode ser acessada, baixada e compartilhada com ou pela turma.

Localizado na página 08 do *e-book* encontra-se o tópico intitulado público alvo trazendo informações sobre o ano escolar para o qual a proposta foi direcionada, lembrando que o publico alvo é alunos (as) do 5º ano. Os oito tópicos seguintes organizados entre as páginas 08 e 09 do *e-book*, recebem sequencialmente os títulos de: Objetos do conhecimento; competências; habilidades; objetivo geral; objetivos específicos; previsão de tempo para realização da sequência; expectativa de aprendizagem e recursos necessários, estes temas tratam diretamente da aplicação da sequência didática, apresentado a perspectiva e expectativa do que se busca alcançar

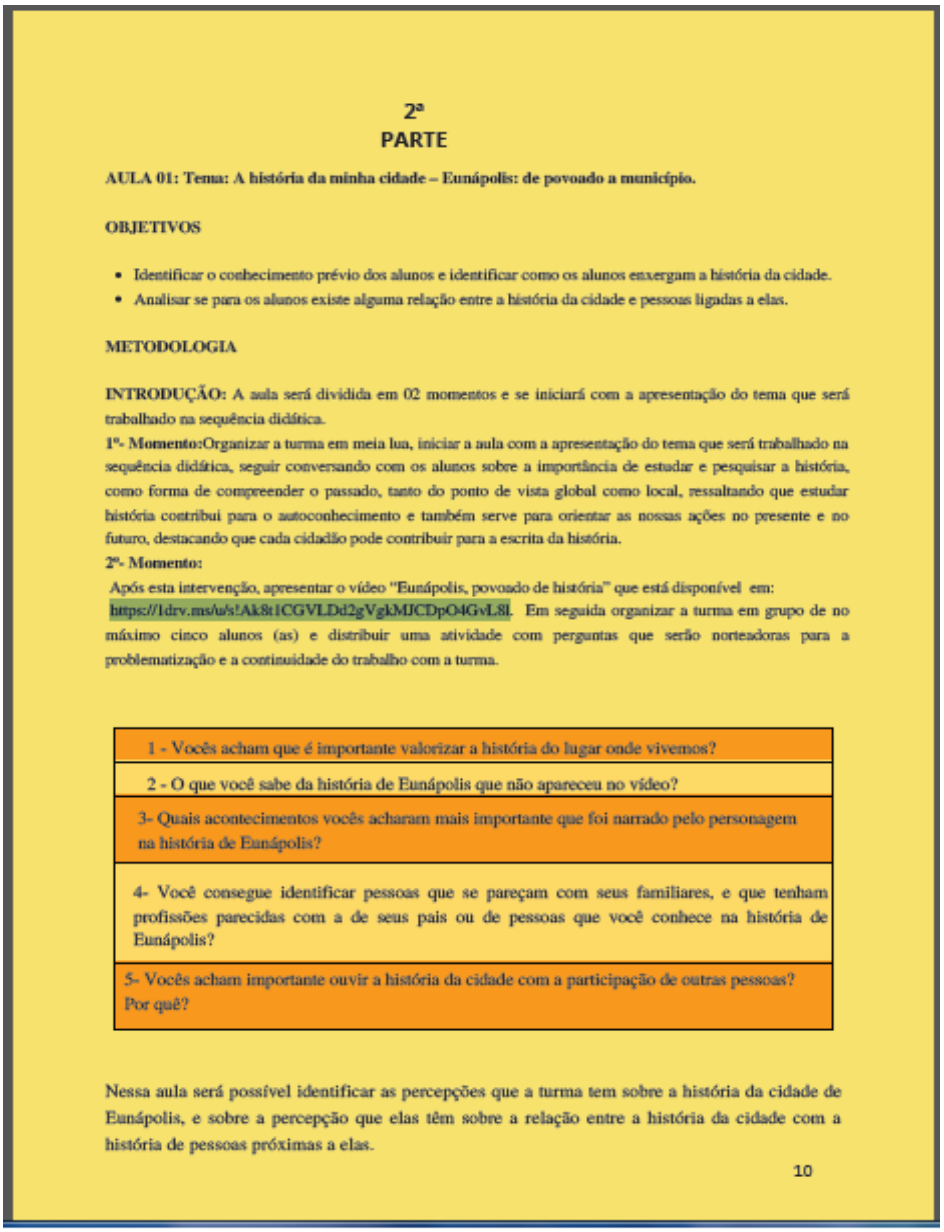
com a aplicação da proposta em sala de aula, assim como os recursos materiais necessários para a sua aplicação.

Após a abordagem inicial a segunda parte do produto se volta para o desenvolvimento das aulas que compõem a sequência didática, trazendo o roteiro para a execução das seis aulas, este roteiro apresenta sugestões e metodologias para se trabalhar a história da cidade de Eunápolis utilizando vídeo, imagens, textos e atividades, conciliando o uso destes recursos com as pequenas biografias que foram produzidas de modo autoral com personagens locais. As atividades desenvolvidas para as aulas que compõem a sequência didática foram pensadas com a intenção de ser um "conjunto de atividades orientadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem princípio e fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos", (ZABALA, 1998, p. 18).

A seguir apresentamos o teor da segunda parte do *e-book* que traz uma descrição metodológica que evidencia todas as etapas que foram planejadas para as seis aulas que compõem a sequência didática.

O primeiro tópico da segunda parte do *e-book* trata da aula 01, cujo tema é "A história da minha cidade - Eunápolis: de povoado a município", este tópico trata dos objetivos da aula, da dinâmica a ser utilizada na sala de aula com a indicação da utilização do vídeo *Eunápolis povoado de histórias*, que foi produzido de forma autoral para a introdução do assunto em sala de aula, o acesso ao vídeo se dá através do link https://1drv.ms/u/s!Ak8t1CGVLDd2gVgkMJCDpO4GvL8l que é disponibilizado na página 10 do *e-book*. Nesta aula inicial se propõe que além do vídeo se aplique a atividade de sondagem que está disponível na página 10, esta atividade permite ao professor avaliar a percepção da turma sobre a história da cidade e sobre a relação entre a história da cidade com a história das pessoas próximas a elas, e contribui para a continuidade do trabalho com a turma.

Figura 3: Início da 2ª parte do e-book – Aula 01



2ª
PARTE

AULA 01: Tema: A história da minha cidade – Eunápolis: de povoado a município.

OBJETIVOS

- Identificar o conhecimento prévio dos alunos e identificar como os alunos enxergam a história da cidade.
- Analisar se para os alunos existe alguma relação entre a história da cidade e pessoas ligadas a elas.

METODOLOGIA

INTRODUÇÃO: A aula será dividida em 02 momentos e se iniciará com a apresentação do tema que será trabalhado na sequência didática.

1º- Momento: Organizar a turma em meia lua, iniciar a aula com a apresentação do tema que será trabalhado na sequência didática, seguir conversando com os alunos sobre a importância de estudar e pesquisar a história, como forma de compreender o passado, tanto do ponto de vista global como local, ressaltando que estudar história contribui para o autoconhecimento e também serve para orientar as nossas ações no presente e no futuro, destacando que cada cidadão pode contribuir para a escrita da história.

2º- Momento:

Após esta intervenção, apresentar o vídeo "Eunápolis, povoado de história" que está disponível em: https://1drv.ms/u/s!Ak8t1CGVLDd2gVgkMJCDpO4GvL8l. Em seguida organizar a turma em grupo de no máximo cinco alunos (as) e distribuir uma atividade com perguntas que serão norteadoras para a problematização e a continuidade do trabalho com a turma.

1 - Vocês acham que é importante valorizar a história do lugar onde vivemos?
2 - O que você sabe da história de Eunápolis que não apareceu no vídeo?
3- Quais acontecimentos vocês acharam mais importante que foi narrado pelo personagem na história de Eunápolis?
4- Você consegue identificar pessoas que se pareçam com seus familiares, e que tenham profissões parecidas com a de seus pais ou de pessoas que você conhece na história de Eunápolis?
5- Vocês acham importante ouvir a história da cidade com a participação de outras pessoas? Por quê?

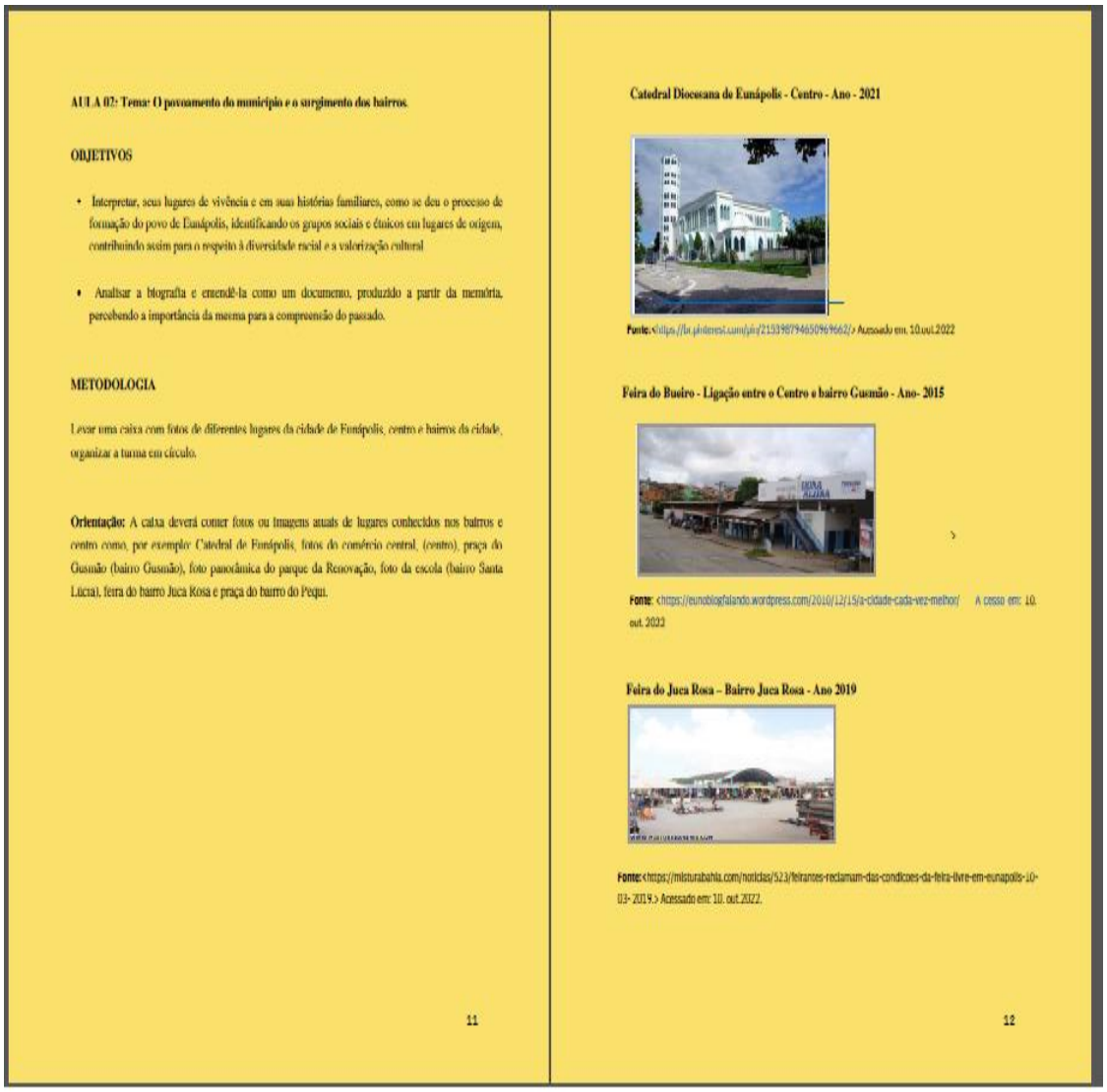
Nessa aula será possível identificar as percepções que a turma tem sobre a história da cidade de Eunápolis, e sobre a percepção que elas têm sobre a relação entre a história da cidade com a história de pessoas próximas a elas.

10

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

A aula 02 está localizada na página 11 do e-book, tem como tema "O povoamento do município e o surgimento dos bairros", neste tópico apresentamos os objetivos, a metodologia para o desenvolvimento da aula com a dinâmica que utiliza figuras de locais da cidade e música, é nesta aula que a primeira biografia é apresentada a turma.

Figura 4: 2ª parte do e-book- Aula 02



AULA 02: Tema: O povoamento do município e o surgimento dos bairros.

OBJETIVOS

- Interpretar, seus lugares de vivência e em suas histórias familiares, como se deu o processo de formação do povo de Eunápolis, identificando os grupos sociais e étnicos em lugares de origem, contribuindo assim para o respeito à diversidade racial e a valorização cultural
- Analisar a biografia e entendê-la como um documento, produzido a partir da memória, percebendo a importância da mesma para a compreensão do passado.

METODOLOGIA

Levar uma caixa com fotos de diferentes lugares da cidade de Eunápolis, centro e bairros da cidade, organizar a turma em círculo.

Orientação: A caixa deverá conter fotos ou Imagens atuais de lugares conhecidos nos bairros e centro como, por exemplo: Catedral de Eunápolis, fotos do comércio central, (centro), praça do Guamão (bairro Guamão), foto panorâmica do parque da Renovação, foto da escola (bairro Santa Lúcia), feira do bairro Juca Rosa e praça do bairro do Pequi.

11

Catedral Diocesana de Eunápolis - Centro - Ano - 2021

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/213398794650969662/> Acessado em: 10.out.2022

Feira do Buxixo - Ligação entre o Centro e bairro Guamão - Ano- 2015

Fonte: <https://eunoblogfalando.wordpress.com/2010/12/15/a-cidade-cada-vez-melhor/ A cesso em: 10. out. 2022

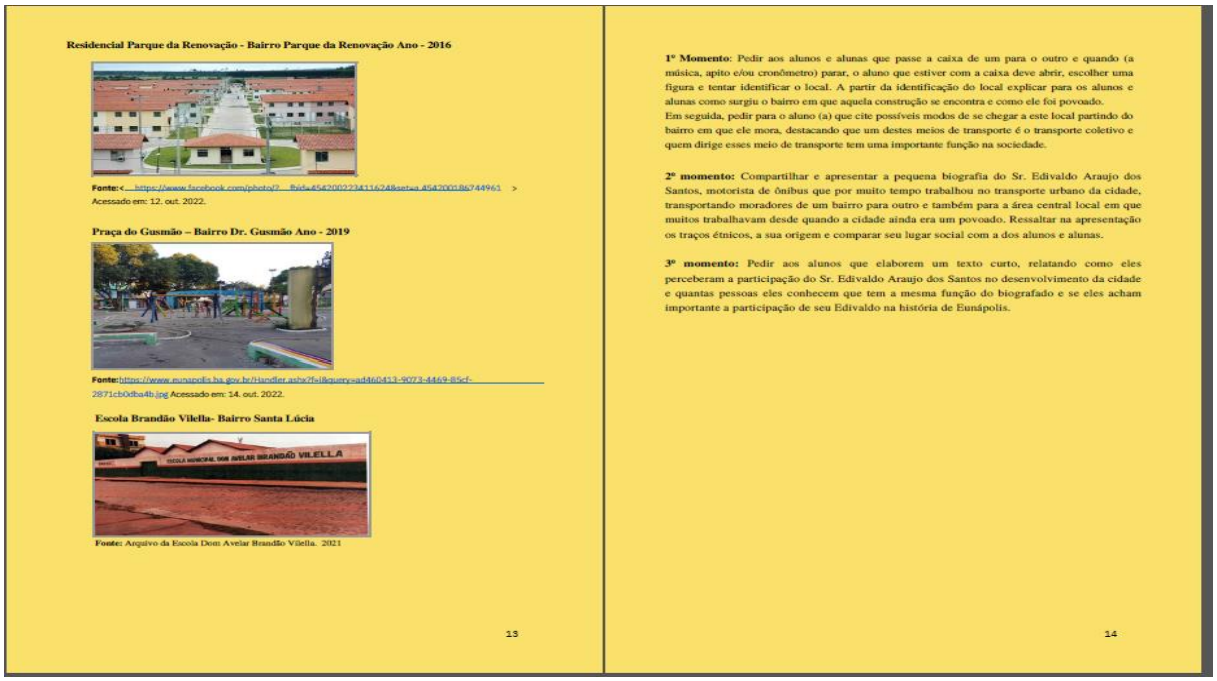
Feira do Juca Rosa – Bairro Juca Rosa - Ano 2019

Fonte:<https://misturabahia.com/noticias/523/feirantes-reclamam-das-condicoes-da-feira-livre-em-eunapolis-10-03- 2019.> Acessado em: 10. out.2022.

12

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Figura 5: 2ª parte do e-book – Aula 02



Residencial Parque da Renovação - Bairro Parque da Renovação Ano - 2016

Fonte:< https://www.facebook.com/photo/?__fbid=4542002234116248&set=a.454200186744961 > Acessado em: 12. out. 2022.

Praça do Gusmão – Bairro Dr. Gusmão Ano - 2019

Fonte:https://www.eunapolis.ba.gov.br/Handler.ashx?fsi&query=ad460433-9073-4469-85cf-2871cb0dba4b.jpg Acessado em: 14. out. 2022.

Escola Brandão Vilella- Bairro Santa Lúcia

Fonte: Arquivo da Escola Dom Avelar Brandão Vilella. 2021

13

1º Momento: Pedir aos alunos e alunas que passe a caixa de um para o outro e quando (a música, apito e/ou cronômetro) parar, o aluno que estiver com a caixa deve abrir, escolher uma figura e tentar identificar o local. A partir da identificação do local explicar para os alunos e alunas como surgiu o bairro em que aquela construção se encontra e como ele foi povoado.
Em seguida, pedir para o aluno (a) que cite possíveis modos de se chegar a este local partindo do bairro em que ele mora, destacando que um destes meios de transporte é o transporte coletivo e quem dirige esses meio de transporte tem uma importante função na sociedade.

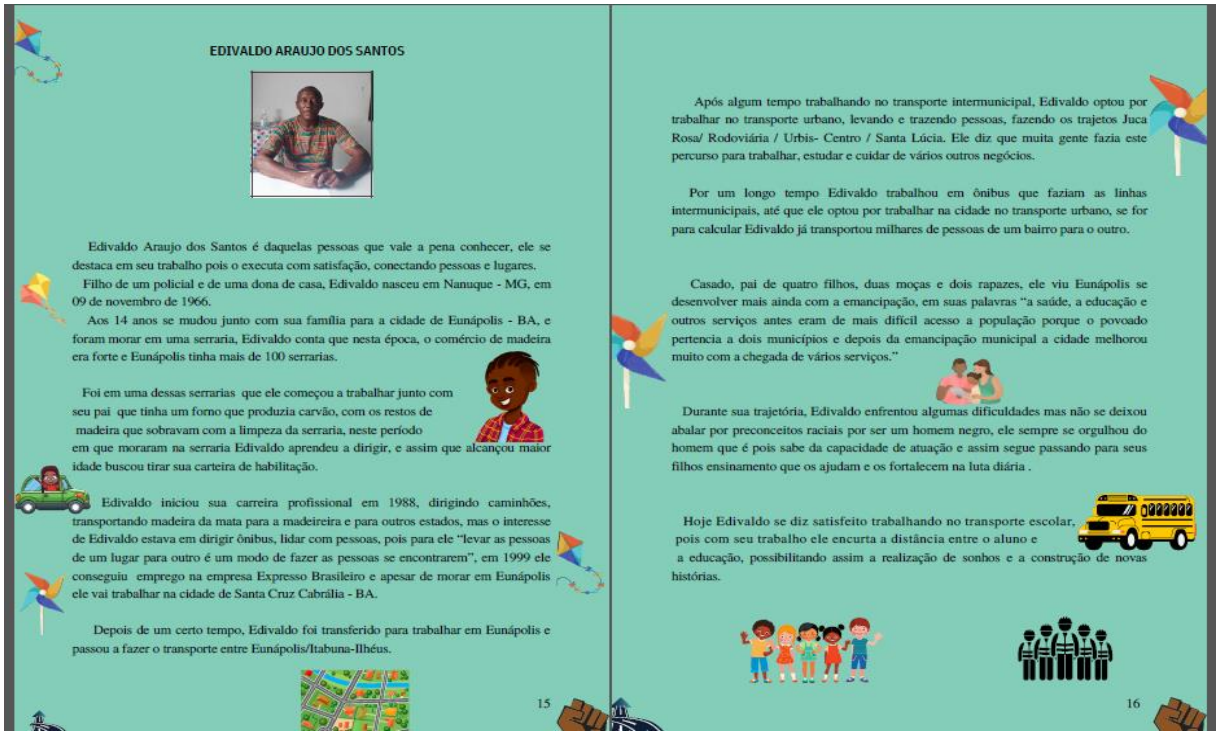
2º momento: Compartilhar e apresentar a pequena biografia do Sr. Edivaldo Araujo dos Santos, motorista de ônibus que por muito tempo trabalhou no transporte urbano da cidade, transportando moradores de um bairro para outro e também para a área central local em que muitos trabalhavam desde quando a cidade ainda era um povoado. Ressaltar na apresentação os traços étnicos, a sua origem e comparar seu lugar social com a dos alunos e alunas.

3º momento: Pedir aos alunos que elaborem um texto curto, relatando como eles perceberam a participação do Sr. Edivaldo Araujo dos Santos no desenvolvimento da cidade e quantas pessoas eles conhecem que tem a mesma função do biografado e se eles acham importante a participação de seu Edivaldo na história de Eunápolis.

14

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Figura 6: Biografia do Sr. Edivaldo Araujo dos Santos – Aula 02



EDIVALDO ARAUJO DOS SANTOS

Edivaldo Araujo dos Santos é daquelas pessoas que vale a pena conhecer, ele se destaca em seu trabalho pois o executa com satisfação, conectando pessoas e lugares.

Filho de um policial e de uma dona de casa, Edivaldo nasceu em Nanuque - MG, em 09 de novembro de 1966.

Aos 14 anos se mudou junto com sua família para a cidade de Eunápolis - BA, e foram morar em uma serraria, Edivaldo conta que nesta época, o comércio de madeira era forte e Eunápolis tinha mais de 100 serrarias.

Foi em uma dessas serrarias que ele começou a trabalhar junto com seu pai que tinha um forno que produzia carvão, com os restos de madeira que sobravam com a limpeza da serraria, neste período em que moraram na serraria Edivaldo aprendeu a dirigir, e assim que alcançou maior idade buscou tirar sua carteira de habilitação.

Edivaldo iniciou sua carreira profissional em 1988, dirigindo caminhões, transportando madeira da mata para a madeireira e para outros estados, mas o interesse de Edivaldo estava em dirigir ônibus, lidar com pessoas, pois para ele "levar as pessoas de um lugar para outro é um modo de fazer as pessoas se encontrarem", em 1999 ele conseguiu emprego na empresa Expresso Brasileiro e apesar de morar em Eunápolis ele vai trabalhar na cidade de Santa Cruz Cabrália - BA.

Depois de um certo tempo, Edivaldo foi transferido para trabalhar em Eunápolis e passou a fazer o transporte entre Eunápolis/Itabuna-Ilhéus.

15

Após algum tempo trabalhando no transporte intermunicipal, Edivaldo optou por trabalhar no transporte urbano, levando e trazendo pessoas, fazendo os trajetos Juca Rosa/ Rodoviária / Urbis- Centro / Santa Lúcia. Ele diz que muita gente fazia este percurso para trabalhar, estudar e cuidar de vários outros negócios.

Por um longo tempo Edivaldo trabalhou em ônibus que faziam as linhas intermunicipais, até que ele optou por trabalhar na cidade no transporte urbano, se for para calcular Edivaldo já transportou milhares de pessoas de um bairro para o outro.

Casado, pai de quatro filhos, duas moças e dois rapazes, ele viu Eunápolis se desenvolver mais ainda com a emancipação, em suas palavras "a saúde, a educação e outros serviços antes eram de mais difícil acesso a população porque o povoado pertencia a dois municípios e depois da emancipação municipal a cidade melhorou muito com a chegada de vários serviços."

Durante sua trajetória, Edivaldo enfrentou algumas dificuldades mas não se deixou abalar por preconceitos raciais por ser um homem negro, ele sempre se orgulhou do homem que é pois sabe da capacidade de atuação e assim segue passando para seus filhos ensinamento que os ajudam e os fortalecem na luta diária .

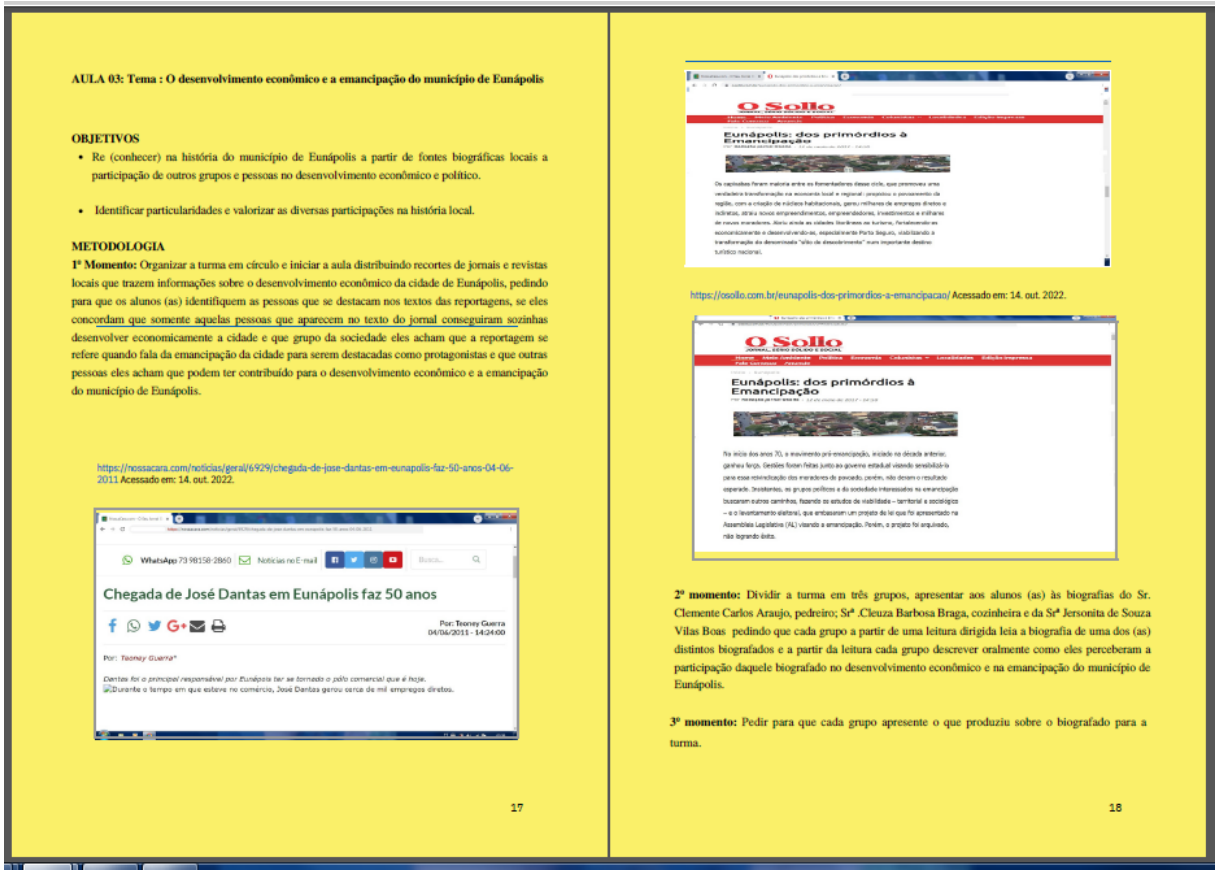
Hoje Edivaldo se diz satisfeito trabalhando no transporte escolar, pois com seu trabalho ele encurta a distância entre o aluno e a educação, possibilitando assim a realização de sonhos e a construção de novas histórias.

16

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

A aula 03 traz como tema "O desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis", localizada na página 19 do e-book, este tópico mantém o ponto comum a todas as aulas da sequência didática, trazendo os objetivos e a metodologia. Neste tópico trata do desenvolvimento da aula com a turma utilizando recortes de jornais eletrônicos que trazem notícias e informações sobre a história da cidade. Esta aula é o momento de uma maior imersão do aluno na história da cidade e no mundo da biografia, pois será apresentada à turma a biografia de três personalidades, que fazem parte da história local com as quais eles (as) possam se identificar. A proposta é que cada grupo estude uma pequena biografia e apresente o resultado para a turma.

Figura 7: 2ª parte do e-book– Aula 03



AULA 03: Tema : O desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis

OBJETIVOS

- Re (conhecer) na história do município de Eunápolis a partir de fontes biográficas locais a participação de outros grupos e pessoas no desenvolvimento econômico e político.
- Identificar particularidades e valorizar as diversas participações na história local.

METODOLOGIA

1º Momento: Organizar a turma em círculo e iniciar a aula distribuindo recortes de jornais e revistas locais que trazem informações sobre o desenvolvimento econômico da cidade de Eunápolis, pedindo para que os alunos (as) identifiquem as pessoas que se destacam nos textos das reportagens, se eles concordam que somente aquelas pessoas que aparecem no texto do jornal conseguiram sozinhas desenvolver economicamente a cidade e que grupo da sociedade eles acham que a reportagem se refere quando fala da emancipação da cidade para serem destacadas como protagonistas e que outras pessoas eles acham que podem ter contribuído para o desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis.

https://nossacara.com/noticias/geral/6929/chegada-de-jose-dantas-em-eunapolis-faz-50-anos-04-06-2011 Acessado em: 14. out. 2022.

Chegada de José Dantas em Eunápolis faz 50 anos

17

https://osollo.com.br/eunapolis-dos-primordios-a-emancipacao/ Acessado em: 14. out. 2022.

Eunápolis: dos primórdios à Emancipação

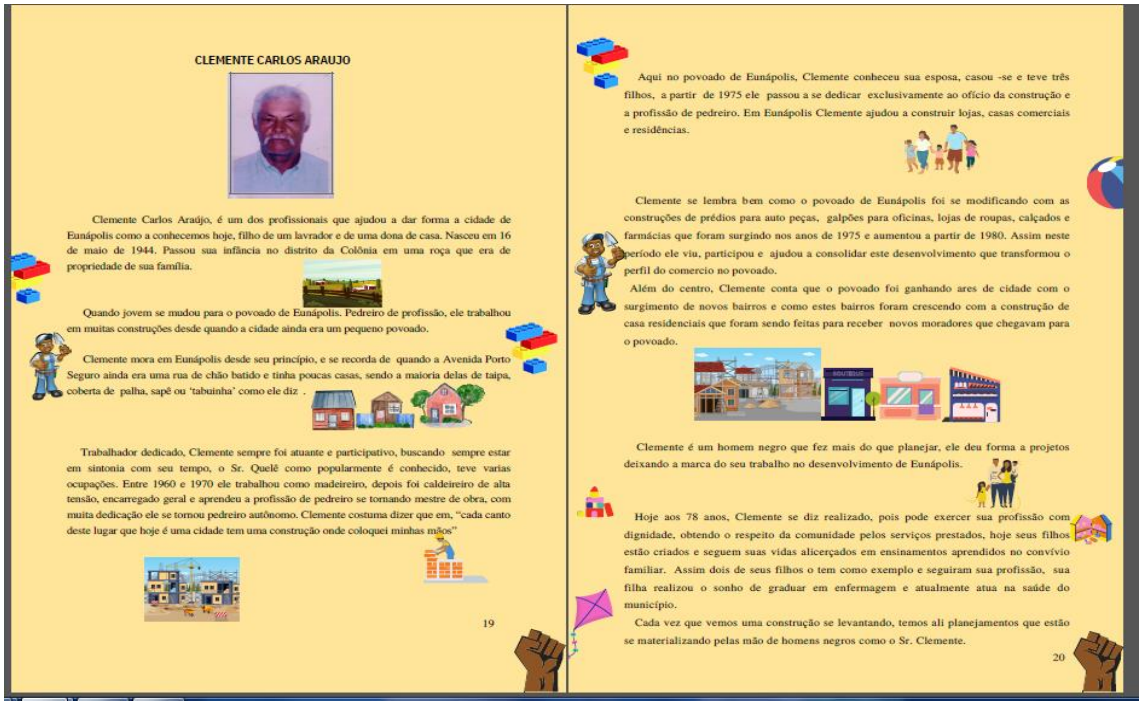
2º momento: Dividir a turma em três grupos, apresentar aos alunos (as) às biografias do Sr. Clemente Carlos Araujo, pedreiro; Srª .Cleuza Barbosa Braga, cozinheira e da Srª Jersonita de Souza Vilas Boas pedindo que cada grupo a partir de uma leitura dirigida leia a biografia de uma dos (as) distintos biografados e a partir da leitura cada grupo descrever oralmente como eles perceberam a participação daquele biografado no desenvolvimento econômico e na emancipação do município de Eunápolis.

3º momento: Pedir para que cada grupo apresente o que produziu sobre o biografado para a turma.

18

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Figura 8: Biografia do Sr. Clemente Carlos Araujo - Aula 03



CLEMENTE CARLOS ARAUJO

Clemente Carlos Araújo, é um dos profissionais que ajudou a dar forma a cidade de Eunápolis como a conhecemos hoje, filho de um lavrador e de uma dona de casa. Nasceu em 16 de maio de 1944. Passou sua infância no distrito da Colônia em uma roça que era de propriedade de sua família.

Quando jovem se mudou para o povoado de Eunápolis. Pedreiro de profissão, ele trabalhou em muitas construções desde quando a cidade ainda era um pequeno povoado.

Clemente mora em Eunápolis desde seu princípio, e se recorda de quando a Avenida Porto Seguro ainda era uma rua de chão batido e tinha poucas casas, sendo a maioria delas de taipa, coberta de palha, sapé ou 'tabuinha' como ele diz .

Trabalhador dedicado, Clemente sempre foi atuante e participativo, buscando sempre estar em sintonia com seu tempo, o Sr. Quelé como popularmente é conhecido, teve varias ocupações. Entre 1960 e 1970 ele trabalhou como madeireiro, depois foi caldeireiro de alta tensão, encarregado geral e aprendeu a profissão de pedreiro se tornando mestre de obra, com muita dedicação ele se tornou pedreiro autônomo. Clemente costuma dizer que em, "cada canto deste lugar que hoje é uma cidade tem uma construção onde coloquei minhas mãos"

19

Aqui no povoado de Eunápolis, Clemente conheceu sua esposa, casou -se e teve três filhos, a partir de 1975 ele passou a se dedicar exclusivamente ao ofício da construção e a profissão de pedreiro. Em Eunápolis Clemente ajudou a construir lojas, casas comerciais e residências.

Clemente se lembra bem como o povoado de Eunápolis foi se modificando com as construções de prédios para auto peças, galpões para oficinas, lojas de roupas, calçados e farmácias que foram surgindo nos anos de 1975 e aumentou a partir de 1980. Assim neste período ele viu, participou e ajudou a consolidar este desenvolvimento que transformou o perfil do comercio no povoado.

Além do centro, Clemente conta que o povoado foi ganhando ares de cidade com o surgimento de novos bairros e como estes bairros foram crescendo com a construção de casa residenciais que foram sendo feitas para receber novos moradores que chegavam para o povoado.

Clemente é um homem negro que fez mais do que planejar, ele deu forma a projetos deixando a marca do seu trabalho no desenvolvimento de Eunápolis.

Hoje aos 78 anos, Clemente se diz realizado, pois pode exercer sua profissão com dignidade, obtendo o respeito da comunidade pelos serviços prestados, hoje seus filhos estão criados e seguem suas vidas alicerçados em ensinamentos aprendidos no convívio familiar. Assim dois de seus filhos o tem como exemplo e seguiram sua profissão, sua filha realizou o sonho de graduar em enfermagem e atualmente atua na saúde do município.

Cada vez que vemos uma construção se levantando, temos ali planejamentos que estão se materializando pelas mão de homens negros como o Sr. Clemente.

20

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Figura 9: Biografia da Srª Cleuza Barbosa – Aula 03



CLEUZA BARBOSA BRAGA

Cleuza Barbosa Braga é uma das melhores cozinheiras de Eunápolis, uma mulher negra que gosta do que faz e sempre diz para os clientes "comida quente, fortalece o corpo e aquece a alma"

Nascida no distrito de Gabiarra em 09 de novembro de 1950, Cleuza é conhecida carinhosamente por D. Morena, ela constituiu família ainda muito jovem. Mudou-se para o povoado de Eunápolis no ano de 1986, com seu esposo e filhos, como forma de ajudar a manter a família, Cleuza começou a lavar roupa para ganhar seu sustento, um trabalho que durou oito meses.

Neste período ela aprendeu a cozinhar vários tipos de comidas e por um tempo ficou cozinhando somente para sua família, mas o que ela queria mesmo era conseguir um emprego em que ela pudesse cozinhar para muita gente, pois como ela mesma diz "não gosto de ficar parada" além disso, ela sempre sonhou em ganhar dinheiro para um dia ter sua casa e seu próprio restaurante.

Em 1987, Cleuza conseguiu o emprego e começou a trabalhar em um refeitório que fazia alimentação para trabalhadores da massa falida da empresa EMBAÚBA, que era uma antiga usina de açúcar e álcool que existia no povoado de Eunápolis, logo Cleuza ficou conhecida pelo sabor e tempero do alimento que preparava.

O tempo foi passando, e enquanto Cleuza lutava por sua independência, ela presenciou e participou de momentos importantes do povoado de Eunápolis, como o movimento do plebiscito, que fez acontecer a emancipação do povoado e a transformação da cidade, ela presenciou também a transformação dos bairros, contribuindo com sua atividade para o desenvolvimento do lugar em que morava.

21

Em 1988, Cleuza conseguiu montar um pequeno ponto no bairro do Pequi, onde começou vendendo café da manhã e doces para motoristas e outros trabalhadores que por ali passavam. Os clientes chegavam cedinho e ela mais cedo ainda já estava com tudo pronto para começar a atender.

Em seu trabalho Cleuza presenciava as mudanças que ocorriam com a chegada de muita gente vinda de outras cidades e estados.

Cleuza diz que este foi um tempo bom, ela só lamenta porque ainda neste tempo os madeireiros ainda continuavam a derrubava muita árvore bonita e grande para transformar em madeira serrada que eram vendida e transportada por caminhões para outros estados.

Era um tempo que circulava muito dinheiro na cidade e muita gente valorizava seu trabalho, e foi assim com seu trabalho que ela conseguiu construir algumas casas e comprar terrenos, que hoje contribuem para sua renda, Cleuza sabia o quanto seu serviço era importante, pois as primeiras refeições do dia era ela que fazia para os trabalhadores.

Cleuza, se tornou uma cozinheira profissional,ficou viúva e teve que continuar lutando para cuidar de seus filhos. A vida de Cleuza é uma vida de luta e por vezes teve de demonstrar força e persistência para cuidar e orientar seus filhos a enfrentar o preconceito racial pelo fato de serem negros.

Por vezes Cleuza teve que enfrentar o preconceito racial contra ela e sua família, e se posicionou orientando seus filhos a se valorizarem, foi a determinação de buscar uma vida melhor que motivou Cleuza a seguiu em frente, buscando seus objetivos.

Cleuza ou D. Morena como é conhecida conseguiu aumentar seu comércio e montou um restaurante passando a vender almoço e jantar, atendendo clientes de todas as partes da cidade, devido a fama de seu tempero Cleuza passou a indicada para atender a turistas, viajantes e políticos que aqui chegavam, mas continuou com seu trabalho diário de fazer as refeições para funcionários de empresas que se por aqui se instalavam.

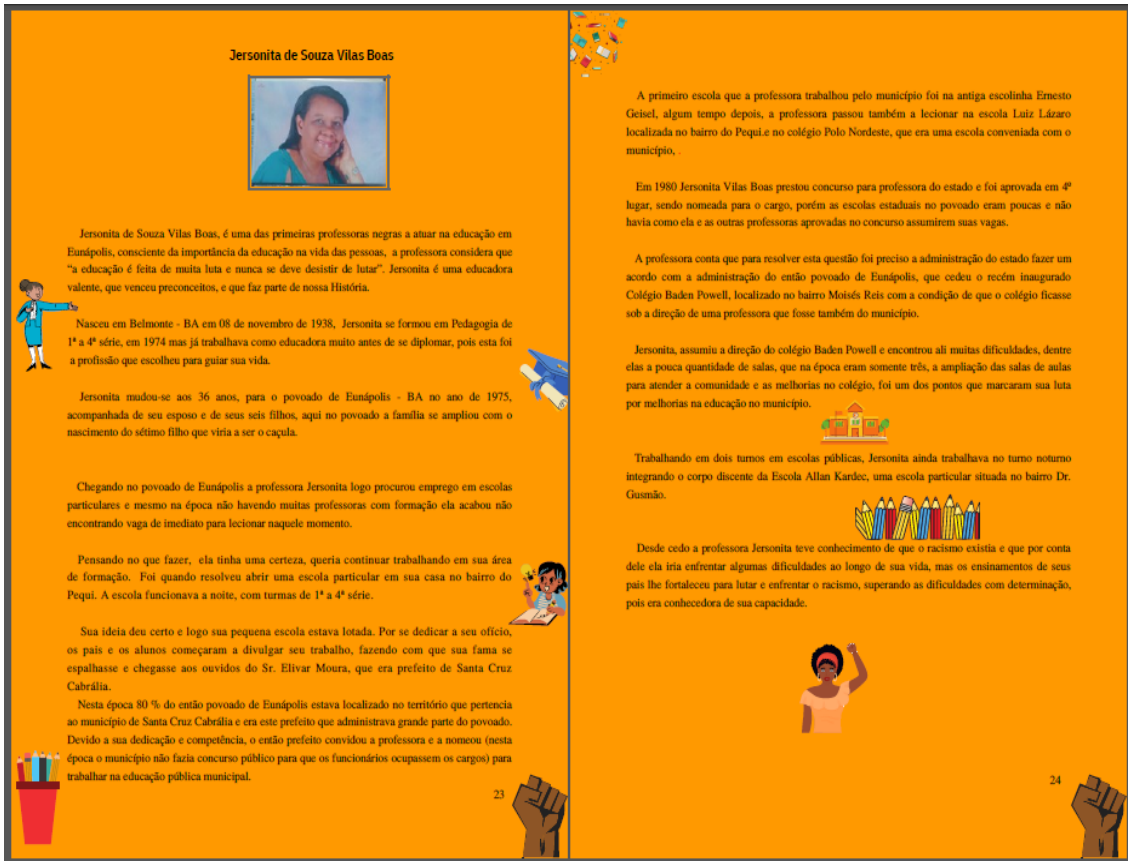
Cleuza sempre se sentiu uma cidadã, para ela participar das escolhas que podem decidir o futuro do município, faz parte desta identidade cidadã e por isso ela faz questão de exercer seu direito de voto buscando entender as propostas consideradas importantes para ajudar a decidir o futuro de todos do município.

Hoje aos 72 anos, Cleuza está aposentada, mas continua em seu ofício por escolha, pois é o que ela mais gosta de fazer. Cleuza com sua profissão de cozinheira pode cuidar dela e de sua família e ao mesmo tempo participar do desenvolvimento do município, Cleuza é uma mulher vencedora que faz parte da História de nossa cidade.

22

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Figura 10: Biografia da Sraª Jersonita de Souza – Aula 03



Jersonita de Souza Vilas Boas

Jersonita de Souza Vilas Boas, é uma das primeiras professoras negras a atuar na educação em Eunápolis, consciente da importância da educação na vida das pessoas, a professora considera que "a educação é feita de muita luta e nunca se deve desistir de lutar". Jersonita é uma educadora valente, que venceu preconceitos, e que faz parte de nossa História.

Nasceu em Belmonte - BA em 08 de novembro de 1938, Jersonita se formou em Pedagogia de 1ª a 4ª série, em 1974 mas já trabalhava como educadora muito antes de se diplomar, pois esta foi a profissão que escolheu para guiar sua vida.

Jersonita mudou-se aos 36 anos, para o povoado de Eunápolis - BA no ano de 1975, acompanhada de seu esposo e de seus seis filhos, aqui no povoado a família se ampliou com o nascimento do sétimo filho que viria a ser o caçula.

Chegando no povoado de Eunápolis a professora Jersonita logo procurou emprego em escolas particulares e mesmo na época não havendo muitas professoras com formação ela acabou não encontrando vaga de imediato para lecionar naquele momento.

Pensando no que fazer, ela tinha uma certeza, queria continuar trabalhando em sua área de formação. Foi quando resolveu abrir uma escola particular em sua casa no bairro do Pequi. A escola funcionava a noite, com turmas de 1ª a 4ª série.

Sua ideia deu certo e logo sua pequena escola estava lotada. Por se dedicar a seu ofício, os pais e os alunos começaram a divulgar seu trabalho, fazendo com que sua fama se espalhasse e chegasse aos ouvidos do Sr. Elivar Moura, que era prefeito de Santa Cruz Cabrália.

Nesta época 80 % do então povoado de Eunápolis estava localizado no território que pertencia ao município de Santa Cruz Cabrália e era este prefeito que administrava grande parte do povoado. Devido a sua dedicação e competência, o então prefeito convidou a professora e a nomeou (nesta época o município não fazia concurso público para que os funcionários ocupassem os cargos) para trabalhar na educação pública municipal.

23

A primeiro escola que a professora trabalhou pelo município foi na antiga escolinha Ernesto Geisel, algum tempo depois, a professora passou também a lecionar na escola Luiz Lázaro localizada no bairro do Pequi.e no colégio Polo Nordeste, que era uma escola conveniada com o município, .

Em 1980 Jersonita Vilas Boas prestou concurso para professora do estado e foi aprovada em 4º lugar, sendo nomeada para o cargo, porém as escolas estaduais no povoado eram poucas e não havia como ela e as outras professoras aprovadas no concurso assumirem suas vagas.

A professora conta que para resolver esta questão foi preciso a administração do estado fazer um acordo com a administração do então povoado de Eunápolis, que cedeu o recém inaugurado Colégio Baden Powell, localizado no bairro Moisés Reis com a condição de que o colégio ficasse sob a direção de uma professora que fosse também do município.

Jersonita, assumiu a direção do colégio Baden Powell e encontrou ali muitas dificuldades, dentre elas a pouca quantidade de salas, que na época eram somente três, a ampliação das salas de aulas para atender a comunidade e as melhorias no colégio, foi um dos pontos que marcaram sua luta por melhorias na educação no município.

Trabalhando em dois turnos em escolas públicas, Jersonita ainda trabalhava no turno noturno integrando o corpo discente da Escola Allan Kardec, uma escola particular situada no bairro Dr. Gusmão.

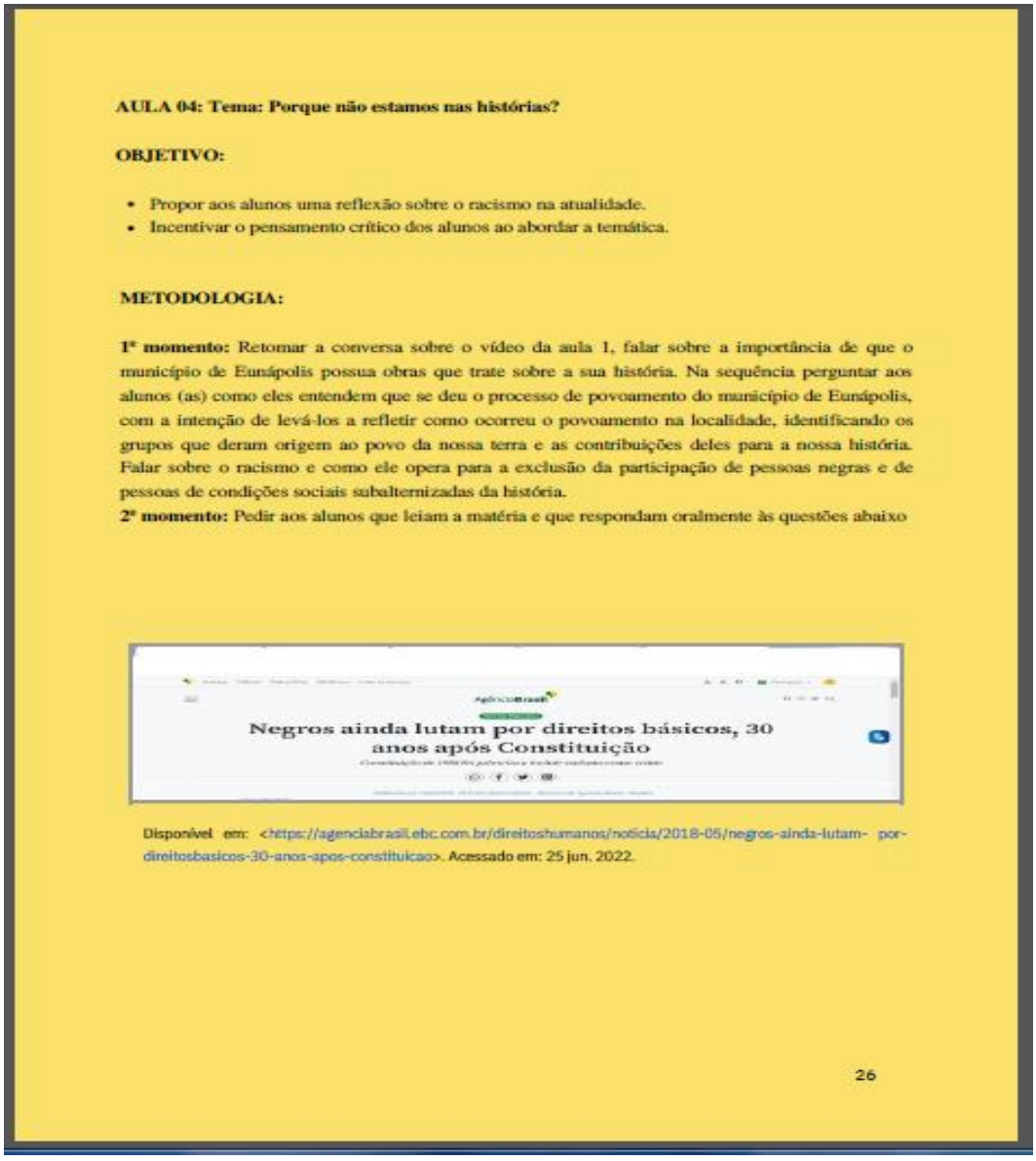
Desde cedo a professora Jersonita teve conhecimento de que o racismo existia e que por conta dele ela iria enfrentar algumas dificuldades ao longo de sua vida, mas os ensinamentos de seus pais lhe fortaleceu para lutar e enfrentar o racismo, superando as dificuldades com determinação, pois era conhecedora de sua capacidade.

24

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Na página 26 do e-book temos a aula 04 que versa sobre o tema "Porque não estamos nas histórias?" Nesta aula o trabalho é desenvolvido com retomada da conversa sobre o vídeo *Eunápolis povoado de histórias* (p.10 do e-book) e com o texto 'Negros ainda lutam por direitos básicos, 30 anos após Constituição' da autora Débora Brito, Repórter da Agência Brasil – Brasília. A partir do vídeo e do texto a turma é incentivada a analisar o racismo presente na história do município e no seu cotidiano.

Figura 11: 2ª parte do e-book– Aula 04



AULA 04: Tema: Porque não estamos nas histórias?

OBJETIVO:

- Propor aos alunos uma reflexão sobre o racismo na atualidade.
- Incentivar o pensamento crítico dos alunos ao abordar a temática.

METODOLOGIA:

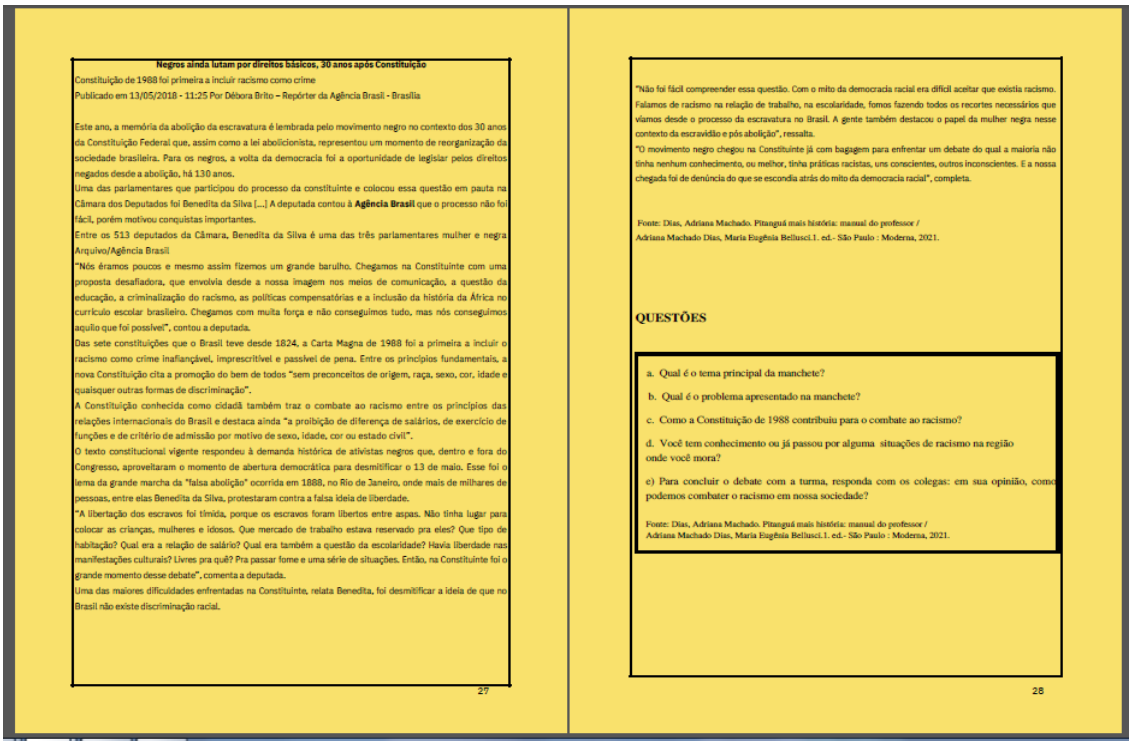
1º momento: Retomar a conversa sobre o vídeo da aula 1, falar sobre a importância de que o município de Eunápolis possua obras que trate sobre a sua história. Na sequência perguntar aos alunos (as) como eles entendem que se deu o processo de povoamento do município de Eunápolis, com a intenção de levá-los a refletir como ocorreu o povoamento na localidade, identificando os grupos que deram origem ao povo da nossa terra e as contribuições deles para a nossa história. Falar sobre o racismo e como ele opera para a exclusão da participação de pessoas negras e de pessoas de condições sociais subalternizadas da história.
2º momento: Pedir aos alunos que leiam a matéria e que respondam oralmente às questões abaixo

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitoshumanos/noticia/2018-05/negros-ainda-lutam- por-direitosbasicos-30-anos-apos-constituicao>. Acessado em: 25 jun. 2022.

26

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023

Figura 12: 2ª parte do e-book - Aula 04



Negros ainda lutam por direitos básicos, 30 anos após Constituição

Constituição de 1988 foi primeira a incluir racismo como crime
Publicado em 13/05/2018 - 11:25 Por Débora Brito – Repórter da Agência Brasil - Brasília

Este ano, a memória da abolição da escravatura é lembrada pelo movimento negro no contexto dos 30 anos da Constituição Federal que, assim como a lei abolicionista, representou um momento de reorganização da sociedade brasileira. Para os negros, a volta da democracia foi a oportunidade de legislar pelos direitos negados desde a abolição, há 130 anos.
Uma das parlamentares que participou do processo da constituinte e colocou essa questão em pauta na Câmara dos Deputados foi Benedita da Silva [...] A deputada contou à **Agência Brasil** que o processo não foi fácil, porém motivou conquistas importantes.
Entre os 513 deputados da Câmara, Benedita da Silva é uma das três parlamentares mulher e negra
Arquivo/Agência Brasil
"Nós éramos poucos e mesmo assim fizemos um grande barulho. Chegamos na Constituinte com uma proposta desafiadora, que envolvia desde a nossa imagem nos meios de comunicação, a questão da educação, a criminalização do racismo, as políticas compensatórias e a inclusão da história da África no currículo escolar brasileiro. Chegamos com muita força e não conseguimos tudo, mas nós conseguimos aquilo que foi possível", contou a deputada.
Das sete constituições que o Brasil teve desde 1824, a Carta Magna de 1988 foi a primeira a incluir o racismo como crime inafiançável, imprescritível e passível de pena. Entre os princípios fundamentais, a nova Constituição cita a promoção do bem de todos "sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação".
A Constituição conhecida como cidadã também traz o combate ao racismo entre os princípios das relações internacionais do Brasil e destaca ainda "a proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil".
O texto constitucional vigente respondeu à demanda histórica de ativistas negros que, dentro e fora do Congresso, aproveitaram o momento de abertura democrática para desmitificar o 13 de maio. Esse foi o lema da grande marcha da "falsa abolição" ocorrida em 1888, no Rio de Janeiro, onde mais de milhares de pessoas, entre elas Benedita da Silva, protestaram contra a falsa ideia de liberdade.
"A libertação dos escravos foi tímida, porque os escravos foram libertos entre aspas. Não tinha lugar para colocar as crianças, mulheres e idosos. Que mercado de trabalho estava reservado pra eles? Que tipo de habitação? Qual era a relação de salário? Qual era também a questão da escolaridade? Havia liberdade nas manifestações culturais? Livres pra quê? Pra passar fome e uma série de situações. Então, na Constituinte foi o grande momento desse debate", comenta a deputada.
Uma das maiores dificuldades enfrentadas na Constituinte, relata Benedita, foi desmitificar a ideia de que no Brasil não existe discriminação racial.

27

"Não foi fácil compreender essa questão. Com o mito da democracia racial era difícil aceitar que existia racismo. Falamos de racismo na relação de trabalho, na escolaridade, fomos fazendo todos os recortes necessários que viamos desde o processo da escravatura no Brasil. A gente também destacou o papel da mulher negra nesse contexto da escravidão e pós abolição", ressalta.
"O movimento negro chegou na Constituinte já com bagagem para enfrentar um debate do qual a maioria não tinha nenhum conhecimento, ou melhor, tinha práticas racistas, uns conscientes, outros inconscientes. E a nossa chegada foi de denúncia do que se escondia atrás do mito da democracia racial", completa.

Fonte: Dias, Adriana Machado. Pitanguá mais história: manual do professor / Adriana Machado Dias, Maria Eugênia Bellusci.1. ed.- São Paulo : Moderna, 2021.

QUESTÕES

a. Qual é o tema principal da manchete?

b. Qual é o problema apresentado na manchete?

c. Como a Constituição de 1988 contribuiu para o combate ao racismo?

d. Você tem conhecimento ou já passou por alguma situações de racismo na região onde você mora?

e) Para concluir o debate com a turma, responda com os colegas: em sua opinião, como podemos combater o racismo em nossa sociedade?

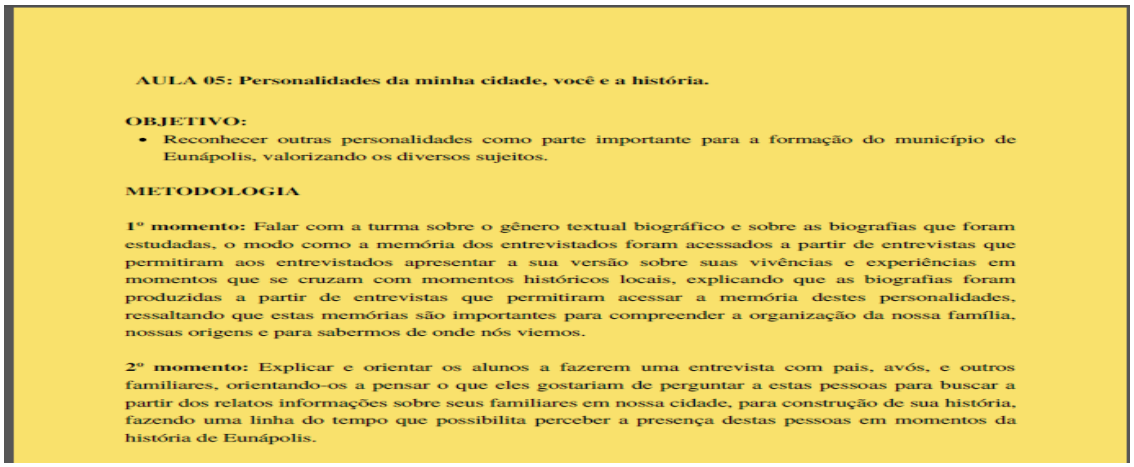
Fonte: Dias, Adriana Machado. Pitanguá mais história: manual do professor / Adriana Machado Dias, Maria Eugênia Bellusci.1. ed.- São Paulo : Moderna, 2021.

28

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

A aula 05 tem como tema Personalidades da minha cidade, você e a história. Localizada na página 29 do e-book, a aula trata da busca pelo reconhecimento de outras personagens como parte importante para a formação do município de Eunápolis, valorizando os diversos sujeitos a partir da orientação para a produção de pequenas biografias por parte dos (as) alunos (as).

Figura 13: parte do e-book Biografia – Aula 05



AULA 05: Personalidades da minha cidade, você e a história.

OBJETIVO:

- Reconhecer outras personalidades como parte importante para a formação do município de Eunápolis, valorizando os diversos sujeitos.

METODOLOGIA

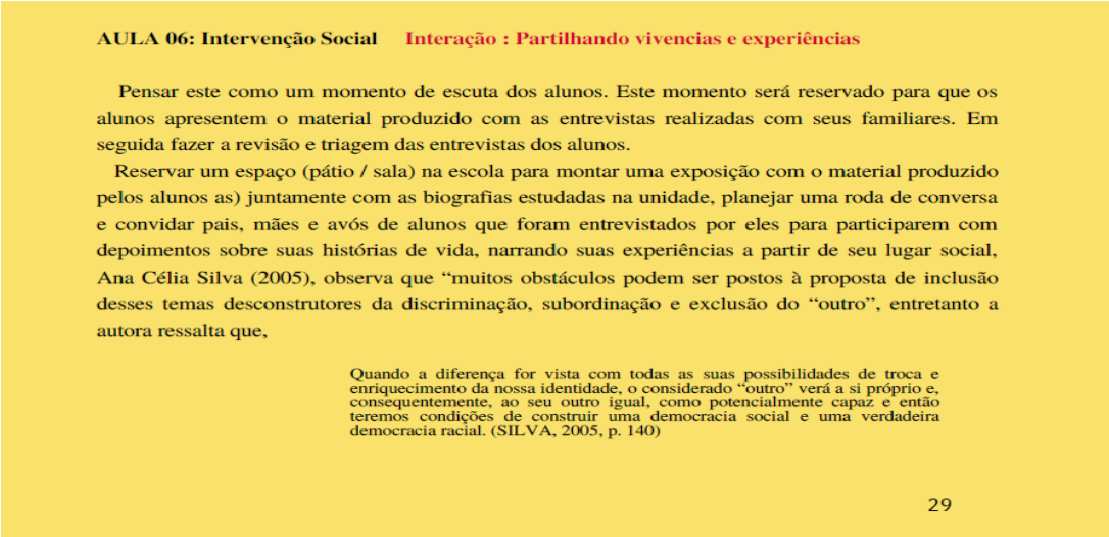
1º momento: Falar com a turma sobre o gênero textual biográfico e sobre as biografias que foram estudadas, o modo como a memória dos entrevistados foram acessados a partir de entrevistas que permitiram aos entrevistados apresentar a sua versão sobre suas vivências e experiências em momentos que se cruzam com momentos históricos locais, explicando que as biografias foram produzidas a partir de entrevistas que permitiram acessar a memória destes personalidades, ressaltando que estas memórias são importantes para compreender a organização da nossa família, nossas origens e para sabermos de onde nós viemos.

2º momento: Explicar e orientar os alunos a fazerem uma entrevista com pais, avós, e outros familiares, orientando-os a pensar o que eles gostariam de perguntar a estas pessoas para buscar a partir dos relatos informações sobre seus familiares em nossa cidade, para construção de sua história, fazendo uma linha do tempo que possibilita perceber a presença destas pessoas em momentos da história de Eunápolis.

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Interação: Partilhando vivencias e experiências e a avaliação da proposta são apresentadas no tópico da aula 06, que está localizada na página 29 do e-book. Este tópico trata do momento reservado para a exposição do que foi produzido, e da ampliação do espaço para a escuta dos (as) alunos (as) e das pessoas biografadas por eles (as) a partir das entrevistas, esta aula também trata de abrir espaço para que os (as) alunos (as) possam avaliar o estudo realizado e demonstrar seu grau de satisfação com a sequência e suas dinâmicas.

Figura 14: 2ª parte do e-book – Aula 06



AULA 06: Intervenção Social **Interação : Partilhando vivencias e experiências**

Pensar este como um momento de escuta dos alunos. Este momento será reservado para que os alunos apresentem o material produzido com as entrevistas realizadas com seus familiares. Em seguida fazer a revisão e triagem das entrevistas dos alunos.

Reservar um espaço (pátio / sala) na escola para montar uma exposição com o material produzido pelos alunos as) juntamente com as biografias estudadas na unidade, planejar uma roda de conversa e convidar pais, mães e avós de alunos que foram entrevistados por eles para participarem com depoimentos sobre suas histórias de vida, narrando suas experiências a partir de seu lugar social, Ana Célia Silva (2005), observa que "muitos obstáculos podem ser postos à proposta de inclusão desses temas desconstrutores da discriminação, subordinação e exclusão do "outro", entretanto a autora ressalta que,

> Quando a diferença for vista com todas as suas possibilidades de troca e enriquecimento da nossa identidade, o considerado "outro" verá a si próprio e, consequentemente, ao seu outro igual, como potencialmente capaz e então teremos condições de construir uma democracia social e uma verdadeira democracia racial. (SILVA, 2005, p. 140)

29

Fonte: E-book Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial. UFSB. 2023.

Na produção do produto final/ artefato metodológico aqui chamado de e-book houve uma preocupação em torná-lo um material atrativo para os (as) professores (as), dedicando uma atenção especial para o uso das cores, de imagens e de figuras. As atividades são destacadas e apresentadas em quadros com bordas. Os textos das quatro pequenas biografias foram produzidos de modo autoral, a partir das entrevistas concedidas pelos personagens biografados, os textos são ilustrados com fotos dos (as) biografados (as) e figuras coloridas que remetem ao ofício e a momentos da vida das personalidades biografadas. Todo o e-book foi produzido em fundo colorido, as cores de fundo de cada biografia se diferem e foram escolhidas a partir da sugestão do (a) biografado (a) que expressou sua preferência pela cor durante a entrevista.

Ao utilizarmos cores, figuras e ilustrações na produção do e-book tivemos a intenção de despertar o interesse do leitor logo no seu primeiro contato com o material, pois assim como a pesquisadora Maria Thereza Oliva Pires de Mello (2012, p. 79) entendemos que "o papel mais importante da ilustração é o da motivação e consequentemente o envolvimento com o material de ensino".

A construção deste produto final se deu com a busca de inserir elementos e subsídios para torná-lo parte dos "instrumentos que permitem incluir as três fases de toda intervenção reflexiva: planejamento, aplicação e avaliação". (ZABALA, 1998, p. 18).

2.7 Apresentando a sequência didática

A apresentação a seguir traz uma descrição metodológica das aulas que compõem a sequência didática, evidenciando as etapas planejadas e as expectativas esperadas com o uso das biografias e das atividades desenvolvidas. Ressalto que as aulas foram preparadas tendo como norte os parâmetros legais dialogando com o aporte teórico que foi analisado ao longo deste trabalho, as aulas e as atividades foram desenvolvidas fazendo uso das informações colhidas com a atividade de sondagem para a construção de um formato de ensino que atinja os objetivos do ensino de história.

Tabela 1: Aula 01

AULA 01 A história da minha cidade – Eunápolis: de povoado a município.	
OBJETIVOS	-Identificar o conhecimento prévio dos (as) alunos (as) e identificar como os (as) alunos (as) enxergam a história da cidade. -Analisar se para os (as) alunos (as) existe alguma relação entre a história da cidade e pessoas ligadas a elas.
METODOLOGIA	
INTRODUÇÃO	A aula será dividida em 02 momentos e se iniciará com a apresentação do tema que será trabalhado na sequência didática.
1º Momento	Organizar a turma em meia lua, iniciar a aula com a apresentação do tema que será trabalhado na sequência didática, seguir conversando com os (as) alunos (as) sobre a importância de estudar e pesquisar a história, como forma de compreender o passado, tanto do ponto de vista global como local, ressaltando que estudar história contribui para o autoconhecimento e também serve para orientar as nossas ações no presente e no futuro, destacando que cada cidadão pode contribuir para a escrita da história.
2º momento	Após esta intervenção, apresentar o vídeo "Eunápolis, povoado de história" que está disponível em: https://1drv.ms/u/s!Ak8t1CGVLDd2gVgkMJCDpO4GvL8l. Em seguida organizar a turma em grupo de no máximo cinco alunos (as) e distribuir uma atividade com perguntas que serão norteadoras para a problematização e a continuidade do trabalho com a turma.
Espera-se que nessa aula seja possível identificar as percepções que a turma tem sobre a história da cidade de Eunápolis, e sobre a percepção que elas têm sobre a relação entre a história da cidade com a história de pessoas próximas a elas.	

Tabela 2: Aula 02

AULA 02 O povoamento do município e o surgimento dos bairros.	
OBJETIVOS	- Interpretar, seus lugares de vivência e em suas histórias familiares, como se deu o processo de formação do povo de Eunápolis, identificando os grupos sociais e étnicos em lugares de origem, contribuindo assim para o respeito à diversidade racial e a valorização cultural. - Analisar o uso da biografia e entendê-la como um documento, produzido a partir da memória, percebendo a importância da mesma para a compreensão do passado.
METODOLOGIA	
ORIENTAÇÃO	Levar uma caixa com fotos de diferentes lugares da cidade de Eunápolis, centro e bairros da cidade, organizar a turma em círculo. A caixa deverá conter fotos ou imagens atuais de lugares conhecidos nos bairros e centro como, por exemplo: Catedral de Eunápolis, fotos do comércio central, (centro), Praça do Gusmão (bairro Gusmão), parque da Renovação, foto da escola (bairro Santa Lúcia), feira do bairro Juca Rosa e praça do bairro do Pequi.
1º Momento	Pedir aos (as) alunos (as) e alunas que passe a caixa de um para o outro e quando (a música, apito e/ou cronômetro) parar, o aluno que estiver com a caixa deve abrir, escolher uma figura e tentar identificar o local. A partir da identificação do local explicar para os (as) alunos (as) e alunas como surgiu o bairro em que aquela construção se encontra e como ele foi povoado. Em seguida, pedir para o aluno que cite possíveis modos de se chegar a este local partindo do bairro em que ele mora, destacando que um destes meios de transporte é o transporte coletivo e quem dirige esses meio de transporte tem uma importante função na sociedade.
2º momento	Compartilhar e apresentar a pequena biografia do Sr. Edivaldo Araujo dos Santos, motorista de ônibus que por muito tempo trabalhou no transporte urbano da cidade, transportando moradores de um bairro para outro e também para a área central local em que muitos trabalhavam desde quando a cidade ainda era um povoado. Ressaltar na apresentação os traços étnicos, a sua origem e comparar seu lugar social com a dos (as) alunos (as) e alunas.

3º Momento	Pedir aos (as) alunos (as) que elaborem um texto curto, relatando como eles (as) perceberam a participação do Sr. Edivaldo Araujo dos Santos no desenvolvimento da cidade e quantas pessoas eles (as) conhecem que tem a mesma função do biografado e se eles (as) acham importante a participação de seu Edivaldo na história de Eunápolis.

Tabela 3: Aula 04

AULA 04 Porque não estamos nas histórias?	
OBJETIVOS	- Propor aos (as) alunos (as) uma reflexão sobre o racismo na atualidade. - Incentivar o pensamento crítico dos (as) alunos (as) ao abordar a temática.
METODOLOGIA	
1º Momento	Retomar a conversa sobre o vídeo da aula 1, falar sobre a importância de que o município de Eunápolis possua obras que trate sobre a sua história. Na sequência perguntar aos (as) alunos (as) como eles (as) entendem que se deu o processo de povoamento do município de Eunápolis, com a intenção de levá-los a refletir como ocorreu o povoamento na localidade, identificando os grupos que deram origem ao povo da nossa terra e as contribuições deles (as) para a nossa história. Falar sobre o racismo e como ele opera para a exclusão da participação de pessoas negras e de pessoas de condições sociais subalternizadas da história.
2º momento	Pedir aos (as) alunos (as) que leiam a matéria e que respondam oralmente às questões abaixo (p. 28 do e-book)

Tabela 4: Aula 05

AULA 05 Personalidades da minha cidade, você e a história.	
OBJETIVOS	- Reconhecer outras personalidades como parte importante para a formação do município de Eunápolis, valorizando os diversos sujeitos.
METODOLOGIA	
1º Momento	Falar com a turma sobre o gênero textual biográfico e sobre as biografias que foram estudadas, o modo como a memória dos entrevistados foram acessados a partir de entrevistas que permitiram aos entrevistados apresentar a sua versão sobre suas vivências e experiências em momentos que se cruzam com momentos históricos locais, explicando que as biografias foram produzidas a partir de entrevistas que permitiram acessar a memória destas personalidades, ressaltando que estas memórias são importantes para compreender a organização da nossa família, nossas origens e para sabermos de onde nós viemos.
2º momento	Explicar e orientar os (as) alunos (as) a fazerem uma entrevista com pais, avós, e outros familiares, orientando-os (as) a pensar o que eles (as) gostariam de perguntar a estas pessoas para buscar a partir dos relatos informações sobre seus familiares em nossa cidade, para construção de sua história, fazendo uma linha do tempo que possibilita perceber a presença destas pessoas em momentos da história de Eunápolis.

Tabela 5: Aula 06

AULA 06 Interação: Partilhando vivencias e experiências.	
ORIENTAÇÃO	Pensar este como um momento de escuta dos (as) alunos (as). Este momento será reservado para que os (as) alunos (as) apresentem o material produzido com as entrevistas realizadas com seus familiares. Em seguida fazer a revisão e triagem das entrevistas dos (as) alunos (as).
METODOLOGIA	
1º Momento	Reservar um espaço (pátio / sala) na escola para montar uma exposição com o material produzido pelos (as) alunos (as) juntamente com as biografias estudadas na unidade.
2º Momento	Planejar uma roda de conversa e convidar pais, mães e avós de alunos (as) que foram entrevistados por eles (as) para participarem com depoimentos sobre suas histórias de vida, narrando suas experiências a partir de seu lugar social,
3º Momento	Avaliação da proposta como meio de analisar o resultado final da sequência, proponho que além do painel de exposições pedir aos (as) alunos (as) do 5º ano que respondam algumas questões que permitam avaliar o nível de satisfação com o trabalho desenvolvido durante a unidade.

CAPÍTULO III

3. APLICAÇÃO DA PROPOSTA, ANÁLISE DO RESULTADO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NA SALA DE AULA

Conforme apresentado no capítulo II, esta proposta de ensino é formada por uma sequência didática composta por seis aulas, seguindo a grade curricular do ensino fundamental anos iniciais, que disponibiliza duas aulas semanais para a disciplina de História. A proposta foi planejada para ser aplicada em três semanas ou ter seu tempo de aplicação flexibilizado em até 30 dias, para o caso de algo extemporâneo ocorrer no decorrer da aplicação da proposta.

Entretanto, em virtude da greve considerada legal deflagrada em 2022 na educação municipal, -cuja pauta reivindicava o justo direito dos professores ao reajuste salarial de 33,24%, melhores condições de trabalho, melhorias nas estruturas das escolas, além de outras pautas, que ocorreu no município de Eunápolis, Bahia- tornou-se necessário pensar uma nova estimativa de tempo para a aplicação da proposta, pois com a situação de greve ocorreram ajustes e mudanças na carga horária que acabaram por interferir no planejamento inicial do tempo de aplicação da proposta.

Iniciada em 19/04/2022 com modalidade de 100% de paralisação das aulas, a greve se manteve assim até 09/05/2022. Em maio de 2022, após audiência entre o Ministério Público, Sindicato APLB e o Executivo Municipal, ficou acordado o retorno das atividades com carga horária de 50% das aulas. O período de greve na modalidade de 50% durou sete meses, e se deu no espaço de tempo entre 10/05/2022 a 09/12/2022, este acordo acabou por alterar o calendário escolar do ano letivo de 2022, pois a carga horária das disciplinas foi reduzida igualmente em 50%, influenciando no início e no encerramento dos trimestres, alterando o calendário escolar do ano letivo.

Apesar de ter ocorrido algumas audiências de conciliação, neste interstício de tempo as negociações entre o Sindicato e o Executivo Municipal não avançaram até o início de dezembro de 2022. Sem avanço nas negociações, o sindicato APLB deliberou em assembléia realizada no dia 06 de dezembro e expediu ofício 073/2022 comunicando que cumpriria as atividades letivas, seguindo as datas estabelecidas em conformidade com o calendário letivo vigente, informando ainda que seria realizada uma nova assembléia para a tomada de novas decisões a partir dos resultados da audiência de conciliação entre APLB e o Executivo Municipal agendada pelo TJBA.

Imagem 1: APLB Sindicato Eunápolis-BA- Assembléia geral com seus/as filiados/as em 06 de dezembro



Fonte: *Instagram* APLB Data: 06/12/2022
https://www.instagram.com/p/Cl1GzOnOKIb/?utm_source=ig_web_copy_link

Imagem 2: APLB Sindicato Eunápolis-BA- Assembléia geral com seus/as filiados/as em 06 de dezembro



Fonte: *Instagram* APLB Data: 06/12/2022
https://www.instagram.com/p/Cl1GzOnOKIb/?utm_source=ig_web_copy_link

Imagem 3: APLB Sindicato Eunápolis-BA- Assembléia geral com seus/as filiados/as em 06 de dezembro



Fonte: *Instagram* APLB Data: 06/12/2022
https://www.instagram.com/p/Cl1GzOnOKIb/?utm_source=ig_web_copy_link

A audiência de conciliação gerou um novo acordo entre as partes acima citadas, em que ficou acertado o pagamento do reajuste salarial dos professores de modo escalonado, o retorno de 100% das aulas, e a aprovação de um calendário escolar com nova ordenação.

A ordenação dos trimestres foi aprovada pelo Conselho Municipal de Educação -CME, sob a resolução nº 07 e publicado no diário oficial do município[1], estabelecendo novo ordenamento do calendário escolar, ajustando períodos de tempo para os trimestres do ano letivo de 2022, estabelecendo novas datas e ficando assim organizado: Primeiro trimestre de 07 de fevereiro de 2022 a 03 de junho de 2022, o segundo trimestre de 06 de junho a 04 de novembro de 2022 e o terceiro trimestre no qual se planejou a aplicação desta proposta teria seu início em 07 de novembro de 2022 com término em 02/03/2023, no novo calendário foi mantido o recesso de natal, e o período de férias escolares no mês de janeiro, com o compromisso de que o encerramento do ano letivo de 2022 ocorreria em 02 de março de 2023.

O indicativo inicial do sindicato de encerrar as atividades do ano letivo nos primeiros dias de dezembro de 2022, nos fez perceber que, caso esta decisão permanecesse o tempo disponível seria insuficiente e tornava inviável a aplicação da

[1]Disponível em: https://www.eunapolis.ba.gov.br/Handler.ashx?f=diario&query=8645&c=253&m=0 Acessado em: 04.jan.23.

proposta e da sequência didática ainda no ano de 2022, pois tal situação nos deixava sem tempo hábil para a realização da proposta no mês de dezembro. Diante de tal situação, solicitamos junto à direção da escola e ao setor pedagógico a permissão para adiantar a aplicação do projeto para os dias 12, 13 de dezembro, explicando os motivos que levaram a mudança no planejamento. Nossa solicitação foi prontamente aceita pela diretora da escola D. Avelar Brandão Vilela, Ivonete Gonçalves Souza de Oliveira, pela coordenadora Luana Domicianiana e pelas professoras regentes da sala Ione Queiroz e Maria Selma, que divulgaram no grupo de *whatsapp* da turma do 5º ano A, que nos referidos dias esta turma teria atividades na escola.

A equipe escolar colaborou efetivamente para a realização do projeto, para além de tantos outros momentos de cooperação durante a pesquisa, pudemos contar mais uma vez com a colaboração e incentivo da equipe escolar que envolveu a direção, a coordenação pedagógica, o setor administrativo, as professoras regentes e todos os profissionais da educação que trabalham nos setores de apoio escolar que abraçaram o projeto de uma forma muito engajada e carinhosa.

Neste contexto, ocorreu a assembléia sindical em que ficou resolvido aceitar a proposta resultante da audiência de conciliação, deliberando o retorno das aulas.

Imagem 4: Assembléia deliberativa sobre conciliação entre APLB e o E. M. intermediada pelo TJBA.



Fonte: *Instagram* APLB Data: 12/12/2022
https://www.instagram.com/p/CmXMUzSPBv6/?utm_source=ig_web_copy_link

Em meio a este novo cenário solicitamos a direção da escola mais um dia para a aplicação da proposta, e em comum acordo com a direção da escola realizamos a proposta nos dias 12, 13 e 15 de dezembro de 2022, dessa forma, a diminuição do tempo semanal que estava previsto para a realização das seis aulas, foi compensado pela quantidade de horas aula disponibilizada para a execução da sequência didática. Nesta ocasião houve a redução na oferta do transporte escolar, o que contribuiu para que alunos que moram em locais ou bairros mais distantes faltassem às aulas, reduzindo assim a quantidade de alunos (as) em sala de aula. Devido a insuficiência de transporte, a turma do 5º ano A que é composta por 25 alunos (as) teve a presença de 15 alunos (a) no dia 12 de dezembro, 12 alunos (as) no dia 13 de dezembro e 18 alunos (as) no dia15 de dezembro, dos (as) alunos e alunas que mantiveram a frequência, nove dos presentes eram negros (as).

É importante ressaltar que apesar da situação causar mudança no planejamento, a circunstância mostrou que o tempo de aplicação não prejudicou o desenvolvimento da sequência, já que as aulas de 01 a 05 mantiveram o ritmo, gerando resultados satisfatórios que pode ser notado na aprendizagem e no (des) envolvimento dos (as) alunos (as), tal situação abriu uma nova possibilidade de tempo para a aplicação da proposta. Desse modo as aulas 01 e 02 foram realizadas no dia 12 de dezembro, as aulas 03, 04 e 05 no dia 13 de dezembro e a aula 06 realizada no dia 15 de dezembro.

Esta sequência é composta por aulas elaboradas com atividades que se relacionam entre si na busca de favorecer a construção do conhecimento, potencializar a compreensão e proporcionar uma aprendizagem significativa para os (as) alunos (as). No descrever da aplicação desta proposta de ensino e na análise de seu resultado na sala de aula, optamos por uma descrição densa, com o objetivo de compreender as significâncias implicadas na ação, evidenciando os fatos observados, em um exercício de investigar a importância não aparente das coisas (GEERTZ, 2008, p.18)

AULA 01 - 12/12/2023

Principiamos a aula 01, com a apresentação da sequência didática para a turma. A apresentação do tema da sequência didática, foi uma escolha que objetivou conduzir os (as) alunos (as) a relacionarem o tema a sua realidade, a seu mundo experiencial, encontrando assim sentido nas atividades desenvolvidas, como descrito por Zabala,

> Para que os alunos vejam sentido no trabalho que irão realizar é necessário que conheçam previamente as atividades que devem desenvolver, não apenas como são, como também o motivo pelo que foram selecionadas essas e não outras; que sintam que o trabalho que lhes é proposto está ao alcance deles e que seja interessante fazê-lo. (ZABALA, 2005 p.125)

Após esse momento inicial seguimos para o segundo momento com a apresentação do vídeo *Eunápolis povoado de histórias,* este vídeo como destacamos no capítulo anterior foi produzido especialmente para esta proposta, a partir da entrevista filmada do Sr. Carlos Alberto Silva e objetivou narrar à história da cidade a partir do ponto de vista do Sr. Carlos Alberto. No vídeo a história do entrevistado se cruza com a história do antigo povoado e registra sua participação em momentos importantes para o desenvolvimento da cidade. O modo como o Sr. Carlos Alberto Silva fez os relatos também se aproxima do modo como em muitas das vezes as histórias e as experiências já vividas são contadas pelos pais e avós nos encontros familiares ou em momentos mais íntimos de convívio, proporcionando aproximação e a identificação do aluno (a) com o entrevistado e a história por ele narrada.

Após o vídeo a turma foi dividida em 03 grupos de cinco alunos (as) e foi entregue a eles (as) como atividade um questionário, que continha cinco questões, cujo modelo encontra-se em anexo nesta dissertação. As questões foram respondidas oralmente, e os pontos destacados por eles (as) foram anotadas por nos. Foi um momento de escuta dos (as) alunos (as) que nos permitiu perceber o modo como os (as) alunos (as) estavam assimilando o assunto. Algumas falas dos (as) alunos (as) se destacaram ao responderem as questões, e trazemos aqui algumas das respostas que os grupos deram para cada questão.

1 - Vocês acham que é importante valorizar a história do lugar onde vivemos?

Grupo 1: É importante né?,Mas eu nunca tinha escutado a história de Eunápolis.

Grupo 2: Depois que vimos o vídeo, vimos que seria bom valorizar mais.

Grupo 3: É importante sim, assim a gente sabe que muita coisa importa e a gente nem liga.

2 - O que você sabe da história de Eunápolis que não apareceu no vídeo?

Grupo 1: Além do que apareceu no vídeo não sabemos nada e nem sabia das serrarias que apareceram.

Grupo 2: O negócio que tinha muita madeira, que apareceu no vídeo nós sabíamos, o avô de nosso colega trabalhou em uma serraria, mas nunca vi uma serraria e depois mais nada.

Grupo 3: Aqui era tudo mato e não tinha esses monte de bairros

3 - Quais acontecimentos vocês acharam mais importante que foi narrado pelo personagem na história de Eunápolis?

Grupo 1: A mudança na cidade, quando mostrou as ruas, elas eram diferentes antes.

Grupo 2: O negócio da eleição (plebiscito) que ajudou a cidade.

Grupo 3: Nunca tinha visto a foto do centro da cidade antigamente, eu pensei que aqui já era assim, tem muita coisa diferente hoje né! Mercado, lojas.

4- Você consegue identificar pessoas que se pareçam com seus familiares, e que tenham profissões parecidas com a de seus pais ou de pessoas que você conhece na história de Eunápolis?

Grupo1: Sim, na nossa família tem pessoas que são motoristas e viajam

Grupo 2: Ele que estava falando no vídeo se parece com pessoas que conhecemos.

Grupo 3: Não sei, vi nas imagens pessoas que estavam caminhando nas ruas igual a nós quando vamos no centro comprar coisas e tem o Sr. Carlos também que nos vimos no vídeo.

5- Vocês acham importante ouvir a história da cidade com a participação de outras pessoas? Por quê?

Grupo 1: Sim, porque as pessoas contam coisas que não sabemos mas que é importante saber.

Grupo 2: Sim, porque é bom conhecer as coisas né, e tem coisas que eles sabem e nós não sabemos e aí quando as pessoas contam as histórias eles explicam para nós e nós aprendemos.

Grupo 3: Sim, porque as pessoas contam coisas que eles viram e que nós não vimos e ajuda a conhecer nossa cidade e nossa história.

Ao analisarmos as respostas dos (as) alunos (as), percebemos existir uma lacuna no que se refere ao ensino sobre a história da localidade que apontamos no capítulo I deste trabalho. As respostas demonstram também que este é um campo da história que desperta o interesse do (a) aluno (a), e este pode ser notado quando eles (as) apontam a transformação urbana, que pode ser estudada a partir de personagens com as quais os (as) alunos (as) possam se identificar ou cujas trajetórias dos seus familiares ou de pessoas próximas tenham semelhanças, atendendo a necessidade do (a) aluno (a) e a função do ensino de história com uma abordagem decolonial e antirracista, rompendo com apenas uma história eurocentrada. As falas dos (as) alunos (as) reforçam que é possível desconstruir "estereótipos que geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio a uma ausência de real conhecimento do outro" (SILVA, 2005, p.24).

Após o término da aula 01, fizemos um intervalo de 15 minutos, que foi aproveitado para sociabilizar com os (as) estudantes. Após o intervalo seguimos para a aula 02.

AULA 02 -12/12/2023

Iniciamos a aula 02, no primeiro momento explicando aos (as) alunos (as) a dinâmica da aula e entregamos aos (as) alunos (as) a caixa com figuras de locais conhecidos da cidade, explicamos que quando a música parasse de tocar, quem estivesse com a caixa deveria abri-la, e retirar uma figura. A figura retirada seria mostrada a todos (as) para que os (as) colegas pudessem visualizar e também identificar os locais. Esse momento gerou muito entusiasmo na turma, que se interessou pela dinâmica e participaram desde o início escolhendo como música de fundo *Dengo* cantada por João Gomes[2].

Os (as) alunos (as) em sua maioria conseguiram identificar as imagens citando o bairro em que aqueles locais se encontravam, alunos (as) moradores (as) do Parque da Renovação apontaram diferenças existentes entre a imagem e o bairro nos dias atuais, nesta atividade falamos sobre a fundação e povoação dos bairros onde estão localizadas as construções que aparecem nas imagens e os dos possíveis modos de se chegar a esses locais, esta dinâmica foi o gancho para a entrada da biografia na sala de aula.

No segundo momento apresentamos a biografia impressa do Sr. Edivaldo Araújo dos Santos, motorista, 57 anos, a primeira biografia da série, e pedimos aos (as) alunos (as) que após ler a biografia elaborassem um pequeno texto em que eles (as) relatassem como perceberam a participação do biografado no desenvolvimento da cidade, quantas pessoas eles (as) conhecem que tem a mesma função que o personagem e se eles (as) acharam importante a participação do Sr. Edivaldo na história de Eunápolis. A seguir apresentamos parte de alguns dos textos produzidos pelos (as) alunos (as),

> -Eu conheço seu Edivaldo. Sim, eu conheço uma pessoa que tem a mesma profissão que o Sr. Edivaldo, o motorista que trabalhou na minha antiga escola, eu acho a participação de seu Edivaldo muito importante, as pessoas que eu conheço com a profissão de Sr Edivaldo são três, a participação dele é muito importante na história de Eunápolis. (aluno A)

[2] João Fernando Gomes Valério, artisticamente conhecido como João Gomes, é dono de um jeito humilde e muito cativante e já conquistou o Brasil. O pernambucano é a grande promessa do ritmo 'piseiro', com apenas 19 anos. O sucesso do cantor reforça o poder das redes em lançar novos artistas. João Gomes lançou o seu primeiro álbum, 'Eu tenho a Senha', que conta com 10 faixas e debutou com sucesso no Spotify. As letras do pernambucano já estão na ponta da língua dos brasileiros.ANDRADE, Gabriela.Saiba quem é João Gomes. 2021. Disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2021/10/13612265-saiba-quem-e-joao-gomes-o-cantor-que-conquistou-ivete-e-luciano-huck.html. Acesso em 12. jan. 2023.

> -Eu percebo que o Sr. Edivaldo é uma pessoa muito boa ele se destaca muito no seu trabalho ele ajuda as pessoas a ir ao trabalho e a escola eu acho muito importante o trabalho do Sr. Edivaldo a história dele é muito boa. (Aluno B)
> -O Sr. Edivaldo ajuda as pessoas a ir para os lugares, eu conheço uma pessoa que é motorista igual a seu Edivaldo, acho muito importante a participação de seu Edivaldo para ajudar as pessoas na cidade. (Aluno C)

Para a produção escrita pontuamos algumas informações deveriam estar presente no pequeno texto, sem, no entanto exigir que estas informações fossem apresentadas de forma sequenciada, deixando o (a) aluno (a) livre para apresentar sua narrativa de forma espontânea e de acordo com sua criatividade. Alguns (mas) alunos (as) inseriram em seus textos parte da biografia que receberam para a leitura, em alguns textos encontramos trechos muito similares.

Apesar dos (as) alunos (as) terem reproduzido trechos do texto biográfico, o teor dos textos produzido por eles (as) indicam que a biografia foi consultada por parte da turma para a produção de seus próprios textos, e a leitura oportunizou "fazer a criança identificar a importância das profissões estigmatizadas, mostrando a sua utilidade para a sociedade" (SILVA, 2005, p. 25).

AULA 03 -13/12/2023

Iniciamos a aula 03 organizando a turma em círculo, e distribuindo recortes de notícias de jornais eletrônicos com divulgação de informações sobre o desenvolvimento econômico e momentos políticos da cidade de Eunápolis. Como atividade pedimos aos (as) alunos (as) que lessem as notícias e identificassem as pessoas que se destacavam nos textos das reportagens e em seguida respondessem se eles (as) concordavam que somente aquelas pessoas que apareciam nas notícias, seriam responsáveis pelo desenvolvimento econômico e pela emancipação política de Eunápolis.

Após a leitura das notícias os (as) alunos (as) conseguiram identificar pessoas e grupos que foram postos nos textos das notícias como protagonistas dos eventos ocorridos na história do município. Na resposta da segunda parte da atividade os (as) alunos (as) recorreram ao que foi estudado nas aulas anteriores, lembrando do conteúdo narrado no vídeo pelo Sr. Carlos Alberto e da biografia do Sr. Edivaldo. Abaixo trazemos a resposta de um dos alunos que consegue representar o pensamento da maioria da turma quanto à questão do protagonismo das pessoas comuns,

> Olha pro, em cada notícia tem uma pessoa que se destaca, tem o José Dantas em uma, tem os capixabas na outra e tem os que são políticos. Ontem nós estudamos que o motorista também ajuda a cidade a crescer, no vídeo também nós vimos o caminhoneiro falando que ele transportava as coisas de uma cidade para outra e que ele ajudava a cidade e a cidade mudou então, para uma pessoa fazer uma coisa ele precisa de outras pessoas também. (Aluno A)

Em meio às falas dos (as) alunos (as) que defenderam a importância dessas pessoas, surgiu também a dissonância por parte de três alunos que discordaram do que os colegas disseram. Juntos os três alunos alegaram que:

> A pessoa importante é a que era dona porque tem dinheiro, e pode fazer um monte de coisas, então as pessoas que trabalham fazem para o patrão o que ele manda, porque o empregado não vai fazer se o dono não mandar fazer, então a pessoa importante é quem manda fazer. (Alunos C, D e E)

A temática fomentou o debate na sala de aula, e serviu para que os (as) alunos (as) expusessem seus pontos de vista, não podemos atribuir a responsabilidade deste pensamento aos alunos que não conseguiram neste primeiro momento perceber ou identificar a importância das pessoas comuns na sociedade, pois o pensamento exposto por eles é reflexo do que escutam e aprendem em núcleos sociais que frequentam, a divulgação deste pensamento indica o modo como a sociedade está estruturada e a dimensão do processo de subalternização presente nas relações, demonstrando o "êxito do sistema mundo moderno/colonial [...] que leva sujeitos oprimidos a pensarem como aqueles que se encontram em situações dominantes" (BERNARDINO-COSTA e RAMÓN GROSFOGUEL. 2016 p.19). Uma possibilidade de reação a este pensamento colonial é buscar a partir das experiências subalternas, "uma transformação nas estruturas de poder globais e a descolonização das relações de poder no mundo moderno". (GROSFOGUEL, 2009, p.408).

No segundo momento da aula, explicamos aos (as) alunos (as) que todos somos protagonistas de nossas vidas e a partir de nosso lugar social contribuímos para a formação cultural econômica e social do lugar em que vivemos e este movimento se estende de forma global, pois as ações locais são importantes para a formação de um todo.

Em seguida organizamos a turma em três grupos e apresentamos (as) alunos (as) as biografias do Sr. Clemente Carlos Araujo, pedreiro; da Srª Cleuza Barbosa Braga, cozinheira e da Srª Jersonita de Souza Vilas Boas, professora, cada grupo ficou

responsável pela leitura da biografia de uma personalidade e por descrever e apresentar para a turma como o grupo percebe a participação do biografado no desenvolvimento econômico e na emancipação do município de Eunápolis, Bahia.

Traçamos no quadro, uma coluna para cada personagem biografado e escrevemos o que os (as) alunos (as) destacavam da biografia de cada personagem para que toda a turma pudesse ter acesso à leitura. Depois da exposição dos (as) alunos (as) e das anotações no quadro, perguntamos aos alunos (as) o que os (as) biografados (as) tinham em comum, ao que eles (as) responderam ser a cor da pele, pois todos eram negros. Em seguida pedimos aos (as) alunos (as), que apontassem se eles (as) notaram algum tipo de violência sofrida pelos (as) biografados (as), os (as) alunos (as) apontaram que perceberam que os (as) biografados (as) sofreram racismo e isto estava na vida dos (as) personagens. Após esta abordagem explicamos à turma que o racismo é um crime usando como referência os estudos de Silvio Almeida (2019) que no livro *Racismo Estrutural*, trata de explica que no Brasil, a legislação vem há anos tratando da questão racial, destacando que

> A Constituição de 1988 trouxe as disposições mais relevantes sobre o tema, no âmbito penal, ao tornar o crime de racismo inafiançável e imprescritível, disposição que orientou a Lei 7716/89, dos crimes de racismo, também conhecida como Lei Caó, em homenagem ao parlamentar Carlos Alberto de Oliveira, o propositor do projeto de lei. (ALMEIDA, 2019, p.89)

A partir dos dizeres do autor, argumentamos que "o racismo é uma imoralidade e também um crime, que exige que aqueles que o praticam sejam devidamente responsabilizados" (ALMEIDA. 2019 p. 89), pontuamos ainda a partir dos ensinamentos de Lélia Gonzales (2018, p. 64), que na obra *Primavera para as rosas negras : Lélia Gonzalez em primeira pessoa* explica no artigo *Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher* que "no Brasil o racismo – enquanto construção ideológica e conjunto de práticas – passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses" em uma prática que atrapalha a vida das pessoas, pois ela é baseada em preconceitos que desvalorizam e desqualifica o outro.

Seguimos, utilizando as biografias para situar os (as) personagens e provocar reflexões que eles (as) a partir de seus lugares contribuíram para o desenvolvimento do município, fazendo uma conexão entre a educação, transporte e construções, pontuando a contribuição destes (as) trabalhadores (as), homens e mulheres negras para o

desenvolvimento econômico e social do município. Analisamos ainda a estrutura de um mercado, de uma loja e de uma escola e a relevância das pessoas que trabalham nos diversos setores para que estes estabelecimentos tenham pleno funcionamento

Neste ponto destacamos que todas as profissões e todas as pessoas que as exercem são importantes no processo de desenvolvimento e na produção bens e serviços a que temos acesso, em meio à explanação um aluno pergunta: Professora, minha mãe é costureira, ela é importante também? Respondi que sim, e reconhecer a importância do trabalho dos familiares das crianças e de pessoas próximas a eles (as) que fazem serviços que não são destacados na sociedade era um dos objetivos do que estávamos estudando.

A partir da pergunta deste aluno, outros (as) alunos (as) começaram a falar a profissão de seus pais e perguntar se esse trabalho era importante também, confesso que este momento nos encheu de entusiasmo, pois notamos que a proposta avançava no objetivo de articular o uso de pequenas biografias para o ensino de história no ensino fundamental anos iniciais, a partir de uma educação antirracista, valorizando a trajetória de pessoas pertencentes a grupos sociais historicamente subalternizados.

Após o término da aula 03, fizemos um breve intervalo de 15 minutos. Após o intervalo seguimos para a aula 04.

AULA 04 - 13/12/2023

Iniciamos a aula 04 retomando a conversa sobre o vídeo da aula 01, explicando a importância de se produzir obras que tratem sobre a história de nossa cidade para conhecermos nossas origens, em seguida perguntamos aos (as) alunos (as) como eles (as) entendiam o povoamento de nosso município e se eles (as) conseguiam identificar quem foram os primeiros moradores do povoado e suas contribuições para nossa história, após a manifestação da turma, falamos como o racismo opera para a exclusão da participação de pessoas negras e de pessoas de condições sociais subalternizadas da história. Após a explanação inicial, distribuímos o material impresso com a matéria jornalística *Negros ainda lutam por direitos básicos, 30 anos apos Constituição* (BRITO. 2018) e solicitamos que eles respondessem as seguintes questões:

A) Qual é o tema principal da manchete?

B) Qual é o problema apresentado na manchete?

C) Como a Constituição de 1988 contribuiu para o combate ao racismo?

D) Você tem conhecimento ou já passou por algumas situações de racismo na região onde você mora?

E) Para concluir o debate com a turma, responda com os colegas: em sua opinião, como podemos combater o racismo em nossa sociedade?

Os (as) alunos (as) não tiveram dificuldades em responder as três primeiras questões (A, B e C), pois a leitura do texto auxiliou na composição das respostas. Já a questão D, solicitava que o (a) aluno (a) narrasse uma experiência vivenciada ou presenciada por ele (a). Ciente de que este é um tema sensível e que comumente pessoas adultas sentem vergonha em relatar que foi ou é vítima de racismo na frente de um grupo, é sensato entender a negação e a não identificação quando isso acontece com crianças, pois a dificuldade pode ser muito maior e neste sentido partimos do mesmo pressuposto que Nilma Lino Gomes ,

> [...] de que a maneira como a escola, assim como a nossa sociedade, vêem o negro e a negra e emitem opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixa marcas profundas na vida desses sujeitos. Muitas vezes, só quando se distanciam da escola ou quando se deparam com outros espaços sociais em que a questão racial é tratada de maneira positiva é que esses sujeitos conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade. (GOMES, 2002, P.43)

E frente a tal questionamento o (a) aluno (a) pode se pôr não como vítima, mas sim como testemunha da violência do racismo contra outra pessoa, e assim foi a maioria das respostas dos (as) alunos (as) negros (as) (pretos (as) e pardos (as)), que relataram ter visto um colega sofrendo racismo e depois o viu chorando e ficando muito triste.

Nesta atividade a questão E, propunha que os (as) alunos (as) que dessem opiniões de como podemos combater o racismo em nossa sociedade, a ideia que mais se destacou foi a de repreensão a quem comete racismo, como exemplo, apresentamos abaixo uma das respostas que representa o pensamento e o posicionamento da turma frente a esta questão,

> Nós achamos que as pessoas deveriam respeitar as outras e deveria ser proibido colocar apelido, ou xingar as pessoas porque elas são negras. Na escola tem muitos colegas que perturbam os outros e o colega fica triste e com vergonha, nossa sugestão é que devia ser proibido praticar racismo e quem fizesse isso deveria receber suspensão.

A solução apresentada na resposta dos (as) alunos (as) demonstra a necessidade de um diálogo mais amplo no ambiente escolar, um diálogo que envolve planejamento e ação para que haja mudança de postura, o que nos leva a refletir que neste sentido a Lei 10.369/2003 pode e deve ser pensada para além da reorganização das disciplinas, ela deve ser incluída no PPP da escola para ser pensado "o cotidiano escolar – em seus tempos, espaços e relações – pode ser visto como um espaço coletivo de aprender a conhecer, respeitar e valorizar as diferenças, o que é fundamental para a construção da identidade dos envolvidos no processo educacional" (SOUZA, 2006, p. 262).

AULA O5 - 13/05/2021

Principiamos a aula 05 falando com a turma sobre o gênero textual e descrevendo as etapas da produção das pequenas biografias que foram estudas nas aula anteriores, explicamos aos (as) alunos (as) que os textos biográficos foram produzido a partir de entrevistas que nos permitiram ter acesso a memórias dos entrevistados que nos falaram de suas vivências e experiências, essas experiências dos (as) biografados (as) se cruzam com determinados momentos da história da cidade, nos trazendo informações importante para compreendermos a organização da cidade, da família, e nos auxilia na busca para conhecer e saber de nossas origens.

No segundo momento orientamos os (as) alunos (as) a fazerem uma entrevista com os pais, avós ou parentes próximos, incentivamos os (as) alunos (as) a pensar sobre o que gostariam de perguntar ao (a) entrevistado (a), orientando-os (as) a buscar nos relatos dos (as) entrevistados (as) informações sobre seus familiares, sobre acontecimentos na cidade que foi presenciado ou vivido pelo entrevistado (a). Em seguida formulamos junto com os (as) alunos (as) o questionário da entrevista semiestruturada com os elementos necessários para a composição do primeiro bloco de uma entrevista, em seguida distribuímos para uma folha diagramada para a escrita das biografias produzidas por eles (as), nesta folha dispusemos espaço para a foto, nome e linhas para a escrita do texto biográfico.

Nesta aula informamos aos (as) alunos (as) que esta atividade era parte do encerramento da sequência didática que ocorreria no dia 15/12/2023, informamos aos (as) alunos (as) que os textos biográficos produzidos por eles (as) seriam fixados na sala e apresentados como resultado do trabalho desenvolvido durante a proposta. Depois das informações, pedimos aos (as) alunos (as) que convidassem seus pais ou responsáveis que foram entrevistados (as) para que comparecessem na nossa escola

como convidados (as), para participarem de um bate papo em uma roda de conversa que marcaria o encerramento da sequência. O convite também foi formalizado através de notificação no grupo de *whatsapp* da turma do 5º ano A.

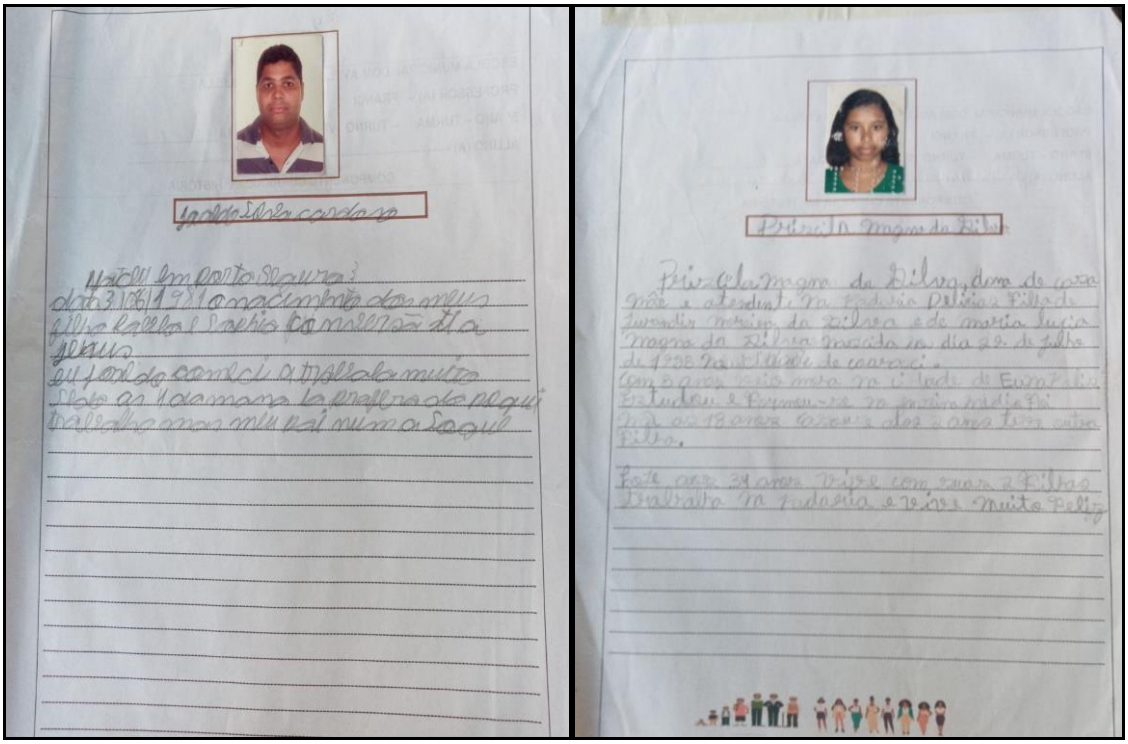
AULA 06 - 15/12/2022

Iniciamos a aula recebendo os textos produzidos pelos (as) alunos (as) e fazendo algumas considerações sobre as produções. Na leitura percebemos que os textos mesmo que com uma composição simples traziam elementos que abrangem subjetividades e memórias, cuja significância

> [...] envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos (uns adquirem maior peso, são narrados mais longamente do que outros), operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados (ALBERTI, 1991, p. 12).

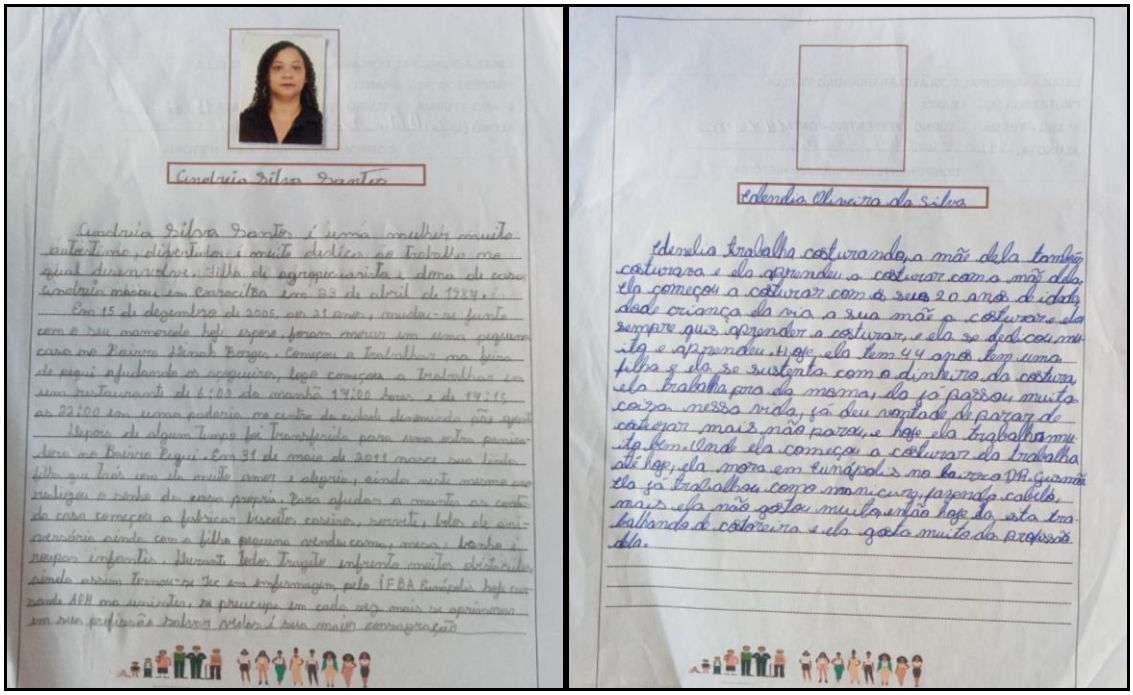
Outro ponto importante presente nos textos, foi a menção do local de origem do personagem incluindo relatos de acontecimentos positivos e negativos relacionados ao cotidiano local que marcaram a trajetória do entrevistado. Apesar dos (as) alunos (as) não mencionarem nos textos possíveis episódios de racismo vivenciados pelos (as) personagens entrevistados por eles (as), notamos que foi incluído como parte da identificação do entrevistado a menção da cor da pele. Os aspectos presentes nas produções são indicativos de que a atividade foi um exercício que despertou os (as) alunos (as) para a valorização da trajetória de pessoas comuns, percebendo a presença de outras pessoas na história local. Em seguida fixamos as produções dos (as) alunos (as) no mural da sala para a apreciação e leitura dos convidados.

Figura 1: Atividade produzidas pelos alunos do 5º Ano A



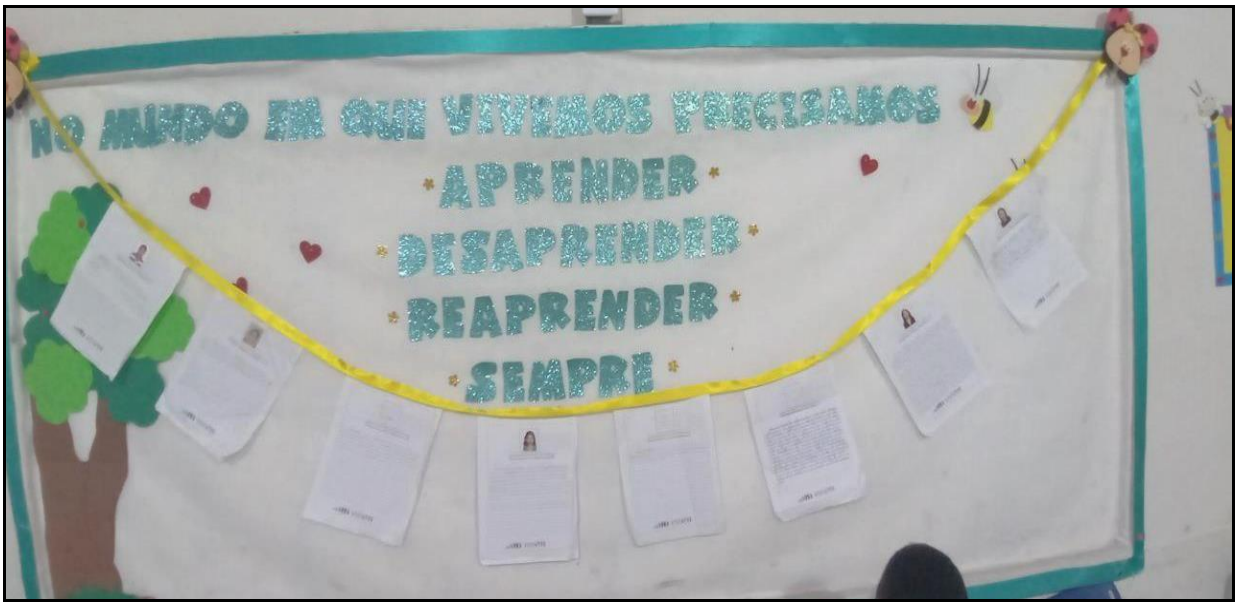
Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

Figura 2: Atividade produzidas pelos alunos do 5º Ano A



Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

Figura 3: Mural com as produções dos alunos (as)



Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

As produções dos (as) alunos (as) continham informações importantes que nos possibilitou conhecer um pouco mais sobre o modo como mulheres que são mães e avós lidam no cotidiano com a dupla jornada de serviço, abaixo trazemos trechos pertencentes as produções de duas alunas,

A aluna N.S.F de 11 anos escreveu sobre sua mãe A.S.S

> Depois que se mudou para Eunápolis, A. começou a trabalhar na feira do Pequi, ajudando os açougueiros, logo depois começou a trabalhar em um restaurante de 6 h da manhã até as 14 h e de 14:15h até as 22 h em uma padaria no centro da cidade.
> Depois de algum tempo foi transferida para outra panificadora no bairro do Pequi, em 31 de maio de 2011, nasce sua linda filha [...] ainda neste mesmo ano realizou o sonho da casa própria. Para ajudar a manter as contas da casa começou a fabricar biscoitos caseiros, sorvete, bolo de aniversário ainda com a filha pequena vendeu roupas de cama, mesa e roupas infantis. Durante todo trajeto enfrentou muitos obstáculos, ainda assim tornou-se técnica em enfermagem pelo IFBA, hoje esta cursando ADM, A. S. S. se preocupa em cada vez mais se aprimorar em sua profissão.

A aluna L.S.L.B, escreveu sobre sua avó R. S. S.

> Nasceu em 15/04/1951 em Ubaitaba, ela veio para Eunápolis em 1964, viveu a vida toda em Eunápolis, aqui não tinha muitas casas, ainda era um povoado, R. S. S. trabalhou e morou na roça, viveu sua infância em uma casa que não era construída, conheceu seu marido com 16 anos e trabalhou muito junto com seu marido com quem vive a 53 anos para criar seus filhos.

As alunas trazem relatos de vidas de duas mulheres de diferentes gerações, assim como também são diferente o espaço em que esta mulheres viveram e vivem construindo suas vidas, enquanto uma teve sua vida forjada no meio rural a outra se construiu em meio ao território urbano. Atravessadas por realidades distintas, os relatos mostram que as duas enfrentaram dificuldades semelhantes na luta para criar os filhos e manter a família, trabalhando fora de casa, entretanto as ferramentas utilizadas nesta luta se diferenciaram, a avó R.S.S teve sua vida marcada pelo trabalho braçal, enquanto a mãe A.S.S. ao longo do tempo foi mudando de trabalho e buscado na educação o caminho para conseguir alcançar seus objetivos. Além da dificuldade enfrentada para criar os filhos, a vidas destas mulheres passa a ter semelhanças também na medida em que apesar dos caminhos diferentes elas continuaram a ter uma dupla jornada, conciliando o trabalho com o cuidado com a família.

Os relatos, trazido pelas alunas demonstram as desigualdades persistentes que são apontadas por Angela Davis (2013, p. 10) na obra *Mulheres, classe e raça*, quando ressalta que "proporcionalmente mais mulheres negras sempre trabalharam fora de casa do que as suas irmãs brancas". O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura e

> Como os seus homens, as mulheres negras trabalharam até não conseguirem trabalhar mais. Como os seus homens assumiram responsabilidades de prover assuas famílias. As qualidades femininas de assertividade e confiança pouco ortodoxas para as quais as mulheres negras foram louvadas mas mais vezes repreendidas – são reflexos do seu trabalho e das suas lutas fora de casa. (DAVIS, 2013, p. 164)

Angela Davis analisa o quanto este esforço é oneroso para as mulheres e pontua que,

> Pelas mulheres negras de hoje e por todas as mulheres trabalhadoras, a noção do fardo do trabalho de casa e dos filhos podem ser retirados dos seus ombros para a sociedade, sendo este um dos mais radicais segredos da libertação das mulheres. Cuidar das crianças devia ser socializado, preparação das refeições socializado, trabalho de casa industrializado- e todos estes serviços deviam ser prontamente acessíveis às classes trabalhadoras. (DAVIS, 2012, p. 164)

A luta das mulheres por direitos iguais na sociedade tem demonstrado alguns avanços na medida em que os Movimentos Sociais Femininos Negros trazem à tona a necessidade de se estabelecer outras relações que permitam uma maior igualdade na lida e no convívio social e familiar, mas há de se considerar que por vezes as relações parecem imutáveis devido as quantidade de barreiras a ser rompidas para que haja continuidade no processo.

Após a leitura dos textos seguimos para o segundo momento, em que iniciamos a organização da sala para receber os pais e contamos com a colaboração das professoras regentes, da direção e parte da equipe de trabalhadores da educação do quadro de funcionários da escola D. Avelar Brandão Vilela. Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

Figura 4: Sala da turma do 5º ano A organizada para a 6ª aula



Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

Figura 5: Sala da turma do 5º ano A organizada para a 6ª aula



Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

Figura 6: A diretora Ivonete Gonçalves, eu e a professora regente Ione Queiroz



Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

O convite para participação na roda de conversa foi estendido a todos os pais, entretanto nem todos puderam comparecer, justificando que neste horário não poderiam estar presentes, pois a sua presença incidiria em falta no trabalho.

Iniciamos a intervenção recebendo os pais, com boas vindas e agradecendo a presença deles na escola, em seguida explicamos aos presentes o motivo do convite, a finalidade de nossa proposta de ensino que tinha o objetivo de (re) conhecer o protagonismo de pessoas comuns em especial dos homens e mulheres negras grupo do qual fazem parte pessoas pretas e pardas na história e suas contribuições para a formação socioeconômica da cidade. Em seguida agradecemos a colaboração dos pais na produção dos textos biográficos, produzidos pelos (as) alunos (as). Neste momento contamos com as falas da diretora Ivonete e da professora regente Ione Queiroz que destacaram a importância da pesquisa para a turma, e para a escola, que vê no projeto uma forma de estreitar os laços com a comunidade.

Figura 7: Apresentação da proposta para o (as) convidados (as)



Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

Figura 8: Diretora Ivonete Gonçalves falando aos (as) presentes



Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

Figura 9: Professora regente Ione Queiroz falando aos (as) convidados (as) presentes



Fonte: Acervo pessoal. Data: 15/12/2023

Figura 10: A professora regente Maria Selma, alguns pais dos alunos e do 5º ano A e eu



Fonte: Arquivo pessoal. Data: 15/12/2023

Os (as) convidados (as) que compareceram foram quatro, duas mães, uma avó e um pai. Uma das mães é cozinheira, e se encontrava desempregada naquele momento, para ajudar a manter as despesas da casa ela estava fazendo bolos e tortas para vender, essa mãe é uma mulher engajada na busca por melhorias no bairro em que mora e participa ativamente da associação de moradores, cobrando para que o bairro da Renovação tenha uma melhor estrutura e transporte em horário mais constante.

A segunda mãe é balconista e estava em seu dia de folga, ela falou de sua experiência trabalhando no comércio e de seu cotidiano conciliando o trabalho e os cuidados com a família, essa mãe defendeu o trabalho da mulher com uma remuneração mais justa, justificando que por isso se esforça para que a filha frequentasse as aulas, pois acredita que o acesso a educação é um caminho para uma vida melhor. O discurso desta mãe coincide com que outras mulheres negras e periféricas buscam ao reconhecer sua condição de "pobres, domésticas, sobreviventes, [...] que apostam na educação dos filhos para serem melhores do que nós" (DAVIS, 2013), confirmando o pensamento de que para as mulheres negras e periféricas a educação, é um instrumento importante para buscar formas de se libertar e transgredir esta ordem. (DAVIS, 2013).

O pai que se fez presente é motorista sindicalizado, trouxe vários relatos de vivência no município de Eunápolis, município em que vive há 38 anos, falou de sua atuação junto com os colegas por melhores condições no trabalho e das mudanças que ocorreram no município nestas mais de três décadas.

A avó, atualmente aposentada, falou de suas vivências na infância e juventude trabalhando em Eunápolis quando aqui ainda era um povoado, falou das mudanças e das poucas melhorias que aconteceram nos bairros, destacando as ocorridas no bairro do Gusmão local em que mora há muitos anos.

Os relatos desses pais, avós e mães, mulheres e homens pretos e pardos, trazem dados que nos informam como estes trabalhadores periféricos são impactados e vitimados pela economia, pela política e pelas subjetividades, três pontos que de acordo com Silvio Almeida (2021), "constituem o racismo estrutural que constrange e permeia as relações e fazem parte do cotidiano da vida das pessoas, gerando privações e vulnerabilidades".

Na preparação desta aula, procuramos criar um ambiente descontraído para que os (as) convidados (as) pudessem se expressar livremente, entretanto percebemos que eles (as) estavam um pouco ansiosos, talvez por estarem vivenciando uma nova experiência que os (as) colocam como protagonistas.

Os (as) alunos (as) valorizaram o momento e com a devida consideração ouviram atentos as apresentações e os relatos dos (as) convidados (as), em conversa com os (as) alunos (as) percebemos que eles (as) identificaram aquelas pessoas como agentes históricos e perceberam a importância da atuação dessas pessoas para o desenvolvimento do município. Com a sequência didática realizamos aulas de História que possibilitou revisitar o passado a partir da biografia de pessoas comuns, fazendo uma leitura dos acontecimentos locais com a participação de personagens que com suas práticas e vivências contribuem e fortalecem os (as) jovens para experiências futuras que exijam ações práticas para resistir e lutar por condições melhores na sociedade.

Os (as) convidados (as) manifestaram gratidão pelo convite e pelo movimento na escola. Disseram que o trabalho realizado com os (as) alunos (as) foi um momento rico, já que as dificuldades aumentaram e o ser humano tem sido desvalorizado, destacando que reconhecer o valor das pessoas que trabalham em busca de um futuro melhor e para manter e cuidar da família ajuda a fortalecer a união e o respeito por todos.

Mesmo com as dificuldades iniciais, os (as) alunos (as) se dedicaram em realizar as atividades. e notamos que a proposta de ensino conseguiu se desenvolver de forma positiva e produtiva, entretanto é necessário pontuar que o espaço de um dia entre a aula 05 ocorrida em 13/12 e aula 06 ocorrida em 15/12, apresentou-se insuficiente para que os (as) alunos (as) pudessem compor textos biográficos mais elaborados, o que desfavorece os (as) alunos (as) em suas produções, dando sinais da necessidade um intervalo de tempo maior entre a aula 05 e aula 06 quando consideramos as etapas importantes e necessárias para a produção do texto biográfico por parte dos alunos, atividade que requer tempo para a pesquisa/ entrevista e tempo para a escrita, nas palavras de Zabala (2005, p. 175) “há atividades e conteúdos que merecem uma dedicação muito mais prolongada”, ademais, fazendo os ajustes temporais necessários a proposta se mostrou flexível.

O interesse e a dedicação foram imprescindíveis para que esta proposta se concretizasse, pois este foi um trabalho que contou com a cooperação de muitas mãos, um trabalho que se tornou coletivo e a cooperação foi fundamental para trazer para a sala de aula as experiências, vivências e memórias de pessoas comuns, homens e mulheres negras socialmente subalternizados, foi através da cooperação que conseguimos alcançar o objetivo inicial da proposta de promover a valorização de pessoas pertencentes a grupos sociais que historicamente são silenciados e excluídos da história.

Figura 11: Finalizando a proposta com a Professora Ione Queiroz e a Coordenadora Luana Domiciniana



Fonte: Arquivo pessoal Data: 15/12/2023

O caminho percorrido na produção deste trabalho demonstrou que é possível desenvolver um ensino de História mais participativo, e deixa a mensagem de que é possível buscar outras formas de ensinar e de aprender a partir de uma educação antirracista e decolonial, que possibilita trazer novas perspectivas para a sala de aula, a partir das experiências e dos saberes das pessoas comuns, a elaboração e a construção de cada etapa desta proposta foi pensada para que a (o) aluna(o) pudesse ver um sentido nas aulas e no conhecimento histórico, aprendendo sobre a sua realidade se percebendo como parte da história.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, nº 7, 1991.

_____. Manual de História Oral. 3ª ed.Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005. 236p

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, P.S. *et al*. Quadro atual dos livros didáticos digitais. Iberoamerican Journal of Project Management (IJoPM).. ISSN 2346-9161. Vol.6, No. 2, pp.01-25. 2015. Disponível em: www.ijopm.org. Acessado em: 15. Mai. 2022.

ALMEIDA Lysia da S. Corpos que ensinam: gordofobia, educação e humanidades. Universidade Federal do Espírito Santo. 2019

ALMEIDA, Thiara Messias de et al. Reorganização socioeconômica no extremo sul da Bahia decorrente da introdução da cultura do eucalipto. Sociedade & Natureza [online]. 2008, v. 20, n. 2, pp. 5-18. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1982-45132008000200001>. Epub 08 Abr 2009. ISSN 1982-4513. https://doi.org/10.1590/S1982-45132008000200001 . Acessado em: 4 Abr. 22.

BERNARDINO-COSTA, J.; GROSFOGUEL, R. Decolonialidade e perspectiva negra. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 15-24, abr. 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005**.**

BLOG DA ROSE MARIE: Da peregrinação à Nossa Senhora d'Ajuda até a fundação da cidade de Eunápolis. Disponível em: www.blogdarosemarie.com/2021/11/05/da-peregrinacao-a-nossa-senhora-dajuda-ate-a-fundacao-da-cidade-de-eunapolis/.
Acessado em: 10. abr. 2022.

BOSI, Ecléa, Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, Lei 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Parecer CNE/CP No 3, de 10 de março de 2004.

BURKE Peter . A Escrita a história: novas perspectivas. (Trad.) Magda Lopes São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. - (Biblioteca básica)

DIRETRIZES Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação, [2004a]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL. Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional da Educação, [2004b]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/pnaes/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados82187207/12988-pareceres-e-resolucoes-sobre-educacao-das-relacoes-etnico-raciais. Acessado em: 25 abr. 2022.

CAIMI, Flávia Eloisa. Conversas e controvérsias: o ensino de história no Brasil (1980 – 1998). Passo Fundo:UPF, 2001.

CAMPELLO e SILVA, Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático (2018, p. 13) Bibl. Esc. em R., Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 64-80, 2018. DOI: 10.11606/issn. 2238-5894.berev.2018.143430. Disponível em: **https://brapci.inf.br/index.php/res/download/100712**. Acessado em: 06. mar. 22.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. (tese de doutorado). São Paulo: USP, 2005.

CUNHA, Ana Paula Lima. Eunápolis: processo de formação identitária da emancipação aos dias atuais (1988-2010). Monografia. Eunápolis/BA: UNEB, 2010.

_____. Saberes Insurgentes: Uma proposta de Ensino de História do Brasil República na perspectiva Decolonial, Transgressora e Libertária. Dissertação. UFSB. 2021.

CUNHA, L. S. Urbanização e imaginário sobre o "maior povoado do mundo", Eunápolis 1970 a 19881. UEFS V1:: n.1 Jan : Jun :: 2020. p. 1- 460.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE EUNÁPOLIS, 2011, p. 2, ANO II

FENELON, Déa Ribeiro. Memórias profissionais. Educação em Revista [online]. 2008, n. 47, pp. 127-134. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982008000100008>. Epub 30 Jun 2008. ISSN 1982-6621. https://doi.org/10.1590/S0102-46982008000100008. Acessado: 05 Jun. 2022.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História. 3 ed.Campinas, SP: Papirus, 2005.

FREITAS, Itamar e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Ensinar história nos anos iniciais do ensino fundamental. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Acervos complementares: as áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEB 2009. pp. 30-35. Disponível em: http://itamarfo.blogspot.com/2009/06/ensinar-história-nos-anos-iniciais-do.html. Acesso: 14. jun. 2022.

GOMES, N. L. Educação e identidade negra. Aletria. UFMG. 2002. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit. Acessado em: 10. Jan. 22.

_____. Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação [online]. 2003, n 23, pp. 75-85. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>. Epub 06 Nov 2006. ISSN 1809-449X. https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006. Acessado 10 Jun. 2022.

_____Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In. MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. 2 ed.

revisada. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 143-154.

_____.Diversidade étnico-racial Por um projeto educativo emancipatório. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 95-108, jan./dez. 2008. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/127/230/555. Acesso em: 15.mar. 2022.

_____. Relações Étnico-Raciais, educação e descolonização dos currículos. UFMG. 2012. Disponível em: http: www.curriculosemfronteiras.org . Acessado em: 15. mar.22.

_____. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____.Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural. Revista Brasileira de Educação. SP.Disponível:https://www.researchgate.net/publication/26421860_Trajetorias_escolares_corpo_negro_e_cabelo_crespo_reproducao_de_estereotipos_ou_ressignificacao_cultural. 2002. Acesso em: 25. mai. 22.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GROSFOGUEL, Ramon. “Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009.

JÚNIOR, Astrogildo F. S. A ciência da história e o ensino de história: aproximações e distanciamentos. OPSIS, Catalão, v. 11, n. 1, p. 287-304. 2011.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850.* São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, A. de J. A cidade das mulheres: o poder feminino no candomblé da cidade de Eunápolis (1970 – 2014), 2015.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 935-952, setembro-dezembro/2014, p. 940-941.

NOSSA CARA.COM: Chegada de José Dantas em Eunápolis faz 50 anos. 04 de junho de 2011. Disponível em: nossacara.com/noticias/geral/6929/chegada-de-jose-dantas-em-eunapolis-faz-50-anos-04-06-2011. Acessado em: 10.abril.2022.O Sollo. Eunápolis: Bairro Santa Lúcia tem seu nome reconhecido. Jornal -28 de novembro de 2011. Disponível em: https://osollo.com.br/eunapolis-bairro-santa-lucia-tem-seu-nome-reconhecido/ Acessado em: 04 e mar.2022.

_____: Eunápolis: dos primórdios à Emancipação. Jornal-12de maio de 2017. Disponível em: https://osollo.com.br/eunapolis-dos-primordios-a-emancipacao/ Acessado em: 04.mar.2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre La colonialidade del ser: contribuciones de um concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GRÓSFOGUEL, Ramon (Coord.). El Giro Decolonial: reflixiones para uma diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo Del hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

_____. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In:* BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFOGUEL, R. (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 44-93.

MELLO, M. T. O. P. de. Elaboração e tese de um material de história do Brasil, quanto aos aspectos vocabular e figurativo. Transinformação, *[S. l.]*, v. 1, n. 3, 2012. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1685. Acesso em: 27 dez. 2022.

MOURA, Carla de. *As Marias da Conceição*: por um ensino de História situado, decolonial e interseccional. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

MENEZES, E. T. de; SANTOS, T. H. dos. Paradidáticos (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira* - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=143>. Acesso em: 14. Jun. 2022.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola.* 2 ed. revisada. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História. São Paulo. 1993.

OLIVEIRA, Margarida M. D. de. O direito ao passado (uma discussão necessária à formação de profissional de história). Dissertação. Recife. UFP. 2003.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. FREITAS, Itamar. Ensino de História e Formação da Consciência Crítica. In: Ana Heloisa Molina; Carlos Augusto Lima Ferreira. (Org.). Entre Textos e Contextos: caminhos do Ensino de História. Curitiba: CVR, 2016. p. 471-480

PEREIRA, Lígia M. L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. Encontro Regional Sudeste de História Oral, Mariana, 1999. Disponível em: https://revista.históriaoral.org.br/index.php/rho/article/download/26/20/172. Acesso 14. jun.2022.

PEREIRA Marco A. É do silêncio fez-se a fala: Oralidade e trajetória de vida de mulheres negras da Cidade de Sorocaba. Dissertação. Sorocaba. SP. Universidade Federal de São Carlos. 2014.

PEREIRA, Nilton M.,SEFFNER, Fernando. Ensino de História: Passados vivos e educação em questões sensíveis. Revista História Hoje. Vol. 07. Nº 13. P. 14-33. 2008

PEREIRA, Nilton Mullet; PAIM, Elison Antonio. Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis: contribuições do pensamento decolonial. **Educação e Filosofia**, Uberlândia , v. 32, n. 66, p. 1229-1253, set. 2018 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-596X2018000301229&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 jan. 2022. Epub 22-Set-2020. https://doi.org/10.14393/revedfil.issn.0102-6801.v32n66a2018-11.

PERES Marilen F, Janete SCHIRMER e Tatiane S. RITTER, O ensino de História no Brasil, suas funções e implicações políticas e sociais – Séc. XIX até a atualidade. Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.3, vol.2. 2015.

PILGER, Caroline Roveda. Feminismos da diferença: pensando a interseccionalidade. 2022. Edição: Ricardo Machado. Disponível em:

https://www.ufrgs.br/corporalidades/feminismos-da-diferenca-pensando-a-interseccionalidade Acesso em: 20. Nov. 2022.

RAMOS ,Denise Gimenez. Formação da Identidade e Sentimentos de Autoestima: Um estudo comparativo entre jovens brancos e negros. 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O direito à memória no ensino de história*. Revista Trajetos. v. 7, n. 13. 2009.

Disponível: http://www.revistatrajetos.ufc.br/index.php/Trajetos/issue/view/1. Acesso em: 18. jun. 2022.

RAPOSO, P. L.; ALMEIDA, R. S. de SANTOS; S. C. M. dos. O pensamento decolonial como estratégia de enfrentamento ao racismo estrutural no contexto escolar. **Práxis Educativa**, *[S. l.]*, v. 16, p. 19, 2021. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.16.15355.055. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15355. Acesso em: o5 jun. 2022.

REIS, J. J. A greve negra de 1857 na Bahia. Revista USP, *[S. l.]*, n. 18, p. 6-29, 1993. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i18p6-29.
Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25988. Acesso em: 08 mar. 2023.

REIS, Juliani Menezes dos; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. In: XIX Seminário nacional de Bibliotecas Universitárias (anais). Manaus: Universidade Federal do Amazonas. 2016. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151235/001009111.pdf?sequen

SAFFIOTI, Beleieth I.B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção polêmical .134 p.

SANTOS, M. de A. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1994, 157 p.

_____. O Espaço Dividido, os Dois Circuitos da Economia Urbana nos Países Desenvolvidos. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1979, 317 p.

SANTOS, Richard. Maioria minorizada: um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Telha, 2020. 100 p.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983

SCHMIDT, Benito B. História e Biografia. In: CARDOZO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187- 205.

SCHMIDT, Benito B. História e Biografia. In: CARDOZO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187- 205.

_____Quando o históriador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, Franca , v. 33, n. 1, p. 124-144, jun. 2014 . Disponível<http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742014000100008&lng=pt&nrm=iso>.Acesso em 10. jun. 2022. https://doi.org/10.1590/S0101-90742014000100008.

SEYFERTH, Giralda (1993) "Identidade Camponesa e Identidade Étnica - Um estudo de caso Anuário Antropológico, Vol. 16, Nº. 1, 1992, págs. 31-63. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7401770. Acesso em: 25.maio.2022

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In. MUNANGA, Kabengele (org). Superando o racismo na escola. 2 ed. revisada. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-38.

SOUZA, Ana Lúcia S. Ensino médio. In: Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.

SILVA, Petronilha, Beatriz G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. RS.n.3 (63), set./dez. 2007. P. 490-498. Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/2745-9748-1-PB%20(1).pdf < Acesso em: 29. out. 2021>.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação:* uma introdução metodológica. In: Revista Educação e Pesquisa v. 31, n. 3, set./dez. São Paulo: USP, 2005. p. 443-466.

ANEXO

ESCOLA MUNICIPAL DOM AVELAR BRANDÃO VILELLA

PROFESSOR (A):_____

ALUNO (A):_____

ANO: _____ **TURNO:**_____

COMPONENTE CURRICULAR: HISTÓRIA

Responda as questões abaixo.



1- Vocês acham que é importante valorizar a história do lugar em que vivemos?

_____

2- O que vocês sabe da história de Eunápolis que não apareceu no vídeo?

_____

_____

3- Quais acontecimentos vocês acham importante que foi narrado pelo personagem na história de Eunápolis?

_____

_____

_____

4- Vocês conseguem identificar pessoas que se pareçam com seus familiares, e que tenham profissões parecidas com a de seus pais ou pessoas que vocês conhecem na história de Eunápolis?

_____

_____

5- Vocês acham importante ouvir a história da cidade com a participação de outras pessoas? Por quê?

_____

_____

MÃOS NEGRAS QUE CONSTROEM E CONSTRUÍRAM EUNÁPOLIS:

BIOGRAFIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA DAS SÉRIES INICIAIS



e-boook do professor

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS – (PPGER) CAMPUS SOSÍGENES COSTA

MÃOS NEGRAS QUE CONSTROEM E CONSTRUÍRAM EUNÁPOLIS: A EXPERIÊNCIA DO USO DE BIOGRAFIAS EM UM ENSINO DE HISTÓRIA DO 5º ANO ANTIRRACISTA E DECOLONIAL

FRANCIMAURA COUTINHO MENDES

PORTO SEGURO – BAHIA
2023

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 4
1ª Parte 5

1 Sequência didática.....5
2 Justificativa.....5
3 Público alvo.....8
4 Objetos do conhecimento.....8
5 Competências. 8
6 Habilidades.....9
7 Objetivo geral.....9
8 Objetivos Específicos 9
9 Previsão de tempo para realização da sequência 9
10 Expectativa de aprendizagem 9
11 Recursos necessários 9

2ª Parte 10
AULA 01
Tema: A história da minha cidade – Eunápolis: de povoado a município. 10
Objetivo.....10
Metodologia 10
AULA 02
Tema: O povoamento do município e o surgimento dos bairros. 11
Objetivos 11
Metodologia 11
AULA 03
Tema: O desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis...17
Objetivos 17
Metodologia 17
AULA 04
Tema: Porque não estamos nas histórias? 26
Objetivos.....26
Metodologia.....26
AULA 05
Personalidades da minha cidade, você e a história. 29
Objetivos: 29
Metodologia 29
AULA 06
Intervenção Social Interação: Partilhando vivencias e experiencias..... 29
Avaliação da Proposta..... 30
Referências 31

APRESENTAÇÃO

Caro professor (a)/leitor (a), o presente material é resultado da Dissertação de Mestrado do PPGER da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB com o Tema *Mãos negras que constroem e construíram Eunápolis: A experiência do uso de biografias em um ensino de história do 5º ano antirracista e decolonial,* e trata de uma série de atividades organizadas em uma sequência didática que tem por objetivo trazer a biografia de homens e mulheres negros e negras, pessoas comumente excluídas e subalternizadas na escala social, para se estudar a história da cidade, apresentando o protagonismo destes homens e mulheres e sua colaboração para a formação socioeconômica local, como forma de ação que intenciona combater o preconceito e o racismo.

As atividades aqui propostas foram elaboradas, para que os (as) alunos (as) ao estudarem a história local se percebam pertencentes e sinta-se representados (as) na história da localidade, podendo assim, entender a história da cidade, com a participação e o protagonismo de personagens, cuja situação é semelhante à de pessoas que são próximas a eles (as) ou que fazem parte da família.

Este material apresenta sugestões e metodologias para se trabalhar à história da cidade utilizando vídeo, imagens, textos e atividades, conciliando o uso destes recursos com as pequenas biografias que foram produzidas de modo autoral com personagens locais.

As atividades desenvolvidas para as aulas que compõem a sequência didática foram pensadas com a intenção de ser um "conjunto de atividades orientadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem princípio e fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos", (ZABALA, 1998, p. 18).

Embasado em parâmetros legais este material visa contribuir para que o professor tenha em mão um artefato que contribua para a efetivação Lei nº 10.639 no espaço escolar, colaborando para o enfrentamento ao racismo e para a construção de um ensino de história mais democrático.

Durante a pesquisa este artefato foi aplicado em sala de aula, apresentando resultados satisfatórios junto aos (as) estudantes, o resultado e a analise da aplicação da proposta na sala de aula é descrito no terceiro capítulo da dissertação a que este material está relacionado. Esperamos que o presente material seja bem aproveitado pelo professor (a)/leitor (a) e sirva de estímulo e incentivo, colaborando na busca de novos personagens que com suas memórias e histórias de vida possam contribuir trazendo outros saberes para a sala de aula.

Abraços,

Francimaura Coutinho Mendes



1ª
PARTE

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta sequência didática foi elaborada para aulas do componente curricular em História, pensado para alunos (as) do 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais da rede municipal de ensino do município de Eunápolis/ BA. Busca-se com essa sequência didática envolver o aluno na história local se percebendo como sujeitos históricos em um processo de identificação que contribua para uma educação antirracista "em que seres humanos distintos miram-se e procedem intercâmbios, sem sentimentos de superioridade ou de inferioridade" (SILVA, 2005, p.160) .

É esperado que os (as) estudantes tomem conhecimento, do protagonismo de pessoas negras e socialmente subalternizadas na história da cidade de Eunápolis - Bahia, percebendo estas pessoas como agentes da história, as compreendendo como referências positivas que sirvam para aproximá-lo (a) da história do local em que ele (a) vive, e assim afirmar seus lugares de pertencimento, abordando aspectos que possibilitam atender o desenvolvimento das habilidades EF05HI07 e EF0HI09, conforme orienta a BNCC.

Para este fim utilizamos como estratégia o uso de pequenas biografias de pessoas comuns, mulheres e homens negros que a partir de suas histórias de vida oportunizam "desconstruir os objetos de recalque contidos na representação social do negro e de outros grupos inferiorizados e vai concorrer para que esses outros sejam vistos em suas capacidades humanas e de cidadania." (SILVA, 2005, p. 140).

JUSTIFICATIVA

A sociedade brasileira é uma sociedade de grupos multirraciais e racistas em que, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras), e mantem uma "espoliação social" que naturaliza a subalternização (SANTOS, 1983, p. 20) daqueles que se diferem dos padrões estabelecidos pelo colonizador, mesmo com os avanços obtidos através das lutas e reivindicações dos Movimentos Sociais Negros, ainda nos deparamos em nosso cotidiano com situações que causam constrangimento e torna visível a desigualdade existente no que diz respeito ao aceso a serviços e direitos básicos como saúde, educação, segurança e moradia que somado a condição do subemprego, precariza a vivência social daqueles que não se encaixam nos padrões da classe dominante.

O racismo tem gerado preconceitos que anulam e silenciam a participação e a colaboração daqueles considerados diferentes, e apesar do discurso de igualdade é notório que na narrativa histórica o protagonismo e a participação da mulher e do homem negro têm sido ocultados ou tratados como irrelevante, desconsiderando sua participação na história, mesmo sem ter o conhecimento necessário.

A história dita "oficial" tem ao longo do tempo, narrando os acontecimentos de forma linear, destacando os grandes feitos e os grandes homens, relegando ao esquecimento a participação daqueles e daquelas que mesmo a margem se fizeram presentes nos movimentos que marcaram a sociedade e colaboraram para seu desenvolvimento econômico e social estabelecendo uma relação de desigualdades e privilégios que favorece a grupos dominantes.

O Ensino de história, por vezes seguindo o modelo europeu tem trazido a história local, assim como a história nacional pautado no modelo tradicional, nos apresentando como arquétipo e inspiração personagens e figuras que seguem um padrão, que não representa a maioria do povo que forma a população brasileira que majoritariamente é negra, formada por grupo de pessoas pretas e pardas, negando assim o direito desta parte da população de conhecer suas origens e se reconhecerem como parte da história, por não encontrarem personalidades com as quais possam se identificar.

Assim como forma de contribuir para um Ensino de História mais participativo, democrático e significativo, embasado nos parâmetros legais e seguindo as orientações da Lei Nº 10.639/2003, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e da BNCC que destacam a necessidade da construção de práticas educativas, que combatam o racismo e a discriminação nas escolas é que pensamos esta proposta para "o ensino de História a partir de formas de pensamento contra hegemônicos, se opondo ao modo de pensar e produzir conhecimento da modernidade européia". (PEREIRA e PAIM, 2018, P. 1231).

Deste modo esta proposta apresenta sua relevância na medida em que estuda a história da cidade a partir de biografia de pessoas comuns, para que os (as) alunos (as), também se percebam como participantes da história, a partir do protagonismo de seus antepassados, visto que a biografia pode auxiliar na compreensão de que pessoas comuns, assim como eles (as) e seus familiares também fazem história, e atuam no tempo e no local em que vivem, servindo de inspiração e criando referências positivas que podem auxiliar os (as) alunos (as) em situações com as quais venham a se deparar na vivência social. Dialogando com Freire (1987, p.42) podemos pensar a biografia como parte de uma "educação problematizadora", que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. [...] e, como tal, esperançosa. [...] que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade." em um movimento de humanização em que os (as) alunos (as),

> [...] se identifique com eles como seres mais além de si mesmos — como "projetos" —, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. [...] que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo.
> O ponto de partida deste movimento está nos homens mesmos. Mas, como não há homens sem mundo, sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Daí que este ponto de partida esteja sempre nos homens no seu aqui e no seu agora que constituem a situação em que se encontram ora imersos, ora emersos, ora insertados.(FREIRE, 1987, p. 42).

Desse modo organizamos esta proposta de ensino em uma sequência didática, que favoreça a construção do conhecimento e proporcione uma aprendizagem significativa para os (as) alunos (as) pensando em um melhor aproveitamento e interação do aluno com a proposta de ensino produzimos também uma versão do e-book para o aluno que contém as pequenas biografias, os textos e as atividades produzidas para as aulas que fazem parte da sequencia didática. A versão do e-book do aluno em formato PDF pode ser acessada pelo link

https://drive.google.com/file/d/15gqtjOmQZ1PUTvpBtS6vU-3qd11lNlpi/view?usp=share_link

O e-book do aluno é um arquivo que depois de baixado pelo professor pode ser compartilhado com os (as) estudantes para que estes (as) possam utilizar durante as aulas ou para fazerem as leituras e atividades em casa. Uma das intensões deste artefato final e que ele possa ser compartilhado e que contribua para inspirar professores (as) a buscar outras personagens que com seus conhecimentos e vivências possam contribuir para atualização e enriquecimento da história local.

De acordo com Zabala (1998), a sequência didática é um "conjunto de atividades orientadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem princípio e fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos", organizada em uma unidade didática formada por "sequencias de atividades estruturadas para a realização de certos objetivos educacionais determinados, [...] são instrumentos que permitem incluir as três fases de toda intervenção reflexiva: planejamento, aplicação e avaliação. (ZABALA, 1998, p. 18).

Compreendendo que a sequência didática é uma metodologia que colabora para a significância da aprendizagem, pensamos a unidade didática com atividade específicas para este conteúdo com métodos variados conforme nos orienta Zabala (1998, p. 64-65), cujos aspectos nos permitem: a) Conhecimentos prévios, b) Significância e funcionalidade dos novos conteúdos, c) Perceber o nível de desenvolvimento d) Atividade mental, e) Atitude favorável, f) Autoestima e autoconceito, g) Aprender a aprender.

PÚBLICO ALVO

5º Ano Escola Municipal Dom Avelar Brandão Vilella- Eunápolis- Bahia

OBJETOS DO CONHECIMENTO

1. A história da minha cidade – Eunápolis: de povoado a município.
2. O povoamento do município e o surgimento dos bairros. .
3. O desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis.
4. Porque não estamos nas histórias?
5. Personalidades da minha cidade – Eunápolis, você e a cidade.

COMPETÊNCIAS

1. Avaliar acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

2. Identificar interpretações que expressam visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018, p. 402)

HABILIDADES

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. (BRASIL, 2018, p. 415)

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais. (Ibidem)

OBJETIVO GERAL

Articular o uso de pequenas biografias, para o ensino de história no Ensino Fundamental anos inciais, valorizando a trajetória de pessoas pertencentes a grupos sociais, historicamente subalternizados.

PREVISÃO DE TEMPO PARA REALIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA

A proposta didática está dividida em 06 aulas, para execução completa estima-se que seja necessário um prazo de 30 dias.

EXPECTATIVA DA APRENDIZAGEM

Espera-se que os alunos possam identificar e analisar os processos sociais de forma crítica. Almeja-se que os (as) alunos (as) relacionem a história de Eunápolis com personagens que se ligam a realidade de vida dos (as) alunos (as) pelas semelhanças das ocupações de seus pais e de pessoas ligadas a eles (as).

RECURSOS NECESSÁRIOS:

Computador, telefone celular ou tablet, caixa, fotos e /ou imagens, material impresso e retroprojetor.

2ª
PARTE

AULA 01: Tema: A história da minha cidade – Eunápolis: de povoado a município.

OBJETIVOS

- Identificar o conhecimento prévio dos (as) alunos (as) e identificar como os (as) alunos (as) enxergam a história da cidade.
- Analisar se para os (as) alunos (as) existe alguma relação entre a história da cidade e pessoas ligadas a eles.

METODOLOGIA

INTRODUÇÃO: A aula será dividida em 02 momentos e se iniciará com a apresentação do tema que será trabalhado na sequência didática.

1º- Momento: Organizar a turma em meia lua, iniciar a aula com a apresentação do tema que será trabalhado na sequência didática, seguir conversando com os (as) alunos (as) sobre a importância de estudar e pesquisar a história, como forma de compreender o passado, tanto do ponto de vista global como local, ressaltando que estudar história contribui para o autoconhecimento e também serve para orientar as nossas ações no presente e no futuro, destacando que cada cidadão pode contribuir para a escrita da história.

2º- Momento:

Após esta intervenção, apresentar o vídeo "Eunápolis, povoado de história" que está disponível em: https://1drv.ms/u/s!Ak8t1CGVLDd2gVgkMJCDpO4GvL8l Em seguida organizar a turma em grupo de no máximo cinco alunos (as) e distribuir uma atividade com perguntas que serão norteadoras para a problematização e a continuidade do trabalho com a turma.

1 - Vocês acham que é importante valorizar a história do lugar **em que** vivemos?
2 - O que você sabe da história de Eunápolis que não apareceu no vídeo?
3- Quais acontecimentos vocês acharam mais importante que foi narrado pelo personagem na história de Eunápolis?
4- Você consegue identificar pessoas que se pareçam com seus familiares, e que tenham profissões parecidas com a de seus pais ou de pessoas que você conhece na história de Eunápolis?
5- Vocês acham importante ouvir a história da cidade com a participação de outras pessoas? Por quê?

Nessa aula será possível identificar as percepções que a turma tem sobre a história da cidade de Eunápolis, e sobre a percepção que elas têm sobre a relação entre a história da cidade com a história de pessoas próximas a elas.

AULA 02: Tema: O povoamento do município e o surgimento dos bairros.

OBJETIVOS

- Interpretar, seus lugares de vivência e em suas histórias familiares, como se deu o processo de formação do povo de Eunápolis, identificando os grupos sociais e étnicos em lugares de origem, contribuindo assim para o respeito à diversidade racial e a valorização cultural.

- Analisar a biografia e entendê-la como fonte de informação, produzido a partir da memória, percebendo a importância da mesma para a compreensão do passado.

METODOLOGIA

Levar uma caixa com fotos de diferentes lugares da cidade de Eunápolis, centro e bairros da cidade, organizar a turma em círculo.

Orientação: A caixa deverá conter fotos ou imagens atuais de lugares conhecidos nos bairros e centro como, por exemplo: Catedral de Eunápolis, fotos do comércio central, (centro), praça do Gusmão (bairro Gusmão), foto panorâmica do parque da Renovação, foto da escola (bairro Santa Lúcia), feira do bairro Juca Rosa e praça do bairro do Pequi.

Catedral Diocesana de Eunápolis - Centro - Ano - 2021



Fonte:<https://br.pinterest.com/pin/215398794650969662/> Acessado em: 10.out.2022

Feira do Bueiro localizada na rua D. Pedro II , que faz ligação entre o centro e bairro Gusmão - Ano- 2015



Fonte: <https://eunoblogfalando.wordpress.com/2010/12/15/a-cidade-cada-vez-melhor/ A cesso em: 10. out. 2022

Feira do Juca Rosa – Bairro Juca Rosa - Ano 2019



Fonte:<https://misturabahia.com/noticias/523/feirantes-reclamam-das-condicoes-da-feira-livre-em-eunapolis-10-03- 2019.> Acessado em: 10. out.2022.

Residencial Parque da Renovação - Bairro Parque da Renovação Ano - 2016



Fonte:< https://www.facebook.com/photo/? fbid=454200223411624&set=a.454200186744961 > Acessado em: 12. out. 2022.

Praça do Gusmão – Bairro Dr. Gusmão Ano - 2019



Fonte:https://www.eunapolis.ba.gov.br/Handler.ashx?f=i&query=ad460413-9073-4469-85cf-2871cb0dba4b.jpg Acessado em: 14. out. 2022.

Escola Brandão Vilella- Bairro Santa Lúcia



Fonte: Arquivo da Escola Dom Avelar Brandão Vilella. 2021

1º Momento: Pedir aos alunos e alunas que passe a caixa de um (a) para o (a) outro (a) e quando (a música, apito e/ou cronômetro) parar, o (a) aluno (a) que estiver com a caixa deve abrir, escolher uma figura e tentar identificar o local. A partir da identificação do local explicar para os alunos e alunas como surgiu o bairro em que aquela construção se encontra e como ele foi povoado.

Em seguida, pedir para o (a) aluno (a) que cite possíveis modos de se chegar a este local partindo do bairro em que ele (a) mora, destacando que um destes meios de transporte é o transporte coletivo e quem dirige esses meio de transporte tem uma importante função na sociedade.

2º momento: Compartilhar e apresentar a pequena biografia do Sr. Edivaldo Araujo dos Santos, motorista de ônibus que por muito tempo trabalhou no transporte urbano da cidade, transportando moradores de um bairro para outro e também para a área central local em que muitos trabalhavam desde quando a cidade ainda era um povoado. Ressaltar na apresentação os traços étnicos, a sua origem e comparar seu lugar social com a dos alunos e alunas.

3º momento: Pedir aos (as) alunos (as) que elaborem um texto curto, relatando como eles (as) perceberam a participação do Sr. Edivaldo Araujo dos Santos no desenvolvimento da cidade e quantas pessoas eles (as) conhecem que tem a mesma função do biografado e se eles (as) acham importante a participação de seu Edivaldo na história de Eunápolis.

EDIVALDO ARAUJO DOS SANTOS



Foto do arquivo pessoal de Edivaldo A. dos Santos 10/2022

Edivaldo Araujo dos Santos é uma pessoa que vale a pena conhecer, ele se destaca em seu trabalho, pois o executa com satisfação, conectando pessoas e lugares.

Filho do policial Sebastião Araujo dos Santos e da dona de casa Iracema Pereira dos Santos, Edivaldo nasceu em Nanuque - MG, em 09 de novembro de 1966.

Aos 14 anos se mudou junto com sua família para o povoado de Eunápolis - BA, e foram morar em uma serraria, Edivaldo conta que nesta época, o comércio de madeira era forte e Eunápolis tinha mais de 100 serrarias.



Foi em uma dessas serrarias que ele começou a trabalhar junto com seu pai que tinha um forno que produzia carvão, com os restos de madeira que sobravam com a limpeza da serraria, neste período em que moraram na serraria Edivaldo aprendeu a dirigir, e assim que alcançou maior idade buscou tirar sua carteira de habilitação.



Edivaldo iniciou sua carreira profissional em 1988, mesmo ano em que Eunápolis foi emancipado, ele começou dirigindo caminhões, transportando madeira da mata para a madeireira e para outros estados, mas o interesse de Edivaldo estava em dirigir ônibus, lidar com pessoas, pois para ele “levar as pessoas de um lugar para outro é um modo de fazer as pessoas se encontrarem”, em 1999 ele conseguiu emprego na empresa Expresso Brasileiro e apesar de morar em Eunápolis ele foi trabalhar na cidade de Santa Cruz Cabrália - BA.

Depois de um certo tempo, Edivaldo foi transferido para trabalhar em Eunápolis e passou a fazer o transporte entre Eunápolis/Itabuna-Ilhéus.



Após algum tempo trabalhando no transporte intermunicipal, Edivaldo optou por trabalhar no transporte urbano, levando e trazendo pessoas, fazendo os trajetos Juca Rosa/ Rodoviária / Urbis- Centro / Santa Lúcia. Ele diz que muita gente fazia este percurso para trabalhar, estudar e cuidar de vários outros negócios.

Se for para calcular Edivaldo já transportou milhares de pessoas de um bairro para o outro.



Casado, pai de quatro filhos, duas moças e dois rapazes, ele viu Eunápolis se desenvolver mais ainda com a emancipação, em suas palavras “a saúde, a educação e outros serviços antes eram de mais difícil acesso a população porque o povoado pertencia a dois municípios e depois da emancipação municipal a cidade melhorou muito com a chegada de vários serviços.”



Durante sua trajetória, Edivaldo enfrentou algumas dificuldades mas não se deixou abalar por preconceitos raciais por ser um homem negro, ele sempre se orgulhou do homem que é pois sabe da capacidade de atuação e assim segue passando para seus filhos ensinamento que os ajudam e os fortalecem na luta diária .



Hoje Edivaldo se diz satisfeito trabalhando no transporte escolar, pois com seu trabalho ele encurta a distância entre o aluno e a escola, possibilitando assim a realização de sonhos e a construção de novas histórias.





AULA 03: Tema : O desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis

OBJETIVOS

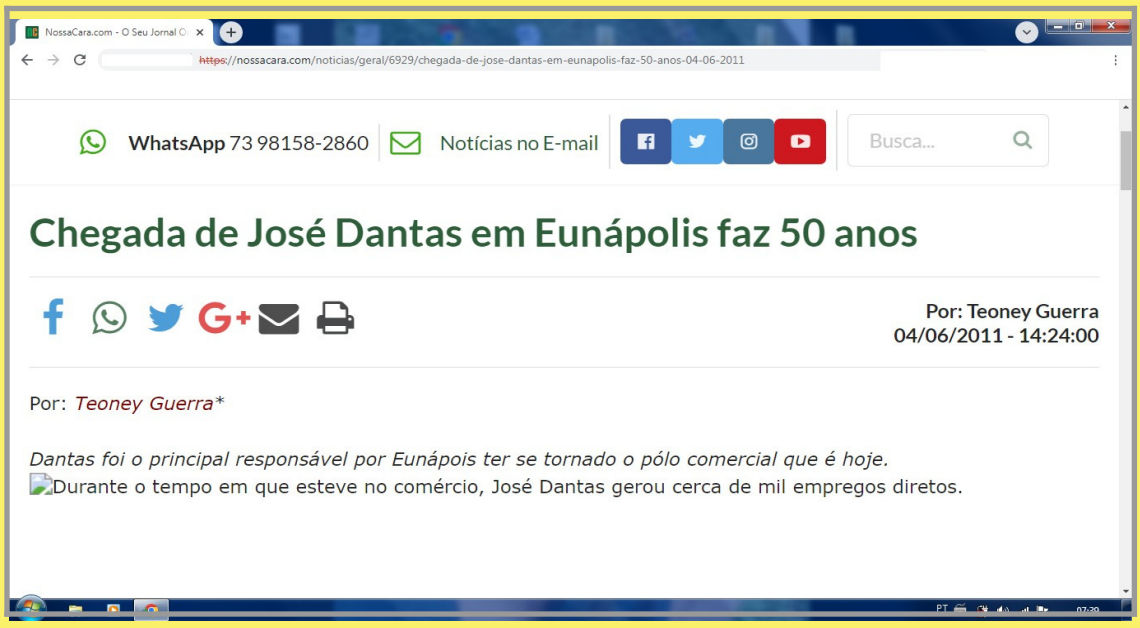
- Re (conhecer) na história do município de Eunápolis a partir de fontes e biografias locais a participação de outros grupos e pessoas no desenvolvimento econômico e político.

- Identificar particularidades e valorizar as diversas participações de homens e mulheres, pessoas comuns na história local.

METODOLOGIA

1º Momento: Organizar a turma em círculo e iniciar a aula distribuindo recortes de jornais e revistas locais que trazem informações sobre o desenvolvimento econômico da cidade de Eunápolis, pedindo para que os (as) alunos (as) identifiquem as pessoas que se destacam nos textos das reportagens, se eles (as) concordam que somente aquelas pessoas que aparecem no texto do jornal conseguiram sozinhas desenvolver economicamente a cidade e que grupo da sociedade eles (as) acham que a reportagem se refere quando fala da emancipação da cidade para serem destacadas como protagonistas e que outras pessoas eles (as) acham que podem ter contribuído para o desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis.

https://nossacara.com/noticias/geral/6929/chegada-de-jose-dantas-em-eunapolis-faz-50-anos-04-06-2011 Acessado em: 14. out. 2022.





https://osollo.com.br/eunapolis-dos-primordios-a-emancipacao/ Acessado em: 14. out. 2022.



2º momento: Dividir a turma em três grupos, apresentar aos (as) alunos (as) às biografias do Sr. Clemente Carlos Araujo, pedreiro; Srª .Cleuza Barbosa Braga, cozinheira e da Srª Jersonita de Souza Vilas Boas pedindo que cada grupo a partir de uma leitura dirigida leia a biografia de uma dos distintos biografados e a partir da leitura cada grupo descrever oralmente como eles (as) perceberam a participação daquele biografado no desenvolvimento econômico e na emancipação do município de Eunápolis.

3º momento: Pedir para que cada grupo apresente o que produziu sobre o biografado para a turma.

CLEMENTE CARLOS ARAUJO



Foto do arquivo pessoal de Clemente C. Araujo/ 2018

Clemente Carlos Araújo, é um dos profissionais que ajudou a dar forma a cidade de Eunápolis como a conhecemos hoje, filho do lavrador Carolino Carlos Araújo e da dona de casa Maria dos Anjos de Jesus. Nasceu em 16 de maio de 1944. Passou sua infância no distrito da Colônia em uma roça que era de propriedade de sua família.



Quando jovem se mudou para o povoado de Eunápolis. Pedreiro de profissão, ele trabalhou em muitas construções desde quando a cidade ainda era um pequeno povoado.

Clemente mora em Eunápolis desde seu princípio, e se recorda de quando a Avenida Porto Seguro ainda era uma rua de chão batido e tinha poucas casas, sendo a maioria delas de taipa, coberta de palha, sapê ou 'tabuinha' como ele diz.

Praça da Bandeira/ final da Av Porto Seguro



Fonte: Arquivo- Teoney Guerra/ A Gazeta

Avenida Porto Seguro

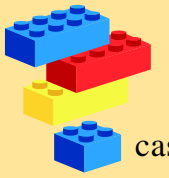


Fonte: Arquivo - Teoney Guerra/ O Xarope

Trabalhador dedicado, Clemente sempre foi atuante e participativo, buscando sempre estar em sintonia com seu tempo, o Sr. Quelê como popularmente é conhecido, teve varias ocupações. Entre 1960 e 1970 ele trabalhou como madeireiro, depois foi caldeireiro de alta tensão, encarregado geral e aprendeu a profissão de pedreiro se tornando mestre de obra, com muita dedicação ele se tornou pedreiro autônomo. Clemente costuma dizer que em, "cada canto deste lugar que hoje é uma cidade tem uma construção onde coloquei minhas mãos"







No povoado de Eunápolis, Clemente conheceu sua esposa Maria Moreira dos Santos, casou -se e teve três filhos, a partir de 1975 ele passou a se dedicar exclusivamente ao ofício da construção e a profissão de pedreiro. Em Eunápolis, Clemente ajudou a construir lojas, casas comerciais e muitas residências em bairros dentre eles o Santa Lucia onde na rua Dr. Walter Ferreira dos Santos existe uma série de casas construídas por ele.





Clemente se lembra bem como o povoado de Eunápolis foi se modificando com as construções de prédios para auto peças, galpões para oficinas, lojas de roupas, calçados e farmácias que foram surgindo nos anos de 1975 e aumentou a partir de 1980. Assim neste período ele viu, participou e ajudou a consolidar este desenvolvimento que transformou o perfil do comercio no povoado.



Além do centro, Clemente conta que o povoado foi ganhando ares de cidade com o surgimento de novos bairros como o Centauro, Itapuã, Santa Lucia, Edgar Trancoso e como estes bairros foram crescendo com a construção de casa residenciais que foram sendo feitas para receber novos moradores que chegavam para o povoado.

Comercio de Eunápolis - povoado



Arquivo Teoney Guerra-A Gazeta Bahia

Comercio Eunápolis - município



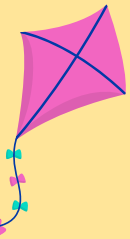
Arquivo Teoney Guerra



Clemente é um homem que fez mais do que planejar, ele deu forma a projetos deixando a marca do seu trabalho no desenvolvimento de Eunápolis.



Hoje aos 78 anos, Clemente se diz realizado, pois exerceu sua profissão com dignidade, obtendo o respeito da comunidade pelos serviços prestados, hoje seus filhos estão criados e seguem suas vidas alicerçados em ensinamentos aprendidos no convívio familiar. Assim dois de seus filhos o tem como exemplo e seguiram sua profissão, sua filha realizou o sonho de graduar em enfermagem e atualmente atua na saúde do município.



Cada vez que vemos uma construção se levantando, temos ali planejamentos que estão se materializando pelas mão de homens como o Sr. Clemente.



CLEUZA BARBOSA BRAGA



Foto do arquivo pessoal de Cleuza B. Braga- 06 /2022



Cleuza Barbosa Braga é uma das melhores cozinheiras de Eunápolis, uma mulher negra que gosta do que faz e sempre diz para os clientes "comida quente, fortalece o corpo e aquece a alma"

Nascida em Gabiarra, distrito pertencente a Eunápolis em 09 de novembro de 1950, filha de Ovídio Barbosa Braga e Maria Barbosa Braga, Cleuza é conhecida carinhosamente por D. Morena, ela constituiu família ainda muito jovem. Mudou-se para o povoado de Eunápolis no ano de 1986, com seu esposo e filhos, como forma de ajudar a manter a família, Cleuza começou a lavar roupa para ganhar seu sustento, um trabalho que durou oito meses.



Neste período ela aprendeu a cozinhar vários tipos de comidas a exemplo de muqueca, feijoada, arroz de forno e lombo de panela, por um tempo ficou cozinhando somente para sua família, mas o que ela queria mesmo era conseguir um emprego em que ela pudesse cozinhar para muita gente, pois como ela mesma diz "não gosto de ficar parada" além disso, ela sempre sonhou em ganhar dinheiro para um dia ter sua casa e seu próprio restaurante.



Em 1987, Cleuza conseguiu o emprego e começou a trabalhar em um refeitório que fazia alimentação para trabalhadores da massa falida da empresa EMBAÚBA, que era uma antiga usina de açúcar e álcool que existia no povoado de Eunápolis, logo Cleuza ficou conhecida pelo sabor e tempero do alimento que preparava.



O tempo foi passando, e enquanto Cleuza lutava por sua independência, ela presenciou e participou de momentos importantes do povoado de Eunápolis, como o movimento do plebiscito, que fez acontecer a emancipação do povoado e a transformação da cidade, ela presenciou também a transformação dos bairros, contribuindo com sua atividade para o desenvolvimento do lugar em que morava.







Em 1988, Cleuza conseguiu montar um pequeno ponto no bairro do Pequi, onde começou vendendo café da manhã e doces para motoristas e outros trabalhadores que por ali passavam. Os clientes chegavam cedinho e ela mais cedo ainda já estava com tudo pronto para começar a atender.

Em seu trabalho Cleuza presenciava as mudanças que ocorriam com a chegada de muita gente vinda de outras cidades e estados.



Cleuza diz que este foi um tempo bom, ela só lamenta porque ainda neste tempo os madeireiros ainda continuavam a derrubava muita árvore bonita e grande para transformar em madeira serrada que eram vendida e transportada por caminhões para outros estados.

Era um tempo que circulava muito dinheiro na cidade e muita gente valorizava seu trabalho, e foi assim com seu trabalho que ela conseguiu construir algumas casas e comprar terrenos, que hoje contribuem para sua renda, Cleuza sabia o quanto seu serviço era importante, pois as primeiras refeições do dia era ela que fazia para os trabalhadores das serrarias e do comercio. Cleuza, se tornou uma cozinheira profissional, ficou viúva e teve que continuar lutando para cuidar de seus filhos.





A vida de Cleuza é uma vida de luta e por vezes teve de demonstrar força e persistência para cuidar e orientar seus filhos a enfrentar o preconceito racial pelo fato de serem negros. e se posicionou orientando seus filhos a se valorizarem e buscarem seus direitos, como no episodio em que sua filha um dia chegou em casa chorando porque disseram palavras ofensivas sobre sua cor de pele e seu cabelo, neste instante Creuza foi buscar retratação para ofensas sofridas por sua filha e agiu para que as providencias fossem tomadas.

Para Creuza, ser uma mulher negra nunca lhe incomodou, o que lhe causava tristeza era ser apontada e vista como uma mulher gorda, o que a fez lutar por muito tempo contra este padrão imposto pela sociedade, foi a determinação de buscar uma vida melhor que motivou Cleuza a seguiu em frente, buscando seus objetivos.



Cleuza ou D. Morena como é conhecida conseguiu aumentar seu comércio e montou um restaurante passando a vender almoço e jantar, atendendo clientes de todas as partes da cidade, devido a fama de seu tempero Cleuza passou a ser indicada para atender a turistas, viajantes e políticos que aqui chegavam, mas continuou com seu trabalho diário de fazer as refeições para funcionários de empresas que se por aqui se instalavam.

Cleuza sempre se sentiu uma cidadã, para ela participar das escolhas que podem decidir o futuro do município, faz parte desta identidade cidadã e por isso ela faz questão de exercer seu direito de voto buscando entender as propostas consideradas importantes para ajudar a decidir o futuro de todos do município.

Hoje aos 72 anos, Cleuza está aposentada, mas continua em seu ofício por escolha, pois é o que ela mais gosta de fazer. Cleuza com sua profissão de cozinheira pode cuidar dela e de sua família e ao mesmo tempo participar do desenvolvimento do município, Cleuza é uma mulher que faz parte da História de nossa cidade.





Jersonita de Souza Vilas Boas



Foto do acervo pessoal de Jersonita de S. V. Boas- 11/2013



Jersonita de Souza Vilas Boas, é uma das primeiras professoras negras a atuar na educação em Eunápolis, consciente da importância da educação na vida das pessoas, a professora considera que "a educação é feita de muita luta e nunca se deve desistir de lutar". Jersonita é uma educadora valente, que venceu preconceitos, e que faz parte de nossa História.

Nasceu em Belmonte - BA em 08 de novembro de 1938, Jersonita se formou em Pedagogia, em 1974, mas já trabalhava como educadora muito antes de se diplomar, pois esta foi a profissão que escolheu para guiar sua vida.



Jersonita mudou-se aos 36 anos, para o povoado de Eunápolis - BA no ano de 1975, acompanhada de seu esposo e de seus seis filhos, aqui no povoado a família se ampliou com o nascimento do sétimo filho que viria a ser o caçula.

Chegando no povoado de Eunápolis a professora Jersonita logo procurou emprego em escolas particulares e mesmo na época não havendo muitas professoras com formação, olharam para ela e disseram que não tinha vaga, que o quadro de professores estava lotado e que não estavam pegando professores, Jersonita percebeu presente nestas negativas de emprego, sinais de preconceito e acabou não encontrando vaga de imediato para lecionar naquele momento.



Pensando no que fazer, ela tinha uma certeza, queria continuar trabalhando em sua área de formação. Foi quando resolveu abrir uma escola particular em sua casa no bairro do Pequi. A escola funcionava a noite, com turmas de 1ª a 4ª série.

Sua ideia deu certo e logo sua pequena escola estava lotada. Por se dedicar a seu ofício, os pais e os alunos começaram a divulgar seu trabalho, fazendo com que sua fama se espalhasse e chegasse aos ouvidos do Sr. Elivar Moura, que era prefeito de Santa Cruz Cabrália.

Nesta época 80 % do então povoado de Eunápolis estava localizado no território que pertencia ao município de Santa Cruz Cabrália e era este prefeito que administrava grande parte do povoado.





Devido a sua dedicação e competência, o então prefeito convidou a professora e a nomeou[1] para trabalhar na educação pública municipal.

A primeira escola que a professora trabalhou pelo município foi a escola Luiz Lázaro localizada no bairro do Pequi e algum tempo depois passou a lecionar também no colégio Polo Nordeste, que era uma escola conveniada com o município, .

Em 1980 Jersonita Vilas Boas prestou concurso para professora do estado e foi aprovada em 4º lugar, sendo nomeada para o cargo, porém as escolas estaduais no povoado eram poucas e não havia como ela e as outras professoras aprovadas no concurso assumirem suas vagas.

A professora conta que para resolver esta questão foi preciso a administração do Estado fazer um acordo com a administração do então povoado de Eunápolis, que cedeu o recém inaugurado Colégio Baden Powell, localizado no bairro Moisés Reis com a condição de que o colégio ficasse sob a direção de uma professora que fosse também do município.

Jersonita, assumiu a direção do colégio Baden Powell e encontrou ali muitas dificuldades, dentre elas a pouca quantidade de salas, que na época eram somente três, a ampliação das salas de aulas para atender a comunidade e as melhorias no colégio, foi um dos pontos que marcaram sua luta por melhorias na educação no município.

Colégio Estadual, Baden Power- B. Moises Reis

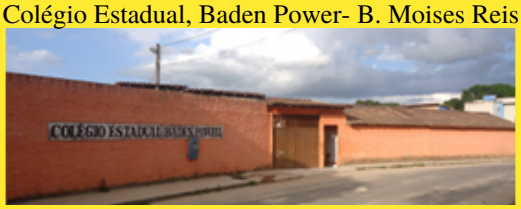


imagem do site escolas.educacao.ba.gov.br

Trabalhando em dois turnos em escolas públicas, Jersonita ainda trabalhava no turno noturno integrando o corpo discente da Escola Allan Kardec, uma escola particular situada no bairro Dr. Gusmão.



Desde cedo a professora Jersonita teve conhecimento de que o racismo existia e que por conta dele ela iria enfrentar algumas dificuldades ao longo de sua vida, mas os ensinamentos de seus pais, juntamente com sua formação acadêmica e capacidade profissional, lhe fortaleceu para lutar e enfrentar o racismo, superando as dificuldades com determinação, pois era conhecedora de sua capacidade.



1. **Nesta época o município não fazia concurso público para que os funcionários ocupassem os cargos.**

Mesmo sendo uma pessoa preparada houve momentos em que a professora vivenciou situações que marcaram sua vida lhe fazendo adotar um posicionamento para conseguir seguir em frente, um destes episódio ocorreu na escola, e foi protagonizado por um estudante enquanto ela estava sendo apresentada como a professora que iria lecionar a disciplina de Português, neste momento um aluno se manifestou duvidando de sua capacidade devido a sua cor de pele.





O constrangimento diante do ocorrido não fez a professora desistir, ao contrario ela pensou em uma estratégia para demonstrar aquele aluno que ele estava enganado e que ela era tão capaz e competente quanto qualquer outra, e assim ela orientou e auxiliou este aluno durante o ano letivo em suas dificuldades com texto e gramática, fazendo com que ele reconhecesse sua competência, se desculpando pelo erro cometido. Jersonita fez deste episodio um caso a ser refletido com toda a turma e se fez ouvir falando sobre o racismo e suas consequências para a convivência na sociedade.



Foto do arquivo pessoal de Jersonita de S. V. Boas -11/2018

Hoje aos 84 anos a professora e teóloga Jersonita Vilas Boas é uma cidadã aposentada, que continua contribuindo para uma sociedade mais justa e democrática, e cada vez que uma menina ou menino negro se interessa pelo trabalho na educação é mais um que se junta à luta desta mulher.



Foto do arquivo pessoal de Jersonita de S. V. Boas -11/2018

AULA 04: Tema: Porque não estamos nas histórias?

OBJETIVO:

- Propor aos (as) alunos (as) uma reflexão sobre o racismo na atualidade.
- Incentivar o pensamento crítico dos alunos ao abordar a temática.

METODOLOGIA:

1º momento: Retomar a conversa sobre o vídeo da aula 1, falar sobre a importância de que o município de Eunápolis possua obras que trate sobre a sua história. Na sequência perguntar aos (as) alunos (as) como eles (as) entendem que se deu o processo de povoamento do município de Eunápolis, com a intenção de levá-los (as) a refletir como ocorreu o povoamento na localidade, identificando os grupos que deram origem ao povo da nossa terra e as contribuições deles para a nossa história. Falar sobre o racismo e como ele opera para a exclusão da participação de pessoas negras e de pessoas de condições sociais subalternizadas da história.
2º momento: Pedir aos (as) alunos (as) que leiam a matéria e que respondam oralmente às questões abaixo



Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitoshumanos/noticia/2018-05/negros-ainda-lutam- por-direitosbasicos-30-anos-apos-constituicao>. Acessado em: 25 jun. 2022.

Negros ainda lutam por direitos básicos, 30 anos após Constituição

Constituição de 1988 foi primeira a incluir racismo como crime

Publicado em 13/05/2018 - 11:25 Por Débora Brito – Repórter da Agência Brasil - Brasília

Este ano, a memória da abolição da escravatura é lembrada pelo movimento negro no contexto dos 30 anos da Constituição Federal que, assim como a lei abolicionista, representou um momento de reorganização da sociedade brasileira. Para os negros, a volta da democracia foi a oportunidade de legislar pelos direitos negados desde a abolição, há 130 anos.

Uma das parlamentares que participou do processo da constituinte e colocou essa questão em pauta na Câmara dos Deputados foi Benedita da Silva [...] A deputada contou à **Agência Brasil** que o processo não foi fácil, porém motivou conquistas importantes.

Entre os 513 deputados da Câmara, Benedita da Silva é uma das três parlamentares mulher e negra Arquivo/Agência Brasil

“Nós éramos poucos e mesmo assim fizemos um grande barulho. Chegamos na Constituinte com uma proposta desafiadora, que envolvia desde a nossa imagem nos meios de comunicação, a questão da educação, a criminalização do racismo, as políticas compensatórias e a inclusão da história da África no currículo escolar brasileiro. Chegamos com muita força e não conseguimos tudo, mas nós conseguimos aquilo que foi possível”, contou a deputada.

Das sete constituições que o Brasil teve desde 1824, a Carta Magna de 1988 foi a primeira a incluir o racismo como crime inafiançável, imprescritível e passível de pena. Entre os princípios fundamentais, a nova Constituição cita a promoção do bem de todos “sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

A Constituição conhecida como cidadã também traz o combate ao racismo entre os princípios das relações internacionais do Brasil e destaca ainda “a proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil”.

O texto constitucional vigente respondeu à demanda histórica de ativistas negros que, dentro e fora do Congresso, aproveitaram o momento de abertura democrática para desmitificar o 13 de maio. Esse foi o lema da grande marcha da "falsa abolição" ocorrida em 1888, no Rio de Janeiro, onde mais de milhares de pessoas, entre elas Benedita da Silva, protestaram contra a falsa ideia de liberdade.

“A libertação dos escravos foi tímida, porque os escravos foram libertos entre aspas. Não tinha lugar para colocar as crianças, mulheres e idosos. Que mercado de trabalho estava reservado pra eles? Que tipo de habitação? Qual era a relação de salário? Qual era também a questão da escolaridade? Havia liberdade nas manifestações culturais? Livres pra quê? Pra passar fome e uma série de situações. Então, na Constituinte foi o grande momento desse debate”, comenta a deputada.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas na Constituinte, relata Benedita, foi desmitificar a ideia de que no Brasil não existe discriminação racial.

“Não foi fácil compreender essa questão. Com o mito da democracia racial era difícil aceitar que existia racismo. Falamos de racismo na relação de trabalho, na escolaridade, fomos fazendo todos os recortes necessários que víamos desde o processo da escravatura no Brasil. A gente também destacou o papel da mulher negra nesse contexto da escravidão e pós abolição”, ressalta.

“O movimento negro chegou na Constituinte já com bagagem para enfrentar um debate do qual a maioria não tinha nenhum conhecimento, ou melhor, tinha práticas racistas, uns conscientes, outros inconscientes. E a nossa chegada foi de denúncia do que se escondia atrás do mito da democracia racial”, completa.

Fonte: Dias, Adriana Machado. Pitanguá mais história: manual do professor / Adriana Machado Dias, Maria Eugênia Bellusci.1. ed.- São Paulo : Moderna, 2021.

QUESTÕES

a. Qual é o tema principal da manchete?

b. Qual é o problema apresentado na manchete?

c. Como a Constituição de 1988 contribuiu para o combate ao racismo?

d. Você tem conhecimento ou já passou por alguma situação de racismo na região onde você mora?

e) Para concluir o debate com a turma, responda com os colegas: em sua opinião, como podemos contribuir para o combate do racismo em nossa sociedade?

Fonte: Dias, Adriana Machado. Pitanguá mais história: manual do professor / Adriana Machado Dias, Maria Eugênia Bellusci.1. ed.- São Paulo : Moderna, 2021.

AULA 05: Personalidades da minha cidade, você e a história.

OBJETIVO:

- Reconhecer outras personalidades como parte importante para a formação do município de Eunápolis, valorizando os diversos sujeitos.

METODOLOGIA

1º momento: Falar com a turma sobre o gênero textual biográfico e sobre as biografias que foram estudadas, o modo como a memória dos (as) entrevistados (as) foram acessados a partir de entrevistas que permitiram aos entrevistados apresentar a sua versão sobre suas vivências e experiências em momentos que se cruzam com momentos históricos locais, explicando que as biografias foram produzidas a partir de entrevistas que permitiram acessar a memória destas personalidades, ressaltando que estas memórias são importantes para compreender a organização da nossa família, nossas origens e para sabermos de onde nós viemos.

2º momento: Explicar e orientar os alunos a fazerem uma entrevista com pais, avós, e outros familiares, orientando-os a pensar o que eles gostariam de perguntar a estas pessoas para buscar a partir dos relatos informações sobre seus familiares em nossa cidade, para construção de sua história, fazendo uma linha do tempo que possibilita perceber a presença destas pessoas em momentos da história de Eunápolis.

AULA 06: Intervenção Social - Interação : Partilhando vivências e experiências

Pensar este como um momento de escuta dos (as) alunos (as). Este momento será reservado para que os (as) alunos (as) apresentem o material produzido com as entrevistas realizadas com seus familiares. Em seguida fazer a revisão e triagem das entrevistas dos (as) alunos (as).

Reservar um espaço (pátio / sala) na escola para montar uma exposição com o material produzido pelos (as) alunos (as) juntamente com as biografias estudadas na unidade, planejar uma roda de conversa e convidar pais, mães e avós de alunos (as) que foram entrevistados por eles (as) para participarem com depoimentos sobre suas histórias de vida, narrando suas experiências a partir de seu lugar social, Ana Célia Silva (2005), observa que "muitos obstáculos podem ser postos à proposta de inclusão desses temas desconstrutores da discriminação, subordinação e exclusão do "outro", entretanto a autora ressalta que,

> Quando a diferença for vista com todas as suas possibilidades de troca e enriquecimento da nossa identidade, o considerado "outro" verá a si próprio e, consequentemente, ao seu outro igual, como potencialmente capaz e então teremos condições de construir uma democracia social e uma verdadeira democracia racial. (SILVA, 2005, p. 140)

AVALIAÇÃO DA PROPOSTA

Como meio de analisar o resultado final da sequência, proponho que além do painel de exposições pedir aos (as) alunos (as) do 5º ano que respondam algumas questões que permitam avaliar o nível de satisfação com o trabalho desenvolvido durante a unidade.

1) Você gostou das atividades que foram desenvolvidas nas aulas?
2) Qual das atividades desenvolvida nas aulas chamou mais a sua atenção? Por quê?
3) Depois das atividades você acha que sabe mais sobre a história de Eunápolis?
4) Que tema ou assunto você gostaria de estudar que fosse organizado desta forma ?



REFERÊNCIAS

DIAS, Adriana M. Pitanguá mais história: manual do professor / Adriana Machado Dias, Maria Eugênia Bellusci. 1. ed. São Paulo : Moderna, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PEREIRA, Nilton Mullet; PAIM, Elison Antonio. Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis: contribuições do pensamento decolonial. Educação e Filosofia, Uberlândia , v. 32, n. 66, p. 1229-1253, set. 2018 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-596X2018000301229&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 out. 2022. Epub 22-Set-2020. https://doi.org/10.14393/revedfil.issn.0102-6801.v32n66a2018-11.

SILVA, Ana Célia da. A representação social do negro no livro didático : o que mudou ? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011. 182 p.

SANTOS, Lucio S. *Memórias da minha terra: Abordagem do ensino de história local em escolas do município de Crisópolis*. Sergipe. UFS. 2021.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983

ZABALA, Antoni. *A prática educativa*: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MÃOS NEGRAS QUE CONSTROEM E CONSTRUÍRAM EUNÁPOLIS:

BIOGRAFIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS



e-boook do aluno

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS – (PPGER) CAMPUS SOSÍGENES COSTA

MÃOS NEGRAS QUE CONSTROEM E CONSTRUÍRAM EUNÁPOLIS: A EXPERIÊNCIA DO USO DE BIOGRAFIAS EM UM ENSINO DE HISTÓRIA DO 5º ANO ANTIRRACISTA E DECOLONIAL

FRANCIMAURA COUTINHO MENDES

PORTO SEGURO – BAHIA
2023

SUMÁRIO

AULA 01
Tema: A história da minha cidade – Eunápolis: de povoado a município. ….....….05

AULA 02
Tema: O povoamento do município e o surgimento dos bairros. 06

AULA 03
Tema: O desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis...12

AULA 04
Tema: Porque não estamos nas histórias? 22

AULA 05
Personalidades da minha cidade, você e a história. ……..... 25
Avaliação da Proposta……..... 26

REFERÊNCIAS .....……..……..... 27
GLOSSÁRIO 28

APRESENTAÇÃO

Prezados (as) alunos (as), neste livro – e-book vocês encontrarão textos e atividades relacionadas aos estudos que serão desenvolvidas em sala de aula durante as aulas de História.

Trazemos neste e-book pequenas biografias de algumas personalidades, homens e mulheres negros (as) que a partir de suas ocupações e ofícios contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico de nosso município e as atividades cooperam para tomarmos conhecimento da participação de pessoas comuns na história.

Aproveitem a leitura e as atividades,

Boa sorte!

Francimaura Coutinho Mendes



AULA 01: Tema: A história da minha cidade, Eunápolis de povoado a município.

Ola!

Para iniciar nossas atividades assista o vídeo
"Eunápolis, povoado de histórias"
para assistir toque aqui👇
https://1drv.ms/u/s!Ak8t1CGVLDd2gVgkMJCDpO4GvL8l

e responda as questões abaixo.



1 - Vocês acham que é importante valorizar a história do lugar **em que** vivemos?
2 - O que você sabe da história de Eunápolis que não apareceu no vídeo?
3- Quais acontecimentos vocês acharam mais importante que foi narrado pelo personagem na história de Eunápolis?
4- Você consegue identificar pessoas que se pareçam com seus familiares, e que tenham profissões parecidas com a de seus pais ou de pessoas que você conhece na história de Eunápolis?
5- Vocês acham importante ouvir a história da cidade com a participação de outras pessoas? Por quê?

AULA 02:

Tema: O povoamento do município e o surgimento dos bairros.

O que você conhece dos bairros de nossa cidade? Vamos testar? Em seu caderno, identifique em qual bairro está situado o local de cada imagem,

e cite possíveis modos de transportes que ajudam a chegar a este local partindo do bairro em que você mora e quem dirige este transporte.



1-_____



Fonte:<https://br.pinterest.com/pin/215398794650969662/> Acessado em: 10.out.2022

2- _____



Fonte: <https://eunoblogfalando.wordpress.com/2010/12/15/a-cidade-cada-vez-melhor/ A cesso em: 10. out. 2022

3-_____



Fonte:<https://misturabahia.com/noticias/523/feirantes-reclamam-das-condicoes-da-feira-livre-em-eunapolis-10-03- 2019.> Acessado em: 10. out.2022.

4- _____



Fonte:< https://www.facebook.com/photo/? fbid=454200223411624&set=a.454200186744961 >
Acessado em: 12. out. 2022.

5-_____



Fonte:https://www.eunapolis.ba.gov.br/Handler.ashx?f=i&query=ad460413-9073-4469-85cf-2871cb0dba4b.jpg Acessado em: 14. out. 2022.

6-_____



Fonte: Arquivo da Escola Dom Avelar Brandão Vilella. 2021

Agora que já falamos sobre os possíveis meios de nos deslocarmos de um local para outro, vamos conhecer o Sr. Edivaldo e estudar a biografia desse personagem que é motorista e transporta as pessoas de um lugar para outro, a profissão do Sr. Edivaldo é muito importante para a nossa cidade e para toda a sociedade.

Depois da leitura elabore um texto curto, relatando como você percebe a participação do Sr. Edivaldo no desenvolvimento da cidade e quantas pessoas você conhece que tem a mesma função que o Sr. Edivaldo, diga também se você acha importante a participação dele na história de Eunápolis.



Boa Leitura!

EDIVALDO ARAUJO DOS SANTOS



Foto do arquivo pessoal de Edivaldo A. dos Santos 10/2022

Edivaldo Araujo dos Santos é uma pessoa que vale a pena conhecer, ele se destaca em seu trabalho pois o executa com satisfação, conectando pessoas e lugares.

Filho do policial Sebastião Araujo dos Santos e da dona de casa Iracema Pereira dos Santos, Edivaldo nasceu em Nanuque - MG, em 09 de novembro de 1966.

Aos 14 anos se mudou junto com sua família para o povoado de Eunápolis - BA, e foram morar em uma serraria, Edivaldo conta que nesta época, o comércio de madeira era forte e Eunápolis tinha mais de 100 serrarias.



Foi em uma dessas serrarias que ele começou a trabalhar junto com seu pai que tinha um forno que produzia carvão, com os restos de madeira que sobravam com a limpeza da serraria, neste período em que moraram na serraria Edivaldo aprendeu a dirigir, e assim que alcançou maior idade buscou tirar sua carteira de habilitação.



Edivaldo iniciou sua carreira profissional em 1988, mesmo ano em que Eunápolis foi emancipado, ele começou dirigindo caminhões, transportando madeira da mata para a madeireira e para outros estados, mas o interesse de Edivaldo estava em dirigir ônibus, lidar com pessoas, pois para ele “levar as pessoas de um lugar para outro é um modo de fazer as pessoas se encontrarem”, em 1999 ele conseguiu emprego na empresa Expresso Brasileiro e apesar de morar em Eunápolis ele foi trabalhar na cidade de Santa Cruz Cabrália - BA.

Depois de um certo tempo, Edivaldo foi transferido para trabalhar em Eunápolis e passou a fazer o transporte entre Eunápolis/Itabuna-Ilhéus.



Após algum tempo trabalhando no transporte intermunicipal, Edivaldo optou por trabalhar no transporte urbano, levando e trazendo pessoas, fazendo os trajetos Juca Rosa/ Rodoviária / Urbis- Centro / Santa Lúcia. Ele diz que muita gente fazia este percurso para trabalhar, estudar e cuidar de vários outros negócios.

Se for para calcular Edivaldo já transportou milhares de pessoas de um bairro para o outro.



Casado, pai de quatro filhos, duas moças e dois rapazes, ele viu Eunápolis se desenvolver mais ainda com a emancipação, em suas palavras “a saúde, a educação e outros serviços antes eram de mais difícil acesso a população porque o povoado pertencia a dois municípios e depois da emancipação municipal a cidade melhorou muito com a chegada de vários serviços.”



Durante sua trajetória, Edivaldo enfrentou algumas dificuldades mas não se deixou abalar por preconceitos raciais por ser um homem negro, ele sempre se orgulhou do homem que é pois sabe da capacidade de atuação e assim segue passando para seus filhos ensinamento que os ajudam e os fortalecem na luta diária .



Hoje Edivaldo se diz satisfeito trabalhando no transporte escolar, pois com seu trabalho ele encurta a distância entre o aluno e a escola, possibilitando assim a realização de sonhos e a construção de novas histórias.





AULA 03:

Tema : O desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis

Leia as noticias dos recortes de jornais e revistas locais e identifique as pessoas que se destacam nos textos das reportagens e responda:

1) Você concorda que somente as pessoas que aparecem nos textos das noticias dos jornais conseguiram sozinhas desenvolver economicamente a cidade?

2) A que grupo da sociedade você acha que a reportagem se refere quando fala da emancipação da cidade para serem destacadas como protagonistas ?

3) Que outras pessoas você acha que podem ter contribuído para o desenvolvimento econômico e a emancipação do município de Eunápolis?



https://nossacara.com/noticias/geral/6929/chegada-de-jose-dantas-em-eunapolis-faz-50-anos-04-06-2011
Acessado em: 14. out. 2022.



https://osollo.com.br/eunapolis-dos-primordios-a-emancipacao/ Acessado em: 14. out. 2022.



https://osollo.com.br/eunapolis-dos-primordios-a-emancipacao/ Acessado em: 14. out. 2022.



Agora que já conhecemos um pouco mais da história do povoado e do município, vamos conhecer outras personalidades que constroem e construíram Eunápolis e fazem parte de sua história .



A primeira é o Sr. Clemente Carlos Araujo, que é pedreiro.

A segunda é a Srª .Cleuza Barbosa Braga, que é cozinheira.

A terceira é a Srª Jersonita de Souza Vilas Boas que é professora.

Apos a leitura da biografia de cada personalidade descreva como você percebe a participação de cada biografado no desenvolvimento econômico e na emancipação do município de Eunápolis.

Boa Atividade!



CLEMENTE CARLOS ARAUJO



Foto do arquivo pessoal de Clemente C. Araujo/ 2018

Clemente Carlos Araújo, é um dos profissionais que ajudou a dar forma a cidade de Eunápolis como a conhecemos hoje, filho do lavrador Carolino Carlos Araújo e da dona de casa Maria dos Anjos de Jesus. Nasceu em 16 de maio de 1944. Passou sua infância no distrito da Colônia em uma roça que era de propriedade de sua família.



Quando jovem se mudou para o povoado de Eunápolis. Pedreiro de profissão, ele trabalhou em muitas construções desde quando a cidade ainda era um pequeno povoado.

Clemente mora em Eunápolis desde seu princípio, e se recorda de quando a Avenida Porto Seguro ainda era uma rua de chão batido e tinha poucas casas, sendo a maioria delas de taipa, coberta de palha, sapê ou 'tabuinha' como ele diz.

Praça da Bandeira/ final da Av Porto Seguro



Fonte: Arquivo- Teoney Guerra/ A Gazeta

Avenida Porto Seguro

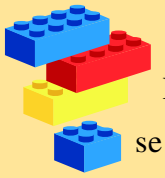


Fonte: Arquivo - Teoney Guerra/ O Xarope

Trabalhador dedicado, Clemente sempre foi atuante e participativo, buscando sempre estar em sintonia com seu tempo, o Sr. Quelê como popularmente é conhecido, teve varias ocupações. Entre 1960 e 1970 ele trabalhou como madeireiro, depois foi caldeireiro de alta tensão, encarregado geral e aprendeu a profissão de pedreiro se tornando mestre de obra, com muita dedicação ele se tornou pedreiro autônomo. Clemente costuma dizer que em, "cada canto deste lugar que hoje é uma cidade tem uma construção onde coloquei minhas mãos"







No povoado de Eunápolis, Clemente conheceu sua esposa Maria Moreira dos Santos, casou - se e teve três filhos, a partir de 1975 ele passou a se dedicar exclusivamente ao ofício da construção e a profissão de pedreiro. Em Eunápolis, Clemente ajudou a construir lojas, casas comerciais e muitas residências em bairros dentre eles o Santa Lucia onde na rua Dr. Walter Ferreira dos Santos existe uma série de casas construídas por ele.





Clemente se lembra bem como o povoado de Eunápolis foi se modificando com as construções de prédios para auto peças, galpões para oficinas, lojas de roupas, calçados e farmácias que foram surgindo nos anos de 1975 e aumentou a partir de 1980. Assim neste período ele viu, participou e ajudou a consolidar este desenvolvimento que transformou o perfil do comercio no povoado.



Além do centro, Clemente conta que o povoado foi ganhando ares de cidade com o surgimento de novos bairros como o Centauro, Itapuã, Santa Lucia, Edgar Trancoso e como estes bairros foram crescendo com a construção de casa residenciais que foram sendo feitas para receber novos moradores que chegavam para o povoado.

Comercio de Eunápolis - povoado



Arquivo Teoney Guerra-A Gazeta Bahia

Comercio Eunápolis - município



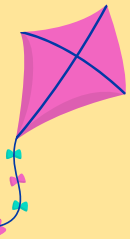
Arquivo Teoney Guerra



Clemente é um homem que fez mais do que planejar, ele deu forma a projetos deixando a marca do seu trabalho no desenvolvimento de Eunápolis.



Hoje aos 78 anos, Clemente se diz realizado, pois exerceu sua profissão com dignidade, obtendo o respeito da comunidade pelos serviços prestados, hoje seus filhos estão criados e seguem suas vidas alicerçados em ensinamentos aprendidos no convívio familiar. Assim dois de seus filhos o tem como exemplo e seguiram sua profissão, sua filha realizou o sonho de graduar em enfermagem e atualmente atua na saúde do município.



Cada vez que vemos uma construção se levantando, temos ali planejamentos que estão se materializando pelas mão de homens como o Sr. Clemente.



CLEUZA BARBOSA BRAGA



Foto do arquivo pessoal de Cleuza B. Braga- 06 /2022



Cleuza Barbosa Braga é uma das melhores cozinheiras de Eunápolis, uma mulher negra que gosta do que faz e sempre diz para os clientes “comida quente, fortalece o corpo e aquece a alma”

Nascida em Gabiarra, distrito pertencente a Eunápolis em 09 de novembro de 1950, filha de Ovídio Barbosa Braga e Maria Barbosa Braga, Cleuza é conhecida carinhosamente por D. Morena, ela constituiu família ainda muito jovem. Mudou-se para o povoado de Eunápolis no ano de 1986, com seu esposo e filhos, como forma de ajudar a manter a família, Cleuza começou a lavar roupa para ganhar seu sustento, um trabalho que durou oito meses.



Neste período ela aprendeu a cozinhar vários tipos de comidas a exemplo de muqueca, feijoada, arroz de forno e lombo de panela, por um tempo ficou cozinhando somente para sua família, mas o que ela queria mesmo era conseguir um emprego em que ela pudesse cozinhar para muita gente, pois como ela mesma diz “não gosto de ficar parada” além disso, ela sempre sonhou em ganhar dinheiro para um dia ter sua casa e seu próprio restaurante.



Em 1987, Cleuza conseguiu o emprego e começou a trabalhar em um refeitório que fazia alimentação para trabalhadores da massa falida da empresa EMBAÚBA, que era uma antiga usina de açúcar e álcool que existia no povoado de Eunápolis, logo Cleuza ficou conhecida pelo sabor e tempero do alimento que preparava.



O tempo foi passando, e enquanto Cleuza lutava por sua independência, ela presenciou e participou de momentos importantes do povoado de Eunápolis, como o movimento do plebiscito, que fez acontecer a emancipação do povoado e a transformação da cidade, ela presenciou também a transformação dos bairros, contribuindo com sua atividade para o desenvolvimento do lugar em que morava.







Em 1988, Cleuza conseguiu montar um pequeno ponto no bairro do Pequi, onde começou vendendo café da manhã e doces para motoristas e outros trabalhadores que por ali passavam. Os clientes chegavam cedinho e ela mais cedo ainda já estava com tudo pronto para começar a atender.

Em seu trabalho Cleuza presenciava as mudanças que ocorriam com a chegada de muita gente vinda de outras cidades e estados.



Cleuza diz que este foi um tempo bom, ela só lamenta porque ainda neste tempo os madeireiros ainda continuavam a derrubava muita árvore bonita e grande para transformar em madeira serrada que eram vendida e transportada por caminhões para outros estados.

Era um tempo que circulava muito dinheiro na cidade e muita gente valorizava seu trabalho, e foi assim com seu trabalho que ela conseguiu construir algumas casas e comprar terrenos, que hoje contribuem para sua renda, Cleuza sabia o quanto seu serviço era importante, pois as primeiras refeições do dia era ela que fazia para os trabalhadores das serrarias e do comercio. Cleuza, se tornou uma cozinheira profissional, ficou viúva e teve que continuar lutando para cuidar de seus filhos.





A vida de Cleuza é uma vida de luta e por vezes teve de demonstrar força e persistência para cuidar e orientar seus filhos a enfrentar o preconceito racial pelo fato de serem negros. e se posicionou orientando seus filhos a se valorizarem e buscarem seus direitos, como no episodio em que sua filha um dia chegou em casa chorando porque disseram palavras ofensivas sobre sua cor de pele e seu cabelo, neste instante Creuza foi buscar retratação para ofensas sofridas por sua filha e agiu para que as providencias fossem tomadas.

Para Creuza, ser uma mulher negra nunca lhe incomodou, o que lhe causava tristeza era ser apontada e vista como uma mulher gorda, o que a fez lutar por muito tempo contra este padrão imposto pela sociedade, foi a determinação de buscar uma vida melhor que motivou Cleuza a seguiu em frente, buscando seus objetivos.



Cleuza ou D. Morena como é conhecida conseguiu aumentar seu comércio e montou um restaurante passando a vender almoço e jantar, atendendo clientes de todas as partes da cidade, devido a fama de seu tempero Cleuza passou a ser indicada para atender a turistas, viajantes e políticos que aqui chegavam, mas continuou com seu trabalho diário de fazer as refeições para funcionários de empresas que se por aqui se instalavam.

Cleuza sempre se sentiu uma cidadã, para ela participar das escolhas que podem decidir o futuro do município, faz parte desta identidade cidadã e por isso ela faz questão de exercer seu direito de voto buscando entender as propostas consideradas importantes para ajudar a decidir o futuro de todos do município.

Hoje aos 72 anos, Cleuza está aposentada, mas continua em seu ofício por escolha, pois é o que ela mais gosta de fazer. Cleuza com sua profissão de cozinheira pode cuidar dela e de sua família e ao mesmo tempo participar do desenvolvimento do município, Cleuza é uma mulher que faz parte da História de nossa cidade.





Jersonita de Souza Vilas Boas



Foto do acervo pessoal de Jersonita de S. V. Boas- 11/2013



Jersonita de Souza Vilas Boas, é uma das primeiras professoras negras a atuar na educação em Eunápolis, consciente da importância da educação na vida das pessoas, a professora considera que "a educação é feita de muita luta e nunca se deve desistir de lutar". Jersonita é uma educadora valente, que venceu preconceitos, e que faz parte de nossa História.

Nasceu em Belmonte - BA em 08 de novembro de 1938, Jersonita se formou em Pedagogia , em 1974, mas já trabalhava como educadora muito antes de se diplomar, pois esta foi a profissão que escolheu para guiar sua vida.



Jersonita mudou-se aos 36 anos, para o povoado de Eunápolis - BA no ano de 1975, acompanhada de seu esposo e de seus seis filhos, aqui no povoado a família se ampliou com o nascimento do sétimo filho que viria a ser o caçula.

Chegando no povoado de Eunápolis a professora Jersonita logo procurou emprego em escolas particulares e mesmo na época não havendo muitas professoras com formação, a professora relata que olharam assim para ela e disseram que não tinha vaga, que o quadro de professores estava lotado e que não estavam pegando professores, Jersonita percebeu presente nestas negativas de emprego, sinais de preconceito e acabou não encontrando vaga de imediato para lecionar naquele momento.



Pensando no que fazer, ela tinha uma certeza, queria continuar trabalhando em sua área de formação. Foi quando resolveu abrir uma escola particular em sua casa no bairro do Pequi. A escola funcionava a noite, com turmas de 1ª a 4ª série.

Sua ideia deu certo e logo sua pequena escola estava lotada. Por se dedicar a seu ofício, os pais e os alunos começaram a divulgar seu trabalho, fazendo com que sua fama se espalhasse e chegasse aos ouvidos do Sr. Elivar Moura, que era prefeito de Santa Cruz Cabrália.

Nesta época 80 % do então povoado de Eunápolis estava localizado no território que pertencia ao município de Santa Cruz Cabrália e era este prefeito que administrava grande parte do povoado.





Devido a sua dedicação e competência, o então prefeito convidou a professora e a nomeou[1] para trabalhar na educação pública municipal.

A primeira escola que a professora trabalhou pelo município foi a escola Luiz Lázaro localizada no bairro do Pequi e algum tempo depois passou a lecionar também no colégio Polo Nordeste, que era uma escola conveniada com o município, .

Em 1980 Jersonita Vilas Boas prestou concurso para professora do estado e foi aprovada em 4º lugar, sendo nomeada para o cargo, porém as escolas estaduais no povoado eram poucas e não havia como ela e as outras professoras aprovadas no concurso assumirem suas vagas.

A professora conta que para resolver esta questão foi preciso a administração do Estado fazer um acordo com a administração do então povoado de Eunápolis, que cedeu o recém inaugurado Colégio Baden Powell, localizado no bairro Moisés Reis com a condição de que o colégio ficasse sob a direção de uma professora que fosse também do município.

Jersonita, assumiu a direção do colégio Baden Powell e encontrou ali muitas dificuldades, dentre elas a pouca quantidade de salas, que na época eram somente três, a ampliação das salas de aulas para atender a comunidade e as melhorias no colégio, foi um dos pontos que marcaram sua luta por melhorias na educação no município.

Colégio Estadual, Baden Power- B. Moises Reis

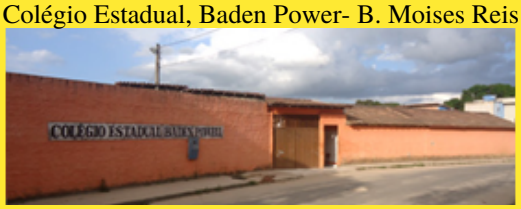


imagem do site escolas.educacao.ba.gov.br

Trabalhando em dois turnos em escolas públicas, Jersonita ainda trabalhava no turno noturno integrando o corpo discente da Escola Allan Kardec, uma escola particular situada no bairro Dr. Gusmão.



Desde cedo a professora Jersonita teve conhecimento de que o racismo existia e que por conta dele ela iria enfrentar algumas dificuldades ao longo de sua vida, mas os ensinamentos de seus pais, juntamente com sua formação acadêmica e capacidade profissional, lhe fortaleceu para lutar e enfrentar o racismo, superando as dificuldades com determinação, pois era conhecedora de sua capacidade.



1. **Nesta época o município não fazia concurso público para que os funcionários ocupassem os cargos.**

Mesmo sendo uma pessoa preparada houve momentos em que a professora vivenciou situações que marcaram sua vida lhe fazendo adotar um posicionamento para conseguir seguir em frente, um destes episódio ocorreu na escola, e foi protagonizado por um estudante enquanto ela estava sendo apresentada como a professora que iria lecionar a disciplina de Português, neste momento um aluno se manifestou duvidando de sua capacidade devido a sua cor de pele.





O constrangimento diante do ocorrido não fez a professora desistir, ao contrario ela pensou em uma estratégia para demonstrar aquele aluno que ele estava enganado e que ela era tão capaz e competente quanto qualquer outra, e assim ela orientou e auxiliou este aluno durante o ano letivo em suas dificuldades com texto e gramática, fazendo com que ele reconhecesse sua competência, se desculpando pelo erro cometido. Jersonita fez deste episodio um caso a ser refletido com toda a turma e se fez ouvir falando sobre o racismo e suas consequências para a convivência na sociedade.



Foto do arquivo pessoal de Jersonita de S. V. Boas -11/2018



Hoje aos 84 anos a professora e teóloga Jersonita Vilas Boas é uma cidadã aposentada, que continua contribuindo para uma sociedade mais justa e democrática, e cada vez que uma menina ou menino negro se interessa pelo trabalho na educação é mais um que se junta à luta desta mulher.

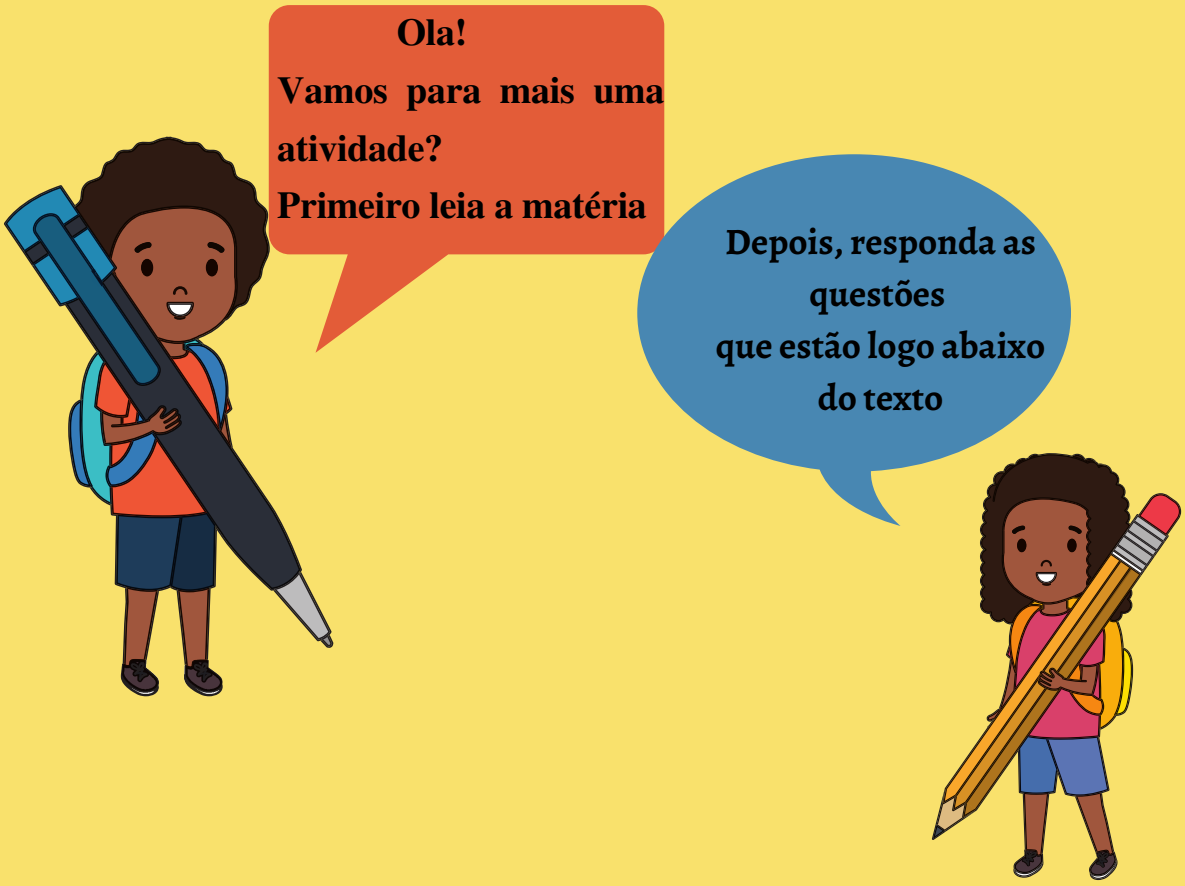


Foto do arquivo pessoal de Jersonita de S. V. Boas -11/2018



AULA 04

Tema: Porque não estamos nas histórias?





Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitoshumanos/noticia/2018-05/negros-ainda-lutam- por-direitosbasicos-30-anos-apos-constituicao>. Acessado em: 25 jun. 2022.

Negros ainda lutam por direitos básicos, 30 anos após Constituição

Constituição de 1988 foi primeira a incluir racismo como crime

Publicado em 13/05/2018 - 11:25 Por Débora Brito – Repórter da Agência Brasil - Brasília

Este ano, a memória da abolição da escravatura é lembrada pelo movimento negro no contexto dos 30 anos da Constituição Federal que, assim como a lei abolicionista, representou um momento de reorganização da sociedade brasileira. Para os negros, a volta da democracia foi a oportunidade de legislar pelos direitos negados desde a abolição, há 130 anos.

Uma das parlamentares que participou do processo da constituinte e colocou essa questão em pauta na Câmara dos Deputados foi Benedita da Silva [...] A deputada contou à **Agência Brasil** que o processo não foi fácil, porém motivou conquistas importantes.

Entre os 513 deputados da Câmara, Benedita da Silva é uma das três parlamentares mulher e negra Arquivo/Agência Brasil

“Nós éramos poucos e mesmo assim fizemos um grande barulho. Chegamos na Constituinte com uma proposta desafiadora, que envolvia desde a nossa imagem nos meios de comunicação, a questão da educação, a criminalização do racismo, as políticas compensatórias e a inclusão da história da África no currículo escolar brasileiro. Chegamos com muita força e não conseguimos tudo, mas nós conseguimos aquilo que foi possível”, contou a deputada.

Das sete constituições que o Brasil teve desde 1824, a Carta Magna de 1988 foi a primeira a incluir o racismo como crime inafiançável, imprescritível e passível de pena. Entre os princípios fundamentais, a nova Constituição cita a promoção do bem de todos “sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

A Constituição conhecida como cidadã também traz o combate ao racismo entre os princípios das relações internacionais do Brasil e destaca ainda “a proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil”.

O texto constitucional vigente respondeu à demanda histórica de ativistas negros que, dentro e fora do Congresso, aproveitaram o momento de abertura democrática para desmitificar o 13 de maio. Esse foi o lema da grande marcha da "falsa abolição" ocorrida em 1888, no Rio de Janeiro, onde mais de milhares de pessoas, entre elas Benedita da Silva, protestaram contra a falsa ideia de liberdade.

“A libertação dos escravos foi tímida, porque os escravos foram libertos entre aspas. Não tinha lugar para colocar as crianças, mulheres e idosos. Que mercado de trabalho estava reservado pra eles? Que tipo de habitação? Qual era a relação de salário? Qual era também a questão da escolaridade? Havia liberdade nas manifestações culturais? Livres pra quê? Pra passar fome e uma série de situações. Então, na Constituinte foi o grande momento desse debate”, comenta a deputada.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas na Constituinte, relata Benedita, foi desmitificar a ideia de que no Brasil não existe discriminação racial.

“Não foi fácil compreender essa questão. Com o mito da democracia racial era difícil aceitar que existia racismo. Falamos de racismo na relação de trabalho, na escolaridade, fomos fazendo todos os recortes necessários que víamos desde o processo da escravatura no Brasil. A gente também destacou o papel da mulher negra nesse contexto da escravidão e pós abolição”, ressalta.

“O movimento negro chegou na Constituinte já com bagagem para enfrentar um debate do qual a maioria não tinha nenhum conhecimento, ou melhor, tinha práticas racistas, uns conscientes, outros inconscientes. E a nossa chegada foi de denúncia do que se escondia atrás do mito da democracia racial”, completa.

Fonte: Dias, Adriana Machado. Pitanguá mais história: manual do professor / Adriana Machado Dias, Maria Eugênia Bellusci.1. ed.- São Paulo : Moderna, 2021.

QUESTÕES

a. Qual é o tema principal da manchete?

b. Qual é o problema apresentado na manchete?

c. Como a Constituição de 1988 contribuiu para o combate ao racismo?

d. Você tem conhecimento ou já passou por alguma situação de racismo na região onde você mora?

e) Para concluir o debate com a turma, responda com os colegas: em sua opinião, como podemos contribuir para o combate do racismo em nossa sociedade?

Fonte: Dias, Adriana Machado. Pitanguá mais história: manual do professor / Adriana Machado Dias, Maria Eugênia Bellusci.1. ed.- São Paulo : Moderna, 2021.

AULA 05

Personalidades da minha cidade, você e a história.

Nas aulas anteriores estudamos a biografia de personalidades que constroem e construíram Eunápolis, aprendemos que as biografias foram produzidas a partir de entrevistas que permitiram acessar a memória destas personalidades, e que as memórias são importantes para compreender a organização da nossa família, nossas origens e para sabermos de onde nós viemos.

Agora vamos produzir uma biografia a partir da entrevista com os pais, avós ou outro familiar que você escolher, pense o que você gostaria de perguntar a esta pessoa e a a partir dos relatos dela busque perceber a presença destas pessoas em momentos da história de Eunápolis.



BOA PRODUÇÃO!



AVALIAÇÃO DA PROPOSTA

Agora que **c**hegamos ao fim de nossas atividades, vamos responder algumas questões para avaliar o nível de satisfação com o trabalho desenvolvido durante a unidade.

1) Você gostou das atividades que foram desenvolvidas nas aulas?
2) Qual das atividades desenvolvida nas aulas chamou mais a sua atenção? Por quê?
3) Depois das atividades você acha que sabe mais sobre a história de Eunápolis?
4) Que tema ou assunto você gostaria de estudar que fosse organizado desta forma ?



REFERÊNCIAS

DIAS, Adriana M. Pitanguá mais história: manual do professor / Adriana Machado Dias, Maria Eugênia Bellusci. 1. ed. São Paulo : Moderna, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PEREIRA, Nilton Mullet; PAIM, Elison Antonio. Para pensar o ensino de história e os passados sensíveis: contribuições do pensamento decolonial. Educação e Filosofia, Uberlândia , v. 32, n. 66, p. 1229-1253, set. 2018 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-596X2018000301229&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 out. 2022. Epub 22-Set-2020. https://doi.org/10.14393/revedfil.issn.0102-6801.v32n66a2018-11.

SILVA, Ana Célia da. A representação social do negro no livro didático : o que mudou ? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011. 182 p.

SANTOS, Lucio S. *Memórias da minha terra: Abordagem do ensino de história local em escolas do município de Crisópolis*. Sergipe. UFS. 2021.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983

ZABALA, Antoni. *A prática educativa*: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GLOSSÁRIO

1. Alicerçado — Que possui alicerces base. Que se conseguiu consolidar e firmar; consolidado.

2. Conveniado — Que ou o que realiza convênio com outra pessoa, escola, instituição, etc.

3. Distrito — Divisão administrativa de município ou cidade, que pode compreender um ou mais bairros.

4. Docente — Pessoa que dá aula, o professor, seja em universidades, colégios, cursos técnicos, etc. Docente é um termo relativo ao ensino, é o indivíduo que ensina outros, independente do tema.

5. Intermunicipal — Realizado entre dois ou mais municípios.

6. Município — Um município corresponde a uma divisão do Estado que tem autonomia administrativa. No Brasil, ele é composto pela Prefeitura e pela Câmara Municipal.

7. Nomeado — Que se nomeou para um cargo; designado, indicado, determinado

8. Personalidade — Pessoa conhecida devido às suas funções, à sua influência, etc.

9. Plebiscito — Consulta sobre questão específica, feita diretamente ao povo, por meio de votação do tipo sim ou não.

10. Povoado — Que se povoou; habitado

11. Primórdios — Primórdios é o plural de primórdio. O mesmo que: começos, inícios.

12. Território — Grande extensão de terra. Área de município, distrito, estado, país etc.